



Universidade Federal da Bahia – UFBA
Instituto de Psicologia - IPS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI
MESTRADO ACADÊMICO

LARISSA EDITE DE M. PORTO CRUZ

**TORNAR-SE HOMEM TRANSEXUAL:
AS FRONTEIRAS DO GÊNERO E A PERFORMATIVIDADE NO
PROCESSO TRANSEXUALIZADOR**

Salvador

2024

LARISSA EDITE DE M. PORTO CRUZ

**TORNAR-SE HOMEM TRANSEXUAL:
AS FRONTEIRAS DO GÊNERO E A PERFORMATIVIDADE NO
PROCESSO TRANSEXUALIZADOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia do Desenvolvimento.

Linha de Pesquisa: Processos desenvolvimentais e educacionais

Orientadora: Prof.^a. Dra. Giuseppina Marsico.

Salvador

2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Cruz, Larissa Edite de M. Porto

C957 Tornar-se Homem Transexual: As fronteiras do gênero e a performatividade no processo transexualizador / Larissa Edite de M. Porto Cruz. - 2024.

214 f.: il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Giuseppina Marsico

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

1. Psicologia do desenvolvimento. 2. Homem. 3. Transexualidade. 4. Identidade de gênero. 5. Semiótica. I. Marsico, Giuseppina. II. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia, III. Título

CDD: 155.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
Instituto de Psicologia - IPS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI
MESTRADO ACADÊMICO E DOUTORADO



TERMO DE APROVAÇÃO

TORNAR-SE HOMEM TRANSEXUAL: AS FRONTEIRAS DE GÊNERO E A PERFORMATIVIDADE NO PROCESSO TRANSEXUALIZADOR

Larissa Edite de Magalhães Porto Cruz

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Giuseppina Marsico (Orientadora)

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Profa. Dra. Marina Assis Pinheiro

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Profa. Dra. Vivian Volkmer Pontes

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Salvador, 27 de fevereiro de 2024.

Dou fé

Dra. Giuseppina Marsico

Esta dissertação é dedicada aos meus dois amores:

À minha tão amada filha, minha Marina, o porto seguro no qual eu atraco todos os dias para ser feliz!

À minha esposa Mariana Leonesy, com quem eu desejo estar por todo o sempre, aquela com quem diariamente aprendo sobre o amor.

Agradecimentos

Escrever os meus agradecimentos é fazer uma retrospectiva de toda uma história de vida das pessoas que passaram, dos momentos que pesaram e das alegrias que me acompanharam durante o meu processo de tornar-me. Quando eu digo tornar-me, sinto, cada vez mais, o quanto esse processo é infinito e como eu preciso ainda aprender a ser.

Hoje eu acredito que eu devo tornar-me tudo o que eu desejar, ainda que dentro das inconstâncias do sonho de viver, a vida se faz ao continuarmos sonhando. Eu estou dizendo isso, porque quando eu penso em meu percurso, simultaneamente, reflito sobre o quanto preciso ser grata ao Universo, a Deus.

Agradeço, especialmente, pela dádiva de poder compartilhar esta vida com a minha esposa Mariana Leonesy, ela que é o meu amor, meu encanto e que me faz perceber, todos os dias, a imensidão do sonhar. Com ela consigo marcar precisamente a minha história, e confesso, com toda a certeza, o quanto a vida se tornou ainda mais fascinante ao encontrá-la. Sem dúvidas, ela fez parte e foi a responsável, juntamente com a nossa filha, pelos mais lindos e importantes momentos da minha existência. Mari, com quem eu tanto aprendi e cresci, em todos os sentidos, contribuindo com a pesquisadora que me tornei hoje, me trazendo alegria, afeto e impulsionando-me a sonhos a serem realizados. Por isso, eu a agradeço pelo amor, pelo apoio e por toda a generosidade desde o primeiro instante em que a encontrei. Obrigada por toda essa eterna parceira de vida e de conquistas que eu tanto me orgulho. Eu sou grata por todos os momentos, não apenas pelo suporte nas situações mais difíceis, mas também por se manter presente em todas as situações felizes durante todo o meu percurso. Meu Bem, minha eterna gratidão por acreditar em mim como ninguém nunca apostou... E, obrigada principalmente, por estar sempre ao meu lado quando eu passei a acreditar em tudo isso. Obrigada pela imensidão que é partilhar uma vida contigo, pois acordar com você me faz sentir a sorte todos os dias. Eu te amo sem fim, Meu Amor! E, se eu tiver o privilégio de escolher, é contigo, em todas as vidas, com quem eu quero eternamente sonhar.

Eu também agradeço ao sonho mais doce e adorável da minha vida, a minha filha Marina Porto: com quem não sei viver, pois é quem conduz e faz a festa do bater do meu coração, no ritmo de uma música que torna a minha vida verdadeiramente mais leve para dançar. Obrigada, Minha Menina, por ter me dado a honra e a grandiosidade de ser a sua mãe! Este, sem dúvidas, é o presente e o papel mais importante, aquele que eu nunca quero e nem devo falhar. Marina, meu acalento nos dias tristes e a minha razão das alegrias. Eu te amo hoje, ainda mais amanhã e infinitamente mais para sempre.

Nesse texto, eu jamais deveria deixar de agradecer à minha irmã Ingrid Porto, aquela que me banha todos os dias nas águas do afeto, de modo a me fazer acreditar na importância do meu trabalho e na beleza de quem eu sou. Ela que é a madrinha de Marina, que a torna morena ao som de Caymmi e nos encanta com a sua tão linda voz. A irmã que generosamente, em meio a tantos trabalhos, se disponibilizou para ser a revisora da minha dissertação. Pois, que sorte a minha em ter uma profissional tão impecável fazendo parte de tão importante processo. Por isso e por tanto, eu agradeço a minha Gigi que eu tanto amo, minha comadre, minha parceira dessa e de todas as vidas. Se existem outras chances de existência, eu espero, eu preciso que, em todas elas eu tenha o privilégio de tê-la como irmã. Ingrid, que é parte de mim e que faz eu querer me achar nela todos os dias.

Aos meus avós Maternos, Mariete e Petronilio (*in memorian*), eu os agradeço pelo amor caloroso e por amar sem qualquer tipo de condição. Uma saudade eterna de momentos que me fazem ter a memória da felicidade de muitas das lembranças que foi tê-los em minha vida, meus queridos e tão amados avós. Em especial, eu agradeço a minha avó Mariete, a minha amiga, aquela que sempre me amou e me deixou amá-la.

Eu agradeço a minha mãe, Cristiane Porto. e ao meu irmão Wolfgan Porto, por partilharem a vida comigo, por dividirem momentos felizes e ocasiões que também foram consideráveis para o meu aprendizado. Eu os agradeço pelo amor e cuidado com a minha família: isso me faz amar ainda mais vocês.

Eu também agradeço aos meus primos Porto, em especial, Andrea, Clesivan, Andreyse e Matheus. Eu sou extremamente grata pelo acolhimento em tantos finais de semana que receberam a mim, a minha esposa e a minha filha. Gratidão pelo quentinho da fogueira e do abraço da casa de vocês, pelas risadas, pelos brindes, pela fidelidade até mesmo nos conselhos e por todo o afeto comigo e com os meus. Vocês foram substanciais nesse processo e eu os agradeço em amplitude. Eu amo vocês!

Eu gostaria também de agradecer à minha sogra Marylúcia e ao meu sogro Valci. Eu os agradeço pelo forte apoio em um dos momentos mais difíceis desse percurso do mestrado. Eu os agradeço pela cumplicidade em alguns dos momentos sofridos de nossas vidas e p de apoio que demonstraram ser em muitas situações em que precisávamos.

Nessa trajetória do mestrado, não caberia ficar sem falar da minha amiga Divalmira. Eu não poderia deixar de agradecer-lá profundamente por todo o carinho e cuidado que sempre me dedicou. Minha amiga querida, que esteve comigo em todos as dificuldades e que sempre foi solícita, mesmo quando eu não conseguia retribuir do modo grandioso em que ela merecia.

Amiga, o seu carinho e as suas tão poderosas palavras foram guias nessa minha caminhada. Eu te amo e sei o quanto você faz parte de tudo isso!

Eu agradeço aos meus amigos Larissa Nascimento e Isaias Nascimento por todo o amor em muitos dos momentos mais importantes da minha vida. Eles estiveram e vibraram comigo em todas as conquistas. Foram a minha rede de apoio em situações em que eu precisava de um ombro amigo. Na verdade, em muitas vezes foram muito mais do que isso. Eles permaneceram juntos, se doando, sem pedir nada em troca, transbordando cumplicidade em cada passo desse meu percurso. São os irmãos que o destino me deu e que eu tive a sorte de partilhar tantas alegrias. Por isso, eu os agradeço, sempre!

Eu sou muito grata também aos membros do grupo de pesquisa “CULTS”. Eu considero a participação de muitos deles como importantes em minha trajetória acadêmica e reconheço o carinho e atenção que foi dedicado. Em destaque, eu gostaria de agradecer as minhas queridas Ana Luiza Sá, Cristiana Kaipper e Isadora Sebadelhe, por terem acompanhado o meu trabalho e traçado grandes colaborações nesse percurso acadêmico. Agradeço, também, pelo incentivo, pelas conversas e pelas partilhas nos momentos de dificuldade. Gratidão ao meu colega Leonardo Rocha pelas contribuições e pelos momentos em que partilhamos juntos.

Em especial, neste grupo citado, agradeço carinhosamente a minha querida Virgínia Dazzani, aquela que eu tenho a certeza de chamar de amiga. Foi quem, gentilmente, abriu as portas do CULTS para mim e desde o primeiro momento incentivou verdadeiramente a minha trajetória. Contigo, eu sei o quanto eu aprendi e espero continuar aprendendo. Eu a agradeço por tanto, pela generosidade, pela amizade, pelo carinho comigo e com a minha família. Deixo registrado aqui a sua importância em minha vida e a minha vasta gratidão. Obrigada, Vivi!

Eu sou grata aos meus amigos Simone Neves, Júlio e a pequena e tão amável Júlia. Nessa última fase, a leveza da amizade e a cumplicidade de vocês, me deram forças para se em frente. Brindamos e comemoramos juntos nessa tão árdua reta final.

Eu gostaria de agradecer aos participantes da minha pesquisa, os quais eu tanto me orgulho. Eu agradeço a disponibilidade, comprometimento e principalmente, por confiarem que o meu trabalho, de algum modo, poderia contribuir com as suas trajetórias e experiências de vida. Com eles que eu afortunadamente aprendi que são a resistência e a coragem que também nos fazem querer continuar a lutar por condições mais justas para todas as pessoas, independente do gênero, orientação sexual ou qualquer outro elemento que subverta a lógica normativa e desigual de controle dos corpos.

Eu preciso também agradecer às professoras Marina Pinheiro, Vívian Volkmer e Lia Lordelo que gentilmente aceitaram compor a minha banca de mestrado. Eu penso que elas que

acompanharam o desenvolvimento da minha pesquisa, que contribuíram e tanto me estimularam, são parte imprescindível dessa jornada. Além disso, compreenderam o valor e a necessidade de se discutir um tema como esse. Em minha memória, de modo individual, eu lembro como cada uma me incentivou e engrandeceu o meu trabalho com comentários extremamente delicados e motivadores. Por isso, eu as agradeço e deixo registrada a minha grande admiração. Em especial, a minha querida professora Vívian Volkmer, que afetuosamente, todos os dias me ensina que criticar é preciso, mas que podemos ensinar sendo igualmente doces e sensíveis com nossos pares. Você é um grande exemplo de conhecimento e simplicidade. Obrigada por essa aula que a academia muitas vezes não nos dá.

Finalmente, eu gostaria de tecer minha gratidão à minha orientadora Giuseppina Marsico. Eu a agradeço pela partilha de saberes, pela responsabilidade e, principalmente, pela confiança que sempre depositou em meu trabalho. Ela, mesmo com tanta bagagem e repertório, teve a simplicidade de querer me ver escrever sobre o que eu realmente estava defendendo e isso possibilitou elaborações que só alcancei porque ela me deu espaço e incentivo para criar. Talvez, se não fosse pela minha orientadora, eu não teria tido a coragem de seguir ousando em minhas produções acadêmicas, eu não estaria tão satisfeita e orgulhosa do resultado de nosso trabalho.

RESUMO

Culturalmente, como reprodução da linguagem binária e cisheteronormativa, o gênero é tido como um prolongamento do sexo lido durante o nascimento de toda pessoa. Neste sentido, por meio do que for identificado enquanto genitália, será atribuído o gênero masculino ou o feminino e haverá o pareamento entre pênis/masculino e vagina/feminino. Serão ensinados valores, comportamentos e papéis sociais diferentes para essas duas categorias que são tidas como opostas. Essa realidade é mediada por signos e significados que irão contribuir com uma falsa impressão de essência do gênero, como se a pessoa naturalmente já nascesse com essas características. Porém, muitas existências não se percebem dentro desses moldes binários que esquadriham e controlam os corpos, dentre elas, estão as pessoas transexuais. Há uma carência de literatura que busque compreender o processo transexualizador da pessoa transexual, tomando como base as suas próprias experiências, as quais precisam ser descoladas de critérios de diagnóstico que as universalizam e as patologizam. Considerando a importância de serem desenvolvidas mais pesquisas em relação à construção da performatividade de homens transexuais, a presente dissertação assume como lente teórica a Teoria da Performatividade de Butler (2003) e a Psicologia Cultural Semiótica. Assim, pretendeu-se com este trabalho investigar o seguinte problema de pesquisa: Como se caracteriza a performatividade de gênero no processo transexualizador de homens transexuais? Para tanto, esta pesquisa teve como objetivo geral: Compreender a dinâmica das fronteiras semióticas no tornar-se homem transexual e objetivos específicos: 1) Investigar os signos e significados compartilhados por homens transexuais sobre o se perceber pessoa transexual, 2) Analisar os atos performativos no percurso de tornar-se homem transexual e 3) Discutir os campos de tensão e ambivalência que emergem nas fronteiras semióticas frente ao processo transexualizador. Participaram do trabalho dois homens transexuais de locais diferentes. O primeiro do município de Feira de Santana-BA e o segundo do município de Santo Antônio de Jesus- BA. Para a produção dos dados, foi utilizado como instrumento a entrevista narrativa Jovchelovich e Bauer (2002). Como recurso de evocação para a entrevista narrativa foi solicitado aos participantes que levassem fotos, objetos ou qualquer material que fossem considerados como importantes em seu processo transexualizador. Além disso, foi utilizada a dinâmica adaptada “Meu presente/Meu futuro” de Serrão e Baleeiro (1999, p. 326). Para a coleta de dados, foram efetuados dois encontros presenciais e a análise de dados foram desenvolvidas por eixos temáticos. Os resultados indicaram que no caso do homem transexual, o corpo materializado pela linguagem não se adequou de maneira fidedigna às normas, pois quando se rompe com o caráter hegemônico, nota-se que há uma fenda nessa linguagem. Significa dizer que, o corpo

durante a repetição incessante e paródica destes atos, gera um espaço que simultaneamente torna as fronteiras semióticas do gênero permeáveis para outras formas de performar os gêneros, escapando da combinação pênis x masculino, vagina x feminino. Nota-se uma falta de protagonismo em relação a experiência de homens trans. Há uma carência de literatura, políticas públicas, formação profissional e redes de apoio que estabeleçam uma maior compreensão desses corpos.

Palavras-chave: Homem Transexual; Performatividade; Fronteiras Semióticas do Gênero.

ABSTRACT

Culturally, as a reproduction of the binary and cisheteronormative language, the gender is taken as an extension of the sex that was read in the people born. Therefore, through what is identified as genitalia will be assigned male or female gender and there will be a pairing between penis/male and vagina/female. Different values, behaviors and social roles will be taught to these two categories considered opposite. This reality is mediated by signs and meanings that will contribute to give a false impression of gender essence, as if the person naturally was born with these characteristics. Although, many existences don't understand themselves in these binaries molds that scrutinize and control bodies, among them, we have the transsexual people. There is literature shortage that aims to understand the transsexualizing process of the transsexual person, based on they own experiences, which must have be taken off of diagnostic criteria that universalize and pathologize them. Considering the importance of developing more researches in relation to the transsexual men performativity building, the present dissertation takes on as theoretical lens the Butler's (2003) Theory Performativity and the Semiotic Cultural Psychology. Thus, the aim of this work was to investigate the following research problem: How is gender performativity characterized in the transsexualization process of transsexual men? For this, the research had as general objective: To comprehend the dynamic of semiotic borders in the in becoming a transsexual man and as specific objectives: 1) Investigate the sigs and meanings sharing by transsexual men about understanding themselves as transexual people; 2) Analyze performative acts in the course of becoming a transsexual man and 3) Discuss tension and ambivalence areas that emerge in the semiotic borders facing the transsexualizing process. Two transsexual men of different places participated in this work. The first one from the city of Feira de Santana-BA and the second one from Santo Antônio de Jesus-BA. For data production, it was used as instrument the narrative interview Jovchelovich and Bauer (2002). As evocation resource for the narrative interview was solicited to the participants that bring pictures, objects or any material that were considered important in their transsexualizing process. Furthermore, it was used the adapted dynamic "Meu presente/Meu futuro" by Serrão and Baleeiro (1999, p. 326). To the data collect, were effected two presential meetings and the data analysis were developed into thematic axes. The results indicated that in the transsexual man case, the materialized body by the language didn't suit the norm in a faithfully, then at the moment it breaks with the hegemonic character, it is noted that there is a gap in this language. This means that, the body during the incessant and parodic repetition of these acts, generates a space that simultaneously becomes the semiotic border permeable to other ways to perform the genders, scaping of the combination penis x male, vagina x female.

It can be seen a lack of protagonism in relation to the trans man experience. There is a shortage of literature, public policies, professional qualification and support networks that establish a greater comprehension of these bodies.

Keywords: Transsexual Man; Performativity and Semiotic Borders of Gender.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Foto tirada pelo participante referente ao livro que foi dado pela mãe.....68
- Figura 2:** Desenho elaborado por “Sanção ao Contrário” na dinâmica adaptada “Meu presente, meu futuro”..... 81-82
- Figura 3:** Desenho elaborado por Prometeu na dinâmica adaptada “Meu presente, meu futuro”.....117

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANTRA: Associação Nacional de Travestis e transexuais

BVS-PSI: Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP - Comitê de Ética em pesquisa

CID 11: Classificação Estatística Internacional de Doenças (11ª Edição)

Covid-19: Coronavírus disease 2019

CULTS Investigações em Psicologia Cultural: Cultura, Linguagem, Transições e Trajetórias Desenvolvimentais

DSM-V: Manual Diagnóstico e Estatístico das Desordens Mentais (5ª Edição)

EUA – Estados Unidos da América

FTMs: Female to male (Feminino para o masculino)

LGBTQIA+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer's, Intersex, Assexuais e mais

SCIELO: Scientific Electronic Library Online

SUS: Sistema único de Saúde

CIS: Abreviação de cisgênero

Trans: Transexual

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFBA - Universidade Federal da Bahia

Sumário

Introdução	17
1 Fundamentação Teórica	23
1.1 Homens transexuais, o processo transexualizador e as suas múltiplas experiências: Estado da arte	23
1.1.1 A performatividade e as fronteiras semióticas do gênero.....	24
1.1.2 O diagnóstico e os itinerários da pessoa transexual	27
1.2 Padrões Heteronormativos	32
1.2.1 Tecnologias do gênero	35
1.2.2 Análises e reflexões.....	36
1.3 A teoria da performatividade de gênero	39
1.3.1 A Semiótica do Corpo e o Seu Efeito na Materialização do Gênero	42
1.3.2 A Psicologia Cultural Semiótica	49
1.3.3 As Fronteiras Semióticas do Gênero	55
2 Método	62
2.1 Tipo de pesquisa.....	62
2.2 Local e Participantes	63
2.3 Instrumentos	64
2.4 Procedimentos de Coleta de Dados	65
2.5 Procedimento de Análise de dados.....	66
3 Análises e Discussões	67
3.1 Caso 1: Sansão Ao Contrário	67
3.1.1 Impressões anteriores e durante a entrevista	69
3.1.2 O processo transexualizador na experiência de vida de Sansão ao contrário	71
3.2. Caso 2: Prometeu	94
3.2.1 Impressões anteriores e durante a entrevista	96
3.2.2 O processo transexualizador na experiência de vida de Prometeu.....	102
Considerações Finais	131
Referências	139
Apêndice A	148
Apêndice B	153
Apêndice C	155

Introdução

Não se nasce mulher e, contrariando Simone de Beauvoir (1980), talvez, nunca se torne mulher (Porto, 2023)

A identidade é um tema relevante para ser discutido acerca dos processos desenvolvimentais, pois é um fenômeno processual, transformador que envolve crises e conflitos vivenciados ao longo da trajetória de vida do ser humano (Erikson, 1976). De acordo com Colling (2018), a identidade é construída, fundamentada a partir de um contexto cultural no qual o indivíduo está inserido e é perpassada por questões de raça/etnia, gênero, classe social etc.

Para a compreensão do conceito de identidade é importante ponderar a perspectiva da Psicologia Cultural Semiótica (Valsiner, 2019). Tal abordagem considera que a identidade é construída ativamente a partir da interação entre o indivíduo e as relações estabelecidas no contexto sociocultural em que ele está inserido (Gonzales Rey, 2003). A cultura, por sua vez, é compreendida como um campo simbólico onde está presente uma rede de signos e significados compartilhados entre as pessoas que circunscrevem cada contexto. É a pessoa em desenvolvimento que ativamente interpreta o conjunto de signos, significados, valores e práticas culturais e toma para si o conjunto de crenças que orientam a sua forma de ser e de existir no mundo (Furtado, Pedroza & Alves, 2014).

A partir dessa perspectiva teórica, o conceito de identidade deve levar em consideração os aspectos socioculturais que abarcam os signos, significados, crenças, valores e, sobretudo, a linguagem (Colling, 2018). Entre as múltiplas identidades que podem ser assumidas pela pessoa em desenvolvimento, o processo de construção da identidade de gênero se constitui como um tema extremamente importante a ser debatido já que perpassa todo o processo de desenvolvimento humano e tem relação com o modo em que a pessoa se percebe e se posiciona no mundo.

Segundo Butler (2004a), pode-se pensar a identidade de gênero como um produto da linguagem e por ela criada, não como algo que a antecede. Sob ótica semelhante, Austin (1962),

indica que as palavras criam realidades na medida em que são enunciadas e isso pode ocorrer, por exemplo, quando um bebê nasce e é nomeado como “menino” ou “menina”. A linguagem não indica uma condição ali existente. Na verdade, ela constrói uma realidade para aquele indivíduo com base em elementos históricos e contextuais, predeterminados por uma sociedade cisheteronormativa (Bento, 2017).

Butler (2004 b) argumenta a importância de se pensar a identidade de gênero não como um elemento estável e inato, mas como algo que se configura como parte da linguagem, do desenvolvimento, da história e está em constante construção. Neste sentido, não há apenas uma identidade, pois durante a trajetória de vida do sujeito, é possível que ele performatize múltiplas identidades que serão materializadas em seu discurso e em seu corpo.

No que diz respeito à identidade gênero, Butler (2003) a considera como um ato performativo, um elemento que não é rígido nem fixo, mas que está em constante mudança e transformação. A performatividade, por sua vez, faz parte de um conjunto de expressões, comportamentos, desejos e discursos que são reproduzidos nos corpos, os quais têm uma profunda relação com o meio em que o indivíduo está imerso e, com efeito, com a representação de uma linguagem binária e cisheteronormativa (Butler, 2014).

Tomando como base a teoria da Performatividade para se pensar o gênero, Butler, (2003) também critica a perspectiva de uma das pioneiras do movimento feminista e uma das maiores influências nos campos de gênero e sexualidade, a autora Simone de Beauvoir. Embora Butler, (2003) reconheça a importância de sua obra mais citada “O Segundo Sexo, (1980)”, ela problematiza que Beauvoir (1980), por mais que tenha tentado desconstruir a noção dos papéis sociais do gênero e sua construção, permanece com uma concepção essencialista e biologicista a respeito dessas experiências. Isso significa dizer que Beauvoir, (1980) em sua emblemática frase “Não se nasce mulher, torna-se mulher” (p. 9), assume e reforça uma condição de natureza em relação ao gênero, como se o tornar-se mulher fosse ser uma condição e um destino.

É a partir da perspectiva tratada anteriormente que Butler (2003), Bento (2008) e Preciado (2014) indicam a necessidade de se pensar gênero não como uma essência, não como algo que antecede a existência, de modo que não restrinja o indivíduo à binaridade de um modelo mulher/feminino, homem/masculino. Afinal, dentro dessa relação existe o homem feminino, a mulher masculina, a pessoa transexual, a travesti, transmasculine e infinitas possibilidades de se vivenciar o/os gênero/os, dentre as quais poderão nunca se tornar mulheres, ainda que tenham nascido com uma vagina.

Entre as múltiplas possibilidades de performar o gênero, há a importância de se discutir sobre a performatividade de gênero da pessoa transexual. Isto pois, os indivíduos transexuais,

por atravessarem as fronteiras da normatividade, são considerados como corpos dissidentes e, ao performatizarem um gênero diferente do que lhes foi designado socialmente, entram em conflito com os limites linguísticos impostos por uma lógica binária de uma sociedade heteronormativa que define os papéis sociais supostamente masculinos ou femininos (Bento, 2008).

As pessoas transexuais podem ser definidas como indivíduos que não se identificam com o gênero que lhes foi designado mesmo antes de nascerem, podem ou não apresentar o desejo e a necessidade de alterar o seu corpo para que este corresponda à sua identidade de gênero, como possibilidade de manutenção da saúde mental e adequação social (Jesus, 2012; Bento, 2008).

O movimento da pessoa transexual na busca por instrumentos e artefatos culturais com o objetivo de adequar o seu corpo ao gênero com o qual se percebe, é conhecido como processo transexualizador (Santos, 2011). Segundo Jesus (2012), o processo transexualizador é vivenciado pelas pessoas que desejam obter características consideradas socialmente como sendo do gênero com o qual se identificam. A autora destaca que o processo transexualizador pode ou não incluir tratamento hormonal, procedimentos cirúrgicos, dentre os quais estão, por exemplo, a mastectomia para homens transexuais, a redução do pomo de adão e a prótese mamária de silicone para mulheres transexuais, e a cirurgia de redesignação genital/sexual ou de transgenitalização para ambos os gêneros.

Neste trabalho, o termo "processo transexualizador" se refere aos recursos que podem fazer parte da performatividade da pessoa transexual, os quais podem estar relacionados com a vestimenta, comportamentos, utilização de hormônios ou até mesmo a cirurgia de adequação sexual. Esse processo, faz parte de toda a trajetória que compõe os elementos de autorreconhecimento da pessoa transexual e o modo com o qual ela deseja externalizar o gênero em que se reconhece ao longo de suas experiências pessoais e sociais.

A partir da consideração das diversas possibilidades de gênero, e, em especial da construção da performatividade do homem transexual, o presente estudo assume como referencial teórico a Teoria da Performatividade de Butler (2003) e a Psicologia Cultural Semiótica de Valsiner (2012, 2014, 2019) – com destaque para a noção de Fronteiras Semióticas de acordo com a perspectiva de Marsico e Valsiner (2017).

Para tanto, pretendeu-se com este trabalho investigar o seguinte problema de pesquisa: Como se caracteriza a performatividade de homens transexuais no processo transexualizador? Tendo como objetivo geral: Compreender a dinâmica das fronteiras semióticas no tornar-se homem transexual. Por sua vez, os objetivos específicos foram: 1) Investigar os signos e

significados compartilhados por homens transexuais sobre o se perceber pessoa transexual, 2) Analisar os atos performativos no percurso de tornar-se homem transexual e 3) Discutir os campos de tensão e ambivalência que emergem nas fronteiras semióticas frente ao processo transexualizador.

Para justificar a relevância deste estudo, foi realizada uma revisão do estado da arte investigando artigos científicos publicados entre os anos de 2016 a 2021 nos portais de publicação da CAPES, no SCIELO e no BVS-PSI. Para isso, no portal da CAPES foi adotado como descritor os termos “Trans man” or “transmasculine” and performativity. Em seguida, ainda no portal da CAPES, foram utilizados os seguintes descritores com o intuito de aumentar o escopo da pesquisa: “trans men” “Trans man” or “transmasculine” and “Identity” or “Gender”. Por fim, na SCIELO e BVS-PSI, na tentativa de encontrar um número maior de artigos, foram utilizados os descritores “trans men” or “trans man”. Após critérios de inclusão e exclusão, foram apenas identificados 11 artigos que versavam sobre o processo transexualizador de homens transexuais¹.

É notória a escassez de pesquisas que tratam sobre a construção da performatividade de gênero durante o processo transexualizador, em especial as que se referem às publicações sobre homens transexuais. Entre os artigos analisados, autores como Johnston (2015), Sousa e Iriart (2018) e Vieira e Porto (2019), demonstraram que a pessoa transexual vivencia um sofrimento por não se sentir pertencente aos padrões estabelecidos entre o sexo e o gênero. Além disso, há também uma discriminação experienciada pela pessoa transexual em virtude de existir uma disparidade entre a forma como ela gostaria de ser tratada e o modo que a sociedade a concebe utilizando o discurso biologicista para invalidar e não reconhecer a existência trans.

O preconceito sofrido pelas pessoas transexuais cria contextos de exclusão social, que podem culminar em situações de violência, isolamento social, suicídio e favorecem a configuração de uma experiência de vida fragmentada e deteriorada (Kłonkowska, 2016; Sousa & Iriart, 2018; Vieira & Porto, 2019; Pibernus et al., 2020). É importante contribuir com os corpos dissidentes de um sistema heteronormativo e compreendê-los não mais na perspectiva binária a qual nomeia e patologiza as pessoas que fogem desse padrão. É preciso desconstruir as estruturas de poder que agem na tentativa de disciplinar, esquadrihar, metrificar e controlar os corpos (Foucault, 1997).

¹ O estado da arte descrito acima foi detalhadamente discutido no capítulo “Homens transexuais, o processo transexualizador e as suas múltiplas experiências: Estado da arte” desta dissertação.

Urge a necessidade de desenvolver pesquisas sobre o processo de construção da performatividade de gênero da pessoa transexual durante o processo transexualizador, em especial de homens transexuais, com o objetivo de fundamentar maiores investimentos na saúde desses corpos. Faz-se relevante o acesso aos recursos tecnológicos para os homens transexuais que buscam a cirurgia de adequação da genitália, a qual ainda se encontra em fase experimental no Brasil. Uma realidade que dificulta a possibilidade desta intervenção para aquelas pessoas que buscam este tipo de procedimento.

Além disso, torna-se essencial compreender a carência de ações sociais, projetos e políticas públicas que possibilitem o entendimento das questões de gênero e sexualidade, deslocando-os de uma concepção biologicista e trazendo-os para o plano da cultura, pois são elementos criados pela linguagem (Butler, 2014). Surge também a pertinência de discussões que favoreçam a existência de uma sociedade mais justa, igualitária e que possa compreender as diferentes formas de expressão e de identidades de gênero, sob uma perspectiva não mais patologizante no que se refere às pessoas que fogem da norma (Porto, Barreto & Dazzani, 2019).

É necessária também a celeridade em ampliar os estudos de gênero no campo da psicologia do desenvolvimento humano, na medida em que muitos dos estudos neste campo do conhecimento ainda se posicionam a partir de uma perspectiva biologicista e cisheteronormativa a respeito das questões de gênero, sexo, desejo e sexualidade. Nos cursos de graduação, os componentes curriculares relacionados ao gênero e a sexualidade, se encontram em caráter optativo, trazem as experiências de modo universalizado e dividido, ainda sob uma perspectiva binária, considerando a configuração da experiência de "menino" e "menina", "homem" e "mulher", reforçando papéis sociais e interesses distintos para essas duas categorias que são mantidas como oposições (Narvaz & Koller, 2007; Lopes de Oliveira, 2014).

A psicologia do desenvolvimento humano, muitas vezes, deixa a desejar no que se refere às desconstruções de estereótipos de gênero e se distancia de discussões que possam contribuir com o rompimento de perspectivas binárias, cisheteronormativas e biologicistas. Por isso, é premente a necessidade de ampliar as noções de gênero e sexualidade nos campos de estudo da psicologia do desenvolvimento humano, já que o gênero se constitui como um tema transversal do desenvolvimento e ocupa diversas instâncias da vida humana. Além disso, se faz relevante a ampliação de novos significados que consigam dar conta e incluir as diversidades de experiências que não cabem nos padrões normativos.

Levando essa realidade em consideração, este trabalho também busca contribuir com a compreensão da Psicologia a respeito do gênero e as formas plurais de desenvolvimento, das inúmeras possibilidades de vivenciar o gênero, a sexualidade e o próprio desenvolvimento. Destaca-se neste trabalho, a experiência de homens transexuais os quais nem sempre são compreendidos da maneira que deveriam pela Psicologia e profissionais da Área (Lopes de Oliveira, 2014), justamente pela escassez de componentes curriculares e de literatura que abordem um tema tão essencial para todos, todas e todes.

1. Fundamentação Teórica

1.1 Homens transexuais, o processo transexualizador e as suas múltiplas experiências: estado da arte

Existem aspectos singulares na experiência da pessoa transexual. São diversas as possibilidades sociais e situacionais que se apresentam durante a trajetória desenvolvimental deste grupo e é equivocado se pensar em uma única experiência para discutir os elementos que podem contribuir para o processo formativo de suas identidades de gênero (Serano, 2007). Sim, há as transexualidades e fatores que se assemelham durante esse processo de performatizar o gênero e se reconhecer nele, mas são infinitas as perspectivas de descoberta dessas realidades.

Para compreender as múltiplas possibilidades das experiências de homens transexuais durante o processo transexualizador, foi realizado um mapeamento de artigos no portal de publicações da CAPES, nos anos de 2016 a 2021, sobre o processo de construção da performatividade de pessoas transexuais. Como critérios de inclusão, participaram do escopo da pesquisa as publicações que versavam sobre o processo de transexualizador e as experiências de homens transexuais. Foram excluídos os artigos que abordavam acerca da adolescência ou que se referiam exclusivamente à experiência de mulheres transexuais.

As análises foram, inicialmente, realizadas no portal de publicação da CAPES a partir dos seguintes descritores: “Trans man” OR “transmasculine” and “performativity”. Identificou-se 63 artigos, sendo que apenas 61 revisados por pares. Após critérios de inclusão e exclusão, ficaram apenas cinco artigos. Na tentativa de ampliar o escopo da pesquisa, ainda no portal de publicações da CAPES foram adotados os seguintes descritores: “Trans men” “Trans man” or “Transmasculine” and “Identity” or “Gender”. Neste caso, foram encontrados 35 artigos, sendo que apenas quatro tinham relação com o processo transexualizador de homens transexuais. Por fim, na SciELO e BVS-PSI, após a adoção dos descritores anteriormente definidos, não foi identificado nenhum artigo, assim, foram utilizados novos termos: “trans men” or “trans man” e encontrados apenas dois artigos. Foram, portanto, analisados 11 artigos científicos sobre o processo transexualizador de homens transexuais. É importante ressaltar que

foi encontrado apenas um artigo na Língua Portuguesa destacando com exclusividade a experiência do homem transexual.

A partir das pesquisas encontradas o trabalho de Kłonkowska (2016), Sousa e Iriart (2018) e Pibernus et al. (2020), indicam que as pessoas transexuais, ainda hoje, não são aceitas socialmente e o medo de sofrer violência, fazem com que, algumas delas, escondam suas identidades de gênero até onde é possível. São inúmeros os tipos de violências sofridas no que se refere a esses corpos, dentre elas estão o olhar da sociedade a respeito das pessoas trans, considerando-as como aberrações, indivíduos desviados, doentes, os quais necessitam de acompanhamento profissional para lidar com a suposta doença. Com o objetivo de analisar e discutir os resultados das pesquisas encontradas, foram definidos quatro eixos temáticos: a performatividade e as fronteiras semióticas do gênero; o diagnóstico e o processo transexualizador; padrões heteronormativos e tecnologias de gênero. Cada um desses eixos será discutido a seguir.

1.1.1 A performatividade e as fronteiras semióticas do gênero

Kłonkowska (2016), ao realizar uma pesquisa qualitativa baseada em 42 entrevistas com homens e mulheres transexuais na Polônia, tenta abordar em detalhes as experiências situacionais e as circunstâncias sociais dos homens transexuais Poloneses. O autor aponta que, durante as entrevistas para realização de sua pesquisa, fora argumentado pelos participantes que no país os homens transexuais, até mesmo antes de realizarem a transição de gênero, possuem mais facilidade de se inserirem na sociedade do que as mulheres transexuais, uma vez que essas sofrem um maior preconceito por performatarem o gênero feminino.

Tal realidade pode ser percebida por meio da fala das pessoas transexuais que participaram da pesquisa de Kłonkowska (2016), eles indicam que na cultura Polonesa, as mulheres que fazem uso de recursos simbólicos pertencentes ao universo masculino, como por exemplo, corte de cabelo, vestimentas, expressões corporais e comportamentais, não são tão discriminadas quanto os homens que utilizam roupas indicadas como “femininas” e, são frequentemente diagnosticados com “Desordem Psicológica Fetichismo Travesti”. Na pesquisa, há relatos de homens que ao utilizarem acessórios tidos como do gênero que não condiz com o que lhe foi atribuído, são espancados na rua, principalmente pessoas lidas como homens ao nascer, a título de exemplo, os participantes Katarzyna e Dawid, afirmam, respectivamente:

Eles (FTMs²), mesmo antes da transição, têm isso mais fácil. Porque uma garota pode viver e se vestir como ela quiser. Ela pode usar o cabelo do jeito que ela gosta. Se, por outro lado, um homem deixa seu cabelo crescer, pinta suas unhas ou (Deus me livre!) usa uma saia - é claro que há algo errado (...) E neste ponto eles (FTMs) não experimentam tal trauma (...) (Tradução nossa)

(...) quando eles veem um homem usando um vestido, ele pode ser imediatamente espancado (Tradução nossa). (p.6)

Kłonkowska (2016) aponta que homens transexuais alcançam as características e atributos considerados do gênero masculino mais facilmente e, como uma das consequências, conseguem ter um maior nível de passabilidade e inserção no mercado de trabalho. Na Polônia, durante a seleção para algum cargo, muitos homens transexuais passam despercebidos no que se refere à transição de gênero, há aqueles que nem mesmo comentam sobre suas particularidades, passam por homens cis e preferem não expor sua vida pessoal.

De acordo com Kłonkowska (2016), os homens transexuais também têm maior facilidade para começarem uma relação heterossexual. Além disso, existe uma pressão social para que namorem com mulheres cis, deste modo, poderão provar que são “verdadeiros homens”. Outro aspecto importante é que, os homens transexuais ao terem suas identidades reconhecidas, são desobrigados a fazer tarefas domésticas. Como exemplo traz-se a necessidade de saber cozinhar, o que era criticado antes da transição, passa a ser justificado, se não sabem cozinhar ou descascar uma batata, é porque são homens e, como homens, não possuem habilidades para tal.

Há neste momento uma rede de negociações intrapsicológicas. O que não era permitido, passa a se tornar compreensível e aceitável quando a pessoa começa a se reconhecer e ser reconhecida como homem transexual, a fronteira do que não lhe era cabível se torna permeável agora para esse corpo trans, ele passa a conquistar direitos e benefícios que antes não lhes eram possíveis (Marsico, 2013).

Nota-se também que os atributos considerados do universo feminino são desvalorizados, inclusive pelos homens transexuais que tentam ao máximo se desvincular de tudo que compõe o "feminino", não apenas nas características físicas, mas também, tentam se distanciar dos papéis sociais atribuídos a mulher e os comportamentos que são esperados para

² Female to male (Feminino para o masculino)

ela. Embora os homens trans critiquem os valores patriarcais presentes na cultura, os obedecem ao reproduzirem a forma heterossexual tradicional de masculinidade e reconhecem um determinado ganho social que há neste sentido (Saeidzadeh, 2019; Sousa & Iriart 2018; Kłonkowska, 2016)

Existem diferentes condutas e variadas concepções que os homens transexuais adotam para exercer a sua masculinidade, as quais podem, inclusive, abandonar qualquer interação sexual ou até mesmo resignificá-las para a manutenção da sua saúde mental e bem-estar social (Latham, 2016; Kłonkowska, 2016; Andrucki & Kaplan, 2018). Nos estudos de Latham (2016), ele apresenta recortes de falas de algumas autobiografias que reafirmam a necessidade em desmistificar afirmações que condizem com o olhar genérico a respeito da transexualidade, a título de exemplo:

Minhas experiências sexuais foram unilaterais, e por muitos anos tiveram que ser. Enquanto meu corpo era como era, não havia como permitir que alguém visse ou tocasse as partes dele que não me pertenciam. Eu mesmo as tinha rejeitado há tanto tempo, e negar por meio da minha mente que elas estavam lá. Nunca olhei para as partes do meu corpo que estavam erradas, era difícil até mesmo lavá-las. (p. 11)

Estou finalmente admitindo que não me importo de ter uma vagina. Por que importa se eu sinto prazer lá? Não tem que ser prazer "feminino". Prazer é prazer, e eu não preciso rotular ou definir meu prazer com base no gênero [...]. Eu tenho uma vagina masculina [...]. (p. 17)

Quando eu digo às pessoas que eu realmente gosto de penetração fisicamente, elas se surpreendem. Afinal, sou muito mais masculino. Mesmo assim, a deusa me abençoou como um buraco extra que me faz sentir bem quando penetrado corretamente. Mas não tenho nenhuma associação de gênero com esta parte do meu corpo [...]. Eu o trocaria por um pênis a qualquer dia, mas é o que eu tenho e escolho não odiá-lo. Afinal, tudo faz parte da experiência transmasculina em minha mente. (p. 22)

Por meio das narrativas apresentadas, é possível perceber que a anatomia significada culturalmente enquanto um corpo feminino, pode vir a se tornar uma fronteira durante as relações sexuais de homens trans, para algumas pessoas, essas fronteiras de significações jamais serão transportadas e permanecerão rígidas, impedindo o acesso físico e emocional à região. Essa realidade pode ser definida por meio do conceito de Fronteiras Semióticas da Psicologia Cultural Semiótica (Marsico & Valsiner, 2017). Tomando como base a Teoria e

adequando-a à realidade apresentada, sabe-se que a negociação entre as fronteiras é altamente íntima e, em algumas experiências, esse acordo intrapsicológico irá reforçar ainda mais os limites e proibições a respeito do fenômeno em questão.

1.1.2 O diagnóstico e os itinerários da pessoa transexual

A partir dos resultados das pesquisas encontradas sobre as experiências dos homens transexuais, outro ponto bastante discutido e problematizado é o diagnóstico de “Disforia de gênero”³ que pode ser visto como uma das consequências de concepções cisheteronormativas⁴. Autores como Latham (2016), apresentam por meio das suas pesquisas, narrativas de participantes afirmando que os critérios de diagnóstico do Manual Diagnóstico e Estatístico das Doenças Mentais (DSM-5) são uma violência para as pessoas transexuais. Atualmente, a Organização Mundial de Saúde retirou a transexualidade como parte das classificações de transtornos mentais e a incluiu nas discussões sobre saúde, o que foi um considerável avanço para a comunidade LGBTQIA+ (World Health Organization – WHO, 2019).

Assim, tanto no DSM-V, quanto no CID-11 (Classificação Estatística Internacional de Doenças), a transexualidade não está mais no hall de transtornos mentais. No DSM-V é atribuído o diagnóstico de: “Disforia de Gênero” para as pessoas que não se reconhecem com o gênero que lhe foi atribuído socialmente e desejam reivindicar e performatizar o gênero em que se sentem pertencentes. Além disso, um dos critérios para o diagnóstico, é que a pessoa transexual apresente uma aversão à própria genitália, precisa provar que performatiza o gênero que está reivindicando por pelo menos dois anos, sob o acompanhamento de uma equipe multidisciplinar durante todo esse tempo (Bento, 2017; Petry, 2015).

A presença da “Disforia de Gênero” no DSM-V é paradoxal, pois ao mesmo tempo que é retirada a ideia da transexualidade como um transtorno mental, ela continua inserida em um Manual intitulado: “Manual Diagnóstico e estatístico das Doenças Mentais”, o que gera incômodo para a população trans (Vieira & Porto, 2019). Há ainda uma questão importante

³ Refere-se ao sofrimento que pode acompanhar a incongruência entre o gênero experimentado ou expresso e o gênero designado de uma pessoa. Embora essa incongruência não cause desconforto em todos os indivíduos, muitos acabam sofrendo se as intervenções físicas desejadas por meio de hormônios e/ou de cirurgia não estão disponíveis. O termo atual é mais descritivo do que o termo anterior transtorno de identidade de gênero, do DSM-IV, e foca a disforia como um problema clínico, e não como identidade por si própria (APA, DSM-5, 2013:451-2)

⁴ Um conjunto de normas que naturalizam e consideram como inteligíveis apenas pessoas cisgêneras (que se reconhecem no gênero que lhe foi designado) e pessoas heterossexuais (que sentem atração por pessoas tidas como do gênero oposto). É um modelo respaldado em concepções biologicistas a respeito do sexo-gênero-desejo, controla e constringe as identidades que rompem com essa lógica e as transloca para o campo do ser abjeto, sem direito ao cuidado, ao luto e demais políticas públicas disponíveis (Butler, 2019)

para ser problematizada acerca dos critérios de diagnóstico de “Disforia de Gênero”, na pesquisa de Latham (2016) a partir do estudo de livros autobiográficos com homens transexuais, ele identificou que em alguns casos analisados, os homens transexuais se percebem em um gênero diferente do que lhe foi imposto, todavia, não possuem nenhum tipo de negação ou aversão no que diz respeito a sua genitália.

De acordo com Latham (2016), para as pessoas transexuais, muitas vezes o órgão genital é considerado como uma parte do seu corpo que permite alcançar uma série de experiências que envolvem prazer, autoestima, confiança, sentimentos que os fazem sentir confortáveis em suas relações, inclusive nas relações sexuais, contrariando, portanto, os critérios de diagnóstico estabelecidos pelo DSM-V. O diagnóstico de “Disforia de Gênero” cria uma realidade patologizante e gera sofrimento para as pessoas que não se adequam ao gênero que lhe foi imposto, pois são vistas como pessoas desviantes da norma, transtornadas, as quais precisam passar por uma série de tratamentos e exigências para terem o seu direito de gênero garantido (Bento & Pelúcio, 2012; Johnston, 2015).

Neste sentido, percebe-se a importância de se repensar o diagnóstico de Disforia de Gênero, pois apresenta critérios equivocados e estereotipados da experiência da pessoa transexual, como se o sujeito sofresse de uma doença em que necessita a aprovação de "profissionais" da psiquiatria para discutir sobre algo tão íntimo do seu desenvolvimento, o gênero em que deseja performatizar (Latham, 2016). A forma com que o diagnóstico se apresenta, faz com que as pessoas que buscam o tratamento hormonal ou cirúrgico, sejam obrigadas a mentir, indicando não possuir nenhum senso erótico de si mesmas, pois só assim irão ser diagnosticadas e, posteriormente, ter acesso aos recursos para utilização de testosterona, estrógeno ou cirurgia de adequação sexual (Latham, 2016).

O trabalho realizado por Vieira e Porto (2019), com 15 homens transexuais de diferentes estados do Brasil, discute uma problemática importante no que diz respeito aos critérios do diagnóstico de “Disforia de Gênero”, pois ao mesmo tempo que há a luta política para a despatologização da pessoa transexual, essas pessoas muitas vezes precisam do diagnóstico para ter acesso aos sistemas e políticas públicas de saúde. A pessoa transexual, portanto, acaba vivenciando uma série de violências simbólicas, posto que precisam se submeter as classificações descritas no DMS-V e no CID-11, mesmo sem concordar com elas, para terem acesso ao processo transexualizador do Sistema Único de Saúde (SUS).

No Brasil, a cirurgia de transexualização e a terapia hormonal para as pessoas trans que desejam passar por esses procedimentos só é realizada após o diagnóstico psiquiátrico de “Disforia de Gênero”. Tal condição diverge dos desejos da comunidade LGBTQIA+, já que esta destitui e anula da pessoa transexual o direito de adequar a sua imagem corporal ao gênero de identificação sem necessariamente o parecer clínico, uma vez que, para ser reconhecida neste gênero, precisa passar pelo crivo médico (Bento, 2017).

Do contrário do que é descrito no DSM-V, a experiência da pessoa transexual não se restringe necessariamente ao corpo, como se houvesse uma relação de causa e efeito: se não se percebe no gênero que lhe foi designado, logo, odeia a sua anatomia e se sente aprisionada em sua própria pele. É uma linha de raciocínio equivocada, de modo a imprimir convicções estereotipadas da pessoa transexual, como se apenas a intervenção anatômica pudesse resolver uma suposta incongruência de corpo e gênero (Baker, 2018; Latham, 2016).

Vale ressaltar que, a falta de autorreconhecimento da pessoa transexual com o gênero que lhe foi designado, não deve também estar condicionada a relação que ela possui com a sua anatomia, de modo a idealizar e reproduzir concepções binárias e heteronormativas de que a experiência corporal precisa seguir uma lógica normativa de congruência, pois nem todas as pessoas transexuais sentem-se desconfortáveis com as suas características fenotípicas (Baker, 2018; Latham, 2016). Levando essa realidade em consideração, estudos como os de Latham (2016), indicam que há homens transexuais que se sentem confortáveis com seus corpos, com a sua genitália e que não necessitam de um pênis para possuírem experiências sexuais prazerosas. Para os entrevistados das pesquisas de Latham (2016) e Saeidzadeh (2019), performatizar a masculinidade é mais importante do que a materialidade da sua genitália.

As pesquisas de campo realizadas por Sousa e Iriart (2018), na cidade de Salvador - Bahia, também demonstraram a necessidade de despatologizar as identidades trans, considerando-as não como doença, como indivíduos fora da norma que precisam de um diagnóstico para que consigam experienciar o gênero com o qual se sentem pertencentes. Urge a precisão, de acordo com os autores, que essas identidades passem a ser reconhecidas sem essencialmente ter um crivo médico autorizando o acesso à saúde, o acesso às modificações corporais para aqueles que desejam adequar a anatomia ao gênero em que desejam performatizar.

O diagnóstico de “Disforia de Gênero”, dado pelos médicos, já inicia o olhar patologizado durante todo o itinerário da pessoa transexual ao buscar as possibilidades de

“amparo” e “saúde” que lhe são ofertadas. Isso significa dizer que as instituições de cuidado com a saúde possuem e reproduzem uma leitura preconceituosa no que se refere à pessoa transexual, mesmo quando possibilitam a esses corpos tecnologias do gênero, como hormonização, cirurgias e avaliações clínico laboratoriais (Sousa & Iriart 2018). É um contexto de sofrimento e adoecimento para os autores que precisam reescrever os seus corpos seguindo o que acreditam condizer com o gênero que se reconhecem e que desejam performatizar, pois a todo o tempo, são expostos ao olhar biologicista das instituições de saúde que, ao invés de lhes oferecer papel e caneta para contribuir com a possibilidade de reescrita das suas identidades, as confundem e as reescrevem com os mesmos códigos linguísticos que respaldam a linguagem binária e cisheteronormativa (Hanauer et al. 2019).

É um percurso doloroso e de muitas provações, uma vez que as imposições apresentadas pelo saber médico-psi, possuem uma leitura totalmente equivocada da experiência da pessoa transexual. Consequentemente, são anuladas as pluralidades de possibilidades desses corpos, tornando-os dissidentes e forçando-os a diversos pré-requisitos que não os representam, como por exemplo, repulsa a genitália ou o sentimento de que nasceu no corpo errado (Bento, 2008; Chnaiderman, 2014).

Como já foi dito neste trabalho, para ser considerada uma pessoa “transexual de verdade”, é preciso se encaixar em um molde taxativo que restringe e anula outras possibilidades do ser uma pessoa transexual. Neste sentido, nota-se que os marcadores sociais, os contextos culturais e a subjetividade desses corpos dissidentes são diluídos a variáveis simplistas de binariedade e heterossexualidade. Os saberes médico-psi imprimem uma concepção universal de ser humano, regulam o gênero, desejo, sexo, sexualidades e impregna-lhes a normatização do corpo enquanto masculino/pênis e feminino/vagina (Sousa & Iriart 2018).

O contexto normatizador presente, resulta em experiências de transfobia, ainda nas instituições de saúde, onde teoricamente, deveria ser oferecido um ambiente de acolhimento (Sbragia & Vottero, 2019), principalmente porque essas instituições discursam e indicam a importância da saúde nos aspectos mais amplos da experiência humana (Pibernus et al., 2020). Por meio das pesquisas de Sousa e Iriart (2018), é possível ter acesso a essa realidade, os relatos de homens transexuais resultantes da coleta de dados, demonstram que desde o primeiro contato com os serviços de saúde, lhe são negados alguns e tão importantes direitos conquistados ao longo de suas lutas sociais e judiciais, um deles é o seu nome social.

Inicialmente, no primeiro contato, desde os profissionais da recepção que não os chamam da forma com a qual eles se reconhecem e desejam ser referenciados (Sbragia & Vottero, 2019).

Muitos homens transexuais também deixam de procurar atendimento médico por conta das violências sofridas no próprio consultório médico, sobretudo pela equipe médica que deveria estar habilitada para atender esse público, mas que infelizmente não sabe lidar com as particularidades envolvidas no processo transexualizador e as demandas envolvidas nesse percurso. Os autores Sbragia e Vottero (2019), apresentam em sua pesquisa que os profissionais de saúde a todo o tempo imprimem uma série de preconceitos, concepções binárias e cisheteronormativas a respeito do corpo e do gênero.

Já se sabe que o homem transexual, por conta do seu aparelho reprodutor, continua precisando de cuidados preventivos com médicos ginecologistas. Na prática, não há um preparo desses profissionais, pois eles não se adequam às necessidades e à proteção dos pacientes transexuais, os quais são colocados a todo instante em uma situação de vulnerabilidade e violência a respeito dos seus corpos, gênero e sexualidades. Esse acontecimento colabora para que os homens transexuais deixem de buscar assistência médica, adiem o atendimento ou, até mesmo, desistam de frequentar instituições de saúde, instituições essas que reforçam e propiciam um contexto de marginalidade para esses corpos (Sbragia & Vottero, 2019).

São essas práticas primeiras que retomam, mais uma vez, o olhar de preconceito, a não aceitação cotidiana da sociedade no que se refere às experiências plurais. São essas pessoas, as pessoas transexuais que, diariamente, são envergonhadas, borradas e violentadas. São elas que incessantemente perdem o direito ao luto, ao cuidado, ao choro, ao amparo por tentarem escapar de leituras normativas, por desejarem ser reconhecidas como autores do seu próprio corpo e de sua própria história, às vezes, por meio de alguns e escassos recursos que lhes são “oferecidos” (Butler, 1993).

Outro elemento importante resultante de um padrão cisgênero⁵ que é destacado por autores como Kłonkowska (2016), Sousa e Iriart (2018) e Saeidzadeh (2019), é que muitos homens transexuais desejam um corpo ideal, levando em consideração o que é considerado como o padrão de corpo cisgênero masculino. Ou seja, alguns homens transexuais como forma de proteção social, reconhecimento e aceitação em determinados contextos, buscam

⁵ Conceito “guarda-chuva” que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento (Jesus, 2012. p.25)

procedimentos corporais que cheguem perto do que a sociedade considera como masculino. Assim eles fazem a mamoplastia masculinizadora⁶, utilizam hormônios para ter mais músculos, uma maior quantidade de pelos, principalmente no que se refere a barba, que é considerada um signo de masculinidade para muitas culturas (Sousa & Iriart 2018).

As estratégias de proteção, reconhecimento e aceitação exercidas pelos homens transexuais, são também resultantes de uma pressão social respaldada em valores binários e cisheteronormativos, concepções que não permitem um olhar fluido acerca dos gêneros, a perspectiva andrógena entre corpo e gênero, definitivamente não é aceita socialmente. Neste sentido, os homens transexuais no momento em que buscam as tecnologias do gênero tentam se desvincular ao máximo das características anatômicas e discursivas de feminilidade, atuam performando tudo que culturalmente é esperado para os homens. Há alguns deles que passam pelos procedimentos anatômicos porque sabem que só serão reconhecidos como homens, se por exemplo, fizerem a mamoplastia pois a existência de um homem com seio não é coletivamente aceita. Uma realidade que reforça os estereótipos de gênero e imprime, mais uma vez, a concepção binária no que se refere ao corpo/gênero (Sousa & Iriart 2018).

Como já foi dito anteriormente, existem muitas burocracias para ter acesso às tecnologias do gênero ofertadas pelos serviços de saúde. Vieira e Porto (2019) apontam em seus estudos que os homens transexuais que não conseguem o diagnóstico de Disforia de Gênero no intuito de adequar o corpo à maneira com a qual eles se percebem, buscam os recursos em mercados informais, por meio da compra de testosterona adulterada, o que pode trazer riscos à saúde, mas ao mesmo tempo, fazem emergir o "masculino" como forma de proteção e aceitação social.

1.2 Padrões Heteronormativos

Nota-se por parte de alguns homens transexuais, a perda de autonomia ao ter que seguir os moldes da normatividade, sendo que alguns deles expressam por meio de suas falas o desejo de poder vivenciar o gênero sem essas características estereotipadas do ser "masculino". Então, se percebem em um controle social para se adequarem a essas exigências que os submetem a uma série de provações e procedimentos anatômicos, que em algumas situações, não gostariam

⁶ A mamoplastia masculinizadora, em substituição a mastectomia que consiste na retirada de toda a mama, é um procedimento cirúrgico para homens transexuais que desejam reduzir as mamas, mas não retirá-las como é feito na mastectomia, a intenção é fazer a redução mamária e aproximá-las em anatomia ao que é lido como peitoral masculino. Existem diversas técnicas estão disponíveis para realização do procedimento, as quais variam de acordo com o volume dos seios e a pele que será removida (Marques, 2021; Russo et al., 2017)

de vivenciar, para que tenham uma aceitação e não fiquem em uma posição de risco nos mais amplos contextos do coletivo cisheteronormativo (Sousa & Iriart 2018).

Autores como Kłonkowska (2016), Sousa e Iriart (2018) e Saeidzadeh (2019) apontam o quanto estereótipos atribuídos aos homens são importantes e têm uma posição de valorização para os homens transexuais que tentam se autoafirmar na sociedade e serem reconhecidos como homens. Todas as características que são consideradas do universo masculino, em todas essas culturas, possuem uma importância extremamente relevante em suas performances, inclusive como medida de proteção. O possuir um bigode, o ser “macho”, utilizar a autoridade e a posição de hierarquia dada aos homens tornam-se valores importantes na cultura em que estão inseridos.

Baker (2018) realizou uma pesquisa com oito homens transexuais nos Estados Unidos para analisar a identidade de gênero e a orientação sexual de pessoas transexuais. Foi notado que os homens transexuais que não adotavam um modelo binário, ou seja, que construíam a sua masculinidade fora dos limites do que era considerado como pertencente ao gênero masculino, também possuíam uma orientação sexual que extrapolava o que era esperado pela heteronormatividade. Esses sujeitos se permitiam estar em relações que não reproduziam o modelo cisheteronormativo, dentre eles se encontravam homens homossexuais, bissexuais, pansexuais, assexuais etc. Já os homens transexuais que concebiam o gênero como binário, tendiam a reforçar os padrões que a sociedade espera para os homens e a ter relações heteronormativas. Eles também não se permitiam experiências mais fluídas no que se relacionava com a sua orientação sexual.

Importa ressaltar que as reproduções cisheteronormativas são valorizadas em muitas culturas. Na pesquisa de Saeidzadeh (2019), com homens trans iranianos, notou-se que há, também, a reprodução de modelo normativo em relação ao gênero e sexualidades. Alguns participantes dessa pesquisa, por exemplo, afirmaram que só beijaram ou fizeram sexo com uma mulher quando eles já estavam performando o gênero “masculino”, ou seja, no momento em que eles cortaram os seus cabelos curtos e se sentiram “encarnados” em um corpo de um homem. Para eles, essa era a diferença entre eles e as mulheres lésbicas, que se relacionavam com mulher estando em um corpo feminino e não tendo a coragem de passar pela “lâmina da cirurgia”.

Os homens transexuais iranianos, em sua grande maioria, não conseguem conceber dois homens e duas mulheres se relacionando homoafetivamente (Saeidzadeh, 2019). Esse é um

modelo da matriz da inteligibilidade do gênero⁷, que sob qualquer medida, prioriza o binário, heteronormativo e que busca normatizar os corpos que fogem às regras dessa matriz do gênero, situação que demonstra o reforço ao modelo binário e heteronormativo (Butler, 2004; Foucault, 1997).

Na pesquisa de Saeidzadeh (2019), outro dado importante que o autor destaca é que a mulher transexual não tem credibilidade alguma no Irã, ela é vista de maneira estigmatizada e é considerada pelos homens trans como uma trans falsa, pois nunca irá conseguir ter as características "femininas" e delicadas de uma mulher. Ou seja, entre as pessoas trans, no contexto iraniano, é possível perceber que os valores patriarcais continuam fortemente presentes nas relações de gênero em que o masculino se sobrepõe ao feminino. Para os participantes da pesquisa, as mulheres trans rejeitam a masculinidade desonrando a categoria dos homens, pois o ser homem é uma virtude que não deve ser jamais negada.

O trabalho de Saeidzadeh (2019) também apresenta falas importantes, a exemplo da indignação dos homens transexuais em relação aos homens cis gays que buscam o direito ao Diagnóstico de Disforia de gênero como estratégia para poder se relacionar livremente com outros homens. Ou seja, como mecanismo de proteção, esses homens cis reivindicam a posição de mulheres transexuais sem mesmo se reconhecerem nesta categoria, apenas para viverem suas relações homoafetivas, já que na cultura Iraniana é permitido a transexualidade sob a condição dos moldes heteronormativos, em contrapartida, a homossexualidade é fortemente criminalizada.

De acordo com Saeidzadeh (2019), no Irã, só são consideradas pessoas trans, as pessoas que fizeram a cirurgia de adequação sexual. Aquelas que não fizeram a cirurgia, mesmo com o diagnóstico de Disforia de Gênero e se reconhecendo como uma pessoa transexual, serão classificadas como pessoas homossexuais. Como dito anteriormente, relações homofetivas são proibidas neste país e têm como consequência a pena de morte. Por isso, as pessoas homossexuais, acabam sendo submetidas a fazer a cirurgia para que possam viver "livremente" em suas relações. Neste contexto, o direito deixa de ser uma conquista e passa a ser uma obrigação (Bento, 2017).

⁷ Essa matriz constitui uma gramática prescritiva que institui como natural, normal e inquestionável a ligação linear e essencial entre sexo biológico, gênero, desejo sexual e subjetividade: vagina-mulher-fragilidade-emoção passividade-submissão-maternidade-heterossexualidade; pênis-homem-coragem-racionalidade-agressividade dominação-paternidade-heterossexualidade (Borba, 2014. p. 445). "as pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero" (Butler, 2003. p. 37),

1.2.1 Tecnologias do gênero

Para definir o termo tecnologia de gênero, adotou-se a concepção de Caldeira e Paraiso (2016), autores que além de estarem fundamentados em Laurentis (1994) e Preciado (2014), assumem uma perspectiva Foucaultiana. O conceito é descrito como sendo: “um mecanismo que aciona técnicas, procedimentos, práticas e discursos para produzir sujeitos que se identifiquem como homens e mulheres, meninos e meninas”. (p. 758)

Entre as pesquisas que demonstram os artefatos, técnicas, procedimentos e práticas de homens transexuais, destaca-se a pesquisa de Andrucki e Kaplan (2018) com 12 homens transexuais de Vermont e Pensilvânia - EUA. A pesquisa contribuiu para a compreensão de homens transexuais, principalmente ao analisar o interior das suas residências. A partir da pesquisa, foi possível identificar que nos lares há objetos e decorações que demarcam as trajetórias e os itinerários percorridos pelos homens trans, o que contribui para o contato íntimo com a historicidade marcada pelo processo de tornar-se pessoa transexual.

Nesse artigo definido como pesquisa participante, os materiais encontrados nas casas, como por exemplo, itens decorativos, os porta-retratos, os quadros, etc., conseguiram apresentar o registro temporal existente no processo de transição de gênero. No quarto de um dos entrevistados, havia um frasco de seringas que indicava a quantidade de testosterona que ele utilizou para alcançar o corpo desejado e o quanto ainda faltava para a manutenção desse corpo. Segundo os autores Andrucki e Kaplan (2018), se fez importante identificar que o signo da transexualidade presente nas casas não se resumia a uma bandeira do orgulho transgênero como elemento informativo dessas identidades, mas demonstraram como cada um performava o seu gênero em seus mais íntimos aspectos.

Os instrumentos pertencentes às casas dos homens transexuais entrevistados eram também expostos como troféus, uma conquista e, indicavam um processo temporal em relação a construção das identidades e os marcadores existentes em suas experiências ao começarem a transexualizar. Os recursos utilizados para o processo transexualizador se tornavam objetos decorativos de suas casas e, ao mesmo tempo, possibilitavam que as pessoas que ali tivessem acesso, pudessem compreender alguns signos e significados envolvidos no percurso de vida dos participantes que em algum momento das suas experiências decidiam reivindicar o gênero com o qual se reconheciam (Andrucki & Kaplan, 2018).

Alguns dos objetos presentes na casa dos entrevistados falavam por eles, contavam uma história ou escondiam um período que só poderia ser acessado para quem ali fosse convidado.

A entrada na casa permitia que os hóspedes pudessem adentrar as fronteiras dos muros desses corpos, perpassar as trajetórias e os desafios desses homens trans. Sob a ótica de Andrucki e Kaplan (2018) os objetos da casa dos participantes conseguiram transmitir um marco temporal da construção de suas identidades e evidenciar acontecimentos importantes que marcavam a sua historicidade.

1.2.2 Análises e reflexões

Por meio do estado da arte realizado, percebe-se, a partir de algumas experiências compartilhadas pelos participantes das pesquisas, a relação com a teoria da Performatividade de Butler (2003) e o conceito de Fronteiras Semióticas de acordo com a perspectiva de Marsico e Valsiner (2017). Destaca-se nos trabalhos de Andrucki e Kaplan (2018), Kłonkowska (2016), Saeidzadeh (2019), Sousa e Iriart (2018), as realidades de homens transexuais que a partir de suas narrativas, permitem interpretações que reforçam concepções de que a linguagem possui uma alta e sofisticada capacidade de materializar os corpos. Além disso, possibilita a compreensão de como o gênero e a sexualidade são significados no âmbito individual e coletivo, tomando como base a mediação de signos e significados presentes na cultura em que estão inseridos, as fronteiras estabelecidas e que se encontram na rede de negociações intrapsicológicas possíveis e particulares da vida humana.

Artigos como os de Kłonkowska (2016), Sousa e Iriart (2018) e Saeidzadeh (2019), demonstraram o quanto os homens transexuais, por uma pressão da cultura coletiva, reforçam o binarismo homem x mulher, valorizam e reproduzem as características identificadas enquanto masculinas e os papéis sociais que devem exercer. Nesses trabalhos citados, nota-se que em algumas culturas, as fronteiras entre os gêneros se tornam ainda mais rígidas, pois as características consideradas do gênero feminino se separam intensamente do que se é esperado para o masculino. Embora esses dois polos de oposição para existir, precisem mutuamente permanecer no processo retroalimentação que se faz presente nas fronteiras do gênero.

De acordo com algumas realidades apresentadas nessas pesquisas, em um corpo transexual, os gêneros não podem se confundir, é preciso essa dualidade entre o feminino e o masculino para que o homem transexual passe a ser notado, consiga ter acesso aos direitos, aos espaços e o devido reconhecimento da sua existência.

Há uma regulação produzida pela linguagem a fim de normatizar os corpos, corrigir, ou, até mesmo, negar tudo que escapa as regras pertencentes ao biopoder, o qual exerce um poder-saber que institui e regula categorias consideradas naturais (macho e fêmea) a partir de

classificações geradas por esse mesmo poder-saber (Foucault, 1976/2003). Esse controle é reproduzido em diversas instituições como a família, a escola, o hospital, as ciências e os dispositivos de comunicação, assim como foi visto durante as discussões dos artigos encontrados no estado da arte. Existe uma intensa vigilância desses corpos e os signos pertencentes a uma linguagem normativa, forçosamente, faz com que o corpo e o gênero precisem estar alinhados em uma combinação pênis/homem e vagina/mulher para que assim sejam reconhecidos de algum modo por esse quadro regulatório chamado biopoder, o qual oprime, constrange e normatiza os corpos sob os seus moldes.

Nos estudos de Latham, (2016), são apresentadas experiências que extrapolam essas esferas de significação dessa linguagem heretonormativa e condizem com a teoria de Butler, (2004), a respeito da performatividade. Em algumas narrativas destacadas de homens transexuais, conseguimos perceber, a partir da perspectiva teórica de (Butler, 2003), o poder da linguagem de materializar os corpos, um fenômeno que acontece inclusive durante as práticas sexuais dos homens citados nas pesquisas.

Em algumas falas de homens transexuais destacadas por Latham (2016), é apontado que ao utilizarem determinadas palavras que descrevem a sua genitália como eles realmente as identificam, sentem-se homens com um pênis, ainda que não tenham optado pela faloplastia. Ou seja, o ato de nomear a sua genitália identificando-a enquanto um “pênis”, faz com que a linguagem utilizada materialize verdadeiramente o seu órgão, sem mesmo precisar da cirurgia de adequação sexual. Essa construção é nomeada e realizada conjuntamente com os seus parceiros sexuais, que também se referem e se relacionam com a sua genitália da maneira com a qual foram instruídos. São signos e significados diversos, os quais levam em consideração a sexualidade construída e as relações culturais tecidas durante o seu desenvolvimento (Latham, 2016).

Desta forma, nota-se que a produção da masculinidade sexual é também realizada de maneira co-construída nas relações sexuais e afetivas de homens trans. Os seus companheiros sexuais participam ativamente na materialização de seus corpos, quando, por meio da linguagem descrevem de maneira adequada o corpo/genitália que existe e é reconhecido na relação. O simbolismo está presente em toda e qualquer interação, perceber o corpo trans da maneira adequada contribui para a manutenção saudável de suas relações.

Na medida em que a genitália dos homens transexuais é significada também pelos seus parceiros enquanto um “pênis”, a materialização do órgão sexual é concebida por meio da

linguagem e essa construção é ativamente realizada por ambas as partes. As palavras ali evocadas são consideradas enquanto linguagem sexual masculina e as performances também são consideradas enquanto práticas sexuais comuns aos homens. Ou seja, durante as relações dos homens trans, é utilizada tanto uma linguagem específica para materializar o gênero durante o ato sexual, quanto comportamentos, encenações, representações para performatizar o gênero com o qual se reconhecem (Butler, 2003), tudo realizado conjuntamente com os seus parceiros (Latham, 2016).

Durante essas práticas sexuais, a performatividade se manifesta simultaneamente entre os parceiros, ela envolve atuações, nomeações que reconhecem e se relacionam com a genitália definida pelos homens transexuais como “pênis”, “pau”, “pinto”. Além disso, durante o ato sexual, existem comportamentos estilizados e reproduzidos considerados pela linguagem cotidiana como masculinos. Todo esse cenário também contribui para criar a realidade e materializar o corpo/genitália com o qual a pessoa transexual se percebe. De acordo com Butler (2003), o conjunto se torna tão real e tão criado como qualquer outra realidade que seja nomeada pelos saberes biopsi enquanto corpos biológicos (Bento, 2017; Latham, 2016).

A genitália do homem transexual, com ou sem a cirurgia de faloplastia, pode ser considerada por ele e seus/suas parceiros/as como um pênis e o faz sentir tão homem quanto qualquer outro homem cis, seguindo essa lógica não há diferença. Vale destacar que de acordo com Butler (2017), Latham (2016), todas as pessoas, sejam elas cis ou trans, materializam o gênero e a sexualidade durante as suas encenações/atuações.

Nas autobiografias citadas no trabalho de Latham (2016), é importante perceber o quanto as experiências de homens transexuais são singulares no que se refere a matéria corpórea e a maneira com a qual esse corpo se relaciona e significa suas experiências. Neste sentido, urge ampliar a compreensão em relação às pessoas trans, é preciso romper com os discursos genéricos dos saberes biopsis no que se refere aos corpos trans. Vale ressaltar que cada realidade, como dito anteriormente, é única, mesmo sob a possibilidade de reprodução incessante de uma linguagem heteronormativa e binária.

Em algumas situações, a genitália se torna aversiva, a ponto dos homens transexuais, não permitirem que sejam acessadas durante suas relações sexuais, ou, até mesmo, a própria relação sexual vai para o campo do impossível, que não deve acontecer (Latham, 2016). Levando em consideração essas experiências, sem o alcance de tecnologias do gênero, haverá uma série de zonas de fronteiras semióticas que, por concepções heteronormativas a respeito

do corpo, talvez, permanecerão enrijecidas e jamais serão transpostas, pois durante a mediação semiótica, existem fronteiras em que dificultam com que essas pessoas ressignifiquem os signos e significados referentes à matéria.

Para alguns homens transexuais, não possuir um pênis ou a cirurgia reconstrutiva dos órgãos genitais, impede que ele se sinta pronto para a relação sexual, em alguns casos, faz com que a zona erógena se torne um tabu e seja vista como algo aversivo durante suas relações. Ou seja, só se permitirão ter relacionamentos, quando tenham a possibilidade de alcançar a anatomia desejada por meio das tecnologias do gênero, e a partir disso, significarem essa genitália enquanto um pênis, tornando possível a relação sexual.

Em outras situações, diferente da realidade citada anteriormente, as fronteiras referentes ao corpo se tornarão permeáveis na medida em que a genitália é significada e corporificada como um pênis por meio da linguagem e da própria performatividade presente nas atuações sexuais. Assim, é possível atravessar um conjunto de crenças heteronormativas a respeito da matéria do homem transexual, no momento em que a genitália é nomeada enquanto um pênis e que esse corpo é co-construído juntamente com os seus parceiros sexuais. Todas as atuações e nomeações, permitem que a matéria se torne tão concreta e tão semiótica quanto qualquer outro corpo respaldado na inteligibilidade de gênero e saberes biopsis (Butler, 2003).

Conclui-se, por meio das diferentes experiências que, existem inúmeras maneiras dos homens transexuais performatizarem e materializarem suas masculinidades. É importante que se atenda a o conjunto de possibilidades e subjetividades desse tornar-se homem transexual, para que não seja reforçado ainda mais o preconceito e exclusão desses corpos trans. Existe uma série de signos hipergeneralizados na cultura coletiva dos homens transexuais e as maneiras com as quais eles os internalizam para a cultura pessoal e, em seguida, os externalizam para a cultura coletiva precisam ser apresentados, sobretudo e, essencialmente por meio das suas próprias narrativas, de modo a não avigorar concepções biologicistas e univernalisantes a respeito do homem transexual (Valsiner, 2007).

1.3 A teoria da performatividade de gênero

A teoria da performatividade de gênero de Judith Butler (2003; 2004), indica que diariamente performamos um conjunto de ações, gestos e comportamentos que produzem discursos e materializam nos corpos, criando uma falsa ideia de naturalidade do gênero. Ao

aprendermos diariamente a performatizar um determinado gênero, nos faz pensar que já nascemos com aquela identidade predeterminada pela natureza (Butler, 2003). Bento (2017), faz um comparativo indicando que a performatividade do gênero é como a língua, ou seja, em um determinado tempo da história do indivíduo parecerá que ele já nasceu sabendo falar.

Butler (2003; 2004) sugere que é inadequado pensar em identidade de gênero como algo inato, pautado em um determinismo biológico e em um modelo essencialista de gênero produto de um pensamento binário (feminino ou masculino). De acordo com Butler (2003; 2004) e Preciado (2014), as identidades fazem parte de uma construção social operada pela linguagem, dispositivos e tecnologias de poder. Essa identidade é delineada pela frequente repetição de comportamento e essa repetição expressa-se na performatividade. Sobre esta Butler (2003) explana que:

os atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado. (p. 194)

A identidade é percebida como um elemento performativo, mutável e flexível. Ela pode ser fragmentada e passível de diferentes tipos de identidades (Butler, 2003; Bento 2017). Ou seja, o indivíduo, de acordo com suas experiências, poderá possuir várias identidades que farão com que ele pense, se relacione e se posicione de maneira diferenciada, pois, não há uma estrutura identitária rígida que irá acompanhá-lo ao longo de sua historicidade (Hall, 2015).

A partir da perspectiva de Colling (2018), para a compreensão da identidade de gênero, não é possível levar em consideração uma concepção naturalista e inativista que atrela o sexo a uma categoria biológica, mas há a necessidade de compreender os aspectos socioculturais que perfazem o processo de formação das identidades.

A "identidade nunca é dada, é sempre construída e a (re) construir, em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos durável" (Dubar, 1997, p. 104). Para o mesmo autor, são inúmeras as identidades assumidas e existe uma tensão que se estabelece na relação que varia entre o que o outro espera da pessoa em desenvolvimento, a vontade desse indivíduo em

adotar— ou não — o modelo identitário que lhe é esperado e a decisão de assumir certas identidades. Sob uma ótica semelhante Louro (2000) afirma:

Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nada há de simples ou de estável nisso tudo, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias. Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teóricas culturais. (p. 6)

É notada uma importância em refletir a identidade não como um elemento estável e inato. Esta se configura como parte da linguagem, do desenvolvimento, da história e está em constante construção (Butler, 2003). Butler (2004) afirma que a identidade pode ser expressa de diferentes formas, levando em consideração os recursos semióticos existentes: roupa, cabelo, voz, entonação, língua, postura corporal etc.

Ao se considerar a identidade como um elemento desenvolvimental, é possível perceber um conflito de identidades que é vivenciado ao longo da trajetória de vida do indivíduo e cada crise perpassa as diferentes fases do desenvolvimento humano (Erikson, 1976). Há nas crises de identidades, tensões e ambivalências permeadas por dúvidas e incertezas sobre a sua forma de ser no mundo. No caso da pessoa transexual, as crises de identidades podem surgir ao longo de toda a sua trajetória de vida. Se fazem presentes sentimentos de inadequação social em relação aos papéis sociais estabelecidos em virtude da normatização de uma sociedade que define modelos considerados como tipicamente femininos ou masculinos (Bento, 2008; Preciado, 2014).

Esse sentimento de ambivalência experienciado pela pessoa transexual ocorre desde a sua infância, quando o indivíduo não se reconhece como pertencente ao gênero que lhe foi atribuído, desde o exame ecográfico (Bento, 2017). As pessoas transexuais não se sentem afiliadas ao gênero que lhe foi compulsoriamente designado e decidem reivindicar o seu direito de pertença, podendo adequar ou não à sua estrutura corpórea (Jesus 2012; Bento, 2017) “...algumas delas podem envolver se vestir como em outro gênero, algumas delas podem

envolver viver em outro gênero, algumas delas podem envolver hormônios e cirurgia, e a maioria delas envolve um ou mais dos itens citados acima” (Butler, 2004, p. 80).

Por apresentarem um corpo (macho ou fêmea) e não se identificarem com o gênero que lhe foi imposto, as pessoas transexuais experienciam preconceito quando os seus corpos extrapolam as esferas de significações criadas pelos limites linguísticos (Bento, 2017), os quais precisam e devem ser recriados (Marsico & Tateo, 2017).

As fronteiras linguísticas, produto de um pensamento binário institucionalizado, dificultam que as pessoas transexuais sejam aceitas e compreendidas socialmente. Neste sentido, Borba e Lopes (2018), apontam que: “se no mundo real vivemos dicotomicamente como homens e mulheres, como a língua poderia fugir de tal predicamento?” (p. 254). De acordo com Hermans et al. (2017), há no binarismo uma tensão semiótica liderada por polos de oposição “masculino” e “feminino”. Esses conceitos, de acordo com Marsico e Tateo (2017), criam zonas de fronteiras enrijecidas que precisam ser transpostas, permeáveis e performativas, que sejam capazes de abarcar a diversidade existente na experiência humana e as diferentes identidades. Pois, é importante reconhecer que o ser feminino ou masculino não é algo natural, é aprendido de acordo com o ambiente e cultura com os quais o indivíduo está inserido e torna-se necessária a criação de novas esferas de significados que não sejam o reflexo de um sistema linguístico binário e excludente (Colling, 2018).

1.3.1 A Semiótica do Corpo e o Seu Efeito na Materialização do Gênero

Somos da mesma matéria da qual são feitos os
sonhos e nossa vida breve é cingida pelo sono.
(Shakespeare. A Tempestade. Ato IV, cena I)

Durante toda a trajetória de vida, o indivíduo cria e dá sentido aos elementos que estão a sua volta, tendo como referência duas dimensões que se conectam, isto é, a dimensão que representa um conjunto de signos que fazem parte da cultura em que esse indivíduo está imerso e a outra que irá emergir no campo da “matriz da vida vivida”, que condiz com as suas experiências ao longo do seu processo de desenvolvimento (Innis 2014; Valsiner 2012). Partindo desse dinamismo de significação e produção de significados, os quais são guiados tanto pela cultura, quanto pelas experiências decorrentes do ciclo de desenvolvimento individual, existe uma demanda humana para criar conceitos e dar sentido as experiências que

irão surgir, as quais terão influência do campo semiótico com o qual a pessoa se interrelacionou (Innis, 2014).

Por meio desse pressuposto, pode-se pensar que a pessoa participa de maneira ativa na criação dos sentidos e esse dar sentido é algo que se apresenta na interação e experiência social (Innis, 2014). A vida social e simbólica do ser humano é, portanto, repleta de relações de signos e significados, sendo o corpo o produto desse universo semântico. Ao definir o corpo, Lacan (1975), indica que o corpo é um "saco de pele" e Butler (2017), afirma que o corpo é um agente que está em constante mudança e se apresenta como um invólucro repleto de signos e significados.

De acordo com Butler (1993), a linguagem tem o poder de materializar e imaterializar os corpos. A filósofa afirma que as palavras criam realidades e não as revelam. Um exemplo disso é quando um bebê, ainda em fase gestacional, durante o exame ecográfico, é lido pelo médico como "um/a menino/a". Neste momento, a fala do médico cria uma realidade. Além disso, dá um sentido encharcado de signos e significados àquela matéria que ainda nem "veio ao mundo".

Para Butler (1993), enunciados como "é uma menina" ou é "um menino" descrevem não apenas a matéria em si, mas também estabelecem os percursos com os quais esse corpo falante poderá se desenvolver, a fim de normatizá-lo, levando em consideração a matriz de inteligibilidade de gênero. Ou seja, o corpo sexuado, se tornará generificado e deverá seguir, conforme as expectativas socioculturais, as normas pertencentes aquele gênero que lhe foi designado. A interpelação fundacional do gênero será afirmada pelas normas do biopoder durante o desenvolvimento desse indivíduo, e na medida em que ele é introduzido na linguagem, essas normas de controle serão reafirmadas ao longo da sua trajetória de vida, o que irá contribuir com esse efeito naturalizado do gênero (Butler, 2020).

Neste sentido, a linguagem, além de descrever o gênero, dando uma falsa sensação de realidade ali existente, também irá designar a esse corpo uma sequência de condutas, a exemplo de como se comportar, quais cores fazem parte do universo de cada gênero, qual temperamento lhe é esperado, quais padrões comportamentais e gestuais essa matéria deve ter, ou quais esportes ela irá gostar. Todo esse conjunto de signos e significados guiados pela linguagem, tornam-se naturais na medida em que são reproduzidos corriqueiramente durante sua experiência de vida (Butler, 2003).

A partir das discussões de Butler (1993) em seu livro "Corpos que Importam", o qual ela afirma que o corpo é um constructo teórico, muitas autoras feministas se opuseram às suas

ideias argumentando que a filósofa assume uma perspectiva de negar a matéria, negligenciando e apagando o espaço de mulheres que sofreram violências tanto físicas, quanto simbólicas. Butler (1993) responde às críticas e esclarece que ela não nega essa matéria, pois de fato há a carne, o sangue, a dor, mas que à medida em que são significados e conceituados, escapam o real e se tornam elementos da linguagem, os quais passam a existir na condição de signos. A autora esclarece:

sexo é um ideal regulatório cuja materialização se impõe e se realiza (ou fracassa em se realizar) por meio de certas práticas altamente reguladoras. Em outras palavras, "sexo" é um constructo ideal forçosamente materializado ao longo do tempo. Não se trata de um simples fato ou de uma condição estática do corpo, mas de um processo no qual normas regulatórias materializam o "sexo" e alcançam essa materialização com uma reiteração forçada dessas normas (Butler, 1993).

Quando se define o sexo, é comum, em nossa linguagem que se recorra às diferenças anatômicas para indicar essa diferença sexual, as quais são criadas por práticas discursivas. Butler (1993), inspirada pelos estudos de Foucault (2005), assevera que a categoria "sexo" sempre foi normativa, o que Foucault (2005) nomeia de "ideal regulatório". Esses corpos são produzidos e controlados por essa prática regulatória, que produz, diferencia e dá contorno à essa matéria. Nesta perspectiva, existe a necessidade de corporificar esse sexo e, para tanto, recorre-se às práticas discursivas resultantes da linguagem. É um processo contínuo de construção da matéria, guiado por signos e significados, pois utiliza-se a linguagem para que se consiga definir e destacar esses contornos corpóreos.

Contudo, Butler (2004) questiona definições que utilizam o dimorfismo corporal como argumento para marcar e estabelecer diferenças sexuais. Esse tipo de discurso é o mesmo discurso que ao ler os corpos, os define enquanto macho e fêmea, homem e mulher, pênis e vagina, uma realidade que marca e distingue a estrutura humana pela genitália. Ademais, traduz uma anatomia tendo como respaldo um discurso científico, de uma linguagem binária e heteronormativa.

Desse modo, assim como dito anteriormente, Butler (2004), estabelece que essa matéria se dissipa na medida em que ela é nomeada e definida. Ou seja, esse corpo escapa à sua condição de materialidade quando lido, partindo para o campo do simbólico em que signos e significados tentarão dar conta dessa forma. Tal realidade, segundo Butler (2004), é produto da linguagem e as práticas discursivas existentes neste conjunto de significados, acabam

excluindo alguns corpos que fogem do processo de normatização, deixando de reconhecer algumas estruturas que não fazem parte dessa regra, passando-as para o campo dos corpos abjetos, os quais se incluem os corpos de pessoas transexuais.

Bento (2017), influenciada pelos estudos de Butler (1993, 2002, 2003, 2004, 2020), faz uma relação entre corpo e texto, ilustrando que o corpo é um texto construído, um elemento que por meio de códigos irá indicar a história que esse corpo irá fazer parte. Alguns códigos existentes dentro desse texto vivo, serão naturalizados e outros não, os que fogem das normas desse conjunto de regras e expectativas serão definidos como identidades “transtornadas”.

Bento (2008) define a transexualidade como “uma experiência identitária, caracterizada pelo conflito com as normas de gênero” (p. 18). A autora, em seus estudos, indica o quão problemático são os discursos universais e essencialistas a despeito das diferentes maneiras de existir. Ela afirma que na realidade da pessoa transexual, esse tipo discurso acaba reduzindo o indivíduo a estereótipos, deixando de reconhecer aqueles que experienciam e performatizam a sua identidade transexual de uma maneira diferente da qual é esperada pelo saber médico e saberes psis e, por escaparem deste controle discursivo, caem em um abismo de lutas para o reconhecimento da sua identidade e de seus direitos.

A pessoa transexual para que consiga acessar os recursos oferecidos pelo sistema de saúde, como a adequação cirúrgica ou hormonal, a fim de alcançar o corpo desejado, precisa, inicialmente, passar por uma série de exigências, sendo uma delas vivenciar o gênero por pelo menos dois anos. Nesta etapa, é necessário que a pessoa utilize as vestimentas e performatize atos de acordo com os papéis sociais considerados como pertencentes ao gênero com o qual se identifica. Espera-se também que sinta repulsa pela própria genitália, a ponto de não conseguir tocá-la ou sentir prazer sexual durante suas experiências. Além disso, precisa ter acompanhamento psicológico durante esse itinerário, dentre tantos outros elementos que são predeterminantes para que ela tenha o diagnóstico de Disforia de Gênero (Hanauer et al. 2019).

É uma longa e sofrida trajetória vivenciada pelas pessoas que desejam acessar os seus corpos e adequá-los em conformidade com o seu desejo, uma trajetória de controle e muitas incertezas, tendo que obter um crivo médico para que consiga ter os recursos que julgam necessários para o seu bem-estar e aceitação social. Só depois desse enorme percurso e após o diagnóstico, ela será reconhecida pelos saberes médicos e psis, como uma pessoa “transexual de verdade” e assim atingir as mudanças fenotípicas consideradas por ela como pertencentes ao seu gênero de pertença, o qual difere do que lhe foi atribuído (Bento & Pelúcio, 2012).

Esse tipo de imperativo que é o diagnóstico de Disforia de Gênero, vai na contramão das discussões atuais a respeito das questões de gênero e sexualidade, já que como visto anteriormente, os padrões que definem o masculino e o feminino são estabelecidos a partir de uma construção social, produto da linguagem, os quais precisam ser desnaturalizados e reelaborados. É um caminho que favorecerá com que a transexualidade deixe de ser vista como uma patologia e passe a ser considerada como um processo natural do desenvolvimento humano (Bento, 2017).

Este cenário revela a luta diária da comunidade trans, que objetiva conquistar o direito à adequação corpórea, seja ela hormonal ou cirúrgica, sem que precise necessariamente de um diagnóstico. É um desejo em que se visa alcançar a liberdade de conseguir utilizar os recursos biotecnológicos, sem autorização e controle médicos, que são amparados e produzidos pelo discurso do biopoder (Preciado, 2014), fruto de uma linguagem extremamente biologizante, marcada pelo dismorfismo sexual entre os corpos (Butler, 2003; Bento, 2017).

Um exemplo deste discurso universal a respeito da experiência transexual, é que nem todas as pessoas transexuais desejam alterar a genitália. Esta perspectiva contraria o modelo biomédico que a todo instante argumenta acerca do incômodo e da necessidade das pessoas transexuais alterarem seus órgãos sexuais. O diagnóstico dado são concepções normatizadoras que impõem uma longa e difícil trajetória para que essa pessoa seja identificada como homem ou mulher "de verdade". (Butler, 2003; Bento, 2017).

Contudo, Bento (2009) afirma que existem casos de pessoas transexuais que não odeiam as suas genitálias, pelo contrário, possuem experiências de prazer ao longo de seu percurso sexual. Neste sentido, expõe em sua tese de doutorado relatos de pessoas transexuais entrevistadas por ela que não possuem o desejo da cirurgia, um desses casos é o de Bea:

Para Bea, o pênis faz parte do seu corpo e não reivindica a cirurgia, pois uma vagina não mudará seu sentimento de gênero, “não passará de um buraco”. Para ela, é o seu sentimento que importa, sendo o órgão totalmente secundário. [...] Histórias como as de Bea, que reivindica o direito à identidade de gênero feminina, desvinculando-a da cirurgia, nos põem diante da pluralidade de configurações internas à experiência transexual. (Bento, 2009, p. 102)

São pesquisas como estas que também demonstram o quanto é equivocado unificar a experiência das pessoas transexuais e imprimir uma série de protocolos biomédicos para que elas sejam vistas como “transexuais de verdade”. De fato, as narrativas das pessoas transexuais

muitas vezes possuem experiências semelhantes, mas é importante considerar que as pessoas transexuais têm identidades, desejos e realidades de vida diversos, assim como qualquer outra pessoa que não reivindica um gênero diferente do que lhe foi imposto. Discursos como estes, que imprimem rótulos e padrões de identidade, como se houvesse condutas predeterminadas para as inúmeras formas de existir, aprisionam o indivíduo e desconsideram outras maneiras de performatizar e vivenciar o gênero (Bento, 2009).

Latham (2016) indica o quanto pode ser problemático rótulos que o entendimento clínico apresenta acerca da pessoa transexual, afirmando a existência de uma autoaversão em relação ao seu corpo, especialmente a genitália. A partir desta perspectiva, a afirmação de sintomas estereotipados, no que diz respeito a como a pessoa transexual se sente no âmbito do sexo e desejo, limitam o compartilhamento de outros tipos de experiências corpóreas e narrativas que outras pessoas transexuais possuem. Vale pensar que não deveriam ter sintomas pré-estabelecidos e um diagnóstico referente a pessoa transexual, na verdade, é importante considerar as particularidades e singularidades de suas experiências desenvolvimentais, assim como qualquer outra, envolvem crises e rupturas diferentes, que relacionam com sua história de vida à maneira com a qual interpreta e percebe o seu corpo.

Ainda a respeito do diagnóstico de Disforia de Gênero, Latham (2016) aponta que essa concepção clínica sobre a experiência transexual, dá um sentido de causa e efeito. Ou seja, se há prazer genital, logo, a pessoa transexual está curada, ou se não há um desconforto nas relações sexuais e não existe ódio da genitália, logo, esta pessoa não tem a repulsa necessária para ser considerada uma pessoa transexual.

São afirmações normatizadoras, pautadas em uma concepção biologicista e reguladora do corpo que corroboram com um olhar distorcido e um processo de não aceitação das pessoas transexuais. Pessoas estas que por não atenderem aos critérios do que se espera socialmente de um corpo generificado são vistas como “aberrações” (Bento 2009), sofrem inúmeros processos de exclusão, tornando-se um corpo precarizado em que imediatamente deixa de ser objeto de amparo e cuidado (Butler, 2020).

São leituras como as do Manual Diagnóstico e Estatístico das Desordens Mentais (DSM V) que condicionam a pessoa transexual ao diagnóstico de disforia de gênero, confirmando que para que ela seja entendida como transexual, precisa estar presente o seu desejo de viver e ser aceita como uma pessoa do gênero considerado oposto, além do mal-estar do sexo anatômico e necessidade do procedimento cirúrgico para que se consiga adequar o fenótipo ao gênero de pertença. Segundo o DSM V, a pessoa transexual percebe a genitália como um órgão que lhe

causa repulsa e lhe impede de alcançar um bem-estar nas esferas que se relacionam com o corpo, desejo e sexualidade (Bento, 2006; Chnaiderman, 2014). É uma concepção errônea e patologizante das identidades de indivíduos que não se reconhecem no gênero que lhes foi atribuído e reivindicam o seu direito de ser e estar no mundo de acordo com o gênero que lhes corresponde.

Esse discurso endossa condutas para que as pessoas transexuais sejam diariamente constrangidas, com a justificativa que não são biologicamente pertencentes aquele sexo ao qual elas se reconhecem (Bento, 2017). Esses significados atribuídos à matéria, estão imersos em uma rede de significações que colaboram e operam para um contexto heteronormativo, o qual controla e generifica os corpos como de “meninos” ou de “meninas”, desconsiderando aqueles corpos que não contemplam esse cenário constituído por uma linguagem binária que condiciona o sexo ao gênero.

Nesta perspectiva, é possível se pensar numa matriz de inteligibilidade de gênero em que produz um contexto no qual constrange e aprisiona os corpos, sob a ótica do biopoder que os normatiza e determina. Para Butler (2003), só é possível tornar-se inteligível as pessoas que seguem um padrão binário de uma sociedade heteronormativa, um padrão que combina o sexo ao gênero, como se os dois tivessem que estar alinhados no que tangenciam os aspectos de gênero, sexo, sexualidade e desejo. “Gêneros inteligíveis são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (Butler, 2003, p. 38).

Os efeitos discursivos do gênero provocam resultados de bastante sofrimento para as pessoas transexuais, principalmente quando esses discursos definem o gênero a partir da diferença sexual, com a finalidade de indicar o que é ser homem x mulher. No seminário 20 de Lacan (1975), apesar de manter uma perspectiva binária, ele afirma que a posição sexual da pessoa não pode ser assegurada pela anatomia e que um corpo sexuado homem ou mulher é resultado da relação desse indivíduo com a linguagem e os constrangimentos impostos pelas práticas discursivas (Butler, 2002). Assim sendo, as pessoas transexuais, ao extrapolarem esse controle discursivo resultante da linguagem, passam a não serem reconhecidas enquanto “pessoa humana”, pois fogem à esta norma da matriz do gênero criada pela linguagem (Butler, 2020).

De acordo com essa perspectiva, é importante refletir que “o corpo é provisório, mutável e mutante” (Goellner, 2003, p. 30), e reconhecê-lo como produto de uma cultura

guiada pela linguagem é desafiador, vai na contramão do discurso predominante heteronormativo em que reconhece o corpo como um elemento natural. Desnaturalizá-lo possibilitará um novo olhar sobre o corpo, que também é histórico (Goellner, 2003), poderá inibir uma linguagem que o materializa nos moldes binários, essencialistas que os constroem e os controla (Butler, 2020). Todavia, nada acontece por acaso, pois essa concepção de um discurso historicamente predominante, se constitui como um dispositivo de controle, disputa e poder os quais inicialmente se apropriam do corpo (Foucault, 1995).

A partir das afirmações dos autores citados acima, que o corpo é um construto histórico e está em constante mudança, é importante refletir que o processo de se tornar pessoa transexual também é um infinito tornar-se, assim como qualquer outro corpo que está em desenvolvimento, independentemente de sua performatividade de gênero. Mol (1999), argumenta que não há processos termináveis, pois os fenômenos estão em um plano interminável de construções e a todo instante estão sendo feitos e refeitos. Levando essa realidade em estima, nota-se o quão necessário se faz ampliar os signos e significados existentes na linguagem, incluir e criar novos conceitos gramaticais para que se consiga compreender e contemplar as diversos corpos e maneiras de existir.

Autores como Butler (2003), Goellner (2003), Preciado (2014), Bento (2017) Colling (2018) argumentam que o sexo é um elemento que faz parte da cultura e criado pela linguagem. Neste sentido, concepções essencialistas precisam ser deixadas de lado e o olhar binário do gênero não deve mais se apresentar, visto que ele também é um elemento criado pela linguagem e regulado pela cultura. A imposição desses construtos implica em um intenso sofrimento e adoecimento para as pessoas que não se enquadram nesse modelo binário e possuem outras identidades de gênero que não as impostas socialmente. Por isso, de acordo com autores como Butler (2003), Bento (2017), Borba (2016), urge a necessidade de se ampliar outras linguagens para que, por exemplo, a pessoa transexual deixe de ser compreendida como um indivíduo patologizado, que sofre de incongruência de gênero, e passe a poder vivenciar o gênero, sexo, desejo da maneira com a qual ela se sente pertencente, já que a matriz das relações de gênero é anterior ao nascimento humano (Butler, 2020).

1.3.2 A Psicologia Cultural Semiótica

O processo de transição desenvolvimental é fortemente presente na relação da humanidade com o mundo. Existe uma necessidade humana em transformar o ambiente e se

autotransformar para atender as suas necessidades e interesses. Neste sentido, o ambiente, a cultura e os modelos sociais disponíveis podem ser ressignificados ao longo da história (Vigotski, 1988).

A perspectiva teórica da Psicologia Cultural Semiótica afirma que toda a pessoa cria e dá sentido ao que está disponível ao seu redor. Ela se propõe a estudar como o ser humano constrói a si mesmo e como ele estabelece a sua relação com o mundo (Valsiner, 2014). Um dos conceitos essenciais para o entendimento da teoria, é o conceito de signo. De acordo com Peirce (2005), um “signo é aquilo que, sob determinado aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém” (p. 46).

O signo pode ter a função de representação, ele pode atuar como ícone, índice ou símbolo, sendo o último o único característico da espécie humana (Vigotski, 2006), e possível de ser estudado a partir da linguagem que se apresenta de um modo simbólico. É justamente por isso que Vigotski (2007), afirma que o signo pode ser compreendido como um instrumento da atividade psicológica, podendo ser utilizado como recurso para lembrar, comparar, descrever, solucionar problemas, dentre outras possibilidades.

É a partir dessa perspectiva que o signo é capaz de exercer a função de representação e tornar uma realidade material em um universo simbólico e imanente; os objetos, por exemplo, ao serem nomeados, passam a fazer parte do substrato psicológico do indivíduo. O signo como um símbolo é capaz de representar objetos, emoções e acontecimentos. Ao darmos nome aos sentimentos e às ações, de acordo com Valsiner (2007), conseguimos atribuir sentido e significado, o que contribui para que possamos criar um campo afetivo semiótico por meio do qual podemos, às vezes, refletir e racionalizar sobre as nossas emoções (Valsiner, 2007).

No ser humano, os signos são suplantados e tornam-se parte do aparato psicológico por meio do processo de mediação. Por mediação entende-se toda a relação do ser humano com o seu mundo social, histórico e material. A mediação pode ser compreendida como a relação estabelecida entre o indivíduo com o seu contexto social, ela pode ocorrer pelo uso de signos ou de instrumentos. Na mediação por meio dos signos, existe uma negociação entre as crenças, valores, costumes compartilhados por um grupo social. Já a mediação por meio dos instrumentos, ocorre na medida em que o indivíduo se utiliza de determinados objetos ou elementos materiais e atuam como a extensão do seu corpo, na medida em que permitem a realização de uma tarefa ou uma atividade (Santos, 2011; Vigotski, 2006).

No caso da pessoa transexual, é possível citar como instrumento, o uso de hormônios, próteses e cirurgias que são artefatos culturais utilizados por algumas pessoas transexuais que desejam alcançar uma aparência que esteja de acordo socialmente com o que ele reconhece

como sendo do gênero ao qual pertence. Assim, por meio do processo de mediação – seja pelo uso dos signos ou dos instrumentos – a pessoa transexual pode transcender os limites impostos por uma suposta biologia e ratificar o seu gênero de acordo com a sua identidade.

Na mediação, ocorrem processos de internalização e externalização. O primeiro deles ocorre quando o indivíduo internaliza signos e atribui significados, dando sentido à sua experiência; ao passo que o segundo ocorre quando há a comunicação com o outro e, por consequência, o compartilhamento de crenças, valores ou conhecimentos (Valsiner, 2012).

A internalização e a externalização são processos dialéticos e estão em constante mudança na medida em que o indivíduo se relaciona com o outro e com o seu contexto social. Nessa relação, o indivíduo assume um papel ativo por intermédio do qual ele interpreta a realidade, internaliza e externaliza os seus sentimentos ou ideais, levando em consideração os seus valores pessoais. Para Valsiner (2007):

a internalização é o processo de análise dos materiais semióticos existente externamente e de sua síntese na forma de novidade no domínio intrapsíquico. [...] A externalização é o processo de análise do material (subjetivo) da cultura pessoal intrapsicologicamente existente durante sua transposição do interior da pessoa para seu exterior, e a modificação do ambiente externo como uma forma de nova síntese deste material. (p. 340)

A mediação e os seus respectivos processos de internalização e externalização contribuem para o processo de construção da cultura coletiva e pessoal. De acordo com Valsiner (2012), a cultura coletiva é formada por um conjunto de signos, instrumentos e artefatos culturais compartilhados por membros de um grupo social. Na cultura coletiva há signos hipergeneralizados que conduzem afetos e funções cognitivas (Valsiner, 2007). Como exemplo de signos hipergeneralizados, que são compartilhados por membros de uma cultura, é possível citar as concepções tais como amor, masculinidade e feminilidade. Os signos hipergeneralizados são internalizados de modo inconsciente na cultura pessoal e atuam como reguladores semióticos capazes de balizar/circunscrever o modo como as pessoas se sentem, agem e pensam sobre um determinado tema em seu contexto de desenvolvimento (Valsiner, 2007).

A partir do conceito de cultura coletiva, levando em consideração a pessoa transexual, é possível afirmar que os preconceitos vivenciados há um compartilhamento de uma rede de signos e significados que muitas vezes é dividido por diferentes grupos sociais, especialmente pelos religiosos. Desta forma, há na cultura signos hipergeneralizados, segundo os quais, por

exemplo, a transexualidade é um pecado ou uma doença. Os mencionados conjuntos de crenças direcionam o modo como as pessoas discriminam e tratam a pessoa transexual. Todavia, apesar desses signos muitas vezes serem compartilhados por uma cultura hegemônica (cultura coletiva), nem todos os indivíduos assumem esses valores ou crenças. Assim, existem outros grupos culturais – também presentes na cultura coletiva – que compartilham e mediam valores os quais podem favorecer à pessoa uma autonomia e uma liberdade de gênero, extrapolando os limites e fronteiras estabelecidos por uma linguagem e cultura hegemônica cisheteronormativa.

Por sua vez, o conceito de cultura pessoal é entendido, na perspectiva de Valsiner (2012), como o modo como os indivíduos tomam para si um conjunto de signos e significados que consideram importantes e que fazem sentido para as suas vidas. Na cultura pessoal, o ser humano, de modo ativo, reflete e opera no mundo. Ao refletir sobre o seu contexto cada indivíduo pode – ativamente – criar novos signos, significados e instrumentos capazes de modificar a sua forma de ser e de agir em seu contexto de desenvolvimento.

Na cultura pessoal existe a possibilidade de transformação e de inovação do ambiente, sendo que a cada inovação – seja por meio de instrumentos ou signos – há uma possibilidade de transformação da cultura coletiva. Para Zittoun et al. (2013), “a cultura coletiva é constantemente (re)criada através das externalizações das pessoas, mas que não é uma imagem de espelho da cultura pessoal, nem a cultura pessoal é uma imagem de espelho da cultura coletiva” (p. 113).

Há uma tensão contínua entre a cultura coletiva e a cultura pessoal. É preciso ressignificar e promover novos significados para extrapolar a tensão existente entre esses dois polos e estabelecer novas fronteiras direcionadas ao futuro (Abbey & Valsiner, 2005). As ambivalências possuem um alto poder de transformar, de construir novos significados e novos caminhos, pois elas se encontram na zona de fronteira entre o presente e o futuro; a tensão existente impulsiona a experiência humana para a mudança. Essa ambivalência de acordo com Zittoun et al., (2011):

emerge quando mais de um set semiótico é mobilizado em relação a um evento único”. [...] quando as condições mudam, ou as pessoas encontram-se em ambientes desconhecidos encarando experiências desconhecidas, sets semióticos contraditórios à ambivalência apresentam-se como interpretações possíveis. Nós consideramos a ambivalência como a experiência de lidar com a saturação semiótica em relação a um evento. Em acréscimo, sugerimos que o contexto social está profundamente implicado

não só na emergência da ambivalência, mas também na permissão ou restrição das possibilidades de lidar com a ambivalência. (p. 73)

Levando essa realidade em consideração, pensando na experiência trans, poderá emergir ambivalência no encontro da pessoa transexual com os signos disponibilizados na cultura coletiva em seu percurso de vida. Há uma ruptura daquilo que estava teoricamente inscrito e um questionamento sobre a sua forma de ser e de agir, momento em que a pessoa trans constrói uma nova rede simbólica e emergem signos e significados que irão lhe direcionar para o futuro.

É possível elucidar esses processos de construção e uso de significados também por meio das relações de gênero e da construção do processo de tornar-se pessoa transexual. Na cultura coletiva, de um modo geral, as pessoas muitas vezes compartilham um estigma e preconceito com a pessoa transexual. Isto pode dificultar o processo de autorreconhecimento das pessoas transexuais, justamente pela carência de mediação de signos que consigam romper com concepções essencialistas e biologicistas presentes na cultura coletiva. Assim, muitas pessoas trans, durante parte considerável de sua trajetória de vida, não têm acesso aos recursos semióticos disponíveis para compreender o fenômeno que estão vivenciando.

Existe a carência de uma rede semiótica de apoio que possibilite que as pessoas trans ressignifiquem os papéis sociais, artefatos culturais, comportamentos e o gênero que lhes foram atribuídos desde a infância. Em geral, é apenas na adolescência e no início da fase adulta que a pessoa trans consegue entender melhor a sua experiência de gênero e ter acesso ao signo da “transexualidade”. Nesse momento, há um processo de tomada de consciência e, por consequência, de reconhecimento de algumas incongruências que existiram ao longo de sua história, que a pessoa não conseguia descrever justamente pela falta de recursos semióticos e de signos que pudessem nomear e dar sentido à sua experiência de vida.

O homem transexual, por exemplo, ao internalizar o signo “homem trans” passa a ressignificar, dar sentido e compreender os incômodos existentes durante o seu processo desenvolvimental. É importante ressaltar que no momento que o homem transexual vivencia essa fase de reconhecimento e de afirmação da sua identidade, ele também passa por processos de externalização. Ou seja, ele pode comunicar aos seus pares e familiares, por exemplo, a sua construção identitária, por consequência, ele tende a estabelecer limites e passa a ressignificar a sua realidade.

Assim, no momento em que o homem trans decide reivindicar socialmente o gênero em que ele se reconhece, ele comunica aos outros sobre como ele pretende ser chamado e o

pronome que deve ser utilizado para se reportar à sua identidade. Além disso, o homem trans, pode externalizar no corpo o conjunto de signos que se relacionam com o modo em que ele se compreende, utiliza os recursos semióticos disponíveis e as tecnologias do gênero que irão contemplar a sua performatividade.

Neste processo, existem redes de negociações e fronteiras que são estabelecidas na relação com o outro, as quais precisam ser constantemente debatidas e extrapoladas, uma vez que vivemos em uma sociedade heteronormativa. Nesse sentido, de acordo com Valsiner e Conolly (2003), e Zittoun (2011), o estudo das redes de significações compartilhadas por um grupo social e apreendidas pelo indivíduo, é importante para compreender o modo como o indivíduo significa a sua relação consigo mesmo, a sua relação com os outros e com o mundo que o cerca (Ribeiro & Golçalves, 2010).

É nesta linha de raciocínio que Valsiner (2007) afirma que o desenvolvimento humano ocorre a partir do compartilhamento de significados existentes entre o indivíduo e o seu contexto social, sendo o indivíduo um ser ativo capaz de interpretar os significados e de produzir sentidos e artefatos culturais no contexto em que ele está inserido (Valsiner, 2007). Bruner (1997) afirma que “embora os significados estejam “na mente”, eles têm suas origens e sua importância na cultura na qual são criados. É esta localização cultural dos significados que garante sua negociabilidade e, no final das contas, sua comunicabilidade” (p. 16).

A Psicologia Cultural Semiótica compreende a mente como produtora constante de significados. Nesse sentido, são os significados e o modo como são construídos que irão mediar a interação mente e cultura. A capacidade do ser humano em produzir e negociar significados, possibilita que eles sejam ressignificados e também que se tornem permeáveis. A rede de negociação intra e inter psicológica, presente nas fronteiras, é o que contribui para a sua ação frente às experiências e essa negociação permite que a pessoa se relacione com o ambiente além de favorecer também os avanços sociais frente às demandas cotidianas (Marsico & Valsiner, 2017).

O conceito de Fronteiras Semióticas, desde perspectiva teórica da Psicologia Cultural Semiótica, é extremamente importante quando se pensa na negociação feita pela pessoa transexual e na relação entre a cultura pessoal e cultura coletiva. A maioria das instituições, tais como: família, escola, e trabalho, irão mediar signos e significados presentes na cultura e linguagem cisheteronormativa. Mas, apesar disso, essas instituições não irão ter força para definir e conduzir a história de vida da pessoa trans, pois, embora exista uma interdependência entre a cultura e a pessoa, existe uma singularidade presente no processo de vida de cada um, já que “nós todos somos um – sendo individualmente únicos” (Valsiner, 2007, p. 18). Neste

âmbito, pensando na pessoa trans, em algum momento, em sua cultura pessoal, ela poderá externalizar de modo dinâmico o gênero em que se reconhece. Poderá criar novas fronteiras, ligações e possibilidades, o que conseqüentemente, irá redefinir os signos, os códigos e as crenças presentes em seu tornar-se pessoa transexual.

1.3.3 As Fronteiras Semióticas do Gênero

O conceito de Fronteiras Semióticas pode ser bastante relevante quando se considera o desenvolvimento da pessoa transexual, o seu processo transexualizador, o tornar-se pertencente ao gênero em que se identifica, os limites e as ligações encontrados durante esse percurso. O transitar dessa identidade, ao assumir o seu gênero de pertencimento, os entraves, as barreiras, os portais e as pontes estão localizados nas fronteiras do gênero. Por isso, inicialmente, é importante que seja definido o conceito de Fronteiras Semióticas.

Utilizando-se o conceito de Fronteiras Semióticas, é importante entender que essa definição vai além de um elemento que separa e divide, mas que ao mesmo tempo une, dá início a infinitas possibilidades de se pensar caminhos semióticos que se auto conectam. Além disso, tem uma função de permitir o alcance ao outro lado, como uma espécie de ponte (Marsico et al. 2013).

Existem fronteiras que são permeáveis, mas já outras se tornam impenetráveis e um exemplo delas é o próprio desenvolvimento humano, que se constitui enquanto uma fronteira semiótica que impede que esse desenvolvimento obtenha um efeito reverso. Ou seja, a fronteira que une/divide passado e futuro, não é permeável, já que o nosso desenvolvimento é sempre projetado e direcionado para o futuro (Marsico et al., 2013). Assim como afirmam Marsico e Valsiner (2017): “As fronteiras se conectam como se dividem ao mesmo tempo. Elas são o resultado da capacidade humana altamente sofisticada de fazer distinções a fim de regular a fluidez dinâmica dos ambientes ambíguos” (p. 350).

A fronteira possui uma capacidade de transformar-se, por isso pode recriar-se a todo instante e todas essas funções pertencentes à fronteira são características que definem como grande recurso de criação de sentidos. Por exemplo, ela pode unir, separar, ser um marcador temporal, dar sentido etc. Na medida em que há uma marcação da fronteira, um sinal que determina aquele começo, que separa, mas também une. É possível identificar conteúdos e mudanças que aconteceram no passado e atividades que se encontram no campo do presente ou futuro (Marsico et al., 2013).

O conceito de Fronteiras não deve ser entendido apenas como um elemento físico, mas também como algo que possibilita a existência do começo ou marcação de algo na vida daquele indivíduo que poderá ser recriado e reelaborado dentro das suas possibilidades semióticas (Picione & Freda 2015).

As relações sociais negociam a todo instante os acessos e as barreiras nas fronteiras. A memória orienta este “entre” do abrir e fechar as passagens nas fronteiras a partir de recordações de experiências das relações humanas com o mundo. Objetos como fotos, roupas, cartas, são importantes recursos e marcadores temporais presentes nas fronteiras dessas relações sociais (Marsico & Valsiner, 2017).

Entre os tipos de fronteiras, existem as fronteiras intrapsicológicas, que têm relação com as regras, o que se pode fazer e o que não se pode fazer, o que é aceitável, o que não é aceitável. Essas negociações presentes nas fronteiras, muitas vezes, se tornam permeáveis a depender do interesse e tipo de negociação que ocorre durante o desenvolvimento humano (Marsico et al., 2013).

Existem determinadas crenças e valores na vida da pessoa em que ela acredita que não devem ser negociados, mas em algumas situações, por algum motivo, a pessoa se permite renegociar algumas regras em que ela acreditava que não poderiam ser quebradas. Em dado momento, ela decide reorganizar essa fronteira, possibilitando que se torne permeável ou até mesmo haja uma mudança nos limites em que essa fronteira se apresenta (Picione & Freda 2015).

As fronteiras também existem para organizar o nosso pensamento, os limites e possibilidades da própria vida social (Picione & Freda 2015). Esses limites e possibilidades podem ser pensados na experiência da pessoa transexual, nos desafios e nas fronteiras que surgem ao assumir o gênero em que se sente pertencente, tanto para as pessoas que não desejam passar por procedimentos cirúrgicos ou hormonais, quanto para aquelas que decidem adequar-se corporalmente ao gênero de pertença por meios das tecnologias do gênero Preciado (2014).

De acordo com Marsico e Valsiner (2017), a construção de fronteiras se constitui a partir de três subprocessos. O primeiro deles se refere à criação de significados, ou seja, o modo como se constrói o universo simbólico em torno das relações de signos e suas significações. O segundo subprocesso é a distinção, que demarca os limites entre as fronteiras, ao mesmo tempo que separam significados distintos, podem criar uma zona de convergência que se conecta em uma intercessão. Por fim, o terceiro subprocesso diz respeito à agregação de valor que envolve o conjunto de crenças e valores atribuídos nessas fronteiras. De acordo com Marsico e Valsiner (2017):

A construção de fronteiras é baseada em três subprocessos: criação de significados, distinção e agregação de valor. Através deste sistema psicológico trifásico, os indivíduos tentam diminuir a ambiguidade articulando, diferenciando e organizando hierarquicamente a relação com os outros ambientes. Uma vez construídas as fronteiras, elas são projetadas nos ambientes sociais que orientam o funcionamento da psique humana. (p. 350)

Ao aplicar os subprocessos existentes nas fronteiras semióticas de gênero, quando se pensado no contexto da pessoa transexual, é possível ilustrar que o campo dos significados é envolto por relações de negociações frente ao modo de como cada pessoa em desenvolvimento significa e representa o seu corpo, além dos múltiplos significados que ela pode assumir ou deixar de assumir (Butler, 2003; Bento 2017). A pessoa em desenvolvimento, por exemplo, pode se definir como pessoa transexual, ela significa a sua genitália ou o seu corpo com o seu sentimento de afiliação e pertencimento. Assim, cada indivíduo em desenvolvimento pode se definir como ser binário, não binário, sem gênero e transexual, apenas para citar exemplos.

Cada significado atribuído, delimita os limites de cada fronteira, ao mesmo tempo que conecta e une em possibilidades de intersecção (Marsico & Valsiner, 2017). As pessoas transexuais, por exemplo, podem transitar de gênero durante o processo transexualizador e na medida em que o indivíduo se aproxima do corpo desejado, é atribuída uma agregação de valor que poderá permitir um sentimento de adequação social, além de contribuir com o seu bem-estar (Porto, Barreto & Dazzani, 2019).

A criação de distinções indica possíveis diferenças entre as pessoas ou grupos, colabora para o surgimento de limites, os quais apontam o que faz parte de um e o que faz parte do outro. Todo esse fluxo pode representar algumas das características referentes ao processo de construção de fronteiras (Marsico, 2017). É possível se pensar na complexidade das fronteiras também nas relações gênero, já que elas também são construídas na interação com o outro por meio da linguagem. Assim como as fronteiras, o gênero não se apresenta enquanto entidade rígida, estável e fixa (Marsico & Tateo, 2017).

A linguagem colabora para a criação dos limites que representam a diferença de um gênero do outro. Essa concepção respaldada no discurso heteronormativo, contribui para se pensar na dicotomia do gênero, como se o feminino fosse o contrário do masculino (Marsico & Tateo, 2017). Além disso, como se pudessem existir apenas essas duas experiências de gênero, o que já foi desmistificado também a partir dos estudos queer (Bento, 2008; Butler 2017).

Os limites são identificados por meio do discurso que justifica elementos biológicos, os quais representam prováveis características entre os órgãos ditos do corpo macho e do corpo fêmea, ou seja, o que é esperado de um em termos biopsicossociais, é diferente do que é esperado do outro. A título de exemplo, homem é forte, não pode chorar, não pode ser delicado e gostar de rosa, pois esses elementos fazem parte do universo considerado feminino (Bento, 2017). Esses polos de oposição que caracterizam e também criam diferenças se tornam permeáveis na medida em que são pensadas e experienciadas outras possibilidades de gênero, ou até mesmo de não gênero.

Marsico e Tateo (2017), afirmam que "... em qualquer passagem de fronteira, há uma reafirmação da própria fronteira em sua função reguladora a nível individual e coletivo" (p. 542), de modo que as fronteiras podem atuar no reconhecimento do que se difere e na manutenção que contribui para intensificar essas diferenças. Sob uma ótica semelhante, ao aplicar o conceito nas discussões de gênero, podemos notar que as fronteiras presentes na linguagem, atuam como dispositivos de controle, que se não há essa conformidade esperada pelo gênero, se existe o atravessamento das fronteiras, essa pessoa pode ser considerada fora da norma e patologizada com Disforia de Gênero.

A tensão gerada durante a negociação existente entre as fronteiras, faz com que se crie novas possibilidades de se pensar o gênero, além do surgimento de novos significados do que pode ser o gênero. Ou seja, quando essas posições entram em conflito, colaboram com que outras posições possam emergir (Marsico & Tateo, 2017). É neste transitar de fronteiras que a fronteira do gênero é cruzada pelas novas formas de existir, as quais vão na contramão dos discursos normativos.

Ao longo do desenvolvimento, qualquer pessoa pode performatizar, construir e reconstruir o seu gênero de diferentes maneiras (Butler, 2003; Bento 2017). As diversas formas de se posicionar a depender das experiências por ela vivenciada, darão contorno para o abrir e fechar das fronteiras que irão surgir durante a sua história de vida, já que tanto o gênero quanto as fronteiras são flexíveis e não se apresentam de maneira rígida durante esse percurso desenvolvimental (Marsico & Valsiner, 2017).

Durante o processo transexualizador, a pessoa pode acabar fazendo uma série de negociações intrapsicológicas e intersubjetivas com a fronteira que a dividia entre um gênero e outro, o que favorece uma reconstrução da sua identidade e uma permeabilidade nas fronteiras que poderiam ser impenetráveis por conta dos limites de gênero impostos pela linguagem e consequentemente, pela sociedade. Na medida em que a pessoa transita de identidade, é incluída ou excluída de um grupo específico e isso se deve por conta da permeabilidade da

membrana social (Marsico & Tateo, 2017). Além disso, a pessoa transexual, ao vivenciar o gênero com o qual se reconhece, pode contar com a presença de diversas outras fronteiras que não se apresentavam anteriormente, demarcando o que era, o que é e o que pode vir a se tornar durante esse processo transexualizador.

É possível citar inúmeros exemplos de fronteiras a partir da perspectiva de autores como Marsico e Tateo (2017) e Valsiner (2017). A zona de desenvolvimento proximal pode ser um ótimo exemplo de fronteira elaborado por Marsico e Valsiner (2017), já que divide o passado e o futuro. A partir dessa ideia, também é possível pensar que o processo de imaginação pode expressar um exemplo de zona de desenvolvimento proximal, pois, também se apresenta como uma fronteira que divide o passado e o futuro, mas também os liga dando a possibilidade de alcançar esse futuro por intermédio do processo imaginativo.

Levando essa realidade em consideração, quando se pensa na pessoa transexual, e no processo transexualizador, pode ser considerado que ela utiliza desse recurso imaginativo para alcançar o corpo que acredita ser adequado e que condiz como sendo seu, há um movimento desse tornar-se homem transexual, em que se encontra a fronteira que divide o corpo real do corpo potencial e os une na perspectiva do futuro.

Há um elemento neste corpo transexual em que se estabelece justamente a fronteira de uma matéria na qual a pessoa está, tem ou esteve e o que ela gostaria de estar ou ser. Essa fronteira se estabelece numa posição de passado e futuro. Não pode ser medida, pois ainda pensando nesse corpo transexual, não será possível mensurar o quanto já consegue ser identificado enquanto corpo desejável e o quanto ele assume elementos considerados do antigo gênero ou corpo. São aspectos subjetivos e, por isso, não podem e nem devem ser medidos. É um processo que faz parte do desenvolvimento em que se assume, de fato, um fluxo de tornar-se aquele gênero em que se reconhece, posicionando-se da maneira com a qual ele se vê no futuro e assumindo as características no presente, que se dissolve tão facilmente tornando-se passado.

A detecção deste limite, do que era, do que foi selecionado, memorizado, datado, fotografado, torna-se permeável por meio da possibilidade do nosso poder de identificar e renovar frequentemente esses limites das zonas de fronteiras. Segundo Marsico e Valsiner (2017) "algumas fronteiras desaparecem e as barreiras que poderiam ter sido letais quando em pleno funcionamento, podem ser substituídas por lembretes simbólicos de que lá já estiveram" (p. 351).

Ainda pensando no corpo da pessoa transexual, existe a possibilidade dessa barreira desaparecer quando se pensa, por exemplo, na mudança fenotípica desejada ou não pela pessoa que passa pelo processo transexualizador, quando alcançado de algum modo o corpo esperado por meio de intervenções cirúrgicas, essa barreira que poderia ser o órgão indesejado, se torna, por exemplo, uma cicatriz da antiga genitália, ou dos seios, tornando-se o que realmente condiz com a sua própria identidade corpórea. Neste sentido, esses órgãos assumem um lembrete simbólico daquele corpo que passou por uma mudança, possibilitando a permeabilidade dessa fronteira e alcançando a posição de um corpo congruente com o gênero em que se reconhece. Esse marcador, que de acordo com Marsico e Valsiner (2017), “pode desencadear a possibilidade de criar novas narrativas sobre o passado e sobre as necessidades humanas para o futuro” (p. 351).

O corpo da pessoa transexual ao performatizar o seu gênero de pertencimento, passa a romper algumas das fronteiras que antes eram impermeáveis. Um exemplo disso, é quando se pensa nos espaços físicos, dentre eles o banheiro, que é um forte marcador dessas fronteiras de gênero. A partir desta perspectiva, é possível refletir que na medida em que aquele corpo antes escrito pela sociedade como feminino – apenas para ilustrar – quando passa a se aproximar cada vez mais do que se reconhece socialmente enquanto masculino, lhe é permitido transitar um espaço que antes lhe era proibido. Aquela zona que anteriormente era vista como uma barreira, passa a ser uma porta que dá acesso ao outro lado e a outras experiências.

Levando a realidade acima em consideração, simultaneamente, outras redes de negociações surgem e outras fronteiras semióticas podem se tornar mais permeáveis e outras impermeáveis, Marsico et al. (2013), simplesmente por esse corpo não apresentar os pré-requisitos impostos pela sociedade, dentre eles o corpo biológico que é tão referenciado quando se discute gênero, Butler (2017). Por isso, pode haver uma possibilidade de libertação ao assumir o gênero com o qual se sente pertencente, mas também um processo de aprisionamento.

Neste sentido, percebe-se que o corpo trans, também pode se tornar a sua própria fronteira, a partir do momento que lhe é cobrado pela sociedade heteronormativa atributos referentes ao gênero em que se reconhece. Uma realidade que pode ser ressignificada e negociada a partir de diversos recursos, dentre os quais, instrumentos que contemplem um fenótipo esperado socialmente ou até mesmo, redes de negociações que façam com que esse corpo falante se sinta pertencente aquele gênero sem mesmo passar por procedimentos estéticos Preciado (2014), já que essas características, segundo Butler (2017), também são culturais e construídas historicamente.

Assim como foi citado ao longo deste trabalho, as pessoas que desejam passar pelo processo transexualizador e que necessitam alcançar recursos do corpo como a readequação da genitália ou a utilização de hormônios, precisam anteriormente do diagnóstico de “Disforia de gênero”, pois só assim irão conseguir acessar esses recursos fenotípicos para um bem-estar psíquico e uma posição que lhe torne congruente com o que ele considera pertencente ao seu gênero (Jesus, 2012; Bento, 2008). Essa fronteira do possível tornar-se, abre outras fronteiras como a do diagnóstico, as quais podem se tornar menos permeáveis quando não se consegue esse crivo médico para a permissão do corpo tão sonhado. O diagnóstico, se apresenta como um marcador de tempo, uma zona de fronteira e uma detecção dessa possibilidade de projeção futura.

2. Método

2.1 Tipo de pesquisa

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa idiográfica, narrativa de estudo de multicasos. A pesquisa qualitativa tem como objetivo compreender as esferas de significados compartilhadas sobre um tema específico e é idiográfica, em virtude de valorizar a experiência de cada indivíduo em sua trajetória de vida. Embora os participantes tenham experiências que se aproximam, suas realidades continuam sendo únicas e não se repetem. Por isso, surge a importância de estudá-los levando em consideração suas particularidades e individualidades (Minayo, 2002).

A pesquisa narrativa, por sua vez, se caracteriza pela valorização da história de vida a ser contada na interação estabelecida entre o participante da pesquisa e/a o pesquisador/a (Jovchelovich & Bauer, 2002). O estudo de multicasos tem como objetivo compreender um fenômeno social complexo atrelado a diferentes historicidades, além da busca por compreender o fenômeno segundo a experiência dos participantes (Yin, 2001).

A escolha pelo estudo de multicasos se justifica por conta da possibilidade de contato com experiências relevantes e de uma maior confiabilidade quando comparado às pesquisas de casos únicos (Yin, 2001). Os pontos em comum a todos no grupo selecionado, é um ponto importante nos estudos de multicasos e as evidências neste estudo podem se tornar mais precisas e mais robustas. Vale ressaltar que o estudo de multicasos não tem interesse em generalizar os resultados obtidos para toda a população, e sim a possibilidade de resultados similares. Utiliza-se uma situação real neste tipo de estudo para estudar um fenômeno contemporâneo (Yin, 2001).

Flick (2009) aponta que a pesquisa qualitativa se constitui como uma abordagem metodológica importante ao se estudar as relações sociais, as pluralidades encontradas na experiência humana e formas de vida. É um tipo de pesquisa em que não se deve simplesmente testar teorias, mas priorizar o lado indutivo, inserindo conceitos sensibilizantes para o fenômeno social que o pesquisador se propõe a estudar. É também a partir dos estudos empíricos que novas teorias podem emergir e desenvolver-se por meio dos casos, experiências e significados subjetivos dessas práticas de vida (Flick, 2009):

Neste tipo de abordagem, não é necessário a escolha de apenas um conceito teórico e metodológico, mas o diálogo entre mais de uma abordagem teórica para caracterizar as discussões durante a pesquisa. Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos. (p. 23)

O interesse da pesquisa do tipo qualitativa é abordar o objeto de estudos em sua totalidade e contexto social, as pessoas e situações excepcionais ganham uma maior ênfase ao serem estudadas e não se pode perder de vista a subjetividade do/a pesquisador/a ao analisar as experiências, destacando também a importância ao priorizar elementos subjetivos daqueles que estão sendo estudados.

2.2 Local e Participantes

Para participar deste estudo, inicialmente, foram convidados quatro homens transexuais com idades a partir de 18 anos que residiam no estado da Bahia. A idade escolhida se justifica pelo fato de que no Brasil para a pessoa transexual ter atendimento ambulatorial (acompanhamento psicoterápico e hormonização) e ter acesso à realização de cirurgias para adequação corporal precisa ter a idade mínima de 18 anos (ANTRA, 2020). Para essa pesquisa, não foram incluídas as mulheres transexuais, justamente pela carência de literatura e políticas públicas que contemplassem homens transexuais.

Os participantes foram selecionados a partir da técnica bola de neve, uma técnica não probabilística que se demonstra eficiente na identificação de grupos de pessoas de difícil acesso, pois conta com a possibilidade de diferentes intermediários indicarem pessoas que estejam de acordo com o perfil de participantes da pesquisa (Vinuto, 2014). Após o compartilhamento das pessoas e identificação dos casos, foi feito o primeiro contato com os participantes por meio do aplicativo “Whatsapp” e nesse primeiro diálogo foi enviado um áudio que possuía como conteúdo uma síntese da proposta do trabalho e a indicação de quais seriam as lentes teóricas para a condução da pesquisa a ser realizada. Esse áudio foi compartilhado para elucidar o modo que o trabalho iria desenvolver sobre a experiência trans, sem ideias preconcebidas e essencialistas sobre o gênero e sexualidade. Na verdade, um dos interesses da

pesquisa era justamente contribuir com o rompimento do discurso normativo, com as concepções de cunho hegemônico e biologicista em relação aos corpos.

O áudio se tornou uma porta de entrada para que as pessoas contatadas se sentissem confortáveis para participar do trabalho, pois, em muitas situações, as pessoas trans têm receio de colaborar com pesquisas que reforcem a perspectiva trans enquanto doença e que possuem perspectivas que divergem do que de fato faz parte do processo de tornar-se pessoa transexual. Além disso, muitas pessoas trans possuem propriedade não só pessoal, como também teórica do que estão vivenciando e se instrumentalizam dos recursos políticos, das leis e direitos que irão garantir, mesmo que minimamente, uma certa proteção social.

Posteriormente ao primeiro contato, os quatro homens trans aceitaram participar da pesquisa, mas por conta ainda do contexto de pandemia, ocasionado pela Covid-19, um deles adoeceu nas datas que estava dispensado do trabalho e não teve mais disponibilidade para participar. O segundo participante, esteve presente no primeiro encontro presencial da produção dos dados, mas, ele não se manteve disponível. Assim, permaneceram as outras duas pessoas restantes – de diferentes cidades – que deram seguimento à conclusão da pesquisa de acordo com os termos e as condições de participação solicitadas.

Os dois encontros com o participante que residia no município de Feira de Santana-BA foram realizados em uma sala de atendimento psicológico individualizada e climatizada. O outro participante residia no município de Santo Antônio de Jesus- BA, lá a entrevista também foi realizada em uma sala de atendimento individualizada e climatizada, o que garantia a privacidade de ambos.

2.3 Instrumentos

Para a produção dos dados foi utilizado como instrumento a entrevista narrativa Jovchelovich e Bauer (2002) em que se busca, por meio da narrativa dos entrevistados, a profundidade de elementos específicos de suas trajetórias de vida. Esse modelo de entrevista, possibilita que a pessoa entrevistada se sinta encorajada a contar algum fenômeno importante de sua experiência de vida, com a mínima influência do entrevistador. Como recurso de evocação para a entrevista narrativa foi solicitado aos participantes que levassem fotos, objetos e instrumentos que sejam considerados por eles como importantes em seu processo transexualizador. Posteriormente, os participantes responderam a seguinte questão norteadora: “Como foram vivenciadas as principais mudanças em seu processo transexualizador?”.

Outro instrumento que foi utilizado, foi a dinâmica adaptada “Meu presente/Meu futuro” de Serrão e Baleeiro (1999, p. 326). De acordo com os autores, a dinâmica consiste em uma atividade em grupo por meio da qual é solicitado aos participantes que desenhem em uma folha de papel o momento que estão vivendo, intitulado-o como “Meu presente” e, seguidamente, em uma nova folha de papel, é solicitado que eles façam uma representação do que desejam ou gostariam de alcançar no futuro; imagem que deve ser nomeada como “Meu Futuro”. Na dinâmica, os participantes devem compartilhar conjuntamente com o grupo os desenhos elaborados e os seus respectivos significados. Em seguida, o facilitador irá instruir que cada membro, cole em uma parede, a imagem que desenhou referente ao “presente” e a imagem referente ao “futuro”. Além disso, o facilitador deverá enfatizar que a distância escolhida pelo autor do desenho em relação as folhas de papel, representará a separação existente entre a sua vida atual e a que busca alcançar (Serrão & Baleeiro, 1999).

Para a produção dos dados foi feita uma adaptação da dinâmica “Meu presente/Meu futuro” de Serrão e Baleeiro (1999, p. 326). Deste modo, foi solicitado que os participantes, em momentos distintos, separadamente, dividissem uma cartolina ao meio, em seguida, em uma metade da cartolina, escrevessem, desenhassem ou utilizassem recortes de revistas, os elementos que fizessem relação com o momento presente de suas vidas, projetando a fase atual que estão vivendo, nomeando a imagem como “Meu Presente”. Logo após, foi solicitado que os participantes, na outra metade da cartolina, projetassem por meio de recortes de revistas, escrita ou desenho, o futuro em que imaginavam e gostariam para si, nomeando-a como “Meu Futuro”.

Depois da construção do “presente” e do “futuro”, eles foram orientados a traçar uma ponte e nela desenhar, colar imagens de revistas ou escrever, como pretendiam alcançar esse futuro. Após este momento, os participantes tiveram que narrar a imagem projetada, detalhando a partir da sua própria interpretação, o que significava o presente e o futuro inseridos na cartolina, descrever a ponte que representava a maneira com a qual eles irão conectar esse presente ao futuro e como pretendiam alcançar esse futuro. Na narrativa foram considerados os elementos que tiveram relação com o processo transexualizador, além disso, foram utilizados como materiais de pesquisa, cartolina, revistas, tesouras, lápis de cor etc.

2.4 Procedimentos de Produção de Dados

Como procedimentos de produção de dados foram realizados dois encontros individuais em uma sala de atendimento individualizada e climatizada, uma situada em Feira de Santana-

BA e a outra no município de Santo Antônio de Jesus-BA. No primeiro encontro, os participantes foram convidados a levar fotos, objetos e instrumentos que fossem considerados como importantes em seu processo transexualizador, e tais recursos foram utilizados como estratégias de evocação para a entrevista narrativa (Jovchelovich & Bauer, 2002) com a seguinte questão norteadora: “Como foram vivenciadas as principais mudanças em seu processo transexualizador?”.

No segundo encontro, foi utilizada a dinâmica adaptada de Serrão e Baleiro (1999, p. 326) “Meu Presente/Meu Futuro” a fim de que pudessem desenhar em uma cartolina o presente e o futuro com o objetivo de analisar as metas e expectativas de futuro frente ao processo de tornar-se homem transexual. Após este momento, os participantes narraram a imagem projetada, detalhando a partir da sua própria interpretação o que significa o presente e o futuro inseridos na cartolina e descreveram a maneira com a qual eles tiveram que conectar esse presente ao futuro e como pretendiam alcançar esse futuro. Na narrativa foram considerados os elementos que tiveram relação com o processo transexualizador.

2.5 Procedimento de Análise de dados

As entrevistas foram audiogravadas, por meio de um aparelho celular e, posteriormente, transcritas na íntegra. Em seguida, como procedimentos de análise de dados foram realizadas interpretações por meio dos seguintes eixos temáticos: 1) Performatividade de gênero: as relações de signos e significados no processo transexualizador; 2) Tecnologia de gênero: instrumentos e artefatos para o processo transexualizador; 3) Fronteiras semióticas de gênero: tensões e ambivalências no tornar-se homem transexual.

Após as etapas acima descritas, à luz dos eixos temáticos citados, foram elaborados alguns quadros para a realização do procedimento de análise de conteúdo, dividindo as falas do participante em categorias e subcategorias, para melhor visualizar os principais elementos de sua narrativa; os pontos que convergiam e tinham relação com o tornar-se pessoa transexual e os desafios encontrados durante este processo.

A condução desta pesquisa foi realizada de modo a obedecer aos princípios da resolução do Comitê de Ética e pesquisa de acordo com as resoluções 466/12 e 510/16.

3. Análises e Discussões

3.1. Caso 1: Sansão Ao Contrário

Um moleque calado, indeciso e agoniado, que na verdade só queria voar e ser ninguém menos que ele mesmo. (Sansão ao Contrário, 2022)

O caso “Sansão ao Contrário⁸” trata-se de um rapaz que se reconhece enquanto um homem transexual não binário, possui 25 anos de idade e se autodeclara como preto. Ele mora com a sua namorada – descrita por ele como uma mulher cis – no município de Feira de Santana–BA. Recentemente, Sansão conseguiu a transferência de uma faculdade particular, onde estudava para cursar Economia, para uma universidade pública localizada no mesmo Município onde reside atualmente.

Um elemento importante a ser compartilhado é que este caso foi nomeado de “Sansão ao Contrário” por conta de um dado muito marcante, descrito pelo participante. Durante a sua narrativa ele faz uma referência ao mito bíblico “Sansão e Dalila” e lembra que quando cortou os cabelos, ele ganhou forças e se sentiu como Sansão ao Contrário. Se na História Bíblica, Sansão ganha forças com os seus longos cabelos, no caso deste participante, a força é adquirida de maneira inversa, o cabelo curto lhe empodera e o permite performatizar a sua identidade de gênero:

...é, eu costumo dizer que eu sou o Sansão ao Contrário, depois que cortei o cabelo é que eu senti essa força de ser quem eu sou e esse foi o período que eu comecei a me perceber como um homem trans.

Inicialmente, durante o contato com o participante por meio do aplicativo de celular “Whatsapp”, foram expostas por ele preocupações e perguntas sobre a maneira com a qual a pesquisa seria conduzida, o olhar que eu tinha em relação ao fenômeno estudado e quais autores/as eu pensava em adotar em minha dissertação. Após eu descrever um pouco sobre o trabalho, os/as teóricos/as que eu estava utilizando e os que me guiariam na análise de dados, ele retornou bastante interessado e empolgado ao perceber que a pesquisa assumiria também uma perspectiva da teoria Queer, principalmente após saber que uma das autoras referenciadas na dissertação era a Judith Butler.

⁸ Apesar do participante ser definido como “Sansão ao Contrário”, no texto será utilizado apenas Sansão a fim de evitar dificuldades na leitura

Eu fiz questão de reforçar que o trabalho, além de compreender a dinâmica das fronteiras semióticas no tornar-se homem transexual, buscava dar voz aos próprios homens transexuais sobre as suas experiências, os quais muitas vezes não eram priorizados nas pesquisas que discutiam temas atrelados à transexualidade e a performatividade de gênero. Como já foi referido na literatura, em sua grande maioria, destacam as vivências de mulheres transexuais. No mais, esta dissertação, dialogaria com teorias que contribuem com o rompimento de reproduções cisheteronormativas a respeito do gênero, corpo e desejo, além de desmistificar concepções estereotipadas e preconceituosas em relação ao corpo das pessoas trans, como se todas elas se adequassem as equivocadas categorias do diagnóstico de “Disforia de Gênero”.

Sansão tinha uma ampla leitura em relação à transexualidade e os campos de estudo de gênero e sexualidade, tanto que se reconheceu como um homem transexual não binário por meio de leituras de livros, artigos e experiências compartilhadas entre pares. Como ele mesmo sinalizou, antes dos estudos, existia a sensação de que havia algo errado com ele, mas não sabia exatamente nomear a sua própria experiência, que se mostrava incongruente com os papéis sociais esperados para o gênero que lhe foi imposto ao nascer. Definitivamente, eu estava ouvindo uma pessoa que conhecia o tema em questão, os avanços necessários para uma realidade com menos preconceito e melhor qualidade de vida para as pessoas transexuais. Para além disso, ele também tinha o conhecimento das limitações que se faziam presentes e os equívocos reproduzidos pelas instituições reguladoras dos corpos.

Vale destacar que, o grande receio de Sansão de participar deste estudo se justificava por ele ter conhecimento de pesquisas que utilizavam os dados produzidos para imprimir, mais uma vez, valores biologistas, binários e estigmatizantes a respeito da pessoa transexual. Um cenário que colaborava com a carência de políticas públicas e a falta de reconhecimento dos direitos e singularidades existentes na vida dessas pessoas. Levando este contexto em consideração, durante a condução da entrevista, me senti no compromisso de utilizar alguns autores para acessar temas extremamente íntimos da vida de Sansão, os quais seriam mais fáceis de serem acessados quando eu me posicionava sob uma perspectiva teórica Queer. Isso foi feito evocando autores que reforçassem os argumentos do próprio participante, de que o gênero se constrói e que ele é um produto da cultura e regulado por ela.

3.1.1 Impressões anteriores e durante a entrevista

O participante chegou na recepção da sala de atendimento acompanhado pela namorada, ambos, muito simpáticos, mas um pouco tímidos e apreensivos no que se refere ao contexto da pesquisa, que por si só, gera dúvidas e questionamentos para o próprio participante, principalmente se tratando de um assunto tão delicado. Sansão manteve-se muito próximo da sua companheira e quando o convidei para entrar na sala, por meio de uma troca de olhares, eu senti que ele e a namorada esperavam que eu a chamasse também, mas segui adiante no propósito da entrevista que tinha caráter individual e o direcionei para a minha sala. Reforcei que a namorada poderia aguardar, que ela ficasse à vontade para utilizar recursos como por exemplo, o banheiro, as revistas disponíveis na recepção e caso sentisse sede, também haveria água ao seu dispor no filtro.

Em seguida, ao entrar na sala com o participante, um ambiente totalmente desconhecido para ele, suscitou um pouco de estranhamento também da minha parte, já que aquele lugar era onde eu atendia meus pacientes, mas, naquele momento, seguiria outro propósito. Essa sala de atendimento psicológico é composta por dois ambientes, podemos dizer, de um lado, próxima à parede, existe uma mesa de vidro com duas cadeiras confortáveis, uma de cada lado. Esse conjunto de mesa e cadeiras, ficam próximas da entrada, para quem entra, ele fica mais na posição da esquerda da sala. Em seguida, do outro lado do cômodo, localizado no canto direito, existe um tapete grande, de cor azul piscina, felpudo, colaborando com o segundo ambiente da sala. Há uma poltrona localizada logo acima deste tapete, direcionada para um sofá, estilo divã, de cor verde claro. Além disso, há um armário no canto direito da sala, uma janela de vidro com cortina, tomando metade da parede que fica logo à frente da porta de entrada.

Ao estrarmos no espaço, convidei o participante para sentar à mesa, ele de um lado eu do outro. Ou seja, estávamos posicionados frente a frente. A sala, possuía um ar-condicionado, instalado na mesma parede em que a mesa se encontrava, na posição em que eu estava, ficava quase de frente para mim. Havia disponível no espaço, lenço umedecido, álcool e o controle do ar-condicionado, o deixei à vontade para utilizar os recursos. Embora muito tímido e um pouco nervoso ao conversar comigo, a todo instante me olhava seguramente nos olhos, sem baixar a cabeça em nenhum momento, mesmo quando tratávamos de assuntos delicados e íntimos.

Após nos posicionarmos, eu me apresentei como mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (PPGPSI/UFBA) e comentei da

minha atuação enquanto psicóloga, mas que naquele momento a minha posição era de pesquisadora. Em seguida, mostrei o TCLE, me disponibilizei para qualquer eventual dúvida que pudesse surgir e que ele poderia desistir a qualquer momento.

Sansão leu todo o documento e na hora de assinar me perguntou se poderia fazê-lo com o nome social. Imediatamente eu respondi deixando claro que ele poderia ficar tranquilo, que aquele espaço da assinatura era dele, que a minha obrigação era respeitar esse direito conquistado, era a sua história. Eu informei que ele deveria assinar com o nome que ele se reconhecia, seguindo o Princípio da Dignidade Humana, um direito tão fundamental para todos, todas e todes. Neste momento, ele pareceu vibrar de felicidade e informou que é violentado nos mais diversos contextos, inclusive nas instituições de saúde pública, na Universidade, pelos/as professores/as, etc. O participante narrou alguns episódios em que nesses espaços as pessoas reforçavam as suas posições transfóbicas, além de argumentar que o nome que elas consideram como de direito é o que estava em seu documento, que não iriam chamar pelo nome social de jeito nenhum.

Todos os dias, a começar pelo seu nome, Sansão era estigmatizado, vítima da discriminação estrutural, violentado, pois lhe eram negados direitos tão fundamentais pertencentes a um dos mais importantes alicerces da dignidade humana. Neste sentido, ele compartilhou comigo, durante a sua assinatura do TCLE, que nem sempre conseguia relutar, que era muito difícil para ele lidar com tantas instituições opressoras, as quais reforçavam que não gostariam de chamá-lo pelo nome e o quanto isso era muito mais violento do que chamá-lo de "ela". Eram inúmeros episódios de violências e em alguns deles, ele não conseguia reagir, pois se sentia demasiadamente oprimido.

Houve algumas expressões corporais interessantes do participante. Ele me olhava firmemente nos olhos, me olhava com segurança em muitos assuntos íntimos, quando descrevia a relação com a sua namorada, quando falava da relação com a sua própria genitália, que para ele não era um problema, nas palavras dele “não era um problema ter uma vagina, ela não me causava disforia”. Mesmo em momentos delicados, Sansão, chamava-me a atenção com o seu olhar penetrante e seguro, pois em momento algum ele recuava e baixava a cabeça. O participante demonstrava em seu olhar a segurança no que estava dizendo e me olhava nos olhos a todo instante, externando claramente a congruência e segurança em sua fala.

Quando o participante explicava sobre a disforia que tinha com os “intrusos” (nome que as pessoas trans se referem aos seus seios), ainda assim, ele mantinha a marca do seu olhar

atento, mesmo ao falar de uma disforia que atrapalhava em algumas situações das suas relações sexuais, mesmo sendo algo que ele gostaria muito de retirar e algo que ele não gostaria de ter tido nunca.

Porém, existia algo em suas expressões faciais, que não convergiam tanto com outros comportamentos não verbais e corpóreos. Exemplo disso é que durante toda a narrativa ele ansiosamente “futucava” o cantinho da unha e tirava a pele do polegar, inclusive já existiam marcas de peles já tiradas e algumas que deixavam até um leve e discreto ferimento. A posição confiante parecia ser mantida, mesmo quando falávamos de temas supostamente delicados, mas tudo era, aparentemente, descarregado nos cantos de suas unhas, na pele. Era um comportamento que demonstrava ansiedade e uma leve insegurança, mas nada que fizesse com que ele deixasse de seguir adiante e demonstrar o quanto ele acreditava nele mesmo. Ao mesmo tempo, orgulhosamente, ele puxava os pelinhos do rosto que estavam crescendo por conta do uso da Minoxidil, uma pomada que auxilia no aumento do volume e crescimento da barba. Era perceptível o seu orgulho, inclusive ele sorria dizendo que estava na puberdade e a todo tempo passava a mão nos pelos que estavam crescendo no rosto, se certificando de que tudo ali estava dando certo.

Outro elemento importante era a sensação que, aparentemente, ele deixava transparecer no sentido de que estava totalmente disponível para a entrevista, era perceptível o engajamento e o compromisso que ele depositava em sua narrativa. Não havia pressa alguma em sua fala, tudo era descrito e respondido de modo cauteloso, havia um grande e variado envolvimento emocional em tudo o que ele dizia. Em suas expressões não verbais, deixava a sensação do quanto tudo isso era importante para ele e o quanto ele gostaria de colaborar com a pesquisa.

3.1.2 O processo transexualizador na experiência de vida de Sansão ao contrário

Sansão começa a entrevista indicando o quanto que para ele era importante participar desta pesquisa, pois, desde a infância, se percebe como uma pessoa transexual. Ainda muito pequeno, aos sete anos de idade, ele gostava de ser chamado de João por dois amigos/colegas da escola em que ele estudava. O participante compartilha um episódio em que a professora ouviu ele sendo chamado de João e chamou a mãe dele para conversar:

...aí ela chamou a minha mãe, disse que era um problema porque eu era uma menina e tal, aí minha mãe também não sabia muito como conduzir naquela época e aí ela me levou para a psicóloga...

É possível notar que ainda muito pequeno, Sansão, ao desejar performar elementos de uma identidade que, socialmente, não condizia com o que é esperado para o gênero que lhe foi imposto – a começar pelo nome – passa a ser oprimido e constrangido pela professora, a qual reproduz uma linguagem heteronormativa e binária a respeito dos corpos. Ou seja, existem construções sociais que são esperadas para o universo masculino que diferem do universo feminino, dentre elas estão as expressões de gênero, comportamentos, papéis sociais, etc. De acordo com essa linguagem heteronormativa, também é aprendido que existem nomes de meninos e nomes de meninas, são esses, alguns dos muitos mecanismos de coerção presentes na linguagem que impõem o que é possível ou não (Butler, 2014).

No mesmo episódio citado acima, a mãe do participante, na tentativa de ajudar o filho a compreender melhor alguns processos do seu desenvolvimento e as demandas referentes à sua performatividade de gênero, comprou uma coleção de livrinhos infantis “Sexo e Sexualidade” que discute temas atrelados ao gênero e sexualidade na infância. Segue a imagem da coleção de livros que a mãe o presenteou e logo abaixo da figura 1, a carinhosa dedicatória que ela deixou:

Figura 1: Foto tirada pelo participante referente ao livro que foi dado pela mãe



Para que você possa esclarecer as suas dúvidas, para que passe com tranquilidade da infância para a adolescência. Te amo muito, mamãe.

De acordo com o participante, o livro, na época, o ajudou a compreender bastante sobre ele mesmo. Ele declarou que neste mesmo período, a sua mãe, pessoa que ele compartilhava muitas de suas inquietações e experiências, faleceu quando ele ainda tinha 12 anos. Sansão relembra:

...foi isso, na época também que ela faleceu a gente estava num período muito bom assim... estava na pré-adolescência, mas apesar das nossas briguinhas... é ela estava procurando entender mais sobre mim e tal, várias coisas, eu já havia falado com ela que eu estava gostando de uma amiguinha, aí ela perguntava como era isso, como era a sensação... a gente tinha uma relação muito boa assim e ia muito além de fronteiras mãe e filho...

Havia um laço de confiança presente na relação de Sansão com a sua mãe, tanto que ele compartilhava experiências de vida como por exemplo, estar gostando de uma menina; ter a aprovação dela ao poder escolher as festas que ele gostaria de ter em seu aniversário, independente se o tema festivo escapava das normas sociais do gênero. Ele conta que desde muito pequeno não gostava de rosa, apesar da mãe sempre o encher de rosa e de alguns elementos considerados como sendo de menina. Mas, ao mesmo tempo, a mãe do participante também o entendia e o vestia com roupas que, segundo ele, eram neutras e não representavam um marcador definido de gênero. Ele conta:

...a gente ia muito no McDonalds na época e eu não gostava muito dos brinquedos de menina, eu gostava muito de jogar bola em vez de ficar brincando daquelas coisas... sei lá, de boneca... É bonequinhos transformer essas coisas assim que não eram Barbie, enfim...Ahh, minha mãe era super de boa. Ela sempre perguntava as festas que eu queria, aí teve um ano que eu tive das meninas superpoderosas, da pequena sereia, teve um que foi o tema de futebol, acho que foi copa do mundo Brasil.

Vale ressaltar que a mãe de Sansão foi criada em uma família de Testemunhas de Jeová, mas que ela havia se distanciado da religião por discordar de alguns posicionamentos. Ele faz questão de compartilhar que recentemente, soube que a mãe dele era bissexual. Além disso, nas narrativas do participante, é possível perceber uma ambivalência da sua mãe no que se refere as cores e estereótipos de gênero. Em algumas situações, ela o deixava livre para escolher, em outras, mesmo tentando extrapolar as fronteiras do gênero, acabava reproduzindo signos hipergeneralizados de uma cultura binária e heteronormativa, como por exemplo: as roupas rosa, o ballet, dentre outros.

Um detalhe intrigante, é que embora a mãe do participante o vestisse com roupas neutras, nas festas dos familiares ela o vestia seguindo os estereótipos referentes ao universo feminino. Tudo isso condiz com os argumentos dos estudos de Butler (2014) e de Foucault (1997), em que reforça o quanto a linguagem constrange e castiga o que escapa as normas do gênero. Deste modo, se faz compreensível o receio da mãe de Sansão ao restringir algumas vestimentas que ele gostava de utilizar quando estavam na presença da família a qual possuía condutas altamente conservadoras.

Todo esse cenário, faz parte de múltiplas narrativas e contextos que reafirmam um discurso moralista e binário. Diariamente, essas estratégias de sujeição são reforçadas por meio dos olhares de reprovação, as doutrinas, castigos, mitos etc. As instituições por sua vez, também irão reforçar esses valores, docilizando os corpos para que aprendam o que é adequado para um menino e o que é permitido para uma menina (Bento, 2008; Butler, 2014; Foucault, 1997).

Após a morte da mãe, Sansão foi morar com os avós maternos, juntamente com a sua tia materna que foi quem ficou com a sua guarda judicial. O seu genitor, por sua vez, não assumiu a função paterna por outras questões, conforme Sansão relata:

...eu soube também depois que na verdade ele era casado na época e aí tinha a relação com minha mãe, aí ele falou que não podia, que era casado que ia desonrar a família dele, e aí ele só mandava pensão, não era uma coisa boa, mas precisava.

A partir do momento da morte da sua mãe, o participante, passou a viver em um contexto religioso e altamente conservador. Diz o participante:

eu meio que tive que sufocar, até porque eu ia para as reuniões da testemunha de Jeová toda semana de vestido essas coisas todas... super desconfortável, parecia que não era eu, mas eu tinha que ir, enfim...

Antes da morte da sua mãe, por ter um suporte afetivo grande, ele sentia-se mais à vontade para externalizar e buscar compreender aspectos relacionados à sua construção de gênero. Em uma de suas falas ele afirma "... eu mesmo me considero que desde criança, eu já era uma criança trans." Segundo ele, sua mãe, embora tivesse algumas limitações a respeito do tema, buscava entender as demandas que ele apresentava a respeito do gênero e sexualidade. Sansão relata:

... eu não entendia também, não entendia muito... E na época, eu acho que a minha mãe também não tinha muito entendimento sobre isso e quando ela estava começando a ter, ela faleceu quando eu tinha doze anos, eu tive que parar com aquilo que eu estava sentindo, enfim...

Essa realidade se torna compreensível quando Sansão justifica na sua fala que precisou ressignificar e abandonar tudo o que estava sentindo e reconhecendo sobre si mesmo. Isso porque sua tia era religiosa, testemunha de Jeová e era ela que possuía a sua guarda judicial. Segundo Sansão, foram anos de muito sofrimento:

A minha tia testemunha de Jeová, que foi a que ficou com a minha guarda... ela ficou com a minha guarda no primeiro período... dos 12 anos... 13, 14, 15, 16... cinco anos com ela... além de tudo era uma pessoa, depressiva, ou seja, na verdade eu que cuidava da casa...

O participante narra, nessa fase da sua vida, muitos episódios que se cruzavam com a sua performatividade de gênero, momento esse, em que um importante marcador do desenvolvimento humano passa a emergir, a adolescência. Um período de tensões e ambivalências, de novas negociações semióticas, principalmente em relação às fronteiras do gênero que ainda permaneciam de algum modo, rígidas, já que para ele ainda era difícil extrapolá-las e ressignificá-las, principalmente levando em consideração o contexto religioso em que ele vivia. Nessa fase da adolescência, se intensifica o incômodo/disforia com os “intrusos”, nome que ele e grande parte da comunidade transexual atribui aos seios. Na narrativa de Sansão ele relembra:

em relação aos intrusos ... quando eles começaram a nascer foi uma coisa que me incomodava muito, porque antes eu conseguia andar sem camisa, quando você é criança, e aí quando eles começaram a nascer a minha tia falava “é coloca o sutiã, não sai sem sutiã”, essas coisas todas. Aí eu lembro de uma vez que eu ficava tentando bolar estratégia de como eu quebrar, porque não sei se existe, mas tinha um boato na época que se quebrasse a pedra do peito não nascia e eu ficava tentando. Uma vez eu até tentei com uma pedra que meu avô tinha lá de amolar a faca e doeu ficou inchado... e aí eu sofri , porque era uma dor.

A experiência descrita acima, condiz com as ideias de Butler (2004), quando discute sobre a matriz da inteligibilidade de gênero, matriz que institui apenas como legítimo a concordância entre sexo, gênero, sexualidade. Ou seja,

vagina/mulher/seio/sensibilidade/fragilidade e pênis/homem/músculo/coragem/força seguido de outros pré-requisitos que estão apoiados nos padrões heteronormativos. Neste sentido, as pessoas que desviam desse padrão de inteligibilidade, tornam-se indivíduos desviados, não reconhecidos pela sociedade que reproduz incessantemente essa matriz da inteligibilidade de gênero. Os corpos que não correspondem a todas essas exigências normativas, permanecerão abjetos e estarão fora da categoria “humano” (Bento, 2009; Butler, 2014; Borba, 2014.b). O participante enfatiza estes aspectos em sua fala a seguir:

Exatamente, e aí eu fico meio triste... como se eu fosse uma aberração e tal, enfim. E aí começa a atacar tudo.

Eu acho que os seios dão muito aquela impressão de ser mulher... e enfim... e as vezes dá muita disforia, assim até para eu ter uma relação sexual com a minha namorada.

A minha namorada, por exemplo, ela é super compreensiva nesse processo, ela lê também, tenta entender o que me incomoda, o que não me incomoda, e as vezes eu fico assim, é... eu não estou conseguindo porque está me dando muita disforia, e aí é como se fosse uma agonia, tipo assim, tem uma coisa em mim que não era para estar... essa é a sensação...

No discurso do entrevistado, nota-se o resultado do quanto essas exigências normativas em relação ao gênero e ao corpo podem ser danosas para a experiência das pessoas transexuais. No caso de Sansão, existem disforias e insatisfações também por não conseguir se adequar a essas normas e as violências impostas no que se refere ao gênero, corpo, desejo e sexualidade. Como recurso para redução de danos, ele faz uso de alguns elementos que contribuem para lidar com a disforia dos seios e reduzir o incomodo anatômico que ele possui. Segue como exemplo, o uso do binder, muito utilizado por homens trans disfarçar o volume dos seios, trazendo uma aparência que mais se adegue ao modo como ele percebe a sua masculinidade. O participante afirma:

Recente, tem menos de um ano eu comecei a usar o binder porque eu tinha medo de usar o binder, porque eu lia muito que os homens trans sentiam muitas dores e tals, que na verdade eu ainda sinto... é aqui e às vezes fica roxo e pode prejudicar na respiração, de início mesmo prejudicava bastante... o binder foi uma coisa que me deu muito poder, eu comecei a usar ele em dezembro.

Além do binder, outro instrumento que contribui para alcançar a aparência física com a qual Sansão deseja alcançar e que faz parte do seu processo transexualizador é uma pomada chamada Minoxidil, em que ele usa no rosto para auxiliar o crescimento dos pelos da face. Para ele, ainda não é o momento de utilizar os hormônios e a administração deles nesse momento, traria outros conflitos emocionais que ele ainda não conseguiria lidar por conta dos desafios já existentes em sua trajetória de vida e do seu processo transexualizador:

É que eu não penso em me hormonizar ainda, até porque, mesmo eu fazendo terapia muitos anos já, eu conheço os limites da minha mente, eu já tive crise de pânico muito braba, eu já quase tentei me matar, então os hormônios, mesmo com acompanhamento, eles vão mexer com a minha mente assim de início e eu me sinto bem comigo.

A pomada tem sido utilizada como um recurso para colaborar com o desejo da barba, um signo hipergeneralizado (Valsiner, 2017), do que se reconhece socialmente como sendo parte da masculinidade. Além da pomada, há também o desejo de utilizar o Packer, um objeto fálico muito utilizado por alguns homens trans:

Eu conheci os Packers, mas eu só que não comprei nenhum porque é muito caro. Os Packers são pênis para homens trans, não é bem uma prótese, mas é para você se sentir confortável para fazer xixi, eh, eh, eh para... é porque depende do Packer... esse mesmo que eu estava vendo é para dar volume, ir ao banheiro, ter relação sexual, sentir prazer, essas coisas todas.

Além dos recursos e instrumentos citados anteriormente como possibilidade de maior bem-estar físico e emocional, Sansão compartilhou que embora seja um homem trans não binário, acaba adotando algumas preferências de roupa a depender do seu nível de insatisfação, das tensões e ambivalências vivenciadas em sua rotina. Por exemplo, ele indica que a cueca também é um recurso utilizado por ele, principalmente quando está com muita disforia e precisa utilizar os signos que reforçam o que é considerado como masculino em nossa sociedade, quando ele sente que sua masculinidade pode estar em risco, não por ele, mas pelo que a sociedade estabelece como sendo adequado para o homem:

Tem dia que minha disforia tá... Sábado mesmo, eu saí com T. Eu falei “Meu deus, onde é que tá minhas cuecas?!”. E aí, ela falou “Lavei todas, tão molhadas”. Aí falei “Ah, não vou sair então.”

Tipo, tem dias que é tranquilo pra mim e aí, tem dias que, como sábado, assim, meio que ataca essa coisa disfórica, parecendo tipo assim, é... Mesmo sendo uma pessoa não-binária, parece que tem um alerta, tipo assim: “Você vai usar calcinha hoje pra ir num ambiente público? Isso vai te deixar menos másculo”

Por meio dos mecanismos utilizados no processo de tornar-se, é possível perceber as tensões e ambivalências vivenciadas pelo participante durante o seu processo transexualizador. As redes de negociações intrapsíquicas que a depender do dia, tornarão as fronteiras semióticas mais permeáveis e em outros dias, em relação a mesma tensão, se tornarão mais enrijecidas:

Não que eu só use cuecas. Mas acho que tipo, foi um passo importante assim, posso usar cueca, e posso usar calcinha, então... Me sinto à vontade com os dois... Às vezes, assim, tem dia que eu não me sinto confortável pra sair de calcinha. Mas aí tem dia que eu me sinto mais confortável, então...

Eu acho que com o outro, né, essa confusão do... da coisa binária e de determinar coisas de homem, coisas de mulher, e às vezes, mesmo sendo uma pessoa não-binária e lutando contra essa coisa binária, às vezes rola essa confusão, esse choque na minha mente assim, devido à disforia também

Nota-se o quanto a cobrança social, os valores estabelecidos e os signos que são internalizados deixam Sansão em uma situação de ambivalência sobre o que ele acredita ser e sobre reforçar estereótipos de uma masculinidade para que ele seja aceito, ou para que haja um nível de passabilidade como forma de proteção. Ou seja, segundo ele, é equivocado se pensar em roupas de menino e roupas diferentes para menina, mas ele acaba se adaptando a uma cobrança social para que consiga, em algumas situações, se posicionar no mundo, para que possa ser validado:

Mas aí eu tento também, tipo, remar contra isso, porque querendo ou não pra mim, por exemplo, é só um pedaço de pano e... que eu me sinta mais confortável. Eu acho que com o outro, né, essa confusão do... da coisa binária e de determinar coisas de homem, coisas de mulher, e às vezes, mesmo sendo uma pessoa não-binária e lutando contra essa coisa binária, às vezes rola essa confusão, esse choque na minha mente assim, devido à disforia também

Todos esses recursos, são reproduções de signos hipergeneralizados do que se define como homem. Nesse sentido, então, alguns homens trans acabam utilizando as tecnologias de

gênero que estão acessíveis para que consigam materializar uma masculinidade que para eles talvez não fosse tão importante ou que pelo menos não deveria ser concebida de acordo com as expectativas sociais. Por isso, muitos homens trans acabam reproduzindo essa masculinidade hegemônica, que muitas vezes, se torna condicionante para que sejam vistos no gênero com o qual se sentem pertencentes, para que se tornem visíveis. Todos esses recursos; o binder, a pomada Minoxidil; o Packer, a cueca, são instrumentos e dispositivos sexuais. São tecnologias de gênero que tentam materializar um sujeito/corpo que fazem o gênero de acordo com o que se define socialmente, mas que também resistem a essa normatização binária (Preciado, 2014).

Outras estratégias de redução de danos foram utilizadas e que colaboraram para a construção do gênero do participante. Dentre elas está o coletor menstrual. Tais estratégias foram utilizadas para diminuir algumas insatisfações existentes nos marcos de desenvolvimento do participante e que acabavam refletindo em seu corpo. Por exemplo, desde que a menstruação iniciou, ainda na adolescência, muitos incômodos vieram acompanhados por ela, principalmente porque esse é um marcador do desenvolvimento humano hipergeneralizado, onde é atribuído em nossa sociedade que a menina está se tornando mulher. Nessa fase, as pessoas idealizam o corpo feminino, a sexualidade, a sensualidade e a fertilidade que esse contorno passa a ter. É um momento em que as expectativas sociais reafirmam o destino (mulher) dessa pessoa, sendo que para algumas delas é um momento de muito sofrimento e negação de algo que nunca lhe pertenceu. Sansão compartilha:

...logo depois que a minha mãe faleceu, uns três meses depois eu menstruei e foi uma coisa meio assustadora assim e a minha tia não foi a pessoa mais adequada para me explicar nada. Uma coisa que me ajudou muito recente também que a minha mãe já usava foi o coletor, que aí é a melhor coisa do mundo para mim. Aí eu fico super confortável com ele, eu vou para todos os lugares e aí eu não preciso usar absorvente ou algo que me incomode e lembre que eu estou menstruado.

Se a menstruação socialmente é vista como um dado que se enfatiza ainda mais a feminilidade, para alguns homens trans, como para Sansão, estar distante desse signo normatizador, é uma forma de proteção e redução de danos. Isto porque há o desejo que esse corpo seja reconhecido em uma outra direção, que essa experiência seja alocada no campo do masculino e não seja visto mais próximo do feminino por ter menstruado.

Neste sentido, é importante a compreensão, inclusive dos profissionais que atuam nas unidades de saúde, que existem homens com vagina que menstruam. Não é porque eles nasceram com determinado tipo de aparelho reprodutor, que devem carregar ou se reconhecer nos signos atrelados a esse universo. O signo referente à menstruação, para Sansão, foi um momento de negação, trouxe muitas ansiedades, pois o participante vai em uma direção diferente a qual lhe foi dada como destino. Não é porque nasceu com uma vagina que ele irá ou deverá se perceber enquanto uma mulher, muito pelo contrário, ele tenta se distanciar de fenômenos como o da menstruação que por ser carregada de tantas expectativas, ecoa em seu corpo como um marco de resistência e incomodo. Por isso, ele utiliza tecnologias do gênero que possibilitem que ele se distancie desse fenômeno e neste sentido, o coletor menstrual é um recurso que possibilita esse distanciamento da menstruação, de certo modo.

Levando esta realidade em consideração, algumas pessoas transexuais, como no caso de Sansão, ao perceberem que existem fronteiras que reforçam essa dualidade feminino x masculino, tentam extrapolá-las para que consigam se encaixar em uma dessas categorias, a fim de serem reconhecidos pela sociedade, terem acesso aos direitos pertencentes a toda vida vivível e consigam sair do campo do inexistente. Ou seja, para que siga o modelo hegemônico do gênero, não é aceitável que as características consideradas socialmente necessárias à categoria “homem” se borrem com o seu oposto, ou seja, o outro conjunto de características pertencentes ao que é considerado enquanto “mulher”. Aqueles que estão fora da matriz da inteligibilidade de gênero, não serão reconhecidos e muito menos “aceitos”.

Para algumas pessoas transexuais, há um sentimento de inadequação, um incomodo de querer se livrar das características anatômicas – construídas socialmente – que não fazem parte do gênero com o qual se reconhecem. Existe um sofrimento intenso que é acompanhado, em algumas situações, de atitudes de automutilação, ideações suicidas, depressão e em alguns contextos, como por exemplo o de Sansão, as pessoas transexuais começam a se perceber como uma aberração que precisam ser consertadas e adequadas às exigências culturais existentes, as quais reforçam, mais uma vez, um cenário de transfobia.

Todo esse sofrimento vivido pelas pessoas transexuais e as disforias que sentem em relação à sua própria anatomia, pode partir justamente de uma cobrança social, da discriminação aos corpos que não alcançam os padrões normativos e o que se considera como adequado para que esse corpo seja reconhecido dentro de uma categoria binária, feminino ou

masculino. Como consequência, esses corpos trans são forçados a se ajustar para que possam ser reconhecidos no gênero em que desejam performatizar:

...por exemplo, muita disforia de homens trans já retificados, já sem intruso, já com gogó, já com barba, que... eu sigo muitos e aí eles falam sobre isso, sabe?! De às vezes, é... tem um mesmo que sempre fala assim, que... as pessoas fazem piadinha: “falta o principal”, essa coisa assim. E aí ataca muito a disforia, de uma certa forma. Mas eu acho que no meu caso eu realmente não tenho disforia com genitália, mas eu sei que pode vir existir ou ainda ter de uma certa forma

A disforia, possivelmente, partirá de imposições sociais de que, por exemplo, para ser homem, se faz necessário possuir as características físicas, performar as expressões e os papéis sociais esperados para esta categoria. Nesta perspectiva, levando em consideração o que foi discutido a respeito dos mecanismos coercitivos a favor da heterossexualidade, um homem com seio, não terá a sua masculinidade reconhecida, um homem sem pênis, será discriminado pela sociedade que opera e reproduz todos os estereótipos pertencentes à inteligibilidade de gênero (Bento, 2009; Butler, 2014; Borba, 2014 a.). Sansão argumenta que:

às vezes os homens trans buscam uma coisa que realmente não vão poder ser que é ser um homem cis. E isso ataca muita disforia. Tipo, não ser um homem cis, mas ser respeitado como um homem cis. Então, de uma certa forma, mesmo sem os intrusos, mesmo com barba, é... mesmo com hormônio, com gogó e tal, ainda existe essa certa disforia, e existe também certa disforia no sentido de... de se relacionar, sabe? É... eu vejo muitos homens trans falando que... tem muito medo de... ainda se relacionar porque as pessoas são muito focadas naquela parte da genitália ainda e tal... Então, de uma certa forma, eu sei que eu vou ter disforia.

Todos os recursos utilizados como modo de coerção e normatização do corpo, como por exemplo, a linguagem heteronormativa e binária, estiveram presentes durante a trajetória de desenvolvimento de Sansão ao Contrário. Ele lembra que por conta do contexto em que foi criado após a morte de sua mãe, ele precisou “sufocar” a forma com a qual ele se percebia, as vestimentas que faziam parte do universo que ele tinha afinidade foram deixadas. Sansão passou a ser doutrinado com roupas tidas como femininas que não possuía nenhum tipo de relação com o modo com o qual ele acreditava que deveria ser, não se sentia confortável, mas era “obrigado” a utilizá-las. Mais do que isso, deixou de performatizar o gênero com o qual se reconhecia e era normatizado pela família que ficou responsável por ele, um núcleo que

utilizava a religião como mecanismo de controle e regulação de um feminino em que ele diz que nunca quis fazer parte, que nunca foi visto como seu. Ele lembra que:

depois que a minha mãe morreu eu tive que (silêncio) criar uma trava, sabe? Na verdade, eu criei uma trava assim durante muitos anos. Eu meio que tive que sufocar porque até porque eu ia para as reuniões da testemunha de Jeová toda semana de vestido essas coisas todas... parecia que não era eu, mas eu tinha que ir, enfim, ir ao máximo e aí quando eu tinha, quando eu estava com 16 anos começou a voltar a isso. E eu estava no ensino médio, aí comecei a perceber esse desconforto com o gênero de novo.

Essa “trava” que Sansão criou, pode ser interpretada como uma relação de negociação de fronteiras semióticas do gênero, na verdade, ao decidir não vivenciar e reivindicar as incongruências referentes a sua performatividade de gênero, ele permaneceu na zona de fronteira por algum tempo. Ele, de modo dialógico, decide se conservar naquele lugar sem transpor as barreiras existentes para ressignificar a sua trajetória e romper com os limites hegemônicos do gênero. Isso não significa dizer que não houve sofrimento, pois diante dessa decisão de permanecer na zona de fronteira, e não questionar os valores referentes ao que lhe foi doutrinado como sendo pertencente a compulsoriedade do gênero, ele precisou lidar com as incongruências que surgiam durante o seu desenvolvimento.

Nessa relação, o participante precisou performatizar no corpo e no discurso tudo que fazia parte do universo “feminino” com o qual ele não se identificava, como certos comportamentos, roupas e demais signos referentes ao gênero que lhe foi designado. Havia incômodos durante essa negociação estabelecida, lhe custava de algum modo, não extrapolar a zona de fronteira. Mas, naquele momento de sua vida, por meio de acordos intrapsicológicos, ele definiu que diante do contexto de controle em que ele vivia, os ganhos de permanecer e de estabelecer essa “trava”, seriam maiores, justamente por conta da falta de rede de apoio de sua mãe que havia falecido. Mas, ainda assim, essa posição relativamente duradoura, diante das zonas de fronteiras que emergiam, não permaneceu durante todo o seu desenvolvimento, tanto que ele volta a negociar consigo mesmo e decide vivenciar, em algum momento, o gênero em que se reconhece.

Em um dado momento, outras margens de negociações foram surgindo à medida em que o participante foi se conhecendo e percebendo que o gênero socialmente imposto, não tinha qualquer relação com a sua experiência, além de causar sofrimento. Após algum tempo, ele se apropriou de um signo que passou a organizar toda a sua trajetória e que deu sentido a muitas

das suas inquietações que foi a definição de “pessoa transexual”, nome que ele descobriu na época em que entrou no Ensino Superior. Ele conta que

[...] quando eu entrei na universidade e eu também não sabia muito sobre o que é ser uma pessoa trans, e aí vendo palestras, essas coisas todas e lendo livros, vendo vídeos, eu conheci várias youtubers trans que me ajudaram nesse processo [...]

Sansão pesquisou, leu livros e assistiu palestras. Esse conceito passou a dar sentido a situações de conflito que ele não conseguia compreender. Na medida em que teve um nome, ele definiu o seu passado levando em consideração o repertório do presente, resgatando memórias e incômodos que ele justifica como sendo de uma pessoa que desde sempre não se reconhecia no gênero que lhe foi atribuído e nos papéis sociais que lhe foram designados.

O entrevistado se apropriou do signo de pessoa transexual e as redes de negociações intrapsicológicas entre deixar um gênero (feminino) em que nunca lhe pertenceu e se autoafirmar em um gênero (masculino) que condizia com o modo em que ele se percebia, possibilitaram com que novas fronteiras pudessem emergir e que existisse o rompimento com as zonas do normativo.

Durante esse processo, houve inúmeras tensões e ambivalências, tentativa de suicídio, acompanhamento psicológico e psiquiátrico por viver uma história, um gênero em que ele não acreditava e não entendia como sendo seu. À proporção que o participante passou a se compreender como pessoa transexual, as redes de negociações intrapsicológicas possibilitaram novos caminhos de se pensar o gênero, o que seria possível dentro dessa nova esfera de significações. Conseqüentemente, quando ele se reconheceu como sendo uma pessoa transexual, entra em contato com grupos, pares e a literatura existente a respeito do tema.

Além do acesso aos direitos adquiridos pela população trans, o participante, ao nomear uma trajetória que para ele existiam dúvidas e não entendia como definir, fez uma reorganização psíquica após se entender como uma pessoa transexual. Ele também conheceu pessoas, se incluiu em grupos e no momento em que as fronteiras semióticas se tornaram permeáveis, novos limites foram definidos e novas possibilidades foram negociadas consigo mesmo. Passou a existir um entendimento de que o que acontecia com ele, a maneira com a qual ele se percebia e os conflitos vivenciados na infância, adolescência, eram comuns também a outras pessoas.

Os signos atribuídos aos conflitos internos de Sansão, foram materializados na medida em que ele sabia defini-los como pertencentes à realidade de uma pessoa trans. Algumas experiências eram comuns a outras pessoas, elas existiam e não era algo mais sem um sentido. Levando essa realidade em consideração, tornava-se possível lidar com alguns desses conflitos, ou pelo menos as vias necessárias para ter um maior bem-estar físico e mental, mesmo fazendo parte de uma família e uma sociedade que reproduz um discurso respaldado em concepções biologicistas em que o gênero se apresenta como uma consequência dessa biologia.

Na trajetória de Sansão já se entendendo como uma pessoa trans, novas redes de apoio foram surgindo, pessoas e literaturas que o ajudariam também a vivenciar o seu processo transexualizador, os desafios em pertencer a uma sociedade transfóbica e binária, entender os mecanismos de controle que possuem relação e contribuem para as disforias que ele sentia em relação ao seu próprio corpo. Sansão passou a compreender como utilizar de modo consciente a passabilidade como forma de proteção nos ambientes em que ele não se sentia seguro, compreender que algumas pessoas trans agem como homens cis para se protegerem de uma sociedade que não aceita pessoas trans.

Diante desta realidade, Sansão conhece algumas políticas públicas que possuem o objetivo de proteger, de certo modo as pessoas trans e, garantem alguns direitos. Por exemplo, fazer a retificação do nome e do gênero em todos os seus documentos pessoais de modo legal. Um direito fundamental para aqueles que desejam e precisam da retificação para fins pessoais, laborais ou educacionais. Além disso, ele soube que poderia entrar em contato com as vias existentes para ter acesso à Mamoplastia Masculinizadora, utilizar hormônios, ser acompanhado por profissionais de saúde para determinados procedimentos, dentre outros.

A partir do momento em que ele se apropriou do nome e conheceu o que representava uma pessoa transexual, ele começou a entender que existiam direitos para as pessoas que sempre foram constrangidas e violentadas por normas que não as definiam, por um gênero que as fizeram vestir antes mesmo de terem condições desenvolvimentais para reivindicá-lo. Hoje, Sansão, por meio das experiências que giram em torno de suas tensões e ambivalências, do acesso à literatura, às redes de apoio e às políticas públicas, passou a estabelecer novas zonas de fronteiras entre um gênero e outro, novas possibilidades que antes não existiam. Após a negociação e a apropriação de um novo signo que passa a ressignificar toda a sua trajetória, ele passa a afirmar e demonstrar o quanto o gênero imposto juntamente com o “guarda-roupa” que vinha junto com ele eram equivocados e nunca os haviam representado.

Essas zonas de fronteiras ficam mais claras na narrativa de Sansão no momento do segundo encontro em que foi solicitado ao participante a elaboração da dinâmica adaptada “Meu presente/Meu futuro” de Serrão e Baleeiro (1999, p. 326). O participante, ao projetar na cartolina e definir novas zonas de fronteiras semióticas, passa a conceber um futuro diferente do que haviam lhe designado antes.

No desenho feito por ele a fim de projetar o “presente e o futuro”, ele estabelece como tema central a Mamoplastia Masculinizadora e indica que após a realização da cirurgia, surgirão novas possibilidades que antes não eram possíveis, como por exemplo, a oportunidade de poder tomar o sol no peito, ir à praia sem camisa. Para Sansão, isso só seria viável com a cirurgia, pois além de não ser socialmente aceito, ele sente uma forte disforia em relação aos seus “intrusos”. Na Figura 2 a seguir, o participante descreve que:

Figura 2: Desenho elaborado por “Sansão ao Contrário” na dinâmica adaptada “Meu presente, meu futuro”.

PRESENTE

PEITO




anção
s
lérg
a
outros
já
de

Música
↳ *Sul me peito; Nick Courz*




Binder





"Um moleque calado, indelicado e agoniado que na realidade só queria notar e ser ninguém menos que ele mesmo"



DISFORIA

LIBERDADE DA MONTA

FUTURO

REMUNICAÇÃO

"Ainda estou empuro, só que agora é diferente. Estou tão tranquilo e tão contente" - Legião Urbana




// Que o medo não me limite //



"Sempre em frente. Não temo tempo a perder" - Legião Urbana



"O que eu mais queria Era provar pra todo o mundo Que eu não precisava provar nada pra ninguém" - Legião Urbana

Botei essa imagem aqui que é... Foi como eu quero estar no futuro. Sem... Sem os meus intrusos! Ah, como eu queria me sentir, tomando sol no peito. (Risos). Ficar em paz na praia, sem minha camisa ou peito... (Risos)

É possível perceber, de acordo com a narrativa do participante, as inúmeras imposições referentes a uma binariedade do gênero e o modo ambíguo com o qual cada um deve atuar.

Para o masculino existem condutas que não são permitidas para o feminino e vice-versa. Isso significa dizer que, em nossa cultura, uma pessoa que é lida como mulher não deve ir à praia sem camisa, pois o seio é considerado também como um símbolo sexual, diferente da percepção que existe em relação ao peito masculino que pode estar à vista normalmente na praia. Por isso, para o entrevistado, estar sem a cirurgia no que se refere aos intrusos, o impede de estar sem camisa e a possibilidade da Mamoplastia Masculinizadora se torna um elemento de destaque quando vislumbra o seu futuro.

Na dinâmica realizada, Sansão apresenta no desenho da cartolina alguns recursos de negociação com o outro social, como por exemplo, o binder, um instrumento que contribui para amenizar a fronteira que está entre o corpo que ele possui e o corpo em que ele visa alcançar:

botei isso aqui porque foi uma coisa que me incomoda. Os peitos. Botei uma carinha triste. Tentei desenhar um binder, que é a faixa que eu uso, pra tentar amenizar.

Todo esse cenário pode ser visto como mais uma forma de normatização dos corpos, o qual estabelece direitos que não são horizontalizados para pessoas que não são lidas como do gênero masculino. Uma sociedade patriarcal que estabelece privilégios para a categoria masculina, como por exemplo, andar sem camisa, e automaticamente constringe e limita as existências que escapam as regras do gênero, adequando-os no recorte de costumes cisheteronormativos. Neste sentido, a Mamoplastia Masculinizadora se torna uma tecnologia do gênero que rompe com fronteiras semióticas que tentam adequar e definir os corpos. A cirurgia se torna um instrumento de possibilidades para se pensar no corpo trans daqueles que desejam readequar o seu corpo do modo com o qual desejam e o percebem. Além disso, se torna um mecanismo de redução de danos, principalmente quando se pensa na disforia que Sansão sente. Ele relata que:

Tem dias que tá de boas, mas tem dias que eu fico muito... Incomodado. Eu acho que eu não sei lidar ainda, também, muito. Choro... Enfim... E aí depois de um tempo passa, eu... Faço alguma coisa, vou dormir, ou... Enfim... É como se fosse um... crise de ansiedade... Que... Me atacasse de... É... de uma outra maneira, sabe?! De uma maneira que eu... Me sentisse agoniado comigo mesmo e que eu ainda não sei lidar, porque é uma coisa que eu ainda tô descobrindo como lidar, mas é uma coisa de agonia, de... tentar assim tirar, sabe?! Tipo... de arrancar essas coisas...

A concepção cultural do seio enquanto um elemento simbólico do feminino e da sensualidade atrelada inclusive a elementos do sexo e desejo, criam uma barreira semiótica

ainda mais fortalecida entre um gênero e o outro. Por exemplo, se pensamos no cabelo, socialmente, após avanços, mesmo ainda existindo signos hipergeneralizados de que o cabelo curto faz parte do universo masculino e o longo faz parte do universo feminino, hoje já se concebe, com menos preconceito, cortes de cabelos menos rígidos para os gêneros, podendo-se haver uma maior pluralidade de tipos de cortes, independente do gênero.

Mas pensando nos seios, por conta do caráter sexual que foi atribuído aos seios femininos, essa dinamicidade, socialmente, é inconcebível, assim como a genitália detém a verdade sobre os corpos. Isso significa que existem características que não podem se confundir entre um gênero e outro, criando zonas de fronteiras semióticas do gênero ainda mais enrijecidas. Por isso, para Sansão há uma intensa negociação intrapsicológica de conseguir lidar, por hora, com esse órgão que o separa da masculinidade, mas que também o faz pensar em estratégias futuras para extrapolar a fronteira que o separa do gênero em que deseja também externalizar em anatomia.

Nota-se a constante negociação semiótica do participante com ele mesmo, quando ele compartilha que existem dias que a sua disforia está mais ou menos intensa, porém sempre presente. É possível perceber que diante de variáveis simbólicas tão imprevisíveis em seu cotidiano, ele utiliza recursos dentre os quais está a academia como estratégia da redução dos seios. Porém, em alguns momentos, lhe faltam recursos semióticos para conseguir lidar com essa característica anatômica (seios) que para ele lhes torna feminino e o distância do homem que ele deseja aparentar.

A dialética existente no processo transexualizador de Sansão no que se refere ao seu corpo se torna mais compreensível quando ele aponta para a projeção do presente contida na cartolina. Nesse momento ele indica a bicicleta e o tênis inseridos no desenho e por meio deles, elucida a relação desse recurso com o exercício físico e com a academia. Sansão compartilha que são formas de possibilitar o aumento de músculo, diminuição de gordura corpórea, conseqüentemente, a redução dos seios e uma aparência mais masculina. Sansão explica que

A bicicleta?! É porque eu tô... comprei uma bicicleta usada recente e tô indo pro's lugares, a bicicleta e o tênis também têm uma relação que é... essa parte de malhar, que tá me ajudando muito mentalmente e com a disforia. Essa parte de malhar assim também, meu treino, por exemplo, lá na academia, eu pedi pra ser uma coisa focada pra diminuir os seios, e é uma coisa que eu me sinto bem, assim, tipo... De uma certa forma eu tô sentindo que as medidas tão diminuindo um pouquinho, sabe?! E aí isso me ajuda

e tal. Mas, enfim, são coisas que tão me ajudando a relaxar no sentido da disforia. É... e é isso. Risos... Eu vejo que tem ficado um pouco mais reto, então me ajuda muito. E aí principalmente na academia com esse treino que ela me passou agora de peitoral, pra diminuir e tal, eu me sinto bem, sabe?!

É possível perceber na fala de Sansão o quanto essa relação dialética se faz presente durante o seu processo de tornar-se homem transexual e possibilita novas fronteiras semióticas durante o seu tornar-se homem. Consequentemente essas fronteiras o conduzem para possibilidades de redução de danos frente a uma condição que ele estabeleceu como provisória, já que no futuro ele deseja fazer a cirurgia de mastectomia masculinizadora. Mas mesmo diante das negociações que ele define para reduzir o seu sofrimento psíquico, há situações que alguns signos e significados internalizados enfraquecem e tencionam acordos estabelecidos com ele mesmo. Há tensões e ambivalências durante esse percurso, ainda citando como exemplo a academia, Sansão descreve:

É que é uma coisa que mesmo malhando, e isso e aquilo, é... Às vezes eu fico bem disfórico, até eu tocando os meus próprios seios, tomando banho e tal. Então é uma coisa que tá muito presente ainda

Hoje, ainda existem diversos elementos que os deixa inseguro, justamente por conta da incerteza do futuro. Neste sentido, é possível identificar que na negociação semiótica vivenciada por Sansão, diante das dificuldades e imprevisibilidades em vivenciar um gênero que vai de encontro com toda a construção cultural que ele foi inserido, ele ainda assim, deseja reivindicar o seu gênero. Ele demonstra que essa possibilidade o torna contente e mais consciente do seu processo de torna-se homem transexual. Na cartolina ele explica a frase:

Ainda estou confuso, só que agora é diferente. Estou tão tranquilo e tão contente...” Não confuso com relação a mim, sabe?! É... enfim, acho que... Em relação a... o futuro, no caso. Risos. Como vai ser. Mas eu acho que... Como a própria frase diz, agora é diferente, né?! Que ao menos confuso eu vou me sentir tranquilo e contente.

Na cartolina, Sansão também cita brevemente algumas tecnologias do gênero que são importantes no seu processo transexualizador. Embora ele se defina como um homem trans não binário, há uma relação afetiva desses recursos que contribuem com a construção e performatividade do seu gênero masculino. Já é sabido, que há uma cobrança social de elementos que precisam existir para que se conceba a masculinidade e a reconheça como legítima. Neste sentido, diante dessas cobranças mediadas por signos e significados a respeito

do que é ser homem, nota-se também um tensionamento do que ele define como sendo importante em seu processo.

É possível dizer que diante das ambivalências que emergem nessa semiosfera, da concepção de Sansão de que não deveriam existir coisas para meninas e coisas para menino, mas que ao mesmo tempo, ao tensionar com o que ele idealiza, Sansão reproduz e destaca em alguns contextos, o que é considerado como acessórios referentes ao gênero masculino hegemônico, para que haja uma passabilidade e reconhecimento do gênero em que ele deseja performatizar. São artefatos utilizados na grande maioria das vezes por homens os quais são externalizados por ele e colocados na cartolina. Um exemplo dos recursos que visam compor a sua performatividade é, por exemplo, a barba, um perfume e a cueca. Ele indica:

Essa daqui também tem a ver com a minha barbinha já crescendo. Eu quero ela já maiorzinha. E aqui...

Aqui... Foi um perfume masculino que eu usei...e aí... Foi o primeiro que eu usei, assim... antes eu usava o de meu avô. E aí depois quando eu vim pra Feira eu comecei bastante a comprar ele. Risos. Na revista da Avon. E aí eu me sentia bem, eu não gosto muito de perfume doce.

A cueca também foi uma coisa importante, assim, na minha coisa não-binária. Não que eu só use cuecas. Mas acho que tipo, foi um passo importante assim, posso usar cueca, e posso usar calcinha, então. Me sinto à vontade com os dois

No caso desse participante, outro elemento que se torna central quando ele projeta o futuro no papel, é a retificação do nome e a alteração do gênero na identidade para aquele com o qual ele se reconhece. A retificação do nome e sua importância se fazem presentes em muitos cenários da vida de Sansão. No momento com a família, em que alguns membros se opõem a chamá-lo pelo nome escolhido por ele, os profissionais no sistema de saúde que usam o argumento de que em sua identidade não se encontra o nome social com o qual ele se apresentou, na Universidade também existem alguns professores que não são sensíveis às suas demandas, principalmente quando se refere ao nome e ao pronome.

Durante a entrevista nota-se uma ambivalência do participante de ser quem ele gostaria ser, mas sem ter que dar satisfações, juntamente com a necessidade de provar para as pessoas que ele merece respeito. Embora Sansão traga a frase da banda Legião Urbana “O que eu mais queria, era provar pra todo mundo que eu não precisava provar nada pra ninguém”, ele acaba

tendo que, com frequência, utilizar mecanismos e direitos que foram adquiridos pela população trans para terem as suas identidades protegidas e validadas. Sansão relata que se sente tendo que provar a todo instante quem ele realmente é e cita um episódio em que pede para a tia chamá-lo pelo nome em que ele escolheu ao se reconhecer como um homem trans e ela apresenta uma negativa frente ao pedido, ele conta:

Já que você quer mudar de nome, então mude na certidão”(tia). Assim, tipo com um tom agressivo, sabe? E aí eu tomei aquilo pra mim e transformei em outra coisa, e falei “Tá bom. Vou mudar na certidão.

E aí eu fico mais incomodado assim com isso, e fico mais incomodado quando eu já falei para as pessoas como eu quero ser tratado, como eu quero ser chamado, e aí elas parecem que fazem uma coisa de propósito parece que meio para me magoar, sabe?! Mas atualmente eu estou tentando, como diz a minha psicóloga, quem tem que ficar constrangidos são eles. Então essa tia mesmo, quando ela me chamou assim eu ignorei quando ela me chamou pelo outro nome. Aí ela ficou chamando, chamando, chamando, aí ela falou: “Sansão”? Eu disse: “Oi...” Aí ela disse “você não está vendo eu te chamando não? ”. Eu disse: “você está chamando meu nome agora”. E aí estava um monte de tia assim e aí a galera ficou assim, “meu Deus”... aí foi muito bom assim porque eu devolvi o constrangimento para ela, porque é a pessoa que tem que ficar constrangida, porque eu não posso ficar na situação que eu já falei

Existem exigências que não deveriam caber, já que o outro deve ter a liberdade para se posicionar no mundo da forma com a qual se sente confortável, principalmente em se tratando de aspectos tão íntimos como o gênero e a sexualidade, mas que em nossa sociedade há uma normatização do que é público e do que é privado. Neste sentido, é possível notar como a retificação de seus documentos são importantes. Em muitos contextos em que Sansão está, as pessoas reproduzem um cenário de preconceito, uma circunstância que o deixa em uma situação de vulnerabilidade social e de transfobia, então, a retificação seria uma forma de legitimar tudo isso.

Sansão compartilha o quanto o nome escolhido por ele se faz necessário para o seu processo transexualizador e o seu tornar-se. Ele faz questão de enfatizar que prefere ser chamado pelo seu nome social e que o que se encontra na identidade é o seu “nome morto” (modo com o qual a comunidade trans se refere ao nome escolhido durante o nascimento pelos seus responsáveis). Embora o nome social seja um direito, nem sempre esse direito é respeitado

pelas instituições sob a justificativa que nos documentos o nome e gênero não condizem com o que ele apresenta socialmente como sendo seu:

Acho que foi um médico que eu fui e aí eu falei que eu queria ser chamado pelo meu nome social, né, mesmo não estando na identidade. E aí o recepcionista falou: mas a gente chama aqui como está na identidade.

É uma situação que gera um imenso sofrimento na vida do participante, ele compartilha que tem a sensação de que as pessoas fazem isso para magoá-lo. A situação vivenciada por Sansão, se faz presente na narrativa de diversas pessoas trans, inclusive é um cenário que faz com que eles evitem buscar acompanhamento nos sistemas de saúde por conta do receio de sofrerem preconceito, ou até mesmo por já terem sofrido transfobia em cenários semelhantes. A saúde da população trans fica em risco, pois ela não possui profissionais qualificados, com a formação necessária para lidar com as demandas de saúde da comunidade LGBTQIA+:

Esse nome que tá no meu registro não é o meu nome. Não é como eu me sinto. E eu não... Não quero mais, por exemplo, ter que fazer coisas simples e ter que ficar falando um nome que não é meu. Por exemplo, mandar um pix e a pessoa pergunta “Como é que vai aparecer o nome?”. Ou então ir numa clínica e aparecer meu outro nome. Eu não... Eu acho que sendo uma pessoa trans, infelizmente eu vou sofrer vários tipos de coisa. Eu não quero ter que sofrer também com isso. Eu quero me sentir bem com isso e falar meu nome como ele é.

Como forma de negociação para lidar com as tensões e ambivalências existentes e conseguir se relacionar bem com os possíveis desafios traçados pelo participante, principalmente no que se relaciona a disforia, ele projeta também na cartolina um moinho que ele chama de “Moinho da liberdade”. Ele o elabora como uma ponte para alcançar o futuro, um recurso semiótico de negociação que irá lidar com as violências e sofrimento encontrado em seu processo transexualizador. Ele explica que:

E aí eu fiz a... a pontezinha, eu botei “ Moinho da liberdade”. Porque... Não sei por que minha vida, eu... Tem aquela música do Cartola, né? O mundo é um moinho. (Risos). E aí é muito marcante, assim, eu quero passar por esse moinho, assim. Não triturando os sonhos, mas... triturando as coisas ruins, assim, a questão de disforia. Eu sei que aqui também eu vou ter disforia, porque mesmo com tudo isso os homens trans ainda... Né?! Depois de tudo tem essa disforia e tal. Mas por isso que eu botei o moinho, que vou

tentar triturar essas coisas pra eu me sentir livre, a ponto de me sentir livre, na verdade, comigo mesmo.

Todo o cenário apresentado pelo entrevistado em relação ao tornar-se homem transexual, e os desafios que foram apresentados durante a sua trajetória, favoreceram para que ele, em muitos momentos, não tivesse mais mecanismos para lidar com o preconceito de uma sociedade que estabelece realidades binárias e cisheteronormativas. Um cenário taxativo, que impõe normas, papéis sociais e comportamentos para todas as existências. Há uma alta vulnerabilidade e um alto grau de violência para as pessoas trans. Neste sentido, é possível compreender os motivos que contribuem para o sofrimento desses sujeitos e a necessidade de terem disponível uma rede de apoio mais efetiva no que se refere à saúde, à educação, à família, ao trabalho, dentre outros. As pessoas trans passam o seu percurso tentando lidar com as violências e normatizações no que se refere ao seu corpo:

eu tive uma crise aqui em Feira muito forte que eu tentei me matar e... Por exemplo, eu botei esse carinho aqui levando as flechas, porque às vezes eu me sinto assim... em relação a coisas transfóbicas, e eu tenho um medo...

Por meio da fala do participante em que ele relembra que já tentou suicídio, nota-se que há uma urgência da ampliação de redes de apoio mais efetivas, de uma sociedade que compreenda mais as demandas das pessoas trans a fim de reduzir o sofrimento psíquico para essas experiências que vivem uma incongruência de gênero. A carência de políticas públicas, suporte familiar e profissionais especializados nos campos de gênero e sexualidade, contribuem para uma expectativa de vida muito baixa no que se refere as pessoas trans. De acordo com Antunes (2013), a população trans possui uma expectativa de vida de 35 anos e o suicídio se apresenta como uma das variáveis de risco mais frequentes. São pessoas que sofrem inúmeras violências simbólicas e materiais por não se adequarem às normas estabelecidas por uma cultura que tem como referência argumentos de cunho biologicista, os quais desumanizam e invalidam qualquer existência que extrapole as fronteiras do gênero e do normativo.

No caso de Sansão, é possível perceber o quanto se faz urgente que ampliemos os códigos linguísticos e que rompamos com concepções binárias e heretoronormativas em relação ao corpo, que os profissionais de saúde, a escola, a família e a Universidade tenham formação para lidar com as demandas da população trans, possuam uma escuta sensível e consigam compreender as particularidades de cada experiência. Além disso, que os profissionais e familiares se coloquem sempre à disposição para saber como a pessoa gostaria

de ser tratada e a importância disso na vida de pessoas que desejam ser os autores de suas próprias histórias, de pessoas que não se reconhecem em uma narrativa preconcebida em relação a sua genitália, o gênero que lhe é imposto e a forma que deverá performatizá-lo.

3.2 Caso 2: Prometeu

Saber o significado de alguma coisa é saber como e por que ela importa, sendo que "importar" significa ao mesmo tempo "materializar" e "significar" (Butler, 2020, p.63).

Na mitologia grega, Prometeu é considerado como a divindade do fogo, que tem como significado o conhecimento e a possibilidade da transformação da natureza. Ele tinha o desejo de sempre compartilhar com todas as pessoas o poder de saber, por isso, é também definido como um salvador da humanidade. Um elemento marcante da história desse Titã da Mitologia Grega, é que ele roubou dos deuses o fogo – produto de conhecimento e poder – e o entregou aos homens (Luz, 2005). É importante ressaltar que Prometeu tinha uma postura questionadora, não aceitava as imposições das divindades e nunca se deixou oprimir por Zeus, mantendo sua integridade até o último momento. Assim como o participante deste segundo caso, Prometeu era um revolucionário, pois mesmo sendo sacrificado por Zeus, mantinha a sua postura de resistência frente às opressões.

Levando essa realidade em consideração, já que foi feita uma alusão à Mitologia Cristã no caso do participante anterior, surge a necessidade de seguir em uma direção similar, agora trazendo a Mitologia Grega para justificar o nome “Prometeu”, escolhido para o segundo participante. O que faz todo o sentido, já que tanto a Mitologia Cristã quanto a Grega são duas instâncias de dominação, hierarquia e de esperança. O participante, assim como Prometeu da Mitologia, subvertem a lógica de dominação dos corpos e rompem com as fronteiras do que até então não era possível e normativo. Os dois, atuam de modo político e insubordinados, passam a constranger as regras e a ressignificar uma trajetória que anteriormente já foi inscrita por outros poderes hierárquicos. O participante Prometeu se posiciona ao afirmar:

Eu não quero ser *um* homem trans na universidade, eu quero ser *o* homem trans, porque o meu corpo é político”... A minha trajetória e eu falo isso, parece até um pouco soberba,

às vezes, mas eu tenho conhecimento de que a minha trajetória na universidade, é uma trajetória política! Porque se eu posso estar, se outras pessoas estão nesse espaço de forma confortável, é porque eu estive antes.

O caso de “Prometeu” se refere a um rapaz de 29 anos de idade, candomelecionista e autodeclarado amarelo, que não se identifica com o gênero que lhe foi imposto pela sociedade, e em dado momento de sua vida, após diversas negociações consigo mesmo, provindas de experiências e leituras que organizam e mediam a sua trajetória de vida e o seu desenvolvimento, decide reivindicar o gênero com o qual se reconhece. Ele se define como um homem transgênero, binário e heterossexual. O participante mora com a sua esposa no município de Santo Antônio de Jesus-BA, mas é oriundo do município de Camaçari-BA. Assim como o outro participante, ele se atrai por mulheres cis e define a sua sexualidade como normativa, pois reflete o que se espera socialmente para o gênero masculino. Ou seja, é um homem com a sexualidade dentro dos padrões estabelecidos, se atrai e se relaciona apenas com mulheres.

Embora Prometeu prefira adotar o nome “transgênero” como conceito que contempla a experiência que o define enquanto uma pessoa que se mantém incongruente com as normas de gênero preconcebidas socialmente, e que extrapola as fronteiras do cisheteronormativo, compartilha que não há problemas e não se importa em ser definido como um homem “transexual”. Mais adiante da entrevista, ele se posiciona e problematiza os dois termos (transexual e transgênero) que são utilizados para definir uma pessoa que está em discordância com o gênero que lhe foi determinado ao nascer e se percebe em um outro gênero que não converge com as doutrinas da cisheteronormatividade (Bento, 2008).

Por conta do processo formativo de Prometeu, os dois encontros com ele foram momentos de intenso aprendizado e posicionamentos bastante analíticos, já que ele tinha uma vertente extremamente reflexiva e política. Vale ressaltar, que na época em que a produção de dados foi realizada, ele estava no último semestre de Psicologia em uma Universidade Federal. Ele diz:

Eu costumo dizer que eu... é a minha maior felicidade, é ver que existem outras pessoas trans entrem na universidade sem ter que sofrer o que eu sofri

A perspectiva que ele apresentava ter sobre a experiência transexual de modo geral, juntamente com o seu processo de reconhecimento pessoal, possibilitavam que ele detalhasse didaticamente as suas experiências corpóreas, interpessoais, além de conseguir esclarecer as

singularidades do seu processo transexualizador e horizontalizar os avanços e desafios frente ao fenômeno.

O corpo marcado por experiências de inúmeras violências, rejeições, invisibilidade social, exclusivamente por extrapolar as fronteiras do gênero e se emancipar das regras cisheteronormativas que escreviam a sua história – com base nos parâmetros da matriz da inteligibilidade do gênero, atualmente, rompia com a gramática normativa dos corpos e se posicionava como um agente transformador do seu próprio processo desenvolvimental. Ele, seguramente, se apoderava da sua história e deixava muito claro o quanto os códigos linguísticos não davam conta de compreender as experiências das pessoas transexuais, de compreender a sua própria experiência (Bento, 2017). Por isso, era preciso transpor as fronteiras que mantinham a ideia de um gênero pré-concebido.

O participante deixava claro que estava ali com o propósito de ensinar, de colaborar com a pesquisa, mas também de fazer refletir sobre algumas afirmações adotadas por uma considerável parte da sociedade. São afirmações equivocadas como as de considerar que todas as pessoas trans tem aversão à genitália ou que elas se percebem em um corpo errado desde muito cedo, são ideias que corroboram com que a experiência trans seja vista como uma doença e conseqüentemente, reforçam um olhar patologizante e estereotipado no que se refere às existências não normativas. Por isso, a necessidade de Prometeu em evocar na entrevista essa problematização, certamente, por também eu ser uma mulher cis em que não estava no meu espaço de fala.

3.2.1 Impressões anteriores e durante a entrevista

A entrevista foi realizada no município de Santo Antônio de Jesus-BA, em uma sala de atendimento individualizada, climatizada e com isolamento acústico. Prometeu chegou sozinho no local e já demonstrava que estava animado para participar da pesquisa. Ele me cumprimentou com bastante ânimo e logo em seguida eu o encaminhei até a sala. O lugar escolhido para a entrevista possuía uma mesa que ocupava toda a parede que ficava em frente à porta, para quem entra, e pode ser notada imediatamente. A mesa continha instalações como tomadas, adaptadores para entrada de carregador de notebook, suporte para livro dentre outros instrumentos que tornavam o ambiente também confortável para quem quisesse trabalhar ou estudar.

Nessa mesma parede que estava localizada a mesa, existia uma janela grande com uma persiana blackout, que deixava o ambiente ainda mais privativo e logo acima da janela, havia também um ar-condicionado. Na parede da esquerda, para quem entra, poderia ser localizada uma estante grande que ocupava toda a parede, esse móvel possuía livros, estátuas de corujas e alguns quadros com frases motivadoras como por exemplo “Faça o seu melhor todos os dias”.

Por fim, na sala, estavam dispostas duas grandes cadeiras bastante confortáveis que estavam direcionadas uma de frente para outra, sem nenhum tipo de mesa ou qualquer outro objeto que pudesse criar uma fronteira entre mim e o participante. Eu pedi para que ele sentasse onde se sentisse mais confortável. Neste momento, Prometeu se direcionou para a cadeira que estava localizada à esquerda da porta de entrada. Nós nos sentamos um de frente para o outro e isso não gerou, aparentemente, nenhum incômodo para o participante, era como se ele já conhecesse o local e já estivesse familiarizado em participar de entrevistas como essa. Assim que nos posicionamos confortavelmente, ele compartilhou que realmente já havia sido convocado para várias entrevistas acadêmicas, tanto de mestrado, quanto de doutorado. Contou-me que eram aproximadamente, oito entrevistas contando com a minha, o que explicava a sua desenvoltura e segurança para o que lhe era convocado.

Prometeu iniciou falante, contado como achava importante participar de pesquisas como a minha, por isso, ele, na maioria das vezes, acabava aceitando os convites, por achar que a sua experiência de vida e seu conhecimento com o assunto poderiam abrir portas para que as pessoas compreendessem e tivessem acesso de modo mais fidedigno a experiências trans e aos avanços sociais conquistados com muita resistência. Além disso, ele compartilhava como era importante compreender os desafios, sejam eles a falta de suporte educacional, das unidades de saúde e também familiar para as pessoas que reivindicam o gênero em que se reconhecem e desejam vivenciá-lo de modo congruente com o seu sentimento de pertença. Ele compartilha que

a verdade é que a gente já tá cansado de falar sobre nós mesmos, embora a gente precise, né?! Falar sobre nós. Eu entendo assim, isso... Eu entendo assim, pra você ter uma ideia essa pesquisa é a oitava que eu participo, mais ou menos.

O participante parecia se sentir confortável em gesticular e manter sua performatividade de gênero mais fluída no que se refere a sua expressão de gênero. Ele indicou que muitas pessoas o viam como um homem gay, embora em ambientes em que ele não se sentia seguro, a expressão de gênero que ele adotava como medida de proteção era muito mais voltada para

o que se é esperado socialmente para homens. Nesse sentido, em alguns locais públicos que provocavam qualquer sensação de violência, Prometeu evitava gesticular muito, sentava de perna aberta, falava com uma voz mais grossa e tentava demarcar todos os comportamentos não verbais e até mesmo verbais deste universo masculino. O participante fez questão de sinalizar que durante a entrevista, na minha presença e, até mesmo pelo tipo de pesquisa que eu estava desenvolvendo, ele se sentia livre e confortável para performar de modo congruente a sua expressão de gênero.

Torna-se importante ressaltar que muitas pessoas trans, em alguns contextos sociais, sofrem violência e não aceitação quando têm suas identidades reveladas. No caso de Prometeu não foi diferente, mesmo sendo uma pessoa empoderada e consciente do seu processo e das políticas públicas, ele já sofreu situações de transfobia e intensa vulnerabilidade social por aparentar ser um homem trans ou por ter sua expressão de gênero lida como feminina. Segundo ele, sua expressão de gênero fazia com que as pessoas o enxergassem como um homem gay, já que o fenótipo dele era lido como de um homem.

Para alcançar em seu processo transexualizador as características que ele reconhecia como sendo do gênero que ele se sentia pertencente, ele utilizava testosterona já há alguns anos. A anatomia resultante da hormonioterapia e que contemplavam o fenótipo desejado por ele, pode ser considerada como um conjunto de signos hipergeneralizados direcionados ao universo masculino. Dentre eles: a barba, estrutura do rosto mais larga, músculos adquiridos, o seio já bastante reduzido, entre outras características que ele alcançou por utilizar durante um tempo considerável a testosterona.

Um detalhe interessante e semelhante ao caso de Sansão ao Contrário, narrado anteriormente, é que os dois durante toda a narrativa acariciavam, se certificavam e sempre com os dedos, penteavam a barba. Este é um signo hipergeneralizado de masculinidade em nossa sociedade, tanto no que se refere aos homens trans, mas também aos homens cis, que ansiosamente esperam ter barba ao iniciar a puberdade se certificando que já são homens, pois culturalmente, homem é quem já possui barba. Quanto mais barba, mais macho e mais viril. Neste caso em específico, o participante orgulhosamente alisava os pelos do rosto, inclusive compartilhou que demorou anos após o tratamento hormonal para que ela crescesse. Era possível notar o quão satisfeito e orgulhoso ele estava com a volumosa barba. Prometeu também se sentava de pernas abertas e durante a entrevista. Ele trazia em sua narrativa o quanto

já precisou estudar os homens para que ele conseguisse alcançar uma semelhança, principalmente por conta de um processo de passabilidade.

Assim que o participante pareceu estar bem instalado na acomodação, eu, mais uma vez, me apresentei como mestranda do Programa de Pós-Graduação de Psicologia da UFBA (PPGPSI/UFBA), também indiquei que além de estudante, era Psicóloga, embora durante a entrevista o papel que eu iria assumir seria o de pesquisadora e simultaneamente à minha fala, continuei entregando o TCLE. Além disso, afirmei a minha disponibilidade para eventuais dúvidas ou discordâncias a respeito da condução do material ou qualquer outro elemento que ele achasse importante sinalizar.

Assim que a entrevista começou, Prometeu perguntou o motivo que justificava a escolha pelo conceito “transexual” e que para ele o mais adequado seria “transgênero” para definir pessoas que não se reconhecem no gênero em que lhe designaram socialmente. Ele acrescentou que gerava uma resistência em definir essas pessoas como transexuais, já que a demanda não parte de um incômodo no que se refere a sexualidade, que está inserida no campo também do afetivo, mas que a sua identidade de gênero passa pela sua expressão de gênero, pelo modo com o qual ele se percebia socialmente, os papéis sociais com os quais se identifica e deseja se posicionar e não necessariamente pela sexualidade. Ele afirma

Então, quando a gente discute sobre a, quando, quando as pessoas trans discutem sobre a transexualidade, a gente não fala transexualidade, porque a gente entende que passa primeiro pela identidade de gênero, depois passa pela sexualidade. Porque, por exemplo, no meu caso, eu sou um homem transgênero, heterossexual, embora não seja uma pessoa com a identidade de gênero não normativa, sim, a minha sexualidade é normativa, porque eu me relacionei com uma mulher cis. Isso, por exemplo, tem a ver com a expressão de gênero, tem a ver com a passabilidade... É, eu entendendo que a sexualidade é uma questão, não é? É uma forma de identificação do afeto. E a identidade de gênero, passa pela expressão de gênero, não passa pela performance de gênero, isso é um marcador para a gente também... será que é algo que você e a sua orientadora já tinha pensado nisso... em vez de... enfim de trazer a transexualidade?”

Ele compartilhou que gostaria muito de saber os motivos da escolha em meu trabalho por “pessoa transexual”. Eu, inicialmente, pontuei o quanto tinha respeito pela forma com a qual ele se percebia, que mais do que ninguém ele possuía autoridade para denominar a sua própria experiência trans, e independente de qualquer coisa, seria essa forma que eu iria me

direcionar a ele a partir de então. No que se referia à pesquisa que estava sendo conduzida, foi definido na dissertação que seria utilizado “pessoa transexual” porque por meio dos achados e da carência de literatura, era importante destacar o processo transexualizador, as particularidades que envolviam essa experiência.

Para a pesquisa, utilizar o conceito “transgênero” abriria um leque de identidades, as quais seriam difíceis de serem contempladas, já que havia a necessidade de se discutir especificamente a pessoa transexual e o processo transexualizador. Neste sentido, era fundamental fazer refletir sobre os estereótipos reproduzidos socialmente no que se refere à pessoa transexual, além disso, contribuir com a literatura no que diz respeito à experiência transexual, uma realidade que unificava todas as existências trans como sendo iguais, inclusive criando um CID e incluindo-a em um manual de doenças.

Eu argumentei para o participante que o conceito transgênero é um conceito guarda-chuva e que contempla tantas outras identidades que escapam o escopo do trabalho, como por exemplo a pessoa não-binária, a pessoa que se define como gênero neutro, a pessoa travesti, a pessoa transmasculine, dentre tantas outras. Por isso, eu precisava demarcar e utilizar um recorte dentro deste universo que é o conceito “transgênero”.

Em níveis diferentes de experiências, o conceito inclui um grupo de pessoas que não se percebe nos papéis sociais e comportamentos predeterminados, estão em discordância com a linearidade de sexo-gênero-desejo. Entre elas, estão incluídas as pessoas transmasculinas, transexuais, travestis, não-binárias, sendo que a definição de pessoa transgênera é adaptada às necessidades culturais e locais. Por exemplo, em Nova York (EUA), a prefeitura reconheceu mais de 31 experiências diferentes de transgêneros (York, 2018). Neste sentido, de qual experiência e performatividade eu estou falando?!

Eu compartilhei com Prometeu que um dos meus participantes se identifica como homem transexual e não como um homem transgênero. Eu também achei importante acrescentar para o participante que eu acredito que cada experiência é única e isso eu faço questão de enfatizar na minha dissertação, que essa universalidade não existe, mesmo que haja algumas similitudes dentro do processo de se perceber pessoa trans. Inclusive as autoras que eu me respaldo para compreender a experiência trans, a Butler (2003), Preciado (2014) e Bento (2017) também compartilhavam o incômodo por conceitos guarda-chuva para discutir a experiência humana.

Após a resposta, ele pontuou que não se incomodava com o conceito, que gostaria de provocar mesmo a discussão, até para saber o nível de proximidade que eu tenho em relação ao assunto, ele afirma:

...eu me identifico como uma pessoa, como um homem trans, independente de ser, de ser transgênero, trans, transexual... mas foi uma provocação que eu te fiz, porque eu vi e eu acho que é importante que a gente faça o esse momento de questionar, né?!

Além disso, ele compartilhou que por eu ser uma mulher cis, apesar de não ser um problema para ele, poderia gerar um pouco de resistência, já que havia tantas pesquisas enviesadas que estereotipavam e distorciam a realidade trans. Por isso, ele entendia a decisão de alguns membros da comunidade trans por não quererem muitas vezes doar um tempo para pesquisas que discutem sobre eles. Isto pois se sentiam violentados e com o seu tempo perdido quando viam que muito do que haviam compartilhado, de elementos tão íntimos de suas trajetórias, eram ressignificados pelos/as pesquisadores/as e deslocados mais uma vez para o campo de doença, de transtorno e de desvio de uma suposta biologia que foi elaborada para reconhecer apenas o homem e a mulher. Um cenário que tem como produto a manutenção de uma sociedade transfóbica, normativa e excludente em relação a outras formas de existir.

De acordo com Prometeu, ele se sentia muito confortável e satisfeito ao perceber que a minha leitura tinha relação com o que ele pensava a respeito do gênero e das experiências trans. Ele compartilhou que durante o meu discurso, passou a perceber que eu conhecia o que eu estava discutindo. Além disso, que era extremamente importante eu utilizar um espaço de privilégio que possui uma pessoa cis, para discutir sobre pessoas trans, que isso iria colaborar muito para a realidade dessas pessoas que são expostas frequentemente a violências, em muitos espaços em que transitam. No caso dele e de tantos outros, há transfobia principalmente nos espaços acadêmicos, laborais e até mesmo nos espaços familiares. O entrevistado sinalizou o quanto o meu trabalho poderá contribuir com o lugar da pessoa trans em nossa sociedade, inclusive demarcar um lugar digno que muitas vezes lhe é tomado por nossa sociedade cisheteronamotiva. Ele afirma

Até porque isso que a gente quer das pessoas cisgêneras, sabe?! Que elas usem esse lugar de privilégio para dizer para as pessoas que a gente existe! Por exemplo, elas vão escutar mais de você, algumas pessoas vão escutar mais de você sobre quem a gente é, do que a gente mesmo.

3.1.3 O processo transexualizador na experiência de vida de Prometeu

A formação de Prometeu nos campos de gênero e sexualidade, o posicionamento político, a literatura da Psicologia e o contato com a pesquisa científica, o instrumentalizaram para indagar sobre quem é aquela pesquisadora que o ouve e quais são os manejos que ela irá desenvolver conjuntamente com ele na produção desses dados. Prometeu, após as suas problematizações, pareceu estar satisfeito e demonstrou se sentir em um terreno seguro para compartilhar experiências que possuíam uma profunda relação com a sua intimidade. Recorrer a elementos que versam sobre a sua história de vida, principalmente quando se referem ao sexo, gênero e sexualidade, os quais estão entrelaçados a memórias que fazem parte do campo do privado, nem sempre parece ser uma tarefa simples, ainda mais quando são deslocados para a esfera do público, mesmo em uma posição de anonimato.

Em seguida, foi perguntado a Prometeu se haveria algum objeto que fizesse parte do seu processo transexualizador, algo que pudesse ser simbólico, importante para esse processo, como por exemplo, fotos, cartas, roupas dentre outros recursos que pudessem evocar algum tipo de memória para ele ou que tivesse algum significado. Ele indicou seguro que:

Eu não, não costumo trazer objetos que... que me remetem a nada, porque realmente na minha trajetória eu não tenho... é da minha personalidade, não tenho apego. Eu não tenho nenhum objeto que seja simbólico. Porque, por exemplo, eu não lembro como era a minha voz antes. Eu não fiz questão de gravar porque os meninos fazem, né, esse processo de gravar... antes de tomar a primeira dose de hormônio e assim sucessivamente, pra acompanhar e eu não quis fazer isso porque assim eu entendo que a gente não apaga quem a gente foi, né?! Não apaga a socialização, não apaga a aparência que a gente tinha antes. Mas pra mim não é... não foi um processo saudável, sabe?! Eu não quero ter essa lembrança de... “ai, minha voz era assim no passado”, sabe?! Porque o passado ele existe, mas que não me constitui em quem eu sou nesse momento... nesse momento não me traz quem eu sou, sabe? Eu preferi não documentar isso.

O participante logo após toda essa introdução de contato e conhecimento, passa a narrar dados muito interessantes sobre a sua infância. Ele se posiciona afirmando que uma criança não sabe diferenciar se ela é um menino ou uma menina, até que alguém a classifica em uma dessas categorias como única possibilidade de se vivenciar o gênero. Para Prometeu, assim como também para o participante Sansão ao Contrário, na época da sua infância, não havia um

nome para dar sentido à sua experiência. Ele desabafou que o sentimento de pertencer ao universo feminino nunca existiu, não havia identificação com as roupas, com os comportamentos e muito menos com os papéis sociais que lhe eram ensinados. Para ele, essa época se refere à sua primeira socialização e que o que lhe era doutrinado tinha muito mais relação com aspectos da identidade da sua mãe, dos outros familiares e da sociedade no geral do que com o que ele desejava performatizar enquanto sendo seu.

O participante já com três anos de idade dizia para a sua mãe que gostaria de fazer xixi em pé e afirmava ser um menino. Ele também relata que a sua mãe, inclusive, com muita resistência relembra dessas situações para dar sentido a como ele se reconhece hoje:

Ela falou “Olha, eu sabia! Eu sabia porque você muito novo, com dois anos, dois/três anos, você já dizia que você não era uma menina, que você era um menino! Você vestia cuecas quando você ia para casa dos seus tios....

Os signos que eram atribuídos ao universo masculino eram preferencialmente mais atraentes para Prometeu, desde muito cedo, embora, na época, como ele mesmo disse, não havia um significante que o definisse. Era a sensação de se reconhecer e se identificar com outros atributos e tecnologias do gênero que eram diferentes dos que a família mediava como sendo seu. Na escola, por exemplo, ele teria que ir de saia, mas não gostava, queria ir de short, desejava usar o tênis do Senninha que estava na moda tida como masculina. Ainda na infância, ele não possuía um arcabouço linguístico com signos que descrevessem melhor essa experiência, por isso, ele não compreendia o que poderia descrever esse sentimento.

É importante ressaltar que, não é porque uma pessoa não se reconhece com os elementos que contemplam o universo do gênero que lhe foi designado ao nascer que ela é ou será uma pessoa transexual. Existem conjunturas que vão muito além do que é esperado para as únicas categorias reconhecidas socialmente (homem ou mulher). Isso quer dizer que, por exemplo, não é porque uma mulher se interessa por signos atribuídos ao universo masculino que ela consequentemente será ou se sente como uma pessoa transexual. Na verdade, existem marcadores subjetivos e sociais que vão muito além da roupa, do cabelo, do comportamento que se define culturalmente para cada gênero. Isso significa que para a pessoa transexual precisa existir um sentimento de reconhecimento, de performatividade com um gênero diferente do que lhe foi atribuído. Além disso, a pessoa transexual não se percebe no universo que lhe foi predeterminado e deseja vivenciar um outro gênero durante a sua trajetória

desenvolvimental ou em algum momento de sua história, já que o gênero não é rígido e sem fixo (Butler, 2017).

A trajetória de Prometeu em relação ao seu gênero foi processual, embora, como ele mesmo trouxe, já houvesse incômodos e resistências em relação aos moldes que os seus familiares tentavam lhe adequar:

Minha família falava pra mim “Olha, você é menina, você não pode fazer xixi em pé porque é uma, uma... menina, você não pode usar cueca porque você é menina ou porque você não é menino. Você é menina! Meninas não usam cueca, meninas, usam calcinha!”.

É possível identificar que nessa relação familiar, há uma forte demarcação de artefatos culturais ou do que Preciado (2014) define como tecnologias do gênero. São eles instrumentos como a calcinha, a cueca, a sandália do Senninha, que são utilizados como forma de montar os corpos e aperfeiçoá-los de modo a aproximá-los o máximo possível do que se concebe enquanto homem e mulher. Não é aceitável a possibilidade que exista uma confusão desses dois gêneros, é preciso demarcá-los de todas as formas possíveis, por isso, utiliza-se de recursos materiais e semióticos nessa caracterização. Por isso, em nossa sociedade se torna “perigoso” deixar que esses pré-requisitos não estejam bem definidos, pois eles precisam se opor um ao outro como manutenção de um gênero binário. Há uma necessidade social de que os corpos não se misturem e que os atributos estabelecidos para cada gênero não sejam diluídos uns nos outros, adotando uma possibilidade andrógena da experiência e configuração humana, já que o andrógeno também não é viável e reconhecido como possibilidade em uma cultura que exclui tudo que extrapola a perspectiva binária.

O gênero, como já foi dito anteriormente, se estabelece por meio de signos e significados mediados pela linguagem e, conseqüentemente, pela sociedade, que utiliza desses recursos semióticos e se instrumentaliza normatizando e constringendo possibilidades que extrapolam esses limites (Butler, 2004). Mas do mesmo modo que no gênero há uma flexibilidade de possibilidades e de novos caminhos, as fronteiras semióticas que se estabelecem no desenvolvimento humano, neste caso, na história de vida de Prometeu, elas também aderem a novos contornos, novas possibilidades e permitem a permeabilidade de outras fronteiras que estavam no campo do impossível durante essa negociação “o que pode e o que não pode” (Marsico & Valsiner, 2017).

Por sua vez, a linguagem também define os limites dessas fronteiras semióticas do gênero (Marsico & Valsiner, 2017), e na medida em que ela é resignificada, ou na medida em que há uma fenda nessa linguagem a qual abre um campo de possibilidades que extrapolam os códigos linguísticos já reconhecidos sob os moldes cisheteronormativos, é justamente nessa fenda que se estabelece a subjetividade de cada pessoa, o que justifica Prometeu não reproduzir ou não se reconhecer nos pré-requisitos estabelecidos ao gênero que lhe foi dado. Como consequência, pode-se dizer que há uma permeabilidade dessas fronteiras, nesse extrapolar, há uma resignificação de signos e normas mediadas dentro de uma perspectiva binária.

O campo de possibilidades na vida de Prometeu no que se refere as tecnologias do gênero, os papéis sociais que ele gostaria de representar e o modo em que ele se percebia socialmente, extrapolava as fronteiras semióticas do gênero estabelecidas em seu contexto social. Ainda na fase da infância, ele não se reconhecia nos moldes estabelecidos os quais reverberavam em um controle diário da sua experiência e da sua performatividade

Eu ia para a casa dos meus tios trocar de roupa, por exemplo. Eu chegava da escola e ia para a casa dos meus primos trocar de roupa, porque aí eu usava roupa deles, usava cueca deles. Eu usava sandália deles e aí eu ia para casa com a roupa deles, no sentido de dizer assim “Olha, é isso aqui que eu quero vestir!”. Eu dizia isso pra minha mãe, né?! Verbalizava isso pra ela e ela sempre no sentido de me de me castrar, de dizer “não, não, não é assim, você não vai vestir, isso aqui não para você.

Prometeu compartilha que o seu sentimento de não reconhecimento de si mesmo levando em consideração o modelo da cisheteronormatividade, era regulado e constrangido pela sua família, pela linguagem e pela cultura desde sempre. Durante a sua trajetória de socialização, havia um questionamento do que lhe era imposto e as fronteiras que emergiam para que ele não pudesse acessar outras possibilidades que não as que a sua família definiu para ele sob os parâmetros de uma linguagem binária e limitante eram frequentemente extrapoladas quando ele se posicionava de um modo totalmente adverso do que lhe era diariamente ensinado. O participante, ainda em sua infância, se refere a esses dispositivos de poder⁹ de um modo nada passivo e o questiona em muitos episódios de sua vida. Durante toda a sua trajetória de

⁹ Dispositivos de poder: “um conjunto heterogêneo de práticas discursivas e não discursivas que possuem uma função estratégica de dominação. O poder disciplinar obtém sua eficácia da associação entre discursos teóricos e práticos” (Foucault, 1979/2013:364)

socialização, imprime uma posição de que “lá onde há poder, há resistência” (Foucault, 1976/2003, p. 91).

Há culturalmente uma doutrina no que se refere ao gênero, uma classificação que define meninos e meninas e os normatiza dentro de parâmetros essencialistas os quais são reproduzidos diariamente como se fossem naturais, mas que na verdade foram repetidamente ensinados até que pudessem ser naturalizados (Bento, 2008; Butler, 2004). Existe um manual do gênero que aponta como meninos e meninas devem se comportar, o que devem ou não fazer, o que podem desejar, as roupas que devem ser utilizadas dentre outros elementos pertencentes a esses dois conjuntos e categorias de gênero colocados como oposições. As pessoas que escapam a esses códigos linguísticos não são reconhecidas e aceitas socialmente, o que estabelece um constrangimento da sua subjetividade e do modo com o qual elas se percebem. No caso de Prometeu não foi diferente, ele não se percebia nesse universo elaborado e materializado para meninas, em sua fala ele compartilha

Eu dizia isso pra minha mãe, né?! Verbalizava isso pra ela. E ela sempre no sentido de me de me castrar, dizer não, não, não é assim, você não vai vestir, isso aqui não para você. Senti que eu, eu me identificava mais com os meninos do que com as meninas, senti que eu queria ser menino e não menina, era errado, então eu tentei é... me adequar, né?! Eu comecei a vestir com roupas mais femininas, a me portar de uma forma mais feminilizada, porque eu sempre fui muito machão.

É possível perceber que Prometeu, desde muito cedo, tinha preferências por tecnologias do gênero tidas como masculinas. Ele narra que não necessariamente nessa época se percebia como um menino, não eram esses acessórios que o fizeram transitar de um gênero diferente do que lhe foi dado, foi um caminho de conhecimento processual e de muitas negociações semióticas, um criar e recriar de fronteiras. Neste sentido, nota-se que nessa transição há uma relação de ambivalência, pois ao passo que ele compartilha que gostaria de ser menino, ele também relata que esse desejo não era uma demanda dele. Era a família que identificava características tidas como masculinas nele e já questionava o seu gênero e sexualidade, tomando como base os artefatos culturais que ele desejava utilizar, os quais eram designados socialmente para o universo masculino:

Mas é essa demanda de identificar artifícios masculino em mim, não vinha de mim, vinha da minha família, que dizia para a minha mãe: “olha, fulano vai ser sapatão!”.

Isso significa dizer que é difícil estabelecer uma linha lógica de quando, ou em que momento Prometeu passou a se reconhecer como pertencente ao gênero masculino. Isso porque em toda experiência humana se estabelece uma relação ambivalente nas relações das fronteiras semióticas, principalmente, quando se considera que, de acordo com Valsiner (2012), interpretamos e ressignificamos o nosso passado, levando em consideração as nossas experiências do presente e as expectativas de futuro. O que fica claro na fala do participante é que antes mesmo dele ter qualquer tipo de compreensão sobre o seu corpo, sobre a sua expressão e identidade de gênero, a família já imprimia e antecipava “verdades absolutas” que passam a ser internalizadas por Prometeu e são resgatadas hoje como forma de contextualizar e dar sentido à sua experiência que desde essa época escapava dos moldes cisheteronormativos.

As afirmações e os enunciados partilhados pela família do participante a respeito da sua própria experiência, podem ser interpretadas como atos de fala (Austin, 1962) que contribuem para uma *estilização repetida do gênero*¹⁰, materializando por meio da linguagem os corpos como "homem", "mulher", "bicha", "sapatão". Há uma relação de poder estabelecida por esses atos de fala que tentam imperar sempre que existe a possibilidade de subversão da lógica sexo/gênero/comportamento. Nesta perspectiva, é possível perceber que a família do participante, amparada também no conjunto de signos compartilhados socialmente, se utiliza dos recursos semióticos dessa linguagem os quais são materializados como “verdades absolutas” para regular e constranger as subjetividades que escapam e que extrapolam a matriz da inteligibilidade do gênero (Butler, 2003).

Como já foi dito anteriormente, essa relação de poder, define valores, comportamentos e tecnologias do gênero que já são cristalizados para cada categoria, seja ela menino ou menina, homem ou mulher, os quais divergem significativamente uma da outra. A delicadeza esperada para universo feminino é inadmissível quando expressada dentro do campo da racionalidade do masculino, e a virilidade do universo masculino, se apresenta como imoral quando expressada dentro do campo recatado, típico do feminino. Durante a mediação entre pessoa e cultura, há essa regulação social que restringe e controla como cada experiência generificada deve ser e agir no mundo. Na história de Prometeu, isso não foi diferente, foram incessantes as tentativas de normatizar a sua experiência de vida dentro dos padrões binários vagina/feminino,

¹⁰ “Um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (Butler, 2003, p.59).

pênis/masculino e a diversidade de signos e comportamentos que devem acompanhar acompanham essas duas categorias. Prometeu compartilha que ainda em sua infância:

como eu te falei, minha mãe me criou para ser princesa, né? Era vestido, era sapato, aniversário de boneca, essas coisas assim... Eu queria ir para a praia sem a parte de cima, só com a parte de baixo, eu queria poder dormir com os meus primos, sabe?! Minhas bonecas serviam para tirar a cabeça, para eu pintar, rasgar, mas eu não gostava...

A experiência do participante destacada aqui, neste trabalho, não busca confirmar uma ideia de reproduzir discursos normativos em relação ao gênero. Não há aqui a intenção de justificar que Prometeu por não gostar de coisas típicas de menina, já expressava estar no gênero supostamente “errado” ao socialmente esperado. Mesmo porque, o que é definido para menino e para a menina não pode ser justificado em aspectos essencialistas. Inclusive, são essas concepções essencialistas que, infelizmente, reprimem a possibilidade humana de desenvolver amplas habilidades cognitivas durante o seu desenvolvimento humano. Essas habilidades são restringidas quando existe um controle de que determinados objetos como os voltados para a arte e cuidado devem ser direcionados para as meninas e objetos que contribuem para força e raciocínio lógico devem ser endereçados aos meninos. Neste sentido, esse processo de normatização, além de controlar e gerar sofrimento psíquico para algumas experiências, também as limita, não dando a importância de trabalhar uma maior diversidade de habilidades cognitivas.

É importante destacar que os artefatos culturais e os instrumentos disponíveis no ambiente, podem gerar interesse em qualquer pessoa, de qualquer gênero, pois eles não são direcionados por um código genético. São eles instrumentos definidos culturalmente, também como forma de manutenção de um patriarcado, em que o masculino deve imperar sob o feminino e manter a dominação entre os gêneros. A lógica de que alguns objetos e atividades devem ser de meninos e outros diferentes devem ser para meninas, vem de constructos sociais desenvolvidos ao longo do tempo. Quando essa lógica é desafiada, como no caso de Prometeu, se atribui como se houvesse algo de errado em sua constituição, porque, socialmente, menina deve gostar de bonecas, não de bola. Por isso, é importante enfatizar que não são esses artefatos culturais que irão definir o gênero, mas o modo como a pessoa se percebe e se reconhece. Por meio dessa relação ela irá selecionar os objetos, as tecnologias do gênero (roupas, cabelo, cor, colares, pulseiras, brincos) que podem ou não ter relação com a sua identidade de gênero e esses artefatos podem tanto fazer parte do campo do masculino, quanto do feminino.

Há uma dinamicidade de possibilidades, que dependem do contexto, da cultura e de aspectos subjetivos de cada experiência. No caso de Prometeu, ele não tinha interesse por bonecas, mas isso não o tornava uma pessoa transexual. Existe um conjunto de signos e significados que contemplam a experiência do participante, que podem divergir da experiência de outras pessoas transexuais. Essa problemática contribui para se pensar que não há essa pessoa transexual universal como é subentendido nas versões do DSM e do CID. É esse tipo de raciocínio que contribui para que se defina critérios a fim de que a pessoa seja reconhecida como uma “pessoa transexual de verdade” e a cristalice em um modelo seguido de estereótipos cisheteronormativos que não fazem parte e não definem a sua experiência de vida (Borba, 2014 a).

A trajetória de vida do participante foi marcada por muitos desafios, tanto em relação aos artefatos culturais que ele gostaria de utilizar e não eram permitidos, como também os acessórios que para a sua mãe não deveriam ser utilizados por uma menina, pois em sua primeira socialização Prometeu foi designado, equivocadamente, como uma menina. Durante a sua trajetória, ainda na infância, havia situações que indicavam uma incongruência da parte dele com as normas sociais estabelecidas, o que lhe causava, durante muitas fases de sua vida, um desconforto ainda não definido por um signo.

Esses episódios causaram um impacto significativo também em sua adolescência. Um dos marcos nesse processo foi a sensação de impotência e o desconforto acentuado de ter menstruado pela primeira vez: “A minha menstruação veio quando eu tinha 11 anos. Era um absurdo para mim. Eu disse não, gente, não, isso não está acontecendo... tão cedo, sabe?!”

Se a menstruação, socialmente, ainda é vista como um processo delicado que envolve uma relação de tabu, vergonha, mesmo para meninas cis (Coelho, 2019), é importante destacar que é um processo ainda mais difícil para pessoas que não se reconhecem como pertencente ao gênero feminino, embora tenham sido equivocadamente designadas durante o seu nascimento. A menstruação, em muitas culturas, é principalmente significada como um signo feminino, que reforça a feminilidade, um ciclo tido como importante para o desenvolvimento de um constructo do que se espera socialmente enquanto mulher, mas essa expectativa cultural não condiz com a realidade de muitas mulheres e também com a maioria dos homens trans (Pelúcio & Ramos, 2023).

A menstruação, por ser um marco acompanhado de tantos signos que buscam reforçar e demarcar uma feminilidade, fragilidade e instabilidade emocional “típicas” do feminino, para

muitos homens trans, nesse caso, também para Prometeu, se apresentou como uma situação de sofrimento e muitas angustias. Ainda hoje, há um discurso de que mulher é quem menstrua e tal afirmação tem um desdobramento extremamente violento de cunho essencialista, os quais desconsideram as particularidades das experiências de homens trans (Pelúcio & Ramos, 2023), que embora menstruem, não se reconhecem nesses papéis sociais, nos processos normativos e imperativos inscritos nos corpos, que ainda que tenham útero, nem sempre são femininos.

Levando em consideração a realidade descrita acima, na trajetória de Prometeu, pode-se refletir que a menstruação, se apresentou como mais uma fronteira semiótica do gênero. Neste caso, ela se tornou mais um elemento que tem um poder substancial culturalmente de separar e diferenciar os campos do feminino e do masculino, o que os destaca ainda mais enquanto dois polos de posição como se o menstruar fosse um critério decisivo do que representa e se estabelece culturalmente como única possibilidade para quem menstrua, se tornar mulher. Além disso, no discurso coletivo, se faz uso da menstruação para validar argumentos essencialistas em relação ao corpo e ao gênero, a fim de fundamentar o modo como a pessoa deverá atuar seguindo os padrões e os papéis sociais normatizados diariamente.

Esses discursos produzidos por uma sociedade cisheteronormativa, atuavam constringendo e invalidando as particularidades existentes na história de vida do participante. Havia um destino que tinha sido escrito por outras pessoas e existiam critérios com os quais o “protagonista” não se reconhecia, principalmente porque a forma com a qual ele percebia, não fazia parte do que se esperava em relação gênero lhe que foi imposto. Em dado momento, ele passa a utilizar, as tecnologias do gênero, tais como roupa, bermuda, camisetas dentre outras coisas que eram consideradas como artefatos opostos ao que era designado para o feminino, forma com a qual ele foi lido inicialmente. Esses elementos ganham um protagonismo ainda muito maior e se apresentavam como uma possibilidade de se aproximar do que lhe causava familiaridade e bem-estar, neste caso, as tecnologias do gênero atribuídas ao masculino, ganhavam destaque na sua performatividade e expressão de gênero: “...eu troquei o guarda-roupa, eu comecei a comprar roupas... enfim, ditas, lidas como masculinas...”

Durante o processo transexualizador de Prometeu, não apenas as roupas compuseram esse processo, mas também o discurso, a performatividade aprendida para que pudesse ter a sua expressão de gênero concordante com o que se esperava socialmente para um homem. Foi um percurso de conhecimentos, pois do mesmo modo em que ele teve a sua primeira socialização como menina e precisou a aprender repetidamente os comportamentos femininos

até que se tornassem naturais (Butler, 2003; Bento, 2017), ele também precisou se atentar a como performatizar o masculino e como um homem se posicionava culturalmente, no discurso, no corpo e nos papéis sociais estabelecidos

Sempre que eu sou convidado a falar algo, eu sempre digo, gente, a gente estuda vocês. Vocês, no caso, os homens... quando eu estou em alguma mesa ou algo, eu digo, “a gente, a gente estuda vocês sim, a gente sabe tudo o que vocês fazem como vocês fazem, porque a gente olha porque a gente precisa aprender perfeito a fazer isso”. A gente precisa, né?! A gente passa por um processo de expressão de gênero...

A gente acaba aprendendo a se expressar de algumas formas, né?! Nos é ensinado. É, mulheres expressam de um jeito e aí as expressões corporais, o jeito de gesticular... já falam que você é uma mulher, né?! Mesmo sem você se identificar que você é uma mulher, né?! Se eu consigo ler você como uma mulher, porque o jeito que você fala, o jeito que se você se movimenta, são lidos como de uma mulher. Já eu, que tive uma segunda socialização, a primeira socialização, foi feminina e tal eu tenho, eu me expressei de formas que são lidas como femininas e automaticamente, por não me lerem fisicamente como uma mulher me leem como homem gay.

Essa narrativa do participante em relação a performatividade, estabelece uma profunda relação com as discussões de Butler (2003) que descrevem o gênero como performativo, uma materialização da linguagem cisheteronormativa que é reproduzida no discurso, nas roupas nas expressões corporais. Há um manual preconcebido do que é o homem hegemônico, um processo de normatização que resulta em atos estilizados e repetidos cotidianamente dando uma impressão de substância, de essência. Sob essa mesma perspectiva, cabe resgatar Bento, (2017) e a sua ideia do gênero como a língua, que é aprendida repetidamente e processualmente dando a impressão de que já nascemos sabendo falar.

O modo como Prometeu se relaciona com a sua expressão de gênero, de acordo com ele, tem relação com a sua primeira socialização e as características que ele internalizou durante esse processo, como por exemplo, gesticular enquanto se expressa, algo considerado como típico do comportamento feminino. Ele apresenta um cenário em que há um processo de negociação de fronteiras, os espaços em que ele pode performatizar o seu gênero de modo mais confortável (gesticular, ser mais sensível), normalmente em lugares que ele sente que são seguros, como por exemplo, entre os amigos, festas LGBTQIA+, e os lugares em que ele não

é tão congruente com o modo em que ele gostaria de expressar o próprio gênero. Prometeu compartilha:

É... a gente sabe que essa enfim... para a polícia, você precisa ser viril... É e aí, às vezes eu preciso, é... engrossar um pouco mais a voz, ficar um pouco mais rígido com relação às expressões que eu preciso. Enfim. Ou então em festa, quando estou em festa, né? Eu preciso ter uma postura um pouco mais masculinizada. Para poder não sofrer nenhum tipo de violência ali, tanto das pessoas que estão ali, quanto dos organizadores da festa, enfim, algo nesse sentido para me proteger mesmo até no banheiro, né? O banheiro masculino, é aberto, enfim tem essa questão, a gente aprende se moldar de acordo com o ambiente em que a gente está.

Nesses espaços de controle dos corpos, nos quais reside o olhar do público e dominante da inteligibilidade de gênero, Prometeu precisa expressar de modo mais normativo o gênero masculino hegemônico, como uma medida de proteção social. Essa realidade se apresenta em muitas vivências de pessoas transexuais. Há preconceito e exclusão de tudo que escapa aos moldes cisheteronormativos, o homem afeminado e sensível, a mulher masculinizada e que não se deixa dominar, serão vistos como fora da norma, serão alvos de olhares e de repressões que percebem as experiências não normativas como um perigo social, como desviantes e patológicas

Se eu pego um transporte nesse horário para voltar para minha casa e a pessoa me lê como um homem gay, então eu corro perigo, então eu preciso performar a masculinidade hegemônica para me proteger. Eu faço isso para me proteger e para proteger minha companheira... eu sou lido como um homem gay, isso não me incomoda. Não me incomoda, mas em alguns momentos eu preciso me portar como esse homem é hegemônico, né?! Que que, enfim, coça o saco e coisas do tipo.

Mesmo Prometeu tendo um alto grau de passabilidade, há a necessidade de “fazer algo para ser considerado/a como alguém que se pretende ser”. Nessa perspectiva, ‘todo mundo’ está passando: ‘passar’ é uma atividade em que nos engajamos como parte de nossas vidas cotidianas” (Speer, 2010, p.116). E, mesmo possuindo as características anatômicas tidas como masculinas e o fenótipo com signos que são considerados como do homem hegemônico, no que se refere à sua expressão de gênero, ela é restrita e se apresenta de modo diferente a

depende do ambiente, justamente por conta desse processo normativo e de controle dos corpos. Conforme ele afirma:

...Por exemplo, eu hoje, hoje, né?! No estágio que eu estou, da hormonioterapia, é muito difícil uma pessoa me confundir com a mulher na rua, assim é muito difícil, sim... É essa performance, é essa identidade, né?! Eu me identifico com a performance masculina. Eu me identifico com os artifícios de gênero masculino.

Nesse processo de identificação com artifícios tidos como do gênero masculino, Prometeu foi progressivamente externalizando signos hipergeneralizados no corpo, um desses signos que definiram bastante o modo como ele gostaria de ser lido e o modo que ele passou a ser lido, foi o corte do cabelo. O cabelo curto adotado pelo participante atuou como um mediador semiótico que o orientou para direções futuras ainda incertas em sua trajetória. Foi um passo importante e marcante no processo de mudança, possibilitando a permeabilidade de novas fronteiras e a negociação de novos campos de possibilidades, os quais o orientaram para o modo em que ele pensava construir a sua masculinidade, o modo como ele gostaria de se perceber e de ser visto, embora ainda não se identificasse como um homem trans

...quando eu assumi (inicialmente como lésbica), eu cortei meu cabelo logo, eu tinha um cabelo muito grande, muito grande, meu cabelo era a baixo da bunda, era enorme! E aí eu cortei bem curtinho, tipo, na época estava... hum... é... eu cortei tipo estilo Justin Bieber, né?! ... acho que foi a primeira coisa que eu fiz quando eu é... me identifiquei como uma mulher lésbica, né?! Foi me desfazer de algo que pra mim era um marcador muito forte da feminilidade. Porque cabelo longo, a gente lê como artifício de gênero feminino. Então, foi a primeira coisa que eu fiz, foi cortar o cabelo.

Nesse contexto, havia uma relação de ambivalência, pois, anteriormente, o participante se percebia como uma mulher lésbica, mas ao mesmo tempo não gostaria de ser notado com marcadores de feminilidade. Nessa relação, entende-se que havia um campo de possibilidades que emergiam por meio das fronteiras, mas que geravam crises e uma incongruência com aquilo que ele ainda não havia elaborado com mais clareza. Ele ainda não tinha tido contato com o signo da transexualidade para regular e interpretar o seu desenvolvimento. Ele não tinha um nome que pudesse definir a sua trajetória, vivenciava crises que não conseguiam ser bem elaboradas, pois “a pessoa simplesmente ‘sente algo’, mas não consegue colocar esse sentimento em palavras” (Valsiner, 2012, p.261).

O termo transgeneridade eu não conhecia, eu sabia que tinha um sentimento, mas não existia nome, não tinha nome para isso. Eu descobri o termo transgênero em 2013, mas eu só vim procurar de fato a hormonioterapia em 2014, foi quando eu entrei na universidade.

A tensão existente entre o que a cultura naturalizava enquanto possibilidades de existências generificadas e o sentimento de não se adequar a essas normas, fez com que Prometeu, diante dessas negociações, rompesse com as fronteiras e transformasse a sua realidade. Essa transformação se acentuou ainda mais quando ele acessou o signo de pessoa trans e finalmente conseguiu nomear a sua experiência, ressignificar a sua trajetória fazendo emergir novas zonas de fronteiras e rompendo com outras (Valsiner, 2012).

A gente tinha um grupo, na verdade, que a gente se encontrava para falar sobre as questões de afeto, enfim, e aí eu lembro de algumas meninas que eram meninas cisgêneras, lésbicas falando do sentimento delas, né?! Como elas descobriram essa sensação e tal... e eu ficava assim, mas não é isso, eu gosto de meninas, mas não é assim que eu me sinto, sabe?! Existe alguma... existe alguma outra coisa aí, né?! De identidade que não, não, não é dessa forma que elas estão falando, sabe?! E não tinha nome para o isso...

Diante de um signo, são criadas novas fronteiras que se confrontam com outras que foram estabelecidas durante a trajetória do participante enquanto pessoa que foi socializada como sendo do gênero feminino. Nesse percurso de se reconhecer enquanto pessoa trans, há a mudança o que envolve refletir que existe uma relação de progresso, onde encontram-se vias incertas que ainda não estão definidas ou ainda serão redefinidas. É um ramificar de possibilidades que, a depender do modo como a pessoa interpreta o que lhe é exposto e do contexto em que ela está inserida, terá inúmeras possibilidades para se traçar. Tais possibilidades se farão flexíveis levando em consideração o modo em que a própria pessoa irá definir esses limites e irá estabelecer certas possibilidades a depender da negociação que fará com os signos e significados presentes (Marsico, 2012). Conforme relatou o participante:

E não tinha nome para isso... e aí um dia eu estava no Facebook, é... eu vi uma matéria de um rapaz que se suicidou, e deixou uma carta para os pais, né?! Explicando e tal que ele era uma pessoa que ele não se identificava com o gênero que ele tinha nascido, nem com sexo isso e tal que ele não se sentia daquela forma e tinha uma nota de rodapé

embaixo, explicando o que era ser uma pessoa trans. Nesse momento, um homem trans... E aí eu falei “é isso, é, é isso, é isso”. E aí eu fui falar com alguns amigos meus mais próximos e eu disse “agora eu sei o que é”, e aí eu automaticamente disse pra eles “olha, eu quero que vocês me chamem dessa forma, que é como eu me identifico, dessa forma. Eu descobri que é assim que funciona, é assim que eu quero que vocês me chamem a partir de hoje.

No momento em que Prometeu se apropria do signo de pessoa trans, ele faz novas negociações com o mundo a sua volta e consigo mesmo, pois ele passa a reivindicar o seu gênero de pertença, ressignificar a sua posição no mundo e os valores que lhe foram passados. O que não era possível e até inexplicável, a partir do momento em que existe um campo semiótico que subverte a lógica normativa do gênero e possibilita com que ele reivindique as crenças, valores e costumes, passa a ser possível, permeável e flexível para novos caminhos e novos limites (Marsico, 2012). Assim como afirma Louro (2004), as zonas de fronteiras são lugares de transgressão e subversão, e é exatamente o que se percebe na trajetória do participante.

E quando eu comecei, o meu processo de de, né, de reconhecimento como uma pessoa trans e tal, eu fui me reconhecendo com o passar do tempo. Eu tinha uma imagem de mim. Eu criei uma imagem pra mim, né? Uma imagem masculina minha, que é essa imagem que eu tenho hoje, com algumas falhas, é óbvio. Mas que é, foi o que eu tinha planejado para mim, sabe? Eu olhava e falava, “Olha, eu preciso, eu quero ter barba.

Nessa relação de pertencimento e reconhecimento, o participante compartilha que a imagem física também se torna importante no seu processo transexualizador e ela acompanha o modo em que ele ressignifica a sua identidade de gênero. Conforme Butler, (2003) define, a performatividade de gênero, além de ser representada no discurso é, também, reproduzida no corpo. Reflete o modo com o qual a pessoa interpreta e dá sentido ao gênero em que se reconhece. Neste sentido, durante o processo transexualizador, o participante passa a utilizar os recursos e as tecnologias do gênero que irão construir o modo como ela deseja aparentar, o que tem relação com o conjunto de signos atribuídos à masculinidade e o que ele define enquanto homem.

Vale ressaltar que esse percurso da pessoa trans com os instrumentos e signos disponíveis em seu ambiente na busca pelo reconhecimento do gênero em que se percebe, se

estabelece como um processo contínuo. Um infinito tornar-se pessoa transexual em um contexto em que não se reconhece outras formas de existir que escapem às normas de gênero vigentes, conforme observa-se na fala de Prometeu:

Então eu penso que é... esse processo de constituição do sujeito trans ele não para, sabe? Não só da pessoa trans, dos sujeitos, enfim... seres humanos, né? A gente se constitui, a gente vai se constituindo até o final da vida porque, enfim, eu acho que esse processo de se produzir subjetividade, se produzir, produzir a si, produzir outras ou a mesma subjetividade, é... é um processo que se dá durante a vida toda.

Uma das tecnologias do gênero utilizada por Prometeu para contribuir com a sua construção do gênero e processo de tornar-se pessoa transexual do modo como ele idealizava, foi o uso da testosterona. Além de possibilitar uma anatomia tida como mais masculina, barba, estrutura do rosto mais larga, músculos mais evidentes, cinturas com menos curvas, também existiram transformações mais secundárias e do campo do privado (a relação sexual) que se aglutinam em um todo do seu processo transexualizador. Ele conta:

...A minha relação com a minha genitália é de... ultrapassa esse limite da disforia, sabe?! É, eu não sei se as pessoas que você entrevistou falaram isso de forma aberta, não é? Mas, por exemplo, quando você faz o uso da testosterona, seu clitóris cresce, não é? E ele vira um....eu não vou dizer um micropênis porque tem meninos que o clitóris cresce para 5 cm, então você não é mais micro, né? Então, assim, dá para você fazer penetração, não é?! Inclusive no sentido de que é o fato de você ter é um um micropênis, um pênis não tão desenvolvido. Você consegue fazer penetração na sua companheira, enfim.

Nesse processo de construção do gênero, Prometeu identifica elementos do seu próprio corpo que não estão de acordo com o que ele deseja externalizar enquanto figura masculina. Algumas das características que ele identifica como compondo o seu gênero, estão de acordo com o que a sociedade define como sendo masculino, isso quer dizer que na relação do participante com a sua anatomia, há uma reprodução de muitos elementos que fazem parte da linguagem binária e ele acaba reproduzindo esse discurso no corpo.

Você quando você acorda de manhã, você se olha no espelho, você reconhece a imagem que você tem. Você se identifica com aquilo ali, não é? Existem outros marcadores que fazem com que você não goste do jeito que seu cabelo está, do jeito que você se encontra

naquele momento. Mas quando você se olha inteira, você se identifica com aquilo ali. Isso me pertence! Isso pertence ao meu corpo. No meu caso, era mais ou menos como uma brincadeira do pertence e não pertence. Eu olhava e sabia que aquilo ali não pertencia ao meu corpo. Não, não é meu ou aquilo ali, sabe?! Está em mim, mas não é meu, não, não é algo que é pra mim aquilo ali

Alguns dos atributos considerados por Prometeu enquanto atributos femininos e masculinos, também convergem com o que a sociedade espera enquanto aparência, enquanto conjunto fenótipo pertencente a um determinado gênero, seja ele feminino ou masculino. Embora o participante não tenha nenhuma aversão a sua genitália, sinta prazer e não deseje fazer a cirurgia de transgenitalização, existem características que contribuem para algumas disforias de gênero, como por exemplo, os seios. É possível perceber que assim como a barba reforça um campo semiótico que atribui masculinidade e virilidade ao universo masculino, de modo que também é uma característica valorizada pelo participante, os seios também são significados por ele como algo que não deve compor a sua construção de gênero, a aparência que ele deseja externalizar. Cabe ressaltar que o volume dos seios também é um elemento hipergeneralizado por nossa sociedade, há uma reprodução cultural de que o seio deve ser associado à mulher. Além disso, considera-se socialmente os seios como um signo erótico do feminino. Ele compartilha:

... eu não tenho disforia com a minha genitália, mas desde que eu comecei, desde que eu me identifiquei como uma pessoa trans, eu corro atrás da cirurgia da mamoplastia, porque não é só algo que me incomoda, é algo que me faz mal, né? Sabe saúde?! Falando de saúde física, me faz mal... Eu não posso ficar sem camisa em casa, eu não posso sair sem camisa. Eu não posso ir para à praia, é uma coisa que me dificulta. E como eu te falei, né?! Tem a questão do espelho que eu costumo explicar para as pessoas, que é como um espelho, eu me olho no espelho, eu olho para que eu ali, eu penso não me pertence.... aquilo ali não é meu, sabe?! Então, assim, a disforia que eu tenho é essa, né?! ...não tenho um padrão de diagnóstico nem do DSM, nem do CID, porque o que está contido lá é a disforia da genitália que eu não tenho, a questão de ter a necessidade de fazer a cirurgia da redesignação sexual, eu não tenho, não tenho vontade, não tenho interesse.

Para Prometeu, os seios são incompatíveis com o modo em que ele deseja aparentar, o que lhe gera sofrimento e uma sensação de não pertencimento, pois para ele não faz parte da sua constituição de gênero, conforme expresso no relato abaixo:

Embora eu tivesse marcadores tidos como masculino, por exemplo, o cabelo, né? O jeito, o jeito que é cortado o cabelo, tudo. Então isso era um marcador de sofrimento pra mim na época... eu sempre tive muita vontade de de ficar sem camisa, de poder ir pra praia e de ficar à vontade e tal. E eu não sentia isso, sabe? Eu não podia fazer isso... até por uma questão de convenção social, né? Que mulheres não podem ficar sem blusa enfim. Eu sempre tive, esse... é o que me incomodava de fato, era isso, sabe? Não era ver crescer, não era ver desenvolver...era saber que eu tinha que lidar com aquilo ali. Que eu não teria como arrancar aquilo ali...

Os seios são marcadores de feminilidade e erotização em nossa sociedade. Neste sentido, muitos homens trans, embora não desejem fazer a cirurgia de transgenitalização, buscam realizar a mamoplastia masculinizadora¹¹ como forma de se sentir em um corpo que acompanhe também anatomicamente o que ele deseja e percebe enquanto corpo tido como masculino. Somado a isso, há o desejo de ser incluído socialmente e ser reconhecido como pertencente ao gênero em que ele deseja expressar. Assim, a cirurgia para alguns homens transexuais, neste caso, para Prometeu, também funciona como um elemento de proteção social e de passabilidade, o que irá garantir direitos individuais e necessários em sua trajetória de vida (Lima & Cruz, 2016; Ribeiro, et al., 2022; Marques, 2021).

Existem inúmeras violências em relação à pessoa trans e uma cobrança de não permitir com que as características que foram definidas para cada gênero se borrem ou se misturem. Isto pois, há uma cristalização de características referentes ao corpo masculino as quais divergem do corpo feminino, além de reforçar o que é viável em um corpo e o que é inaceitável para o outro. Esses marcadores e exigências anatômicas corroboram com o estigma social, discriminação, sofrimento e isolamento das pessoas trans que se sentem constantemente cobradas a alinhar à sua expressão de gênero ao que é definido como modelo de corpo para que

¹¹ A mamoplastia masculinizadora, em substituição à mastectomia que consiste na retirada de toda a mama, é um procedimento cirúrgico para homens transexuais que desejam reduzir os seios, mas não retirá-los como é feito na mastectomia. A intenção é fazer a redução mamária e aproximá-las em anatomia ao que é lido como peitoral masculino. Existem diversas técnicas estão disponíveis para realização do procedimento, as quais variam de acordo com o volume dos seios e a pele que será removida (Marques, 2021; Russo et al., 2017)

se tornem inteligíveis. Desse modo, as pessoas trans recorrem as tecnologias do gênero que são produzidas, como forma de dar continuidade a manutenção e binariedade gêneros (Preciado, 2014).

Prometeu demonstra consciência das tecnologias do gênero utilizadas por ele para contribuir com o seu processo transexualizador. Ele aponta o que o uso da testosterona pode trazer enquanto resultados anatômicos para o seu corpo e os efeitos colaterais existentes, ele acrescenta que:

Assim é porque assim, a gente, quando a gente faz uso da testosterona, ela traz para a gente características que são irreversíveis. Por exemplo, o clitóris é irreversível. A voz é irreversível. A queda de cabelo é irreversível para a gente pelo menos, né? Muitos meninos não têm queda de cabelo, mas no meu caso eu tive...eram efeitos colaterais que eu já sabia apareceria, né?!

As tecnologias do gênero podem ser hormonais, cirúrgicas, maquiagens, pulseiras, roupas, corte de cabelo dentre tantas outras coisas que irão compor e construir a performatividade do gênero. Além dos hormônios, um dos acessórios também utilizados por Prometeu é o colete, também conhecido como binder, ele indica que:

Eu já tenho mais de sete anos usando colete, mais de sete anos usando o binder, isso tem me prejudicado muito. E de uns anos para cá, eu tenho sentido muito. Porque eu utilizo muito, o ideal é que você utilize oito horas, no máximo. Eu utilizo 12, 15 e às vezes mais. Então, assim é algo que me faz mal fisicamente, porque tem me gerado problemas de coluna, tem me gerado problema com..., eu tenho escoliose, então tem me gerado problema de coluna, eu sinto dificuldade de respirar.

Na fala do participante é possível perceber o incomodo diário com os seios e que os artifícios e tecnologias do gênero utilizadas para que esse incomodo seja reduzido já estão comprometendo a sua qualidade de vida, até mesmo a sua saúde. Ele ainda não possuía condições financeiras para realizar a mamoplastia na rede privada de saúde e pelo Sistema Único ele teria que esperar muitos anos para realizar a tão sonhada cirurgia. Por isso, acabava recorrendo diariamente a outros objetos como o colete (binder) para reduzir a sua disforia.

O uso contínuo do colete utilizado pelos homens trans com a necessidade de disfarçar ou até de tornar imperceptível o volume das mamas, pode prejudicar significativamente a sua saúde. Isto justamente porque existe uma compressão extremamente forte para que os seios

não sejam notados, o que pode causar dispneia, comprometimento dos pulmões e do torax, dentre outros problemas fisiológicos (Mehringer et al., 2021). Após a cirurgia, os estudos apontam para um aumento considerável no bem-estar físico, na qualidade de vida, benefícios na relação sexual, satisfação corporal com baixíssimas taxas de arrependimentos (Mehringer et al., 2021; Russo et al., 2017). O participante ainda acrescenta que:

Mas assim, nesse momento, é uma urgência por uma questão de saúde, sabe? Não é só disfórico, é uma questão de saúde mesmo. Eu fui me fazendo e me formando enquanto sujeito e de reconhecimento de ser um homem trans, eu estou muito satisfeito com todo esse processo. E a única coisa que falta dentro desse processo transexualizador pra que eu consiga de fato estar livre desse corpo como eu te falei ontem, né? Dessa prisão do corpo, é a questão da mamoplastia masculinizadora...

Por meio da fala de Prometeu é possível refletir sobre a negociação semiótica que ele faz com ele mesmo, se autorregulando e criando novas fronteiras para conseguir se relacionar com o próprio corpo que para ele permanece enquanto uma prisão. A mamoplastia masculinizadora permite a comunicação da pele com o mundo a sua volta, enquanto a sua anatomia com os seios pode ser pensada como uma zona de fronteira que o afasta e o aprisiona do modo em que ele gostaria de ser notado, causando-lhe a disforia de gênero. São fronteiras da pele criadas pelos signos que pertencem ao seu conjunto de crenças, os quais o fazem materializar o homem que ele gostaria de ser e deseja se tornar. O participante com entusiasmo compartilha:

Eu digo aos meus amigos que no dia que eu fizer cirurgia e eu puder sair, que eu vou sair na rua pelado só de bermuda gritando e quem quiser que que olhe... e que...e eu já disse à minha esposa, eu disse: “olhe, quando eu fizer minha cirurgia você não vai me ver de camisa nunca mais... Eu vou pra faculdade sem camisa, quando eu chegar na porta eu boto a camisa.... Quando eu sair eu tiro a camisa”.

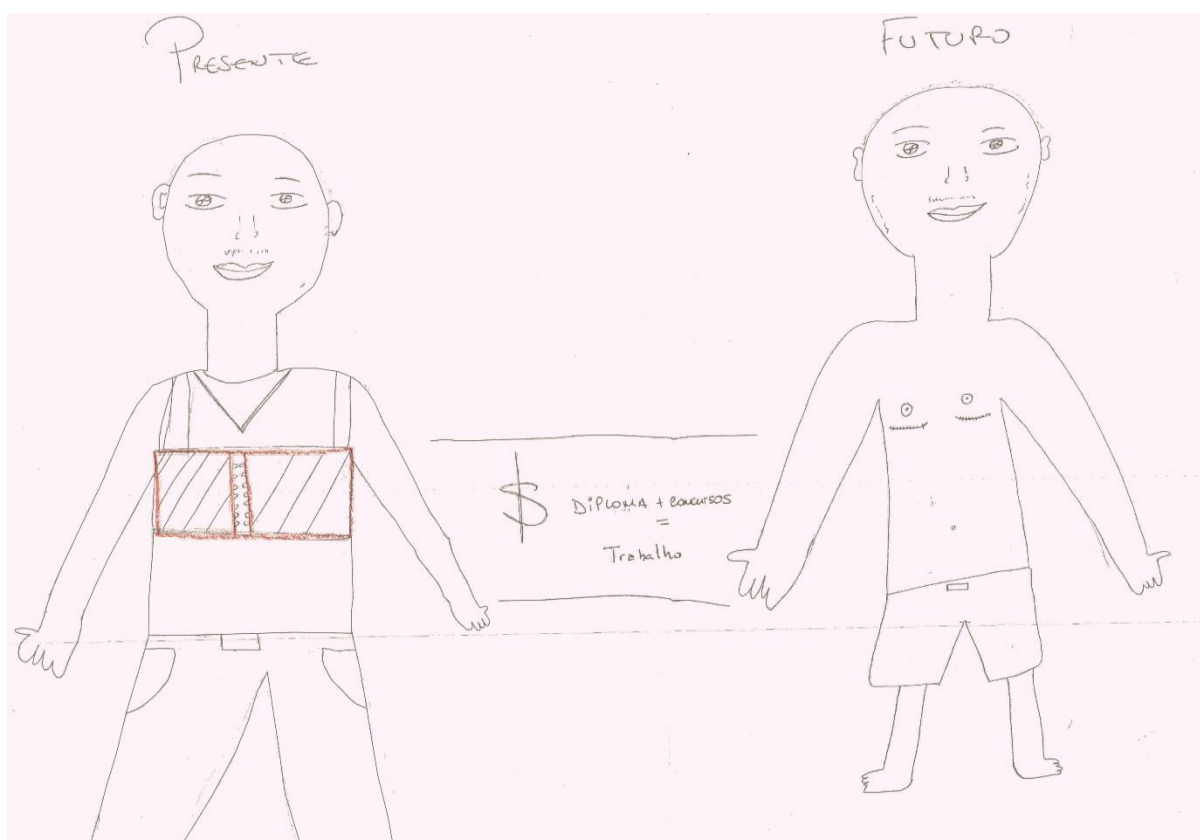
A sua prospecção de futuro ao definir a cirurgia como um marcador importante no seu processo transexualizador, cria uma relação de dualidade, uma dinâmica entre ter que estar com os seios, tendo como consequência a sensação de não possuir qualquer relação de identidade com parte de sua anatomia, e por outro lado, a permeabilidade de se pensar a cirurgia enquanto promotora de signos que possibilitam a sensação de estar livre de marcadores que não compõem o conjunto de características pertencentes à sua construção de gênero. São signos que criam limites os quais irão dar sentido ao futuro. Ou seja, antes mesmo da cirurgia,

Prometeu, frequentemente, cria significados que o conduzem para essa direção de futuro que ele intensamente idealiza para o seu processo transexualizador.

Os limites que se apresentam entre a pele e o externo permitem novas fronteiras e criam possibilidades de novos caminhos em seu processo. As negociações intrapsicológicas feitas por ele, permitem com que ele consiga acessar o mundo, o próprio corpo sem barreiras físicas e semióticas de que ali há algo que deveria ser retirado. Neste caso, os seios, sem a cirurgia, o impossibilitam de ser notado como ele gostaria, o impedem de fazer coisas que socialmente são aceitáveis apenas para os homens, como por exemplo, andar sem camisa em espaços públicos.

O signo da cirurgia torna-se ainda mais evidente quando ele realizou o desenho a partir da dinâmica adaptada “Meu presente/Meu futuro” de Serrão e Baleeiro (1999, p. 326). Na imagem a seguir, Prometeu, em poucos minutos, ilustrou a sua prospecção de futuro e compartilhou os significados presentes:

Figura 3: Desenho elaborado por Prometeu na dinâmica adaptada “Meu presente, meu futuro”



O futuro eu me coloquei de bermuda na praia, né?! E e sem camisa, né? Com a cicatriz que eu acho que é expressivo. Eu acho que a cicatriz, ela também é simbólica, né? Pra mim simboliza, né... que esse corpo que, embora corpo não normativo, é um corpo que vence, é um corpo que que é reconhecido que se reconhece que pode mostrar, né?! “Ah porque você tem a cicatriz?” Porque eu fiz uma cirurgia de mamoplastia masculinizadora. Isso pra mim é super simbólico

Neste sentido, o corpo de Prometeu se posiciona de modo dinâmico e permite a criação de novos significados antes e depois da cirurgia. Sua anatomia e a cicatriz se comunicam com o externo e significa a sua trajetória de múltiplas formas. É possível refletir que depois de realizada a tão importante cirurgia da mamoplastia masculinizadora, assim como as fronteiras possuem uma dinamicidade e flexibilidade por meio das referências sociais e dos signos adotados, existirão outros significados que passarão a existir para esse corpo. Prometeu explica:

Eh... é como uma tatuagem, sabe? toda tatuagem ela tem um uma representação, ela tem um uma simbologia, você não faz uma tatuagem por fazer... aquilo tem um significado pra você, aquilo tem um significado simbólico pra você e a mesma coisa funciona com... pra mim, a cicatriz funciona dessa forma, sabe? Aquilo tem um significado pra mim, aquilo tem um signo pra mim.

Como o participante mesmo afirmou, a cicatriz irá comunicar algo de um dado marcante para o seu desenvolvimento enquanto homem trans, algo que foi superado e que, mesmo não seguindo os padrões normativos, esse corpo se torna vitorioso e extrapola as fronteiras do que socialmente é significado e constrangido enquanto biológico. Se a biologia constrange, a cultura também pode constranger essa biologia (Bruner, 1997), pois ambos são produtos histórico-culturais encharcados de significação. É neste sentido que Prometeu conduz a sua trajetória de vida, constrangendo e extrapolando diversas fronteiras biológicas e sociais.

O participante esclarece na projeção realizada por meio do desenho da cartolina, o momento do presente que ele considera e percebe em sua história de vida. Ele descreve como lida com essas fronteiras presentes e os recursos existentes. Dentre esses recursos, destaca o binder, que se apresenta enquanto estratégia de redução de danos, como por exemplo, para reduzir a disforia dos seios, mas também possui outras significações as quais se relacionam como um instrumento de violência. Ele relata que:

No presente, eu tentei me desenhar com o uso da faixa, que é algo que enfim, né? Ou a faixa ou binder, que eu não uso faixa, eu uso o binder, que é o colete especificamente.

E aí eu me desenhei utilizando a faixa né? Eu, à priori, eu tinha pensado em tirar a faixa e fazer só o tronco mesmo com o jeito que ele é hoje né? e aí eu fiz o desenho com a faixa porque... Eu coloquei a faixa em vermelho porque eu acho que é algo que é específico né? É essa faixa, ela não é só uma violência material, sabe? Não é só um objeto que a gente utiliza pra esconder as mamas. Não é só um objeto que faz com que a gente se sinta mais confortável. É também pra mim um objeto simbólico, né? De violência, do corpo, de entender que é muito confortável pra pessoas cisgêneras acordar e botar uma camisa e não se sentir violentado com isso né? Não se sentir desconfortável com o fato de que você não, não vai sair na rua sem utilizar esse objeto que também é simbólico pra você... Porque ele marca pra você, muito bem é o que o seu corpo foi e o que o seu corpo é nesse momento.

O participante significa sua própria matéria enquanto elemento de transição. Transição não apenas de gênero, de transição física e social, em que há o rompimento dos signos de uma linguagem que em alguns momentos de sua trajetória o constrangeu e o normatizou e que não foram suficientes para impedir a sua existência enquanto homem trans que também rompe com as normas e transita de modo político. Essa transição é o reflexo de um futuro elaborado por ele. Ele elabora o lugar que contempla o modo em que deseja ser reconhecido em todas as dimensões. Mais uma vez ele afirma e explica o signo que se destaca durante essa prospecção e desejo de futuro. Ele contextualiza o homem na praia colocado no desenho:

a praia porque é simbólico também pra mim, porque é um dos meus maiores desejos do futuro. É que eu possa ir pra praia sem estar desconfortável. Sem ter que usar o colete, isso aqui é um projeto de futuro pra mim.

Eu não me sinto completo sabe...? Nesse sentido de ter uma certa liberdade pra fazer algumas coisas que enfim que é que é o que eu quero fazer, por exemplo, eu queria ir pra piscina, eu queria ir pra praia, as vezes eu sinto muito calor então eu queria poder ficar sem camisa... Uma liberdade afetiva sexual com a minha companheira. De sentir e de me sentir mais atraente, de me sentir, né?! Embora eu faça academia eu sinto que eu preciso disso pra me sentir confortável ainda com o meu corpo. Sabe?! Então dentro desse processo é isso aqui, sabe?! Por isso que eu te falei que pra mim é uma coisa muito clara... Eu tenho, é como eu já tenho muito tempo de o uso de hormônio terapia, a minha hormônio terapia é de manutenção. Não é mais de mudança. As mudanças que

eu queria alcançar e que meu corpo podia alcançar ela já alcançou. Hoje é mais manutenção do que alcançar características novas.

Além das esferas do presente e do futuro que o participante projeta e elabora, há uma ponte produzida por ele no desenho, assim como foi solicitado na dinâmica utilizada para o segundo encontro. Nessa ponte, ele conduz o que é significado por ele enquanto fronteira que irá direcioná-lo para o futuro almejado. A ponte, para ele, tornará possível o alcance ao sonho de conseguir fazer a cirurgia de mamoplastia masculinizadora. Ele a descreve como sendo uma condição futura, principalmente por todos os desafios e obstáculos que se apresentam em seu percurso de transição e reconhecimento de gênero

Eu só vou conseguir alcançar isso por meio do financeiro, porque as políticas públicas elas existem, mas elas não cobrem pra gente no momento presente de forma emergencial. São sete anos de espera. E eu não consigo, não é que eu não consiga, mas eu sei que eu vou ter que esperar esses sete anos se eu não conseguir isso aqui, se eu não tiver isso aqui que eu coloquei, né? Como ponte entre o presente e o futuro que é o dinheiro... Que vem por meio do diploma, que vem por meio por meio de concurso e do trabalho efetivamente, né?!

O trabalho que vai me dar condições financeiras pra arcar com esse futuro aqui sabe?! Então essa essa é a minha perspectiva nesse momento de que pra que meu processo me deixe satisfeito, é necessário que esse futuro aqui aconteça, Entende?! Sabe?! Que o resto, todo o resto do meu processo de transexualizador eu já estou satisfeito. Eu já estou muito satisfeito, então o que falta pra mim, para que eu me sinta confortável, é isso aqui no futuro (cirurgia de mamoplastia masculinizadora).

As fronteiras estabelecidas por Prometeu, para alcançar o futuro, possuem um caráter ainda mais desafiador, são muitas instâncias em que ele praticamente não possui rede de apoio familiar. O participante ainda se encontra na graduação e relata que não pode contar com o suporte financeiro e psicológico de sua mãe, o que torna o seu percurso ainda mais complicado e desgastante

Assim, eu não, não passei fome, sabe?! Não passei fome, mas assim eu passava dificuldade no sentido de que, por exemplo, não tinha dinheiro para comprar uma xerox, eu não tinha dinheiro para comprar roupa, para comprar comida.

Mas mesmo diante da difícil realidade apresentada por Prometeu e dos problemas que ainda o acompanham em sua trajetória de vida, ele resiste às frequentes violências. Tais violências realizadas inclusive por parte família. Uma instância que poderia atuar como uma rede de apoio, mas em seu caso, reproduz o abuso de uma sociedade que não reconhece o corpo trans como existência digna de vida. Ele relembra, por exemplo, a reação de sua mãe quando contou sobre a sua identidade de gênero e afirma que foi um dos momentos de maiores desafios e de transfobias vivenciados em sua trajetória. O entrevistado argumenta que se sentiu em uma situação de grande vulnerabilidade e desamparo familiar. Em sua narrativa ele destaca que:

E aí, quando eu contei para minha mãe ela, ela falou “Eu já sabia, eu já sabia porque muito antes de você ter ciência daquilo ali, você já dizia que você era um menino”. Eu disse: “Pois, é, é isso, é isso que eu tenho!”. Minha mãe me perguntou se eu queria mudar de sexo: “Você quer mudar de sexo?”. Eu disse: “Não, isso não me incomoda, mas a cirurgia de mamoplastia eu quero fazer!” De primeiro, ela disse “olha, já que você quer fazer isso, que você faça com cuidado.”. Isso no primeiro momento, e aí no dia seguinte, d’eu ter contado, de ter contado a ela, de ter explicado, né?! A situação e tal, que eu ia fazer a mudança do nome que eu ia fazer hormonioterapia... No dia seguinte, ela virou completamente a cabeça e me disse: "A partir de hoje, se você quiser fazer o que você quer, você vai trabalhar! Você vai se virar pra fazer, porque eu não lhe dou mais um centavo!". E aí eu fui organizar minhas coisas. Eu tive que ir para a residência da universidade. Eu fui na época, a universidade estava de greve. Foram oito meses de greve, eu não tinha como passar pelo Processo Seletivo, eu fui, entrei como emergencial, fui na época, eu não recebia um centavo, quem me mantinha eram os meus amigos.

As transfobias que Prometeu vivenciava, se apresentavam enquanto fronteiras físicas e sociais, as quais ele precisava extrapolar com os recursos semióticos disponíveis. Após o rompimento com a sua mãe, ele passou por outros desafios dentro da universidade. Ele narrou sobre o ambiente opressor que a universidade se apresentava para ele, restringindo-o inclusive de espaços públicos que também tinham referência com o seu processo transexualizador, como por exemplo, o banheiro masculino, conforme relata abaixo:

E aí um dia eu estava no banheiro, e aí eu encontrei uma pessoa que é do... que era do curso de Medicina. Na época e essa pessoa falou pra mim assim é... era um homem

cisgênero obviamente, né?! E aí ele falou pra mim assim: “Olha, se eu encontrar você nesse banheiro, eu vou pegar uma lâmpada dessa aqui, e eu vou bater em você!”.

Essa situação estabeleceu diversos constrangimentos com a sua relação com o banheiro masculino da universidade. Prometeu não se sentia seguro em utilizá-lo, pois usar o banheiro feminino que era destinado ao polo “mulher”, era também uma violência que ele não desejava passar. O banheiro masculino, por conta de sua anatomia, ou por não seguir o processo normativo, se apresentava enquanto uma fronteira ainda mais rígida e impermeável, após a violência e ameaça feita pelo seu colega. Uma situação que desencadeou diversos desgastes emocionais e uma insegurança de pertencer a um lugar de frequente transfobia. Ele relata a negociação intrapsicológica que ele fez, pois mesmo com medo, ele não podia se permitir compartilhar o banheiro feminino

E aí eu parei de usar o banheiro, eu parei de usar o banheiro porque eu fiquei com medo de usar o banheiro... Eu comecei a usar o banheiro dos professores, que é na parte de cima do pavilhão. Só que aí eu me sentia constrangido porque eu encontrava os professores, não podia, aluno não podia usar o banheiro dos professores e tal. Na época eu era novo, não tinha maturidade para lidar com aquilo ali. E aí eu comecei a ficar apertado, eu ficava o dia todo na universidade, mas não usava o banheiro. Eu não usava nenhum banheiro, se não era pra usar o masculino, eu não usava nenhum banheiro! Eu fiquei com com infecção urinária porque eu prendia, né?!

A trajetória de Prometeu e o percurso traçado em seu processo de afirmação de gênero, mesmo na universidade, foram seguidos de inúmeros desafios sociais, a linguagem cisheteronormativa era cotidianamente utilizada como instrumento de opressão, era respaldada pelas instituições e reproduzidas por elas. O argumento da perspectiva essencialista imperava na narrativa das pessoas e invadiam esferas do campo do privado. O corpo trans, o corpo de Prometeu, era violentado e tratado pelo social como corpo público, um corpo permeável e diariamente invadido por qualquer tipo de questionamento sobre o seu gênero e sexualidade, apenas por estar em um campo do não normativo. Esse mesmo corpo era diariamente disciplinado e punido, colocado em uma posição de não humano, de corpo abjeto (Butler, 2019). Essa relação fica ainda mais evidente em uma outra situação que Prometeu narra em que a sua colega de universidade invade a fronteira do privado e compartilha sobre a sua vida com outras pessoas a fim de trazer que existiam outras instâncias de hierarquia que não aprovavam a sua existência

Ela me chamou e falou assim: “Eu posso conversar contigo?”. Eu disse: “Pode!”. E aí eu sentei para conversar com ela, ela falou: “Olha, eu conversei com você, eu conversei sobre você com o pastor da minha igreja.”. E aí eu deixei ela falando, eu falei: “Não, pode falar e tal...” E ela falou que tinha conversado com o pastor dela sobre mim, que ela achava errado a forma que eu vivia, o jeito que as minhas escolhas... e que o pastor tinha pedido, é... pedido para ela vir falar comigo para me levar na igreja dele, que ele ia orar por mim, que ele ia fazer que ia acontecer, e tal ... e que ela não achava correto e que o que eu tinha era a falta de Deus.

Havia uma situação de vulnerabilidade social em que Prometeu precisava existir todos os dias e lutar por essa existência cotidianamente, inclusive na busca por políticas públicas que o protegessem até mesmo dentro da Universidade. A linguagem não normatizava corpos como o de Prometeu, pois não reconhecia experiências trans, não materializava as pessoas que extrapolavam essa rede de significação. Na verdade, a linguagem, nem sequer considera esses corpos como inteligíveis, como vidas que importam e merecem ser choradas. Essa linguagem estabelece relações de poder e de hierarquia sobre qualquer existência que rompa e desafie a cisheteronormatividade. Neste sentido, as pessoas trans se tornam abjetas, são mais vulneráveis e expostas, não têm direito ao privado e isso pode ser percebido durante grande parte da narrativa de Prometeu, inclusive nessa situação relatada com a colega em que ele precisava expor elementos íntimos de sua vida, em sua resposta ele relata

Eu expliquei para ela (colega da universidade): “Olha, você acha se fosse, de fato uma escolha, eu escolheria sofrer violência na universidade, ser abandonado pela minha família, sofreria violência em casa, apanhar na rua, você acha... você escolheria isso? Você escolheria... você escolheria ser abandonado pela sua mãe? Pelo seu pai? Ter a sua família, ver a sua família inteira, quem você criou afeto virar as costas para você? Ver a sua religião virando as costas para você? Você, você escolheria isso ao invés de escolher uma vida confortável, que é essa que você tem, onde todo mundo te aceita, onde todo mundo aceita seu, seu namorado, seu companheiro ou sua companheira? Você acha que você seria... você acha que se eu pudesse escolher, eu não escolheria essa vida que você tem?!”.

De acordo com o participante, essa foi uma das diversas situações em que ele foi questionado e constrangido sobre o seu gênero. O percurso da universidade foi marcado como um período de resistência e de luta contra a transfobia de colegas, professores e funcionários.

Em alguns momentos, ele compartilha que pensou em desistir do curso, da sua trajetória na universidade e que muitas pessoas trans são impulsionadas a desistirem de sua própria vida, em sua fala ele conta

Geralmente, os marcadores são marcadores de violência mesmo. Violência física, simbólica, a maioria das vezes é suicídio. Assim, pela família. Assim, quando eu digo em suicídio, eu falo suicídio simbólico também, né?! As pessoas se matam, mas elas se matam simbolicamente também porque antes delas morrerem de fato, ela já foi morta antes né?! Foram mortas simbolicamente pela família, pela sociedade. Enfim, pelo meio que ela vive, pelo espaço que ela ocupa, né? Pelo contexto que ela convive ali.

Diante do contexto de preconceito e de opressão, o participante ressignificou todo o cenário de transfobia e de constante violência. As fronteiras que pareciam impenetráveis, foram translocadas por ele em uma posição de desafiá-las. Os recursos semióticos que ele utilizou fez com que ele ressignificasse com resistência e desafiasse as leis já estabelecidas pela cultura cisheteronormativa e binária. Nesta perspectiva, ele buscou e produziu políticas públicas que ainda não existiam, criando novas fronteiras que possibilitariam e serviriam como uma ponte de acesso à proteção dele próprio e das novas pessoas trans que iriam acessar a universidade. Prometeu fala de uma dessas conquistas

Não, não, porque a gente foi a primeira no Brasil. Isso foi no Brasil. A gente sentou, estudou, fez um estudo, né?! Tanto a gente, quanto o coletivo dos estudantes. A gente sentou, juridicamente falando, a gente sentou para viabilizar a minuta, né? Porque a gente criou tudo zero, né?! Então a gente pegou algumas coisas que fossem garantidas para a universidade, por exemplo, no sistema que seria, que, que teria que haver uma mudança no sistema. Que no momento da inscrição da Universidade, lá no papel, tivesse constando o nome social, se a pessoa não tivesse ainda retificado que tem um espaço no documento lá com o uso do nome social, que é esse nome que é para o sistema, não o nome civil. É... a gente garantiu que o diploma, caso não tivesse feito a retificação, viria com nomes, é... viria com o nome social e no fundo viria o nome civil, né? E depois que a gente aprovou, a UFBA aprovou. Eles pegaram a minuta da gente e aí as outras universidades, todas aprovaram.

Hoje, após algumas conquistas como essa, Prometeu indica que o caminho que ele traçou durante o seu processo transexualizador permitiu também com que ele sobrevivesse diante do cenário que lhe foi imposto. Hoje, se sente orgulhoso das negociações que ele fez

com ele mesmo e com os signos que estavam disponíveis em seu processo transexualizador. O participante fala altivamente que

Por exemplo, quando eu digo que o meu corpo é político, o meu corpo ocupa esse espaço político, principalmente na universidade, é porque as pessoas me reconhecem como um ponto de referência. Não só como um ponto de referência, de ser uma pessoa trans, mas um ponto de referência acadêmico. E saber que, se elas precisarem, elas podem vir até mim, porque eu vou saber, o que é preciso ser feito, principalmente com relação a práticas violentas... Porque eu vou saber como lidar com aquilo ali. Para onde é que a pessoa tem que ir, saber que elas confiam em mim e têm esses pontos de referência. Meu corpo aqui dentro vai ser político. Eu vou transitar aqui, as pessoas vão ter que me engolir, querendo elas ou não, elas vão ter que me engolir. Professor, professora, discente, técnico. Eles vão ter que lidar com isso.

São essas experiências relatadas por Prometeu que permitem que se compreenda, no início da pesquisa, a sua postura inicialmente defensiva, o que era totalmente compreensível. Sua trajetória foi de luta e resistência, em que o contexto social, por meio da linguagem, incessantemente tentava adequá-lo à gramática do gênero, de códigos e signos que não o reconheciam enquanto vida digna, enquanto pessoa e existência. Além disso, muitas pesquisas reproduziam um discurso biologicista sobre os corpos. Inclusive, algumas pesquisas que ele participou imprimiam uma visão estereotipada e universalizada no que se refere às pessoas transexuais, como por exemplo, de que para ser considerada uma pessoa transexual, a pessoa precisa ter desconforto de sua própria genitália. Tem que desejar adequar a genitália já que ela lhe gera uma aversão e não o proporciona prazer em suas relações e, além disso, também se percebe em um corpo errado. Por meio da narrativa de Prometeu, mais uma vez, se percebe a importância de se repensar a literatura e afirmações estereotipadas em relação a pessoa transexual.

As informações que universalizam as histórias das pessoas trans, camuflam a grandiosidade e particularidade do desenvolvimento de cada sujeito que não se identifica com o gênero que lhe foi imposto. São discursos que são legitimados por uma grande parte da sociedade, principalmente porque são informações que constam no CID 11. Porém, esse tipo de alocação respaldada pelos saberes biomédicos e psi, divergem da realidade das pessoas transexuais (Bento, 2017), ou mesmo das realidades trans, já que, embora existam similitudes, o modo como a pessoa reivindica o seu próprio gênero, passa por uma particularidade única e

subjetiva, composta por fragmentos que contemplam a sua cultura coletiva, mas principalmente a sua cultura pessoal.

Levando essa realidade em consideração, era extremamente importante e enriquecedor para a pesquisa, ouvir desse participante, um homem trans, o quanto era violenta a reprodução de discursos biologicistas e normatizadores em relação aos corpos. Somado a isso, o quanto os estereótipos que as pessoas trans eram obrigadas a carregar, invalidavam as suas experiências e modo de performatizar o seu próprio gênero. Além disso, na narrativa de Prometeu imperava a necessidade de atualizar os manuais que versam também sobre a experiência trans. Sua fala contribui para repensar algumas literaturas que ainda reproduzem muitos discursos patologizantes e transfóbicos a respeito da transexualidade, inclusive, discursos que reforçam, ainda hoje, um olhar de doença para as realidades de pessoas que rompem com os padrões cisheteronormativos.

A linguagem, o gênero e as fronteiras semióticas são performativas (Marsico, 2017), pois mesmo diante das barreiras produzidas por eles, há sempre uma fenda que traz a possibilidade de que novos signos e caminhos viabilizem diferentes maneiras de existência, as quais passam a emergir e existir, rompendo com a dicotomia presente na semiosfera de uma cultura binária. Desta forma, vale ressaltar que assim como não há homens e mulheres cis universais, também não é possível se pensar em pessoas trans universais, já que a existência trans não cabe nos padrões linguísticos e muito menos em padrões de diagnóstico com critérios de avaliação que buscam identificar a pessoa “transexual de verdade”.

Considerações Finais

A identidade não deve ser pensada como um elemento estável e inato, ela é construída e ressignificada ao longo da trajetória de vida, passando por diversas mudanças durante o desenvolvimento de uma pessoa. Neste sentido, a pessoa irá negociar o modo como ela deseja performatizar a sua identidade a depender da época e do seu contexto social. A identidade é mediada pela relação de signos e significados que estão presentes na cultura. A semiosfera disponível, contribui para que a pessoa, de um cenário para o outro, faça constantes negociações frente às diversas maneiras em que ela deseja se posicionar.

Pode-se dizer que a pessoa possui múltiplas identidades, as quais estarão de acordo com a forma como que ela percebe o ambiente e o modo em que ela se sente inserida nos diversos contextos em que transita. Por meio dessas múltiplas identidades vivenciadas, é relevante discutir sobre a identidade de gênero, pois ela perpassa todo o desenvolvimento humano e tem implicações durante a história de vida do sujeito em desenvolvimento.

Existem padrões normativos que proporcionam um controle das identidades de gênero, direcionando as pessoas apenas para o masculino ou feminino, excluindo outras possibilidades de gênero ou de não gênero. Conjuntamente essas definições de gênero irão balizar como cada membro pertencente a determinada categoria deverá se comportar, o que pode desejar e como deve se expressar socialmente. Culturalmente, o que é definido para um gênero, não deve ser concebido para o outro. Essa realidade é mantida e reforçada por argumentos de cunho essencialista para reforçar o controle dos corpos.

De acordo com a teoria da Performatividade de Gênero de Judith Butler (2003; 2004), o gênero deve ser concebido como performativo, ele é um produto de uma linguagem cisheteronormativa. Essa linguagem é reproduzida cotidianamente por meio do discurso, do comportamento, das ações e dos gestos que produzem a falsa ideia de uma substância. Ou seja, de que já nascemos com uma identidade de gênero predeterminada pela biologia. Nesta perspectiva, não se deve pensar em uma essência, pois o gênero, para a autora é um conjunto de ações e comportamentos reproduzidos no corpo, na roupa, no discurso, os quais são constantemente constrangidos pela linguagem.

O discurso de cunho biológico constrange as experiências que rompem com o binarismo do gênero homem *versus* mulher. São essas múltiplas formas de existir que possibilitam a

compreensão de que o gênero não é inato e nem rígido. Na verdade, ele é a reprodução de uma construção social operada pela linguagem.

Ao se pensar na flexibilidade existente no gênero, é possível aproximá-la e interpretá-lo também sob a perspectiva da Teoria das Fronteiras Semióticas, a qual está contida na Teoria Cultural Semiótica. A Teoria das Fronteiras Semióticas indica que as fronteiras são permeáveis, não são rígidas e são performativas, assim como o gênero. A depender do contexto e da rede de negociação presente na semiosfera da pessoa, ela poderá se tornar permeável ou ainda mais rígida por meio de negociações que emergem a partir das tensões e ambivalências existentes durante esse processo.

Levando essa realidade em consideração, diante das possibilidades existente nas fronteiras do gênero, as quais podem emergir múltiplas formas de existir de modo a romper com os códigos linguísticos e com a matriz da inteligibilidade do gênero, discutida ao longo do trabalho, estão as pessoas transexuais. São elas que subvertem a lógica do gênero e possibilitam novas reflexões que direcionam para o rompimento de concepções essencialistas no que se refere ao gênero e a sexualidade.

Neste sentido, entende-se que não é porque uma pessoa foi identificada com um pênis durante o seu nascimento, que o seu único destino é se tornar um homem. Do mesmo modo que se uma pessoa nasceu com uma vagina, isso não significa dizer que ela se tornará única e exclusivamente uma mulher. Com efeito, deverá haver outras possibilidades para esse corpo que foi generificado, levando em consideração a perspectiva de uma linguagem binária e excludente.

A cisheteronormatividade existente na linguagem produz um contexto de exclusão, violência e transfobia para as pessoas que não desejam vivenciar a compulsoriedade do gênero. Neste caso, os indivíduos transexuais que se compreendem em um gênero diferente do que lhe foi imposto e desejam performatizar um outro gênero, são negligenciados pela sociedade. Há um cenário de controle, de normatização dos corpos e as experiências trans, por extrapolarem as fronteiras do gênero, são vistas como identidades transtornadas, uma vez que rompem com a lógica da cisheteronormatividade.

As existências trans são carimbadas como doentes e definidas por critérios de diagnóstico nos manuais do CID- 11 e do DSM-5, justamente por romperem com o determinismo essencialista dos corpos. Além disso, os manuais de saúde mental imprimem convicções estereotipadas no que se refere a experiência transexual, como por exemplo, ao

afirmar que a pessoa trans se considera ter nascido no corpo errado ou que ela tem aversão à sua genitália. São produções que padronizam todas essas experiências e criam um protótipo de pessoa trans universal.

Esse contexto possui uma séria implicação na experiência de vida dos sujeitos que reivindicam um gênero diferente da sua primeira socialização. É uma realidade que anula a multiplicidade de possibilidades das identidades trans, normatizando-as e categorizando-as como uma única forma de ser reconhecida como pessoa transexual “de verdade”. Existe uma dinamicidade nessas experiências, são diferentes formas de se perceber e de reivindicar esse gênero. Há pessoas trans que irão desejar fazer a cirurgia de adequação da genitália, terão outras que não possuirão essa necessidade, pois se sentem bem com a sua genitália e não desejam fazer qualquer tipo de alteração.

Diante desse cenário, surgiu a demanda de investigar como se caracteriza a performatividade de gênero no processo transexualizador de homens transexuais. Existe um destaque do homem transexual, por possuírem pouco protagonismo nos estudos de gênero e sexualidade. Há uma carência de literatura que promova discussões específicas para o homem trans, inclusive políticas públicas que viabilizem, por exemplo, a cirurgia de adequação da genitália para esse grupo, pois, no Brasil, ela ainda se encontra em caráter experimental. Assim, nota-se também a importância de romper com concepções equivocadas e transfóbicas quanto ao universo da pessoa trans e o modo em que elas lidam com o gênero e a sua anatomia.

O presente trabalho, ao compreender a dinâmica das fronteiras semióticas no tornar-se homem transexual, se direcionou para a produção de discussões que rompessem com o caráter hegemônico no que se refere aos indivíduos trans. Como resultados da pesquisa, foi possível a ampliação do conceito de fronteiras semióticas da psicologia cultural semiótica para os campos de gênero e sexualidade. Durante o processo de tornar-se pessoa transexual irão emergir fronteiras semióticas do gênero, posto que haverá uma permeabilidade nas zonas de fronteiras que antes não poderiam ser transpostas. Essa rigidez das fronteiras semióticas do gênero, possui uma relação direta com a linguagem e com a mediação de signos e significados referentes ao binarismo do gênero, imposto na trajetória de vida do sujeito.

As fronteiras semióticas do gênero se estabelecem dinâmicas, do mesmo modo que as fronteiras semióticas possuem uma alta flexibilidade e ineditismo em sua estrutura, justamente pelo caráter de agenciamento da pessoa em desenvolvimento. Ela não apenas internaliza os signos e significados, mas também os transforma e os ressignifica. Há uma constante

negociação do que é possível, do que não é possível e do que pode se tornar viável durante esse processo e dos interesses que assumem um certo protagonismo em cada história de vida.

Ao se pensar na experiência da pessoa transexual e sua relação com as fronteiras semióticas do gênero, é importante ressaltar que cada experiência trans deve ser compreendida como única, pois existirão diferentes tensões e ambivalências frente o processo de se perceber pessoa transexual. Essas tensões e ambivalências se tornam ainda mais acentuadas no momento em que a pessoa que não se reconhece no gênero que lhe foi designado, se apropria do signo “pessoa transexual” e passa a ressignificar toda a sua trajetória de vida. Ou seja, antes havia incômodos que não conseguiam ser nominados, conseqüentemente, não era possível dar um significado e compreensão consciente no que se refere às incongruências que surgiam em seu desenvolvimento.

Durante a trajetória de vida do indivíduo trans, em algum momento, ele entra em contato com o signo “pessoa transexual” e passa a dar sentido aos comportamentos, gostos e preferências que antes eram marcados como sendo errados, como algo que não seguia as normas do gênero e não condiziam culturalmente com o gênero que lhe foi atribuído. É justamente no emergir das fronteiras do gênero que a pessoa trans passa por diversas tensões e ambivalências entre um gênero e o outro. Ou seja, existe uma negociação nas zonas de fronteiras entre o gênero que a pessoa foi socializada e a possibilidade de subversão desse gênero. O que antes não era possível, por meio do signo “pessoa transexual”, passa a ser materializado e justificável. Isso significa que ela terá que extrapolar os limites encontrados nas fronteiras do gênero para vivenciar o gênero em que ela se sente pertencente.

Existirá uma dinamicidade neste processo, haverá diferentes acordos intra e interpessoais, ganhos e perdas que a pessoa irá negociar para vivenciar o modo com o qual se percebe. Essas tensões e ambivalências também possuem uma relação com o que foi aprendido em sua primeira socialização, sendo-lhe apresentada inicialmente apenas a possibilidade “homem/pênis” e “mulher/vagina” para a manutenção de uma matriz de inteligibilidade de gênero. Uma realidade que se mostra ainda mais desafiadora no momento em que a pessoa trans decide extrapolar essa matriz, um núcleo de controle rígido e que não reconhece outras possibilidades de existência.

No caso do homem transexual, o corpo materializado pela linguagem não se adequa de maneira fidedigna às normas, pois no momento em que se rompe com o caráter hegemônico, nota-se que há a existência de uma fenda nessa linguagem. Significa dizer que, o corpo durante a repetição incessante e paródica destes atos, gera um espaço que simultaneamente tornam as

fronteiras do gênero permeáveis para outras formas de performar os gêneros, escapando da combinação homem x masculino, mulher x feminino.

Sob essa perspectiva, a fenda na linguagem, cria um espaço que permite o rompimento com o que estava estabelecido enquanto condição, abre um campo de possibilidades facilitando para que exista a subversão do gênero na experiência das pessoas trans. Essa fissura linguística pode ser relacionada à cultura pessoal, pois, embora a pessoa internalize uma linguagem binária, cisheteronormativa e reproduza uma cultura que foi posta, ela também externaliza e interpreta de modo ativo e único os signos e significados que foram introjetados durante o seu desenvolvimento. Essa relação de interação, materializa campos de possibilidades e de identidades que rompem com o binarismo do gênero. É esse espaço de viabilidades que corporifica as identidades trans e permite com que seja possível repensar as imposições encontradas nos estudos de cunho biologicista.

Desta forma, os corpos trans, ao escaparem dessas normas, para a nossa sociedade, tornam-se identidades transtornadas, corpos abjetos, os quais não devem ter direito ao luto e ao cuidado. Isso se deve ao caráter regulatório das instituições sociais que controlam os gêneros e sexualidades, tendo como referência a produção da heterossexualidade como única possibilidade de existência (Butler, 2003; Bento, 2011). “A transexualidade seria, portanto, a materialização do impossível, o inominável, aquilo que transcende a capacidade de compreensão” (Bento, 2011, p.4).

Diante dessa realidade, a pessoa transexual tem uma vivência de transfobia e constrangimento por subverter a lógica sexo/gênero. É um cenário de sofrimento psíquico, exclusão social, abuso de álcool dentre outros fatores de risco. O preconceito existente em relação às experiências trans, cria obstáculos para a realização de pesquisas com homens transexuais, justamente por eles apresentarem receio de os pesquisadores e as pesquisadoras assumirem uma concepção binária e heteronormativa, bem como, durante a entrevista serem preconceituosos em relação a suas identidades de gênero.

Neste sentido, para esta dissertação de mestrado, existiu uma certa dificuldade em encontrar participantes que se sentissem confortáveis para contribuir com a pesquisa realizada, principalmente por ser um trabalho conduzido por uma pesquisadora cis. Assim apesar do planejamento inicial de entrevistar quatro participantes, apenas dois puderam se disponibilizar para a entrevista, tanto pela dificuldade de acesso aos participantes, que nem sempre se sentiam confortáveis quanto pela Pandemia da Covid-19.

Apesar deste trabalho possuir um número reduzido de entrevistados, é importante destacar que os objetivos foram contemplados. Os instrumentos e os procedimentos para a produção e análise de dados foram importantes para refletir sobre as tensões e ambivalências que emergem frente ao processo de tornar-se homem transexual, bem como para a compreensão das fronteiras semióticas do gênero que se estabelecem diante do signo “pessoa transexual”.

A partir dos instrumentos de pesquisa, os participantes, ao utilizarem os materiais disponibilizados (tesoura, lápis, revistas, cola, etc.) durante a entrevista, projetaram na cartolina disponível a representação no papel da negociação feita por eles entre o gênero que lhe foi imposto e o que ele passa a significar e a performatizar como sendo seu. O instrumento “Meu presente, meu futuro”, possibilitou a projeção dessas fronteiras semióticas do gênero e o que é definido enquanto elaboração de presente e futuro com a finalidade de estabelecer campos de possibilidades os quais são posicionados como prioridade em seu processo de tornar-se pessoa transexual.

No caso dos dois participantes entrevistados neste trabalho, nota-se o quanto possuem formação para questionar as perspectivas de pesquisas que reproduzem preconceitos ao estudar gênero e mais especificamente a pessoa transexual. Eles possuem uma postura política que visa desconstruir estereótipos que versam acerca da pessoa trans, ao gênero e a sexualidade, além de se instrumentalizarem teoricamente para indicar quais políticas são necessárias para a inclusão e para a melhoria na qualidade de vida das pessoas trans.

O primeiro participante – Sanção ao Contrário – por exemplo, tinha bastante conhecimento sobre o fenômeno que estava vivenciando. Ele se percebia como um homem transexual não binário, ou seja, buscava imprimir em sua identidade elementos performativos que não fossem produtos de uma masculinidade hegemônica. Em sua fala, ele se posicionava de forma a tentar romper com os estereótipos masculinos. Todavia, firmava que gostaria de ser chamado pelo pronome “ele” e valorizava alguns signos hipergeneralizados que expressam a masculinidade, como a barba e a ausência dos seios, chamado de “intrusos”. O primeiro participante também afirmou o quanto era importante passar pela cirurgia de mamoplastia masculinizadora e optava por não utilizar hormônios, indicando que, no momento, os riscos eram maiores do que os benefícios.

O segundo participante – Prometeu – tinha um profundo conhecimento nos campos de gênero e sexualidade também como forma de proteção social. Ele já havia participado de muitas pesquisas e colaborado com políticas públicas referentes ao nome social, principalmente na Universidade onde estuda.

Prometeu se definia como um homem transgênero binário, utilizava hormônios já há muitos anos. Ele se dedicava a performatizar, em muitos contextos, os signos da masculinidade hegemônica, inclusive indicava o quanto precisava estudar essas características para que pudesse ter um alto nível de passabilidade e para não sofrer preconceito nos ambientes sociais. Prometeu indicou que tinha disforia com os seios e desejava passar pela cirurgia de mamoplastia masculinizadora o mais rápido possível. Ele também se sentia confortável com a sua genitália, inclusive, em suas relações sexuais, sentia prazer e conforto durante todo o processo.

As realidades dos participantes apresentadas neste trabalho condizem com a literatura utilizada do quão danoso é cristalizar as identidades trans. Os estudos com homens transexuais, os próprios manuais de diagnóstico, criam afirmações que não condizem com a realidade de diversos desses sujeitos. Muito pelo contrário, contribuem para um ambiente que patologiza quem não deseja vivenciar uma realidade binária e hegemônica dos corpos.

O presente trabalho almejou para a contribuir para os campos de gênero e sexualidade e, não menos importante, para os campos da Psicologia, mais especificamente para a psicologia do desenvolvimento humano a qual ainda carece de literatura sobre o gênero e sexualidade, principalmente no que se refere às existências transexuais, de modo que a psicologia do desenvolvimento humano, em grande parte do seu referencial teórico, se direciona para o gênero com uma concepção binária e essencialista.

É importante ressaltar que nos cursos de Psicologia os componentes curriculares que versam sobre gênero e sexualidade são disponibilizados na modalidade optativa, ou seja, não se estabelece a devida importância para um tema que está presente em todas as fases desenvolvimentais humanas. Há uma demanda de políticas públicas para esses corpos que são esquadrihados por um sistema cisheteronormativo.

Os corpos trans são experiências que não possuem rede de apoio familiar por divergirem da poderosa matriz de inteligibilidade de gênero, carecem de políticas públicas, o que corrobora para que as pessoas trans deixem de buscar os sistemas de saúde para acompanhamento durante o processo transexualizador. Como consequência disso, é comum que as pessoas trans busquem hormonização por conta própria, por vias clandestinas, já que os profissionais de saúde também não possuem o conhecimento para atender as pessoas trans, reproduzem preconceitos e não são formados de maneira devida para acompanhar esses casos.

Para além da falta de formação dos profissionais de saúde, há uma morosidade do Sistema Único de Saúde (SUS) no que se refere ao acesso às tecnologias do gênero oferecidas pelo sistema, dentre elas as cirurgias e o processo de hormonização. As pessoas trans além de terem que passar pelos itinerários do SUS e se provarem “verdadeiros transexuais”, de acordo com os critérios de diagnóstico estabelecidos, precisam vivenciar o gênero por pelo menos dois anos, ter atendimento psicológico, psiquiátrico dentre outros profissionais que irão contribuir com o diagnóstico exigido pelo SUS para dar andamento ao processo transexualizador.

Após os itinerários apresentados e se forem aprovados nas etapas vivenciadas no SUS, terão o diagnóstico médico de “Disforia de Gênero” e só assim poderão ser incluídos na imensa fila de espera para que os homens trans consigam fazer a mastectomia masculinizadora. Uma realidade que cria uma série de obstáculos e produz um contexto de sofrimento para essas pessoas, incluindo os participantes desta pesquisa que, no momento, por condições financeiras, só possuem como alternativa o sistema público de saúde.

Urge a necessidade de novos estudos que possibilitem a abrangência das muitas possibilidades das experiências de pessoa transexuais. Além disso, por meio do estado da arte realizado neste trabalho, nota-se a carência de literatura que protagonize as realidades dos homens transexuais mais especificamente. Emerge a importância de pesquisas empíricas que desconstruam estereótipos em relação ao desenvolvimento da pessoa trans os quais são produzidos tanto pelos manuais de saúde mental, quanto pela sociedade como um todo.

Nota-se também a demanda de mais estudos que versem sobre o processo transexualizador de pessoas transexuais, mais especificamente de homens trans. Torna-se relevante a compreensão das particularidades de cada experiência de vida, incluindo os desafios e as necessidades existentes durante o processo de tornar-se homem transexual. Por fim, percebe-se a carência em políticas públicas e capacitação profissional nas mais variadas instituições: escolas, empresas, universidades, serviços de saúde, dentre outras, para que os indivíduos transexuais sejam incluídos, cuidados e compreendidos socialmente como forma de manutenção do seu bem-estar-psíquico e interpessoal.

Referências

- Abbey, E. & Valsiner, J. (2005, December). Emergence of meanings through ambivalence. *FQS: Forum Qualitative Sozialforschung* [On-line Journal], vol. 6, n.1, 1Avaliable on <http://www.qualitative-research.net>
- Andrucki, Max & Kaplan, Dana (2018) Trans objects: materializing queer time in US transmasculine homes, *Gender, Place & Culture*, 25(6),pp 781-798, DOI: [10.1080/0966369X.2018.1457014](https://doi.org/10.1080/0966369X.2018.1457014)
- Antunes, Pedro Paulo (2013). *Travestis envelhecem?* São Paulo: Annablume
- American Psychiatric Association, (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DMS-5, 5ª edição* Retirado em: <http://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf> - Acesso em: 20 ago. 2023.
- Aparício, P. I. A. (2020). (Micro) violência e a pandemia de COVID-19. In J.-C. Suárez
- Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) (2020). *Como acessar o SUS para questões de transição: Direitos e Política, Saúde*. ANTRA Associação de Travestis e Transexuais. Recuperado em: <https://antrabrasil.org/2020/07/27/como-acessar-o-sus-para-questoes-de-transicao/>. Acessado em: Dez. de 2023.
- Austin, j. L (1962). *How to do things with words*. Oxford: Clarendon Press.
- Baker, W. B. (2018). Sexual and gender identities in transgender men: Fluid and binary perspectives. *Journal of Gay & Lesbian Mental Health*, 22(3), 280–301. <https://doi.org/10.1080/19359705.2018.1458677>
- Beauvoir, S. (1980). *O Segundo Sexo*, v.I, II. (S. Milliet, Trans.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. (1980). *O Segundo Sexo*, v.I, II. (S. Milliet, Trans.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- Bento, Berenice (2006) *A (re)invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond/Clam
- Bento, Berenice (2008). *O que é transexualidade?*. São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos).
- Bento, B. (2009). A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades*, 3(04), p.96-108
<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2298>.
- Bento, Berenice (2017) *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA.
- Bento, Berenice; Pelúcio, Larissa (2012). Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n.2, maio-ago p.569-581. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200017>
- Borba, R. (2014a). A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. *Cadernos Pagu*, (43), 441–473.
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645172>
- Borba, Rodrigo (2014b). *(Des)aprendendo a “ser”*: trajetórias de socialização e performances narrativas no Processo Transexualizador. 206p. (Tese de Doutorado. Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Recuperado em: <http://www.lettras.ufrj.br/linguisticaaplicada/site/teses/2014-rodri goborba.pdf>
- Borba, Rodrigo. (2016) *O (Des)Aprendizado de Si*: transexualidades, interação e cuidado em saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Borba, Rodrigo; Lopes (2018). A Escrituras de gênero e políticas de différence: imundície verbal e letramentos de intervenção no cotidiano escolar. *Linguagem & Ensino, Pelotas*, v. 21, n.esp. |VIII SENALE. p. 241-285
- Bruner, Jerome (1997). *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas

- Butler, Judith (1993). *Bodies that Matter: On the Discursive Limits of "Sex"*. Nova York, Routledge.
- Butler, Judith (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, Judith (2004a) *Precarious life: the powers of mourning and violence*. New York: Verso.
- Butler, Judith (2004b). *Undoing Gender*. New York: Routledge.
- Butler, J.. (2014). Regulações de gênero. *Cadernos Pagu*, (42), 249–274. <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420249>
- Butler, Judith (2020). *Corpos que importam: Os limites discursivos do "sexo"*. São Paulo: N-1 Edições.
- Chnaiderman, Miriam (2014). Os mil sexos de corpos inventados. In: Coelho, Maria Thereza Ávila Dantas; Sampaio, Liliana Lopes Pedral. *Transexualidades: um olhar multidisciplinar*. Salvador: EDUFBA.
- Colling, Leandro (2018). *Gênero e sexualidade na atualidade*. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância.
- Cruz, L. E. de M. P., Barreto, M. L. da S., & Dazzani, M. V. M. (2020). Do gênero aos papéis sociais: a construção da identidade da pessoa transexual. *Interfaces Científicas - Educação*, 8(2), 299-314. <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n2p299-314>
- De Luca Picione R, Freda MF (2016). Borders and Modal Articulations. Semiotic Constructs of Sensemaking Processes Enabling a Fecund Dialogue Between Cultural Psychology and Clinical Psychology. *Integr Psychol Behav Sci*. Mar;50(1):29-43. doi: 10.1007/s12124-015-9318-2. PMID: 26149084.
- Dubar, C. (1997). Para uma teoria sociológica da identidade. In *A socialização*. Porto: Porto Editora.
- Erikson, E. H (1976). *Identidade: Juventude e crise* (2ª ed., trad. A. Cabral). Rio de Janeiro, Brasil: Zahar Editores (trabalho original publicado em 1968).

- Flick, Uwe (2009) *Introdução à pesquisa qualitativa*. Uwe Flick; Tradução Joice Elias Costa – 3ª Edição. Porto Alegre: Artmed.
- Foucault, M. (1976/2003). *História da sexualidade: a vontade de saber* vol. I. Rio de Janeiro: Graal
- Foucault, M. (1979/2013) *Microfísica do poder*. 27ª edição. São Paulo: Graal.
- Foucault, Michel (1995). *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1997). *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Editora Graal.
- Furtado, Marcella et al. (2014). Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. *Psicologia & Sociedade* [online]., v. 26, n. 1, pp. 106-115. Recuperado em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100012>>.
- Goellner, Silvana V (2008). A produção cultural do corpo. In: Guacira Louro; Jane Felipe; Silvana Goellner. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação* - 4ª edição. 4 ed. Petrópolis: Vozes, v. 1, p. 28-40.
- González-Rey, F. (2003). *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomson Learning.
- Hall, Stuart (2015). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Hanauer, Otto Felipe Dias, & Hemmi, Ana Paula Azevedo. (2019). Caminhos percorridos por transexuais: em busca pela transição de gênero. *Saúde em Debate*, 43(8), pp. 91-106. Epub August 07, 2020. <https://doi.org/10.1590/0103-11042019s807>
- Hermans, , H., Konopka, A; Oosterwegel, A. & Zomer, P. Fields of Tension in a Boundary-Crossing World: Towards a Democratic Organization of the Self. *Integr Psych Behav* 51:505–535, 2017. <https://doi.org/10.1007/s12124-016-9370-6>.
- Innis, R. (2014). Meaningful connections: Semiotics, cultural psychology, and the forms of sense. In J. Valsiner (Ed.), *The Oxford handbook of culture and psychology* (pp. 255–276). New York, NY: Oxford University Press.

- Jovchelovich, S & Bauer (2002). Entrevista Narrativa. In: Bauer MW, Gaskell G. *pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 90-113). Petrópolis: Vozes.
- Jesus, Jaqueline Gomes de (2012). *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*, 2ª Edição. Brasília
- Kłonkowska, A. M. (2018). Masculinity: Assigned–Reassigned–Socially Constructed: The Social Reception of Trans Masculinity in Poland. *Men and Masculinities*, 21(2), 210-229. <https://doi.org/10.1177/1097184X16658760>
- Lacan, j (2007). *O Seminário, Livro 23: o sinthoma, 1975-1976*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1995). Conferência MIT [02/12/1975]. In: Centro De Estudos Freudianos Do Recife (Org.). *Conferências nos Estados Unidos*. (p.49). Recife: CEFR
- Latham, J. R. (2016). Trans men’s sexual narrative-practices: Introducing STS to trans and sexuality studies. *Sexualities*, 19(3), 347–368. <https://doi.org/10.1177/1363460715583609>
- Lima, F., & Cruz K. T. (2016). Os processos de hormonização e a produção do cuidado em saúde na transexualidade masculina. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 23 May-Ago. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2016.23.07.a>
- Lopes de Oliveira, M. C. S.; Madureira, A.F.A.(2014). *Gênero e Psicologia do Desenvolvimento: quando a ciência é utilizada como força normatizadora das identidades de gênero*. *Labrys* Retirado em: <https://www.labrys.net.br/labrys26/psy/maria%20claudia.htm>
- Louro, G. L.(2000). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Luz, M. T.. (2005). Prometeu acorrentado: análise sociológica da categoria produtividade e as condições atuais da vida acadêmica. *Physis: Revista De Saúde Coletiva*, 15(1), 39–57. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312005000100003>
- Marques, B. P. A. (2021). Mastectomia masculinizadora para redesignação de gênero de transexuais masculinos. *Revista Brasileira de Cirurgia Plástica*, 36(4), p 390-396. <https://doi.org/10.5935/2177-1235.2021RBCP0123>

- Marsico, G. (2012). The double uncertainty: Trajectories and professional identity in changing contexts. *Culture & Psychology*, 18(1), p. 121–132. <https://doi.org/10.1177/1354067X11427469>
- Marsico, G., Cabell, K.R., Valsiner, J., & Kharlamov, N.A (2013). Interobjectivity as a border: The fluid dynamics of betweenness. In G.Sammut, P. Daanen, & F. Moghaddm (Eds.), *Understanding the self and others: Explorations in intersubjectivity and interobjectivity* (pp. 51-65). London: Routledge
- Marsico & Tateo, L (2017). Borders, Tensegrity and Development in Dialogue. *Integrative Psychological & Behavioral Science*, 51(4), p. 536–556. <https://doi.org/10.1007/s12124-017-9398-2>.
- Marsico, G., Valsiner, J. (2017). Making History: Apprehending future while reconstructing the past. In R. Säljö, P. Linell & Å. Mäkitalo, (Eds.) *Memory practices and learning: Experiential, institutional, and sociocultural perspectives*, (pp. 355-372), Charlotte, N.C. USA: Information Age Publishing.
- Mehringner, J. E., Harrison, J. B., Quain, K. M., Shea, J. A., Hawkins, L. A., & Dowshen, N. L. (2021). Experience of Chest Dysphoria and Masculinizing Chest Surgery in Transmasculine Youth. *Pediatrics*, 147(3). <https://doi.org/10.1542/peds.2020-013300>
- Minayo, (2002). Ciência, técnica e arte: O desafio da pesquisa social. In M. C. S. Minayo, *pesquisa social: Teoria, método e criatividade* (pp. 9-29). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Mol A (1999) Ontological politics. A word and some questions. In: Law J and Hassard J (eds) *Actor Network Theory and After*. (pp. 74–89) Oxford: Blackwell.
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2007). A marginalização dos estudos feministas e de gênero na psicologia acadêmica contemporânea. *Psico*, 38(3). doi: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2.2023>
- Nassif T Amarante L, Chang YC, Aniceto M, Cintra H. Faloplastia total microcirúrgica com retalho antebraquial e implante peniano em um único tempo cirúrgico: relato de caso. *Rev Bras Cir Plast*. 2009;24(3):385-8.

- Petry, A. R.. (2015). Transgender women and the Gender Reassignment Process: subjection experiences, suffering and pleasure in body adaptation. *Revista Gaúcha De Enfermagem*, 36(2), 70–75. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2015.02.50158>
- Preciado (2014). *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições.
- Ramos-Pibernus AG, Rivera-Segarra ER, Rodríguez-Madera SL, Varas-Díaz N, Padilla M. (2020) Stigmatizing Experiences of Trans Men in Puerto Rico: Implications for Health. *Transgend Health*. Dec 11;5(4):234-240. doi: 10.1089/trgh.2020.0021. PMID: 33381650; PMCID: PMC7759285
- Ribeiro, C. R., Ahmad, A. F., Dantas B. S., & Lemos A. (2022). Masculinidades em construção, corpos em (re)construção: desejos, contradições e ambiguidades de homens trans no processo transexualizador. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(10), pp 3901-3911. <https://doi.org/10.1590/1413-812320222710.07732022>
- Russo,G.L., Tanini,S., & Innocenti, M. (2017). Masculine Chest-Wall Cotouring in FtM Transgender: A *Personal Approach*. *Aesthetic Plastic Surgery*, 41, p. 360-374. <https://doi.org/10.1007/s00266-017-0796-0>
- Saeidzadeh, S (2019) “Are trans men the manliest of men?” Gender practices, trans masculinity and *mardānegī* in contemporary Iran, *Journal of Gender Studies*, 29:3, pp. 295-309, DOI: [10.1080/09589236.2019.1635439](https://doi.org/10.1080/09589236.2019.1635439)
- Santos, Alexandre Peixe dos (2011). A Patologização da identidade de gênero: Debatendo as concepções e as políticas públicas. In: Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região (Org.). *Psicologia e Diversidade Sexual*. São Paulo: CRPSP.
- Sbragia, Julia D.; Vottero, Beth. August 2019. Experiences of transgender men in seeking gynecological and reproductive health care: a qualitative systematic review protocol, *JBIR Database of Systematic Reviews and Implementation Reports*: -17 (8) pp. 1582-1588 DOI: 10.11124/JBISRIR-2017-004029.

- Serrão & Baleeiro (1999). Projeto de Vida: Meu Presente/ Meu futuro. In Margarida Serrão, Maria Clarice Baleeiro e colaboradores. *Aprendendo a ser e a conviver*. 2ª. Edição. São Paulo, FTD.
- Serano, Julia (2007). *Whipping Girl: A Transsexual Woman on Sexism and the Scapegoating of Femininity*. Seal Press, CA – EUA.
- Shakespeare, William (2014). *A tempestade*, tradução Rafael Raffaelli. – Florianópolis: Ed. da UFSC.
- Sousa, D., & Iriart, J. (2018). “Viver dignamente”: Necessidades e demandas de saúde de homens trans em Salvador, Bahia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 34(10). <https://doi.org/10.1590/0102-311x00036318>
- Valsiner, J. (2012) *Fundamentos da Psicologia Cultural: Mundos da mente, mundos da vida*. A.C.S. Bastos (trad.) Porto Alegre: Artmed.
- Valsiner, J. & Connolly, K. (2003). The nature of development: The continuing dialogue of processes and outcomes. Em J. Valsiner & K. Connolly (Orgs.), *Handbook of developmental psychology* (pp. 9-18). London: Sage Publications.
- Valsiner, J. (2014). *An invitation to cultural psychology*. London: Sage.
- Valsiner, J. (2019) Cultural psychology as a theoretical project / La psicología cultural como proyecto teórico. *Studies in Psychology*, 40(1), 10-47, <https://doi.org/10.1080/02109395.2018.1560023>
- Vieira, Cleiton, & Porto, Rozeli Maria. (2019). "Fazer emergir o masculino": noções de "terapia" e patologização na hormonização de homens trans. *Cadernos Pagu*, (55), <https://doi.org/10.1590/18094449201900550016>
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: Um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>
- Vygotsky, L. S. (1988). *El desarrollo de los procesos psicológicos superiores*. Grupo Editorial Grijalbo.

- Vigotski, Lev Semionovitch (2006). La crisis de los siete años (pp p. 11-40). In Madri: Machado Libros, 2006a. Obras Escogidas, t.4.
- Vigotsky, L. S. (2007). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores* (7ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Yin (2001). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. Porto Alegre, RS: Bookman.
- Mourão & Fonseca (2018) Educando para a Diversidade: O que é violência. Sara Wagner York York. Disponível em: <https://sarawagneryork.medium.com/educando-para-diversidade-785f5bdd7935>
- Zittoun, T. Aveling, E.L., Gillespie, A. & Cornish, F. (2011). People in Transition worlds in Transition: the ambivalence in the transition to Womanhood During WW II. In: Bastos, Ana Cecília S. and Uriko, Kristiina and Valsiner, Jaan, (Eds.) *Cultural dynamics of women's lives*. North Carolina. Information Age Publishing.
- Zittoun, T., Valsiner, J., Vedeler, K., Salgado, J., Gonçalves, M., & Ferring, D. (2013). *Melodies of living: Developmental science of the human life course*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Apêndice A



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

MESTRADO/DOCTORADO EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Tornar-se Homem Transexual: As Fronteiras de Gênero e a Performatividade no Processo Transexualizador”, desenvolvida por Larissa Edite de M. Porto Cruz, e-mail: lari.porto@gmail.com, discente de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob orientação da Professora. Dra. Giuseppina Marsico (e-mail: pina.marsico@gmail.com)

O presente estudo consiste em uma pesquisa qualitativa idiográfica, narrativa de estudo de multicascos. A pesquisa tem como problema de pesquisa a seguinte questão: Como se caracteriza a performatividade de gênero no processo transexualizador de homens transexuais da cidade de Feira de Santana-Ba? O objetivo central do estudo é: Compreender a configuração da identidade de gênero no processo de tornar-se homem transexual durante o processo transexualizador e tendo como objetivos específicos: 1) Investigar os signos e significados compartilhados por homens transexuais sobre o processo transexualizador, 2) Analisar os atos performativos no processo de tornar-se homem transexual durante o processo transexualizador e 3) Discutir os campos de tensão e ambivalência que emergem frente ao processo de tornar-se homem transexual durante o processo transexualizador.

Para alcançar os objetivos supracitados, serão realizados três encontros individuais com cada participante, sendo que cada encontro terá uma hora de duração. No primeiro encontro, como recurso de evocação para a entrevista narrativa será solicitado aos participantes que levem fotos, objetos e instrumentos que sejam considerados como importantes em seu processo transexualizador. Posteriormente, os participantes responderão a seguinte questão norteadora: “Como foram vivenciadas as principais mudanças em seu processo transexualizador? ”. No segundo encontro outro *instrumento* a ser utilizado, será a dinâmica adaptada “Meu presente/Meu futuro” de Serrão e Baleeiro (1999, p. 326). Deste modo, será solicitado que os participantes dividam uma cartolina ao meio, em seguida, em uma metade da cartolina, escrevam, desenhem ou utilizem recortes de revistas, os elementos que fazem relação com o momento presente de suas vidas, projetando a fase atual que estão vivendo, nomeando a imagem como “meu presente”. Logo após, será solicitado que os participantes, na outra metade da cartolina, projetem por meio de recortes de revistas, escrita ou desenho, o futuro em que se imaginam e gostariam para si, nomeando-a como “meu futuro”.

Depois da construção do “presente” e do “futuro”, eles irão traçar uma ponte e nela desenhar, colar imagens de revistas ou escrever, como pretendem alcançar esse futuro. Após este momento os participantes irão narrar a imagem projetada, detalhando a partir da sua própria interpretação o que significa o presente e o futuro inseridos na cartolina e descrever a ponte em que representa a maneira com a qual eles irão conectar esse presente ao futuro e como pretendem alcançar esse futuro. Na narrativa serão considerados os elementos que terão relação com o processo transexualizador. Além disso, serão utilizados como materiais de pesquisa, cartolina, revistas, tesouras, lápis de cor etc. O terceiro encontro, por sua vez, terá o objetivo de esclarecer as eventuais dúvidas do pesquisador sobre os dados que foram produzidos.

Todos os dados serão registrados por meio de um gravador de aparelho celular modelo Iphone XR. Após a gravação, os dados serão transcritos, armazenados em arquivos digitais e, posteriormente, analisados, mas somente terão acesso aos documentos a pesquisadora e sua orientadora. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, em local seguro por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12.

Nesta pesquisa, há riscos envolvidos primeiramente porque o objetivo da pesquisa é compreender a configuração da identidade de gênero no processo de tornar-se homem transexual durante o processo transexualizador. Neste sentido, sabe-se que a pessoa transexual ao reivindicar para si e para o mundo o gênero em que se sente pertencente, pode se perceber

em um episódio desafiador de sua vida e lembrar momentos de crises e rupturas vivenciados. Os homens transexuais, ao passarem pelo processo transexualizador, podem desejar experienciar um processo de mudança corpórea, por meio de vestimentas, corte de cabelo, hormônios ou cirurgias, na tentativa de buscar ser aceito pela sociedade e na procura do seu próprio bem-estar. Muitas vezes são vítimas de preconceito por fazerem parte de um contexto transfóbico, binário e excludente, por isso, ao assumir sua identidade de gênero são estigmatizados ao escaparem as normas sociais do sexo e gênero.

As estratégias utilizadas para coleta podem, portanto, evocar momentos sensíveis e vivências de sofrimentos experienciadas pelos participantes. Uma forma de reduzir o risco ao participante é que ele a qualquer momento da pesquisa, caso ele se sinta desconfortável, poderá interromper a pesquisa sempre que se sentir desconfortável e os dados obtidos até o momento da coleta poderão ser descartados. Além disso, caso haja a necessidade de acolhimento psicológico em decorrência dos conteúdos evocados durante a pesquisa os participantes serão encaminhados para a Clínica Equilibri ou para o projeto de acolhimento CULTS/UFBA da Universidade Federal da Bahia, onde poderão ser atendidos na modalidade online.

Como benefícios desta pesquisa, pretende-se colaborar para discussões teóricas a respeito do tema, visa possibilitar uma maior compreensão do que é a experiência do homem transexual durante o processo transexualizador, busca criar possibilidades para que a sociedade conheça a realidade de uma pessoa que não se reconhece no gênero que lhe foi imposto ao nascer, tenham acesso as discussões teóricas a respeito do que é o gênero, um produto da cultura e não um elemento biológico.

Além disso, pretende-se que as pessoas entendam a importância de se pensar em abranger políticas públicas, buscar recursos que possibilitem uma manutenção e ampliação de estratégias que colaborem para a inserção das pessoas transexuais no mercado de trabalho, na escola, na faculdade, no contexto familiar e qualquer outro grupo ou instituição. Sob essa perspectiva, torna-se também possível a redução do sofrimento das pessoas transexuais, ao passo que elas conheçam sobre si mesmas, sejam melhor compreendidas e assistidas pela sociedade. Esta pesquisa busca contribuir com os debates para alcançar políticas públicas e criar novas políticas que contemplem esse público nos aspectos mais amplos da saúde, além de contribuir com a formação dos profissionais, familiares e demais membros da sociedade civil a respeito desse tema tão relevante.

Se assinar este Termo, quer dizer que você entendeu a proposta e autoriza a sua participação nesta pesquisa. A sua fala será gravada e divulgada em produções científicas. Entretanto, a identidade do participante, bem como, das pessoas que você citar ao longo da pesquisa será preservada. E, em hipótese alguma, os nomes serão divulgados. Se tiver alguma dúvida, poderá esclarecer com o pesquisador, antes de você assinar. Em qualquer momento, mesmo depois de assinado o termo, a pesquisa poderá ser interrompida e os seus dados poderão ser desconsiderados sem que haja qualquer penalidade. A participação na pesquisa é voluntária, isso quer dizer que ela não será remunerada.

A pesquisa, após a sua conclusão, poderá ser acessada na parte de tese e dissertações no site www.pospsi.ufba.br. Com o nome do pesquisador, você poderá ter acesso aos dados da publicação.

pesquisador responsável: Larissa Edite de Magalhães Porto Cruz

Telefone:71-991640984 E-mail: lari.porto@gmail.com

Endereço do Comitê de Ética em pesquisa para recurso ou reclamações participante da pesquisa.

Comitê de Ética em pesquisa do Instituto de Psicologia (CEP/IPS) da UFBA

Rua Aristides Novis, Campus São Lázaro, 197, Federação, CEP 40.170-055, Salvador, Bahia, telefone (71)3283.6457, E-mail : cepips@ufba.br

Observação: Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será assinado em duas vias pelo pesquisador responsável e por você. Uma delas ficará com você e a outra via ficará arquivada no Núcleo de Estudos sobre Desenvolvimento e Contextos Culturais (CNPq) do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia, sob a responsabilidade do pesquisador, durante 5 (cinco) anos.

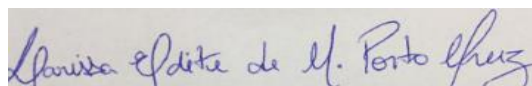
Eu, _____,

declaro que li e entendi as informações que me foram passadas acima e concordo com a minha participação na pesquisa intitulada “Tornar-se Homem Transexual: As Fronteiras do Gênero e a Performatividade no Processo Transexualizador”. Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar da pesquisa. Comunico

também que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que me foi dada a oportunidade de esclarecer as minhas dúvidas.

Feira de Santana- BA, _____ de _____ de _____

Assinatura do participante



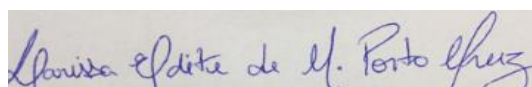
Larissa Edite de Magalhães Porto Cruz
(Assinatura do pesquisador Responsável)

2ª Via pesquisador responsável

Eu, _____,
declaro que li e entendi as informações que me foram passadas acima e concordo com a minha participação na pesquisa intitulada “Tornar-se Homem Transexual: As Fronteiras do Gênero e a Performatividade no Processo Transexualizador”. Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar da pesquisa. Comunico também que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que me foi dada a oportunidade de esclarecer as minhas dúvidas.

Feira de Santana- BA, _____ de _____ de _____

Assinatura do participante



Larissa Edite de Magalhães Porto Cruz
(Assinatura do pesquisador Responsável)

Apêndice B



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

MESTRADO/DOCTORADO EM PSICOLOGIA

Roteiro de Entrevista:

1º Encontro:

Os participantes serão convidados a levar para o primeiro encontro, fotos, objetos e instrumentos que sejam considerados como importantes para o seu processo transexualizador. Em seguida, será realizada a entrevista narrativa com a seguinte pergunta norteadora: “Como foram vivenciadas as principais mudanças em seu processo transexualizador?”.

2º Encontro

Como instrumento de coleta de dados será utilizado a dinâmica adaptada “Meu presente/Meu futuro” de Serrão e Baleeiro (1999, p. 326). Será solicitado que os participantes dividam uma cartolina ao meio, em seguida, em uma metade da cartolina, escrevam, desenhem ou utilizem recortes de revistas, os elementos que fazem relação com o momento presente de suas vidas, projetando a fase atual que estão vivendo, nomeando a imagem como “meu presente”. Logo após, será indicado que os participantes, na outra metade da cartolina, projetem por meio de recortes de revistas, escrita ou desenho, o futuro em que se imaginam e gostariam para si, nomeando-a como “meu futuro”. Em seguida, os participantes deverão traçar uma ponte e nela desenhar, colar imagens de revistas ou escrever, como pretendem alcançar esse

futuro e os possíveis desafios encontrados. Além disso, serão utilizados como materiais de pesquisa, cartolina, revistas, tesouras, lápis de cor etc.

Após este momento os participantes irão narrar a imagem projetada, detalhando a partir da sua própria interpretação o que significa o presente e o futuro inseridos na cartolina, descrever a ponte em que representa a maneira com a qual eles irão conectar esse presente ao futuro e como pretendem alcançar esse futuro. Na narrativa serão considerados os elementos que terão relação com o processo transexualizador.

3º Encontro: O terceiro encontro, por sua vez, terá o objetivo de esclarecer as eventuais dúvidas do pesquisador sobre os dados que foram produzidos.

Apêndice C

4.2 Esquemas das análises categoriais

Levando em consideração os eixos temáticos: 1) Performatividade de gênero: as relações de signos e significados no processo transexualizador; 2) Tecnologia de gênero: Instrumentos e artefatos para o processo transexualizador; 3) Fronteiras semióticas de gênero: tensões e ambivalências no tornar-se homem transexual. Com o objetivo de destacar, a partir da narrativa do participante, os momentos descritos como importantes para o processo de tornar-se pessoa transexual e os desafios frente ao processo transexualizador, foram produzidos quadros com categorias, subcategorias e unidades de análise. Os quadros serão colocados como apêndice para que o leitor tenha acesso a falas importantes dos participantes e que tenham relação com os eixos temáticos citados anteriormente. Esses eixos temáticos foram incorporados durante todo o processo de construção dos dados.

Quadros: Primeiro participante “Sansão ao Contrário”

Categorias	Subcategorias	Unidades de análise
Papeis sociais: O contexto da infância	Construções de si: percepções no que se refere a transexualidade.	É importante para mim assim fazer essa pesquisa, porque eu acho que eu me entendo uma pessoa transexual desde quando eu era criança. É, inclusive você me pediu para eu trazer objetos e aí eu tinha várias dúvidas sobre mim quando eu era criança e a minha mãe já faleceu, faleceu quando eu tinha 12 anos. Foi sim, eu acho que eu tinha uns cinco anos.

		<p>Teve uma época que assim eu tinha uns sete anos na escola e aí já começava a me chamar de outro nome lá de menino... quando eu era mais novo, eu me chamava de Mateus, porque tinha um coleguinha na minha sala que o nome dele era Mateus.</p> <p>A minha mãe T. disse “ahh eu acho que não existem crianças não binárias, ou (corrigindo) que não existem crianças trans, eu acho que as crianças ainda não conseguem se identificar e tals”. Aí eu peguei e falei para ela, eu acho que de certa forma a criança não consegue explicar, mas não que não exista, porque eu mesmo me considero que desde criança eu já era uma criança trans.</p> <p>... eu não entendia também, não entendia muito... E na época, eu acho que a minha mãe também não tinha muito entendimento sobre isso, e quando ela estava começando a ter, ela faleceu quando eu tinha doze anos, eu tive que parar com aquilo que eu estava sentindo, enfim...</p>
	A relação com a mãe	<p>Eu descobri depois que ela faleceu que ela era bissexual, mas eu não sabia antes e enfim... né? Ela sempre foi muito compreensiva e como ela não sabia de muita coisa, ela me deu essa coleçãozinha de livrinhos, ela colocou aqui <i>“Para que você possa esclarecer as suas dúvidas, para que passe com tranquilidade da infância para</i></p>

		<p><i>a adolescência. Te amo muito, mamãe.”</i></p> <p>E aí...enfim...esses livrinhos me ajudaram assim de certa forma, a entender mais sobre mim, mas depois que ela faleceu a minha família de Salvador é da Testemunha de Jeová então, não sei você conhece muito, mas...</p> <p>É porque a minha mãe não era testemunha de Jeová. Ela tinha sido antes de eu nascer, mas ela preferiu abandonar por várias coisas até porque ela estava é... ela não me falou isso, mas é porque os amigos dela... ela estava nesse período da bissexualidade dela, enfim...</p> <p>É ela estava procurando entender mais sobre mim e tal, várias coisas, eu já havia falado com ela que eu estava gostando de uma amiguinha, aí ela perguntava como era isso, como era a sensação.</p> <p>Eu acho que talvez por isso ela tinha muito conflito por meus avós serem testemunha de Jeová.</p>
	<p>A relação com a escola.</p>	<p>Sim, sim...ele era muito meu amigo assim, só ele sabia praticamente e outro amiguinho meu, e enfim ... Aí um dia a professora ouviu e criou todo um caos (quando a professora ouviu o coleguinha chamando-o de Mateus).</p> <p>Aí ela chamou a minha mãe disse que era um problema porque eu era uma menina e tal, aí minha mãe também não sabia muito como conduzir naquela época e aí ela me</p>

		levou para a psicóloga na época
	Cores e estereótipos	<p>Eu.... amava todas as coisas que... eu não gostava de rosa, apesar da minha mãe me encher de rosa, de coisas consideradas para menina...</p> <p>...A gente ia muito no McDonalds na época e eu não gostava muito dos brinquedos de menina eu gostava muito de jogar bola em vez de ficar brincando daquelas coisas... sei lá, de boneca... É bonequinhos <i>transformer</i> essas coisas assim que não eram Barbie, enfim...</p> <p>Ahh, minha mãe era super de boa. Ela sempre perguntava as festas que eu queria, aí teve um ano que eu tive das Meninas Superpoderosas, da Pequena Sereia, teve um que foi o tema de futebol, acho que foi Copa do Mundo Brasil.</p> <p>Não eu não me lembro muito não, mas a minha mãe me vestia assim, bem... bem neutro, (hahahaha)... É, tinha período que ela me vestia mais assim para eventos de família, mas tirando isso, era isso aí...</p> <p>É, dessa feira minha mãe também tinha me colocado no <i>ballet</i>, aí eu disse “ahhh eu quero fazer capoeira”. Aí ela pegou assim e me matriculou nos dois. Eu só queria fazer um, mas acho que ela não tinha entendido bem e aí eu comecei fazer nos dois. Aí eu não gostava tanto do <i>ballet</i> e aí cheguei a conversar com ela e a gente tinha uma relação muito boa assim e ia muito além de</p>

		fronteiras mãe e filho, aí a gente conversava sobre tudo assim. Aí eu falei para ela que eu não queria mais fazer <i>ballet</i> .
--	--	---

CATEGORIAS II	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE ANÁLISE
Mudanças corpóreas: o contexto da adolescência e início da fase adulta	Relação com o corpo	<p>Em relação aos intrusos... quando eles começaram a nascer foi uma coisa que me incomodava muito porque antes eu conseguia andar sem camisa. Quando você é criança, você e aí quando eles começaram a nascer a minha tia falava, “é coloca o sutiã, não sai sem sutiã”, essas coisas todas. Aí eu lembro de uma vez que eu ficava tentando bolar estratégia de como eu quebrar, porque não sei se existe, mas tinha um boato na época que se quebrasse a pedra do peito não nascia e eu ficava tentando. Uma vez eu até tentei com uma pedra que meu avô tinha lá de amolar a faca e doeu ficou inchado... E aí eu sofri porque era uma dor.</p> <p>Uma coisa que me ajudou muito recente também que a minha mãe já usava foi o coletor, que aí é a melhor coisa do mundo para mim. Aí eu fico super confortável com ele, eu vou para todos os lugares e aí eu não preciso usar absorvente ou algo que me incomode e lembre que eu estou menstruada</p>
	Vestimentas	Eu meio que tive que sufocar porque até porque eu ia para as

		reuniões da Testemunha de Jeová toda semana de vestido essas coisas todas... Super desconfortável, parecia que não era eu, mas eu tinha que ir enfim...
	Disforia de gênero	<p>Eu acho que os seios dão muito aquela impressão de ser mulher... E enfim...</p> <p>A minha única disforia assim são os intrusos.</p> <p>E às vezes dá muita disforia assim até para eu ter uma relação sexual com a minha namorada. A minha namorada, por exemplo, ela é super compreensiva nesse processo, ela lê também, tenta entender o que me incomoda, o que não me incomoda, e às vezes eu fico assim, é... Eu não estou conseguindo porque está me dando muita disforia, e aí é como se fosse uma agonia, tipo assim, tem uma coisa em mim que não era para estar... Essa é a sensação...</p> <p>Às vezes eu fico bem disfórico, até eu tocando os meus próprios seios, tomando banho e tal. Então é uma coisa que tá muito presente ainda.</p> <p>Exatamente, e aí eu fico meio triste... como se eu fosse uma aberração e tal, enfim. E aí começa a atacar tudo.</p>

CATEGORIA III	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE ANÁLISE
		Eu cortei depois que a minha avó faleceu em 2018.

Corpo e as tecnologias de gênero: a performatividade	O corte do cabelo	<p>Rapaz, era grande, eu tinha aqui.... Aí eu fui cortando aos poucos, aí eu cortei aqui uma vez, aí teve um período de Wesley Safadão e aí eu falei “ahh, vou começar a raspar essa parte”, então eu tinha só essa parte raspada e tinha um coque que eu usava aqui samurai , e aí depois de um tempo eu falei... “Ah eu não vou ficar usando esse samurai o tempo todo não...” Aí eu ficava, eu molhava ele e prendia... Aí ficava “ahh não eu vou pegar esse cabelo e vou cortar”.</p> <p>É, eu costumo dizer que eu sou o Sansão ao contrário, depois que cortei o cabelo é que eu senti essa força de ser quem eu sou e esse foi o período que eu comecei a me perceber como um homem trans.</p> <p>Eu trouxe essa foto da minha mãe que foi um período que ela ficou com o cabelo curto e foi, enfim... Quando eu estava descobrindo esse processo de cortar o cabelo... E aí eu fiquei olhando a foto da minha mãe, aí eu “ahh...”</p>
	Autoconhecimento	<p>Eu me reconhecia como uma pessoa não binária, eu falava mais que eu era uma pessoa não binária.</p> <p>É... Enfim, assim, a idade mais recente foi igual quando eu entrei na UEFS e eu também não sabia muito sobre o que é ser uma pessoa trans. E aí vendo palestras, essas coisas todas e lendo vendo vídeos, eu conheci várias <i>youtubers</i> trans que me ajudaram nesse processo como</p>

		<p>Lux carpeli, Jonas Maria, aí época eu também conheci um livrinho do João Neri...</p> <p>...Eu comecei a falar com a minha mãe “T” sobre essas coisas que estavam acontecendo. Eu tinha uns 20 anos, eu acho, é 19 para 20... sobre como eu estava me sentindo nisso tudo. Aí de início ela meio que, não que ela se assustou, ela sempre foi compreensiva, ela é... Bissexual também, na época eu conversei com a namorada dela...</p> <p>É porque assim, por exemplo, eu não vou generalizar, mas os homens trans que eu conheço e que eu já conheci, eles seguem uma coisa muito da masculinidade tóxica, sabe? E eu não pretendo seguir esse padrão e, enfim, o padrão que eu vou me sentir um homem abusivo. Ahh, eu já vi homem trans em bares que eu frequentava aqui em Feira, tipo destratando mulher, sabe? Falando coisas pejorativas e tal. Eu conheci também um que quase assediou uma... Essas coisas todas sabe? E aí você vai perguntar assim.... “Poxa por que isso velho?” ... E fala assim “Ahhh, que nada...” Enfim... aquela coisa engessada de ser... Ahh sei lá, um homem.</p> <p>Isso, eu entendo também que é uma coisa de proteção né? Para se sentir homem ter que agir como um homem cis, mas eu não vejo lógica nisso (risos).</p> <p>Ah, o lado mais masculino mesmo... (como ele se sente)</p>
--	--	---

		<p>Olha, se chamar ele ou ela eu não ligo, mas se for pessoas que me conhecem e já sabem..., mas, nos lugares eu gosto de ser tratado o como ele, para as pessoas entenderem é...</p>
	<p>O nome</p>	<p>... Ah, mesmo que a retificação saia logo ou demore, mas pelo amor de Deus, você, eu perguntei para ela se ela poderia me mandar dinheiro para fazer uma nova identidade. Aí no dia que eu mandei mensagem para ela, porque eu estou tentando pela Defensoria e na verdade o meu processo está demorado porque eu não quero o gênero “masculino”, eu quero o gênero “não-binário”. (pedido para a tia “T”)</p> <p>Eu tentava esclarecer assim, ao máximo, mas não ia... E aí enfim... Depois de.... De.... Fazer terapia agora eu falei com a minha prima Pétala, eu falei: “Ohh, eu só vou para o Natal se as pessoas me tratarem como Naian ou Leal, como eu gostaria de ser chamado”. Aí Pétala falou: “mas você tem que entender que também é difícil para as pessoas”.</p> <p>Eu disse: “Eu não estou falando que é fácil, mas também não é fácil para mim ser chamado pelo nome que eu não quero.”.</p> <p>Acho que foi um médico que eu fui e aí eu falei que eu queria ser chamado pelo meu nome social, né mesmo não estando na identidade. E aí o recepcionista falou: “mas a gente chama aqui como está na identidade”.</p>

		<p>Eu estou lutando para ser o "N" e não para ser aquele outro nome lá, aquele nome morto.</p> <p>E aí eu fico mais incomodado assim com isso, e fico mais incomodado quando eu já falei para as pessoas como eu quero ser tratado, como eu quero ser chamado, e aí elas parecem que fazem uma coisa de propósito, parece que meio para me magoar, sabe?</p> <p>... Para muitos homens trans tem essa coisa de tipo... Muitos no caso que eu convivi assim, de querer que a mãe escolha o nome e "N" como foi a minha mãe que escolheu... Na verdade, eu descobri recente que é um nome não binário (seu nome atual difere apenas de uma letra do que foi dado por sua mãe).</p>
	A academia como estratégia para a redução dos “intrusos”	<p>Eu comecei a malhar porque eu vi que diminui aí eu malho muito braço, meu treino na academia é mais focado nisso. Aí teve um dia que eu estava perdendo barriga e estava continuando a mesma coisa. Aí eu falei “aiii se eu não tivesse isso aqui seria muito bom...”</p>
	Vestimentas	<p>a blusa UV que é a minha salvação... essa moda da blusa UV. (ao se referir sobre ir à praia e o que costuma utilizar).</p>
	Instrumentos e artefatos	<p>Recente, tem menos de um ano eu comecei a usar o binder porque eu tinha medo de usar o binder, porque eu lia muito que os homens trans sentiam muitas dores e tals, que na verdade eu ainda sinto... É aqui e às vezes fica roxo e pode prejudicar a respiração, de início mesmo prejudicava bastante.</p>

		<p>O binder foi uma coisa que me deu muito poder, eu comecei a usar ele em dezembro.</p> <p>Aí eu conheci os packers, mas eu só que não comprei nenhum porque é muito caro.</p> <p>Os packers são pênis para homens trans, não é bem uma prótese, mas é para você se sentir confortável para fazer xixi, ehhe para... É porque depende do Packers... Esse mesmo que eu estava vendo é para dar volume, ir ao banheiro, ter relação sexual, sentir prazer, essas coisas todas.</p>
	O banheiro	<p>Eu vou nos banheiros de pessoas deficientes porque se eu entro no banheiro feminino me olham e se eu entro no masculino também.</p> <p>Não eu não tenho disforia com a genitália, a minha disforia com a genitália é mais quando eu vou para lugares públicos, e aí eu fico “que banheiro devo entrar...?”</p>
	Uso de medicações	... Barba e eu estou utilizando o Minoxidil e eu estou gostando desse processo da puberdade
	Fronteiras do gênero: Tensões e ambivalências	<p>É, mais depois que a minha mãe morreu eu tive que (silêncio) criar uma trava, sabe? Na verdade, eu criei uma trava assim durante muitos anos.</p> <p>Não vou negar que já pensei, assim, num momento de disforia, de várias coisas, mas... (sobre o uso de hormônios); é, eu não penso em me hormonizar ainda até porque mesmo eu fazendo terapia</p>

		<p>muitos anos já, eu conheço os limites da minha mente, eu já tive crise de pânico muito braba, eu já quase tentei me matar, então os hormônios, mesmo com acompanhamento eles vão mexer com a minha mente assim de início e eu me sinto bem comigo</p> <p>Não que eu só use cuecas. Mas acho que tipo, foi um passo importante assim, posso usar cueca, e posso usar calcinha, então... Me sinto à vontade com os dois.</p> <p>Às vezes, assim, tem dia que eu não me sinto confortável pra sair de calcinha. Mas aí tem dia que eu me sinto mais confortável, então...</p> <p>É porque depende, tem dia que minha disforia não ataca muito minha genitália, mas ela ataca de modo geral. Tem dia que minha disforia tá... Sábado mesmo, eu saí com T. Eu falei “Meu deus, onde é que tá minhas cuecas?!”. E aí, ela falou “Lavei todas, tão molhadas”. Aí falei “Ah, não vou sair então.” E aí fiquei naquela coisa e tal, e aí eu dei uma respiradinha e falei “Calma, é só uma peça de baixo”.</p> <p>Eu prefiro usar mais em época que eu tô menstruado, enfim, dentro de casa, essas coisas.</p> <p>É porque eu não sei, assim, dizer muito a relação. Acho que é uma coisa como eu falei, assim, mais de conforto e de, assim, dias, sabe? Tipo, tem dias que é tranquilo pra mim e aí, tem dias que, como sábado,</p>
--	--	--

		<p>assim, meio que ataca essa coisa disfórica, parecendo tipo assim, é... Mesmo sendo uma pessoa não-binária parece que tem um alerta, tipo assim: “Você vai usar calcinha hoje pra ir num ambiente público? Isso vai te deixar menos másculo”. Alguma coisa assim, sabe? Mas aí eu tento também, tipo, remar contra isso, porque querendo ou não pra mim, por exemplo, é só um pedaço de pano e... que eu me sinta mais confortável.</p>
--	--	---

CATEGORIA IV	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE ANÁLISE
Controle coercitivo da linguagem heteronormativa	Relação com a Família	<p>Eu conheci ele tem dois anos... eu soube também depois que na verdade ele era casado na época e aí tinha a relação com minha mãe, aí ele falou que não podia, que era casado que ia desonrar a família dele, e aí ele só mandava pensão, não era uma coisa boa, mas precisava. (o genitor)</p> <p>Isso. A minha tia testemunha de Jeová, que foi a que ficou com a minha guarda... ela ficou com a minha guarda no primeiro período... dos 12 anos ...13, 14, 15, 16... cinco anos com ela... além de tudo, era uma pessoa depressiva, ou seja, na verdade eu que cuidava da casa.</p> <p>E no outro, é que eu chamo também de mãe, a minha mãe “T”. ficou um outro período que é minha prima que eu também chamo de mãe.</p> <p>... Na verdade a minha tia é testemunha de Jeová e não entende, inclusive ela brigou recente por isso e eu até mandei</p>

		<p>um texto para ela falando que eu não ligava de ser chamada de filhe, de filha de filho, mas enfim... Ela não compreendeu e aí eu mandei um texto que eu não sei se foi do Nick Nagare, que quando a gente transita todo mundo ao nosso redor faz a transição também, né? E o quanto é bom a gente perceber que não estamos sozinhos e aí eu acho que a minha família fez muito essa transição comigo.</p> <p>Tem uma tia mesmo que fala, “Ah, mas para mim você vai ser sempre a minha N... e aí eu fico: “tia eu não gosto”, mas ela não entende.</p> <p>Então, essa tia mesmo, quando ela me chamou assim, eu ignorei quando ela me chamou pelo outro nome. Aí ela ficou chamando, chamando, chamando, aí ela falou: “N”? Eu disse: “Oi...” Aí ela disse “você não está vendo eu te chamando não?”. Eu disse: “você está chamando meu nome agora”. E aí estava um monte de tia assim, e aí a galera ficou assim, “meu Deus...”, aí foi muito bom assim porque eu devolvi o constrangimento para ela, porque é a pessoa que tem ficar constrangida, porque eu não posso ficar na situação que eu já falei.</p> <p>É, tirando minha tia assim, ainda é um tabu para mim... Eu não sei porque eu ainda tenho essa preocupação ainda com ela.</p>
--	--	--

	<p>Relação com o outro</p>	<p>Eu fico pensando várias bobagens, no sentido de ah, coisas transfobicas que eu vejo que as pessoas falam ou já me falaram.</p> <p>Deixa eu ver, sei lá, algum lugar que eu vou que as pessoas falam assim: “Ahhh, a senhora queria...” aí eu falo: “Senhor”. Aí a pessoa fala: “Desculpe, desculpe.” Aí depois de um tempo perguntam de como eu queria ser tratado</p> <p>Acho que ela ficou mais com medo de... como ela me falou outro dia, da sociedade... (risos) e a gente conversou sobre. Ela me perguntou se era uma coisa que eu queria mesmo, para começar se identificar... Enfim. (tia)</p> <p>Eu ouvia vozes, como eu falei para ela, eram reproduções de coisas que a minha tia dizia... Como eu falei o meu período de adolescência foi bem conturbado e eram essas reproduções de dizer que eu era um fracasso.</p> <p>É... recente na faculdade eu fui mandar uma mensagem no grupo perguntando “todes” já receberam a nota e aí eu fui motivo de chacota. Aí começaram a falar “não está na língua normativa da gramática, não existe”, e aí foi horrível para mim. Eu me senti muito mal... eu mandei links de coisas... Aí a maioria ficou</p>

		sempre batendo nessa tecla... “Não está na gramática, não existe”, não está na gramática não existe. Aí depois de um tempo eu falei: “eu não vou discutir.”.
	Relação com o médico	Fui na ginecologista a que eu fui também foi super desrespeitosa, falou que não iria fazer o exame em mim porque eu era virgem ainda, ou seja, eu não tinha feito penetração, então eu era virgem... E aí eu falei “é tá bom”, eu só queria sair da sala e fui embora...
	Religiosidade	...Eu estava no ensino médio aí comecei a perceber de novo isso, só que aí... Ehhh... eu ficava orando para Deus tirar esses pensamentos ruins da minha mente, porque não podia. Sim... até porque no início do processo eu ainda tinha muito enraizado em mim a coisa assim da Testemunha de Jeová, que acreditam que a gente vem no mundo... E aí ficavam falando que quando a sua mãe voltar e querer te encontrar vai dizer que você não é do reino do céu. E aí eu ficava muito nessa coisa ainda de... “Ai, quando ela voltar eu vou” (risos, sem graça). Eu talvez não seja mais aquela pessoa que ela...
	Reações emocionais	Síndrome do pânico, suicídio, psicose Eu ouvia vozes, como eu falei para ela, eram reproduções de

		<p>coisas que a minha tia dizia... Como eu falei, o meu período de adolescência foi bem conturbado e eram essas reproduções de dizer que eu era um fracasso, essas coisas todas e aí ela</p> <p>eu tive uma crise aqui em Feira muito forte que eu tentei me matar e....</p>
--	--	--

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE ANÁLISE
Rede de apoio	Profissionais de saúde	<p>A gente foi para um psiquiatra lá no CAPS e eu fui acompanhada por ela por dois anos, dois anos? Não sei! Um ano e pouco, e aí chegou a pandemia e eu não fui mais e aí eu voltei para o CAPS recente e aí foi essa mesma psiquiatra que eu gosto muito dela, e aí eu conversei com ela sobre isso e ela foi super compreensiva.</p> <p>Eu faço terapia há anos, mas eu acho que ano passado, eu comecei a fazer terapia de verdade, porque as minhas outras terapeutas não entendiam sobre mim. (risos)</p>
	Relação com a namorada	<p>Eu moro com a minha namorada.</p> <p>Sim, ela sempre pergunta, e sempre respeita se sim ou se não, então ela fala vamos fazer de um jeito para se sentir confortável... (sexo)</p>
	Família	

		<p>...Eu confiava muito da minha avó. A minha avó era uma testemunha de Jeová com uma mente mais aberta, só que mesmo assim, era ela já estava muito idosa.</p> <p>A minha avó, por exemplo, antes dela falecer, eu não falei para ela que eu era uma pessoa trans, que aí enfim. Ela já estava muito idosa e não quis, mas eu namorava uma outra menina na época, e eu mostrei uma vez a foto para ela e perguntei, e aí? É bonita? Ela falou “é, quem é? ”. Aí eu falei “é minha namorada”, aí a minha avó disse: “namorada?” Aí eu falei “é, minha namorada”. Aí ela olhou assim para cima e depois falou: é se você está feliz é o que importa. E aquilo ali foi tudo para mim, porque ela tinha 80 e poucos anos, estava, era um bebê praticamente, testemunha de Jeová, mas não era essa coisa radical e foi muito bom para mim ouvir isso.</p>
	Medicalização	Ela me passou um antipsicótico na época chamado de Risperidona que me deixou super morto, dopado, lesado... Eu tomava ele e apagava assim.
	Redes de informação	Canais no Youtube, livros de Butler, etc.
	Políticas públicas	Defensoria pública SUS

Quadros – Segundo participante “Prometeu”:

Categorias	Subcategorias	Unidades de análise
<p>Papeis sociais: O contexto da infância</p>	<p>Construções de si: percepções no que se refere a transexualidade.</p>	<p>...Uma criança de três anos, ela não diferencia o que que ela é uma menina ou um menino, se uma pessoa não disser para ela que ela é menina ou que ela é menino...</p> <p>É como eu te falei, não tinha nome, né? O sentimento sempre existiu, essa sensação de, de não pertencer e nem me identificar com aquilo ali, nem com as roupas, nem com o jeito que era que era me ensinado, né? Nada do que foi me ensinado na minha primeira socialização tinha relação com a minha identidade, sabe? Era mais a identidade da minha mãe, da minha família, socialmente, da construção, né, do gênero social.</p>
	<p>A relação com a mãe</p>	<p>No meu caso, eu com três anos, eu dizia para minha mãe que eu queria fazer xixi em pé porque eu era menino.</p> <p>Ela falou “Olha, eu sabia! Eu sabia porque você muito novo, com dois anos, dois/três anos, você já dizia que você não era uma menina, que você era um menino! Você vestia</p>

		<p>cuecas, que você ia para casa dos seus tios...”.</p> <p>Minha mãe sempre ficou com isso de que ela precisava me controlar, de que ela precisava me vigiar, para que eu não fosse sapatão, porque seria culpa dela, porque seria culpa da criação dela, porque tem isso, né? E aí é eu tentei me adequar porque eu ouvi isso desde quando eu era muito novo...</p> <p>Só que a vigília dela não era uma vigília de cuidado, era uma vigília de punição. Dizer “você tem um jeito masculino, você vai ser sapatão, mas você não vai ser sapatão porque eu não vou deixar você sapatão, eu vou controlar você aqui”. Minha mãe não deixava eu sair, a minha mãe não deixava eu ficar na rua brincando.</p> <p>Isso eu tinha. Eu tinha de dois e meio para três anos. Eu dizia para minha mãe que eu queria fazer xixi em pé, porque eu via meus primos fazendo xixi em pé, né? Eu via meus tios fazendo xixi em pé.</p>
	A relação com a escola.	<p>Eu não queria ir para escola de saia. Eu queria ir para escola de calça, de short, né?! Eu queria ir para escola e eu queria usar um tênis do Senninha, que na época estava na moda e eu queria usar papete.</p> <p>É porque assim, na época, eu não tinha muita noção, né? E criança não tem muita noção disso, sabe isso reverberou mais pra mim na pré-adolescência e na adolescência do que na infância.</p>

	Cores e estereótipos	<p>Minha família falava pra mim: “olha, você é menina, você não pode fazer xixi em pé porque é uma uma... menina”, “você não pode usar cueca porque você é menina ou porque você não é menino. Você é menina! Meninas não usam cueca, meninas, usam calcinha!”</p> <p>Eu ia para a casa dos meus tios trocar de roupa, por exemplo. Eu chegava da escola e ia para a casa dos meus primos trocar de roupa, porque aí eu usava roupa deles, usava cueca deles. Eu usava sandália deles e aí eu ia para casa com a roupa deles, no sentido de dizer assim “Olha é isso aqui que eu quero vestir!”</p> <p>Eu dizia isso pra minha mãe, né?! Verbalizava isso pra ela. E ela sempre no sentido de me de me castrar, dizer “não, não, não é assim, você não vai vestir, isso aqui não para você.”.</p> <p>Senti que eu, que eu me identificava mais com os meninos do que com as meninas, senti que eu queria ser menino e não menina, era errado, então eu tentei é... Me adequar, né? Eu comecei a vestir com roupas mais femininas, a me portar de uma forma mais feminilizada, porque eu sempre fui muito machão assim mesmo nunca tive, né?! Mas é essa demanda de identificar artifícios masculinos em mim, não vinha de mim, vinha da minha família, que dizia, dizia, para a minha mãe: “olha fulano vai ser sapatão”!</p>
--	----------------------	---

		<p>Eu nunca gostei de carrinho. Eu nunca gostei de nada dessas coisas assim...O meu vício era videogame e bola, jogar bola, bola, bola, bola, futebol, basquete...!</p> <p>Minha mãe me dava, mas minhas bonecas serviam para tirar a cabeça, para eu pintar, rasgar, mas eu não gostava...</p> <p>... Como eu te falei, minha mãe me criou para ser princesa, né? Era vestido, era sapato, aniversário de boneca, essas coisas assim.</p> <p>Eu queria ir para a praia sem a parte de cima, só com a parte de baixo, eu queria poder dormir com os meus primos, sabe?!</p>
--	--	---

CATEGORIAS II	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE ANÁLISE
Mudanças corpóreas: o contexto da adolescência e início da fase adulta	Relação com o corpo	<p>Você, quando você acorda de manhã, você se olha no espelho, você reconhece a imagem que você tem. Você se identifica com aquilo ali, não é?! Existem outros marcadores que fazem com que você não goste do jeito que seu cabelo está, do jeito que você se encontra naquele momento. Mas quando você se olha inteira, você se identifica com aquilo ali. Isso me pertence! Isso pertence ao meu corpo. No meu caso, era mais ou menos como uma brincadeira do pertence e não pertence. Eu olhava e sabia que aquilo ali não pertencia ao meu corpo. Não, não é meu ou aquilo ali, sabe?! Está em mim, mas</p>

		<p>não é meu, não, não é algo que é pra mim aquilo ali.</p> <p>Minha menstruação veio muito cedo. A minha menstruação veio quando eu tinha 11 anos. Era um absurdo para mim. Eu disse “não, gente, não, isso não está acontecendo, sabe, tão cedo”, sabe?</p>
	Vestimentas	<p>... Eu troquei o guarda roupa, eu comecei a comprar roupas... Enfim, ditas, lidas como masculinas...</p> <p>Assim, eu comecei a mudar meu guarda-roupa e usar calças mais folgadas, camisas mais folgada em 2012, quando eu saí de casa, de fato, quando eu fui para minha primeira... Quando eu passei na universidade, eu tinha 17 anos. É que eu passei lá para Cruz e aí eu comecei ahh... quando eu estava fora dos olhos de minha mãe, eu comecei a utilizar calças mais folgadas, camisas mais folgadas. Eu pegava a camisa dos meus amigos, às vezes eles me emprestavam e aí eu comecei a utilizar</p>
	Disforia de gênero	<p>... Eu não tenho disforia com a minha genitália, mas desde que eu comecei, desde que eu me identifiquei como uma pessoa trans, eu corro atrás da cirurgia da mamoplastia, porque não é só algo que me incomoda, é algo que me faz mal, né? Sabe saúde?! Falando de saúde física, me faz mal... Eu não posso ficar sem camisa em casa, eu não</p>

		<p>posso sair sem camisa. Eu não posso ir para à praia, é uma coisa que me dificulta. E como eu te falei, né? Tem a questão do espelho que eu costumo explicar para as pessoas que é como um espelho, eu olho, eu olho para que eu ali, eu penso não ne pertence.... Aquilo ali não é meu, sabe? Então, assim, a disforia que eu tenho é essa, né?</p> <p>Então, eu não costumo dar nome, mas assim, esse negócio de “intruso”, talvez quando eu converso com outros meninos trans, eu me refiro ao intruso para não gerar um desconforto neles.</p> <p>Sim, há a disforia. Eu costumo dizer que que é disforia assim, às vezes a os meninos falam “ah, não esse negócio de disforia é muito tempo, vai muito para questão, né?” Da patologização, não é? A questão é assim, não tem outro nome.... O que é disforia se não um incômodo?</p> <p>Eu sempre tive muita vontade de de ficar sem camisa, de poder ir pra praia e de ficar à vontade e tal. E eu não sentia isso, sabe? Eu não podia fazer isso... até por uma questão de convenção social, né? Que mulheres não podem ficar sem blusa, enfim. Eu sempre tive, esse... É o que me incomodava de fato, era isso, sabe? Não era ver crescer, não era ver desenvolver...era saber que eu tinha que lidar com aquilo ali. Que eu não teria como arrancar aquilo ali...</p>
--	--	---

		Embora eu tivesse marcadores tidos como o masculino, por exemplo, o cabelo, né? O o jeito, o jeito que é cortado o cabelo, tudo, mas a minha expressão e a minha voz era feminina, entendeu? Então isso, isso era um marcador de sofrimento pra mim na época.
--	--	---

CATEGORIA III	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE ANÁLISE
Corpo e as tecnologias de gênero: a performatividade	O corte do cabelo	<p>...Quando eu assumi (inicialmente como lésbica), eu cortei meu cabelo logo, eu tinha um cabelo muito grande, muito grande, meu cabelo era a baixo da bunda, era enorme! E aí eu cortei bem curtinho, tipo, na época estava... Hum... é... eu cortei tipo estilo Justin Bieber, né?! É, e aí eu cortei ela (mãe), não, não aceitou muito bem, mas enfim, eu compreendo.</p> <p>Até que esse ano, recentemente eu passei pelo processo iniciático do Candomblé e eu raspei a cabeça. Aí eu falei, olha eu só vou de fato raspar minha cabeça no dia que eu for fazer meu Santo, que é assim que a gente denomina, não é? Que eu vou fazer meu Santo, e eu vou raspar a cabeça e aí eu vou ver como é que vai ficar, porque eu não tinha coragem, né? Deixar o cabelinho mais baixo assim, do jeito que está hoje.</p> <p>...Acho que foi a primeira coisa que eu fiz quando eu é... Me identifiquei como uma mulher lésbica, né? Foi me desfazer de algo que pra mim era um marcador muito forte da feminilidade. Porque cabelo longo, a gente lê como artifício</p>

		<p>de gênero feminino. Então, foi a primeira coisa que eu fiz, foi cortar o cabelo.</p>
	<p>Autoconhecimento</p>	<p>Então, quando a gente discute sobre a, quando, quando as pessoas trans discutem sobre a transexualidade, a gente não fala transexualidade, porque a gente entende que passa primeiro pela identidade de gênero, depois passa pela sexualidade. Porque, por exemplo, no meu caso, eu sou um homem transgênero, heterossexual, embora não seja uma pessoa com a identidade de gênero não normativa, sim, a minha sexualidade é normativa, porque eu me relacionei com uma mulher, sim. Isso, por exemplo, tem a ver com a expressão de gênero, tem a ver com a passabilidade. Por exemplo, eu hoje, hoje, né?! No estágio que eu estou, da hormonioterapia, é muito difícil uma pessoa me confundir com a mulher na rua, assim é muito difícil, sim. Então assim, de qualquer modo... A minha sexualidade, se eu fosse uma pessoa, é... Embora seja trans, seja uma pessoa que está dentro do do, da seara da sexualidade, que seja normativa. Se eu fosse um homem trans, gay, por exemplo, é isso falaria sobre mim, não a minha identidade de gênero, assim como sexualidade, então são coisas que a gente costuma separar.</p> <p>...Eu me identifico como uma pessoa, como um homem trans, independente de ser, de ser transgênero, trans, transexual.</p>

		<p>Sempre que eu sou convidado a falar algo, eu sempre digo, gente, a gente estuda vocês. Vocês, no caso, os homens... Quando eu estou em alguma mesa ou algo, eu digo, “a gente, a gente estuda vocês sim, a gente sabe tudo o que vocês fazem como vocês fazem, porque a gente olha porque a gente precisa aprender perfeito a fazer isso”. A gente precisa, né?!</p> <p>...A gente aprende a ser homem, a gente aprende como é que se porta como um homem, cis hétero normativo, né? A gente precisa aprender a fazer isso, mas, por exemplo, eu sou lido como um homem gay, isso não me incomoda. Não me incomoda, mas em alguns momentos eu preciso me portar como esse homem é hegemônico, né?! Que que, enfim, coça o saco e coisas do tipo.</p> <p>A gente passa por um processo de expressão de gênero... A gente acaba aprendendo a se expressar de algumas formas, né?! Nos é ensinado. É, mulheres expressam de um jeito e aí as expressões corporais, o jeito de gesticular... Já falam que você é uma mulher, né?! Mesmo sem você se identificar que você é uma mulher, né?! Se eu consigo ler você como uma mulher, porque o jeito que você fala, o jeito que se você se movimenta, são lidos como de uma mulher. Já eu, que tive uma segunda socialização, a primeira socialização, foi feminina e tal eu tenho, eu me expressei de formas que são lidas como femininas e</p>
--	--	---

	<p>automaticamente, por não me leem fisicamente como uma mulher me leem como homem gay.</p> <p>O termo transgeneridade eu não conhecia, eu sabia que tinha um sentimento, mas não existia nome, não tinha nome para isso.</p> <p>Eu descobri o termo transgênero em 2013, mas eu só vim procurar de fato a hormonioterapia em 2014, foi quando eu entrei na universidade.</p> <p>A gente tinha um grupo, na verdade, que a gente se encontrava para falar sobre as questões de afeto, enfim, e aí eu lembro de algumas meninas que eram meninas cisgêneras, lésbicas falando do sentimento delas, né?! Como elas descobriram essa sensação e tal... E eu ficava assim, mas não é isso, eu gosto de meninas, mas não é assim que eu me sinto, sabe?! Existem alguma... Existe alguma outra coisa aí, né?! De identidade que não, não, não é dessa forma que elas estão falando, sabe?! E não tinha nome para o isso...</p> <p>Porque de primeiro a gente assume que a gente é lésbica né?!</p> <p>Olha, a minha trajetória na universidade é uma trajetória política. A minha estadia na universidade é uma estadia política! Eu não sou só o estudante trans que esteve no CCS. A minha trajetória e eu falo isso, parece até um pouco soberba, às vezes, mas eu tenho conhecimento de que a minha</p>
--	--

		<p>trajetória na universidade é uma trajetória política! Porque se eu posso estar, se outras pessoas estão nesse espaço de forma confortável, é porque eu estive antes. O meu corpo transitando ali, fazendo pesquisa, é um corpo político!</p> <p>E quando eu comecei, o meu processo de de, né, de reconhecimento como uma pessoa trans tal, eu fui me reconhecendo com o passar do tempo. Eu tinha uma imagem de mim. Eu criei uma imagem pra mim, né?! Uma imagem masculina minha que essa imagem que eu tenho hoje com algumas falhas é óbvio. Mas que é, foi o que eu tinha planejado para mim ver sim, sabe?! Eu olhava e falava, “Olha, eu preciso, eu quero ter barba. Dessa forma, eu quero... eu quero que as pessoas me vejam. Eu quero chegar na padaria e a moça da padaria me me diga, me dê boa noite, me diga “o senhor quer o quê?!” Em vez de “senhora”, sabe?! Então assim, meu, esse meu processo transexualizador, ele não é um processo somente de externalização de quem eu sou, e aí quando eu digo externalização, são das características secundárias, né?! De barba, de voz, de enfim! Da questão da passabilidade, mas é a minha trajetória de reconhecimento enquanto uma pessoa trans em outros espaços, sabe?! Por isso que eu te falei, eu falei “Olha, eu não, não carrego objetos”. A minha trajetória, é o que eu tenho como marco do meu processo transexualizador, porque esse marco político, que eu costume</p>
--	--	---

		<p>dizer que o meu corpo, ele, se ele ocupa esse espaço, ele é um espaço político, ele é um corpo político.</p> <p>Se eu pego um transporte nesse horário para voltar para minha casa e a pessoa me lê como um homem gay, então eu corro perigo, então eu preciso performar a masculinidade hegemônica para me proteger. Eu faço isso para me proteger e para proteger minha companheira.</p> <p>Eu me identifico com o jeito que eu tenho hoje é... Quando você me olha, você não me lê como uma mulher, você me lê como um homem, cis gênero você, e isso é interessante para mim. É essa impressão, porque eu quero que as pessoas olhem para mim e tenham de mim, sabe? É essa performance, é essa identidade, né? Eu me identifico com a performance masculina. Eu me identifico com os artifícios de gênero masculino.</p> <p>Eu me identifico com a masculinidade porque são a partir desses modelos de performance que eu me identifico. Eu me identifico com a barba. Eu me identifico com o jeito que eu tenho hoje é... quando você me olha, você não me lê como uma mulher, você me lê como um homem, cis gênero você, e isso é interessante para mim. É essa impressão, porque eu quero que as pessoas olhem para mim e tenham de mim, sabe? É essa performance, é essa identidade, né? Eu me identifico com a</p>
--	--	---

		<p>performance masculina. Eu me identifico com os artifícios de gênero masculino.</p> <p>...Não tenho um padrão de diagnóstico nem do DSM nem do CID, porque o que está contido lá é a disforia da genitália que eu não tenho, a questão de ter a necessidade de fazer a cirurgia da redesignação sexual, eu não tenho, não tenho vontade, não tenho interesse.</p> <p>O corpo político é, se você tem um lugar que socialmente, moralmente, não é para você e o seu corpo ocupa esse espaço e ocupa esse espaço com louvor. Porque assim... É... Mais do que eu, a forma como as pessoas me veem. Por exemplo quando eu digo que o meu corpo é político, o meu corpo ocupa esse espaço político, principalmente na universidade é porque as pessoas me reconhecem como um ponto de referência. Não só como um ponto de referência, de ser uma pessoa trans, mas um ponto de referência acadêmico. E saber que se elas precisarem, elas podem vir até mim, porque eu vou saber, o que é preciso ser feito, principalmente com relação a práticas violentas... Porque eu vou saber como lidar com aquilo ali. Para onde é que a pessoa tem que ir, saber que elas confiam em mim e tem esses pontos de referência. Meu corpo aqui dentro vai ser político. Eu vou transitar aqui, as pessoas vão ter que me engolir, elas querendo elas ou não, elas vão ter que me engolir, professor, professora discente, técnico, eles vão ter que lidar com isso.</p>
--	--	---

		<p>O futuro é eu me coloquei de bermuda na praia, né?! E, e sem camisa, né? Com a cicatriz que eu acho que é expressivo. Eu acho que a cicatriz ela também é simbólica né? Pra mim simboliza ne... Que esse corpo que embora corpo não normativo é um corpo que vence é um corpo que que é reconhecido que se reconhece que pode mostrar né?</p> <p>Ah porque você tem a cicatriz? Porque eu fiz uma cirurgia de mamoplastia masculinizadora, isso pra mim é super simbólico.</p> <p>E aí é... Hoje eu consigo a olhar e dizer, olha era essa aparência, é essa aparência que eu queria ter na minha adolescência e pós adolescência, né.</p>
	O nome	<p>Na universidade, não tinha nada nenhum tipo de, de, de, de, de de protocolo que pudesse me ajudar no sentido das pessoas me respeitarem, respeitarem meu nome, nada nesse sentido, né?! No sistema, nem nada.</p> <p>Na época, eu já tinha escolhido o nome, né?! E aí no meu pronunciamento, eu tive que chegar de professor e professor, contar com a boa vontade deles, deles me chamarem dessa forma. E aí alguns professores aceitaram e outros não.</p> <p>Né? E eu falei, olha, já que você não aceita, não me chame, se você está me vendo na sala, coloque minha presença, mas não me chame, não me constrange. E aí meus colegas negaram, meus colegas de</p>

		<p>turma começaram a é fazer silenciamento comigo.</p> <p>Na época, a gente só retificava por meio da Defensoria Pública ou com advogado. Era o processo jurídico... Não tinha, não tinha essa nova portaria, né? Que você podia ir no cartório e mudar. Na época, já tinha dado entrada, né?! Mas é, foi muito demorado. Eu demorei sete anos para fazer a modificação do meu nome. Por conta desse, por conta desse processo, né... Jurídico.</p>
	<p>A academia como estratégia para a redução dos “intrusos”</p>	<p>Embora eu faça academia, eu sinto que eu preciso da cirurgia pra me sentir confortável ainda com o meu corpo.</p> <p>Por exemplo, eu no início da minha transição eu malhava muito pra diminuir o peito, pra diminuir gordura porque eu sempre fui mais gordinho pra cuidar da minha saúde mesmo, pra ficar mais forte pra ter né?! O desenvolvimento masculino que são os ombros, o braço, trapézio e aí eu malhava muito pra diminuir a gordura corporal e aí com o tempo fui percebendo que isso foi de fato foi acontecendo, né? A gordura corporal foi sendo redistribuída, né? A questão do quadril, da virilha, do próprio peitoral... Porque assim eu, eu brinco com um amigo meu que ele, ele é educador físico e ele é meu amigo e meu pai de santo. E aí eu falo pra ele, eu falo ele, olha eu eu eu tenho peitoral, eu tenho peitoral, é tanto que quando eu fui fazer a consulta com o cirurgião, ele disse “você tem peitoral, você desenvolveu o peitoral de fato e o que você precisa fazer é só retirar a</p>

		<p>mesmo a gordura e fazer o realinhamento da pele para que esse peitoral seja definido ali em cima da pele mesmo.”.</p>
	Vestimentas	
	Instrumentos e artefatos	<p>Às vezes eu uso packer para fazer xixi e tal.</p> <p>Eu tenho, mas é muito raro eu utilizar. Eu só utilizo se for uma festa de largo, por exemplo, como São João, que eu sei que os banheiros são abertos ou que não tem possibilidade de eu sentar ou algo nesse sentido. Ou no aeroporto que eu sei que não tem, tem somente em mictório... E ainda assim se tiver cabine eu nem utilizo o mictório... Nas minhas relações sexuais também eu não gosto porque minha esposa, minha companheira, ela, ela se identifica como uma mulher lésbica.</p> <p>Eu já tenho mais de sete anos usando colete, mais de sete anos usando o binder, isso tem me prejudicado muito. E de uns anos para cá, eu tenho sentido muito. Porque eu utilizo muito, o ideal é que você utilize oito horas o máximo. Eu utilizo 12, 15 e às vezes mais. Então, assim é algo que me faz mal fisicamente, porque tem me gerado problemas de coluna, tem me gerado problema com..., eu tenho escoliose, então tem me gerado problema de coluna, eu sinto dificuldade de respirar. É um negócio que me dificulta de fato, não me dá liberdade de movimentação.</p>

		<p>...Porque quando você usa muito tempo, a pele fica flácida, né?! (binder)</p> <p>Sim... E aí eu coloquei que, enfim na praia porque é simbólico também pra mim porque é um dos meus maiores desejos do futuro. É que eu possa ir pra praia sem estar desconfortável. Sem ter que usar o colete, sem ter que usar uma camisa por baixo de outra camisa ou de quando eu for entrar na água e sair, aquilo não marcar o colete, isso aqui é um projeto de futuro pra mim.</p>
	O banheiro	<p>Quando estou em festa, né?! Eu preciso ter uma postura um pouco mais masculinizada. Para poder não sofrer nenhum tipo de violência ali, tanto das pessoas que estão ali, quanto dos organizadores da festa, enfim, algo nesse sentido para me proteger mesmo até no banheiro, né? O banheiro masculino, é aberto, enfim tem essa questão, a gente aprende se moldar de acordo com o ambiente em que a gente está.</p> <p>É... Eu pensei em desistir do curso porque eu fui ameaçado no banheiro da universidade... Foi um inferno! Foi alunos que é... Na época, eu cheguei para o diretor da universidade e eu disse “olha, eu vim aqui, eu não vim te pedir permissão, eu vim lhe dizer que eu estou usando o banheiro masculino, aí que caso alguém venha lhe fazer queixa, você já sabe, eu não estou, eu não não estou lhe pedindo permissão, eu venho lhe comunicar para depois... Porque depois eu não quero burburinho com meu nome, nem seu nem</p>

		<p>de nenhuma outra pessoa da administração da universidade”.</p> <p>E aí um dia eu estava no banheiro, e aí eu encontrei uma pessoa que é do... Que era do curso de Medicina na época e essa pessoa falou pra mim assim é... Era um homem cisgênero obviamente, né?! E aí ele falou pra mim assim “Olha, se eu encontrar você nesse banheiro, eu vou pegar uma lâmpada dessa aqui, e eu vou bater em você.”.</p> <p>E aí eu parei de usar o banheiro, eu parei de usar o banheiro porque eu fiquei com medo de usar o banheiro.</p> <p>... Eu comecei a usar o banheiro dos professores, que é na parte de cima do pavilhão. Só que aí eu me sentia constrangido porque eu encontrava os professores, não podia, aluno não podia usar o banheiro dos professores e tal. Na época eu era novo, não tinha maturidade para lidar com aquilo ali. E aí eu comecei a ficar apertado, eu ficava o dia todo na universidade, mas não usava o banheiro. Eu não usava nenhum banheiro, se não era pra usar o masculino, eu não usava nenhum banheiro!</p> <p>Eu fiquei com com infecção urinária porque eu prendia, né?!</p>
	Uso de medicações e ou cirurgias	Ah! Mas no meu Instagram, eu tenho uma foto da primeira... do primeiro bujãozinho de

		<p>testosterona que eu comprei, que eu consegui comprar e aí eu vou te mandar a foto porque eu não tenho ela física, eu só tenho ela no, no Instagram</p> <p>E aí as unidades de saúde? Eu tinha, óbvio que tinha medo de ser violentado na unidade de saúde, então eu não fui procurar. E aí eu fui procurar terceiros...</p> <p>Em 2014, eu conversei com algumas pessoas daqui de Santo Antônio que trabalhavam na... Na... Academia que eu fazia. E pedi para me indicar alguém que eu pudesse comprar, que não fosse na farmácia, porque eu não tinha receita, não tinha como comprar na farmácia, precisava comprar de terceiros, de laboratórios, em terceiros, né?!</p> <p>Eu, a gente tinha um grupo na época, a gente ainda tem esse grupo, né? Estava bem consciente. De que já... De que queria e que eu fazia qualquer coisa, inclusive colocar minha saúde em risco pra ter isso certo. Eu tinha 23, eu tenho 29, eu acho que tinha 23. Mas é... Eu sabia que que isso tem teria o, né? Eu não fazia exame, eu não... Enfim, né? Não tinha feito nada... Eu só fui.</p> <p>... Ela (mãe) me perguntou “Você quer fazer a cirurgia?” Eu disse “Eu quero!”. Cirurgia no caso, a mamoplastia... Depois ela me perguntou se eu queria mudar de sexo, “Você quer mudar de sexo?”. Eu disse “Não, isso não me incomoda, mas a cirurgia de mamoplastia eu quero fazer!”.</p>
--	--	---

		<p>Eu procurei por conta própria. Eu fui procurar... Por via de terceiros, né?! É um hormônio de um laboratório que eu não conhecia, enfim. Mas foi por conta própria. Não fiz exame e aí a gente tinha um grupo no WhatsApp que a gente fazia a tipo, a dosagem entre a gente.</p> <p>“O que tomar? Quantos ml tomar, de quanto, em quanto tempo”, né?! Isso era o que a gente perguntava no grupo. O hormônio eu procurei, é na época, tinha um pessoal de academia que trabalhava com esse negócio de anabolizante e aí eu fui procurar, né?! E aí eu achei, na época, eu também fazia academia e aí eu fui procurar essa, esse rapaz e ele me vendeu, né?! Na época era um bujãozinho com 10ml... Na época era o Propionato de Testosterona, que é o composto da Durateston, não, era Enantato da Testosterona.</p> <p>Na época, eu já tinha feito o processo seletivo do da residência, já estava recebendo a bolsa. Eu ganhava 330 reais na época, né? Então a minha bolsa era 330, 300 reais era do hormônio, não é?! E aí eu pedi é, eu passei no cartão e dividi no cartão de uma amiga. E aí como eu não sabia aplicar, eu mesmo me aplicar, e aí, eu conversei com uma amiga minha.</p> <p>E aí eu parei o círculo do anticoncepcional. Eu disse, eu vou parar, já que eu vou tomar a testosterona, a menstruação vai parar de qualquer jeito. Então eu não vou continuar tomando.</p> <p>E aí foi que aconteceu, eu tomando esse Esteróide com</p>
--	--	--

		<p>Testosterona que também é um Esteroide, deu esse rebote muito alto e minha menstruação desceu. Eu fiquei sete dias, não, eu fiquei 15 dias seguidos menstruando. Isso, assim, eu já tinha mais de três anos sem menstruar. E aí eu menstruei, eu fiquei 15 dias menstruando sem parar e não era uma menstruação fraca, era menstruação que eu tinha, que eu tive, que eu tinha que usar dois absorventes noturnos, três absorventes noturnos colados um no outro e ainda assim vazavam. E eu falei “não, não vai passar.</p> <p>Quando eu comecei, tipo... uns três meses depois que eu comecei a tomar...</p> <p>E aí é minha voz, já tinha mudado, enfim... Eu já tinha uma leitura um pouco mais masculina, né?! Já tinha três meses, já tinha uma leitura assim... Estava mudando algumas coisas. E como é que eu vou chegar pra... Para a unidade de saúde e tal... E aí eu conversei com os colegas, e aí não teve jeito! Eu tive que procurar, né?!</p> <p>... O médico falou “Olha eu... o que você pode fazer é suspender, até resolver a sua situação e... ver o que que a gente pode fazer” e aí eu suspendi. Ele queria que eu suspendesse mesmo e não usar mais, eu disse “não”. E aí eu tirei a Trembolona.</p> <p>É que foi assim na época, eu não tinha como, não, não tinha pensado em correr atrás do</p>
--	--	--

		<p>sistema único de saúde para fazer a cirurgia, porque a gente não tem hospital de referência aqui, nem Salvador, né? Que faça cirurgia ou é em São Paulo ou é Uberlândia, Belo Horizonte... Acho que Minas também tem.... Então assim, eu não tenho como me deslocar daqui para fazer um acompanhamento em São Paulo, em Minas ou em outro lugar nesse sentido. Então, assim, para mim seria inútil, né? Só que recentemente, em 2016, saiu a portaria da abrangência do SUS, que você pode solicitar, que você pode ser acompanhado na cidade e pedir o tratamento fora de domicílio...</p> <p>Não é que eles não tenham essa possibilidade, mas é que por exemplo, para eu chegar até um cirurgião aqui em Santo Antônio de Jesus, no Sistema Único de Saúde, atendendo na maternidade, eles são experientes em fazer a mastectomia que é a retirada total dos seios. Uma pessoa que nunca fez uma mamoplastia masculinizadora e aí exige técnica, exige tamanho, existe forma de posicionamento, existe medida. Não é só retirar e pronto, sabe? Tem toda uma questão de reconstrução. Tem todo um cuidado de ir, por exemplo. Um cirurgião, uma cirurgiã que possa fazer isso, mas eu não confio. Eu prefiro que eles me encaminhem para um lugar mais que seja mais confiável.</p> <p>No meu caso, eu não vou fazer uma cirurgia retirando pela auréola, o meu vai ser técnica “sorriso” que é a técnica inteira, né? Que corta de um lado a</p>
--	--	---

		<p>outro. Ali você percebe que precisa retirar o mamilo, você precisa cortar o mamilo, você faz um enxerto do mamilo, você mede para ver onde vai colocar, onde a sua marcação do espaço visual está, tudo tem que ser feito antes, não é? Tipo, passou a faca e acabou... Então o meu receio é que primeiro que eles não compreendam essa dimensão. E aí quando eu trago isso, eu não trago a dimensão técnica da cirurgia, mas que eles não compreendam a dimensão da importância que isso tem, do contexto que isso traz para a gente, sabe inclusive de pessoa trans, né? De compreender o que é que isso significa para a gente, né? Nesse sentido, e já existem outros cirurgiões de outros lugares que ele já tem uma sensibilidade maior que fazem, já fizeram, enfim.</p> <p>Assim é porque assim a gente, quando a gente faz uso da testosterona ele traz para a gente características que são irreversíveis. Por exemplo, o clitóris é irreversível. A voz é irreversível. A queda de cabelo é irreversível para a gente pelo menos, né? Muitos meninos não têm queda de cabelo, mas no meu caso eu tive... Eram efeitos colaterais que eu já sabia apareceria, né? Ou que poderia aparecer... E assim eu já estava ciente de que existiam algumas possibilidades de não aparecer algumas coisas que eu queria, como barba, coisas nesse sentido, né?! Mas assim, um dos principais efeitos colaterais que a gente lê como prejudicial é a questão da atrofia do útero é porque alguns</p>
--	--	---

		<p>meninos querem ter filho e tal, e aí tem essa questão da atrofia.</p> <p>Assim, no início eu fiquei um pouco desconfortável porque assim mexe com a mexe com a questão, né, da beleza, mexe com a com a ideia, né? De beleza de enfim... O cabelo para mim, sempre foi muito significativo, não é? Eu sempre tive muito cuidado com o cabelo e tal, e aí quando eu percebi que o meu cabelo estava caindo mais do que o normal, eu falei, não, tem alguma coisa errada aí. E aí eu fui fazer alguns exames para saber. Exame do folículo que faz, né? Eu fui até o rapaz e ele fez o exame comigo, e ele falou que isso tinha relação com uma parcela da testosterona que se chama DHT de hidrotosterona, que é o aromático da testosterona, ou seja, o que converte a testosterona em esteroide especificamente.</p> <p>Mas assim, hoje em dia eu lido bem com a questão da queda de cabelo com a calvície, enfim, eu não tenho maiores problemas com isso, né? No começo, chegou a me incomodar, mas hoje em dia...assim... Eu sabia que isso ia aparecer em algum momento por conta do histórico familiar.</p> <p>No início do tratamento, eu não sei se isso funciona para todos os meninos, mas a maioria que eu converso, sim a gente passa por uma segunda puberdade, então... No início do tratamento, ali, entre seis meses e um ano, a gente começa a ver a diferença,</p>
--	--	---

		<p>não dá para ver muito mas, já começa a crescer e a gente começa a perceber que, em alguns momentos a gente sente, né? Porque o clitóris ele endurece, ele fica rígido, né? Uma coisa e uma situação que é bem simples: A gente está no ônibus e o ônibus passa no quebra mola, com a ereção a gente sente um desconforto, com o tempo isso passa, né?! Como na puberdade, né, que os meninos ficam eretos, sem nada, sem ver nada. Isso acontece com a gente também, mas passa, né? Não é algo que que acontece tipo recorrentemente, mas no começo acontece involuntariamente.</p> <p>... Assim que eu posso te descrever era que as vezes eu ficava muito nervoso assim, no início, eu sentia muito nervoso, eu ficava muito nervoso, qualquer coisa me tirava, mas eu percebia que isso tinha mais influência do contexto do que do hormônio... Porque não é o hormônio que deixa a gente nervoso e agressivo, não, é o contexto e às vezes é só uma desculpa também, sabe? É uma desculpa ali, você já é escroto e você usa do hormônio pra ter um estepe, né? Pra dizer, olha, eu fiquei, eu bati em você e eu briguei com você e eu fui escroto, fui mais escroto com você por causa do hormônio, e não é assim. Eu ficava nervoso por causa do contexto que eu estava vivendo, um contexto de violência, não pelo hormônio.</p> <p>A única coisa que falta pra de fato ser concreto pra mim o corpo em que eu me vejo</p>
--	--	---

		<p>quando eu fecho o olho e quando a gente imagina né... O nosso corpo ideal, o meu corpo ideal o que falta eu estou super satisfeito com, com as características que eu tenho, com a forma, né? Que eu fui me subjetivando nesse período, né? Que eu fui me fazendo e me formando enquanto sujeito e de reconhecimento de ser um homem trans, eu estou muito satisfeito com todo esse processo. E a única coisa que falta dentro desse processo transexualizador pra que eu consiga de fato estar livre desse corpo como eu te falei ontem né? Dessa prisão do corpo é a questão da mamoplastia masculinizadora...</p>
	<p>Fronteiras do gênero: Tensões e ambivalências</p>	<p>Eu expliquei para ela (colega da universidade): “Olha, você acha se fosse, de fato uma escolha, eu escolheria sofrer violência na universidade, ser abandonado pela minha família, sofreria violência em casa, apanhar na rua, você acha... você escolheria isso? Você escolheria... Você escolheria ser abandonado pela sua mãe? Pelo seu pai? Ter a sua família, ver a sua família inteira, quem você criou afeto virar as costas para você? Ver a sua religião virando as costas para você? Você, você escolheria isso ao invés de escolher uma vida confortável, que é essa que você tem, onde todo mundo te aceita, onde todo mundo aceita seu, seu namorado, seu companheiro ou sua companheira? Você acha que você seria... Você acha que se eu pudesse escolher, eu não escolheria essa vida que você tem?!”.</p>

		<p>Têm dias que as pessoas me procuram e eu não, não, não quero, sabe?! As pessoas me procuram e eu digo “Olha, eu não tenho interesse de falar”, mas ao mesmo tempo que eu digo que eu tô cansado, eu faço esse exercício de ir...: Porque é importante que as pessoas, se as pessoas não ouvirem de mim, elas vão ouvir de outra pessoa que não tem qualificação e não tem experiência para falar sobre isso, sabe?! E aí eu vou!</p> <p>Eu costumo dizer que tem dias que eu não tenho disforia, mas que tem dias que eu tenho e tenho muita.</p> <p>Hoje em dia não é mais tão sofrido para mim não. Mas assim, nesse momento, é uma urgência por uma questão de saúde, sabe? Não é só disfórico, é uma questão de saúde mesmo.</p> <p>...Vou me adequar, vou botar isso no meu inconsciente e vou ficar... Eu não tenho como mudar isso, então assim, por muito tempo, eu meio que recalquei esse sentimento, sabe de incongruência, de disforia e foi assim... Foi tipo, eu vou ter que aceitar isso aqui e é isso aqui que eu tenho. Eu vou ter que conviver. Eu vou ter que ficar com isso.</p> <p>Então essa, essa é a minha perspectiva nesse momento de que pra que meu processo me deixe insatisfeito, é necessário que esse futuro aqui aconteça. Entende? Sabe? Que o resto, todo o resto do meu processo de transexualizador eu já estou satisfeito. Eu já estou muito</p>
--	--	---

		<p>satisfeito, então o que falta pra mim, para que eu me sinta confortável, é isso aqui no futuro.</p> <p>Eu não me sinto completo sabe...? Nesse sentido de ter uma certa liberdade pra fazer algumas coisas que enfim que é que é o que eu quero fazer, por exemplo, eu queria ir pra piscina, eu queria ir pra praia, as vezes eu sinto muito calor então eu queria poder ficar sem camisa... Uma liberdade afetiva sexual com a minha companheira. De sentir e de me sentir mais atraente.</p> <p>Eu tomava vitaminas e tal pra ter essa barba e aí chega um período que você fala assim ah... Quer dizer eu não sei pros outros meninos... Mas pra mim chegou um momento que eu fiz assim “ó se não vai acontecer eu vou deixar se ela quiser aparecer ela vai aparecer e se ela não quiser aparecer ela não vai aparecer e tudo bem...” A barba não não me faz menos homem por conta disso. A minha barba de fato veio aparecer, né? Com com força assim de uns dois anos pra cá eu já tenho mais de sete anos de tratamento hormonal... Então assim, minha barba de fato veio... E ela ainda está passando por esse processo porque ela ainda não fechou mas se você reparar aqui né? Que ela já está fechando. Que não tinha. Eu não tinha bigode... A linha da barba não subia e agora e agora já tem... E aí eu fui percebendo que esse desapego sabe de de ter barba, de de que a barba te dá um status porque ela te dá de fato, né? É esse status e quanto</p>
--	--	---

		mais masculino você é, mais status de masculinidade você tem, né?
--	--	---

CATEGORIA IV	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE ANÁLISE
Controle coercitivo da linguagem heteronormativa	Relação com a Família	<p>Meu pai não, não mora comigo. Meu pai mora em outro estado, é a gente não não tinha um contato, muito contato.</p> <p>Minha mãe é uma pessoa de uma família que é, é muito... É ... Como é que eu posso dizer? É uma família muito tradicional, a minha minha, minha família, por parte de mãe, meus avós são católicos, a maioria dos meus tios são evangélicos. Na época, a minha mãe estava indo para a igreja evangélica também, né? E aí eu tive que eu, eu, eu, o meu vínculo afetivo com minha mãe era um vínculo de dependência muito forte e aí é... Eu tive que planejar como é que eu ia contar isso para ela, não é?! Ela já tinha tomado um choque que eu estava me relacionando com uma mulher...</p> <p>Minha mãe criou para mim uma estrutura de vida baseada numa estrutura de vida para princesas, não é?! Então assim, ela forjou na cabeça dela uma vida para mim que não, não deu certo, né?! Foi completamente frustrante para ela, então eu precisava quebrar esse vínculo.</p> <p>Ela (mãe) fazia questão de demarcar, que que, enfim, eu tinha</p>

		<p>nascido mulher e a partir daquele momento, embora eu me relacionasse com mulheres, eu era mulher. E o jeito que ela me tratava me deixava desconfortável, então a minha, a minha resposta a esse tratamento dela era ser agressivo... Ela me perguntou se estava acontecendo alguma coisa e eu disse “Olha, comigo não! Mas eu preciso lhe contar uma coisa!”. Aí eu peguei e contei para ela, expliquei pra ela o que era ser uma pessoa trans. Ela falou que já sabia, falou “eu sabia que tinha alguma coisa errada...eu sabia... você já dizia que você era um menino”. Eu disse “Pois é, é isso, é isso que eu tenho”.</p> <p>(Mãe) “A partir de hoje, se você quiser fazer o que você quer, você vai trabalhar! Eu não vou te sustentar, não vou te bancar aqui, é com seu dinheiro que você vai fazer o que você quer da sua vida, a partir de hoje eu não vou te mandar mais nada”. E aí eu fui organizar minhas coisas. Eu já estava com tudo, praticamente pronto! Eu organizei minhas coisas, meu vínculo com ela ficou... Já era ruim, ficou pior, não é?! ... Ela foi embora e aí ela parou, parou de falar comigo e aí eu tive que ir para a residência da universidade.</p> <p>Eles não, não aceitam, não me respeitam, nunca me respeitaram. Eles nunca me respeitaram nem quando eu não tinha a ciência disso. Eles não me respeitavam porque eles diziam que... Eles diziam para mim e diziam para a minha mãe que eu ia ser sapatão. Então assim, eles nunca me respeitaram e a partir do momento que eu tomei, tomei ciência disso de que eu era um corpo, trans... de</p>
--	--	---

		<p>que eu ia fazer a modificação disso... que eu ia fazer as coisas, eles nunca me respeitaram e não é.... Não foi depois de eu ter dito para as pessoas que eu era um homem que elas que eles iam... Pelo contrário o desrespeito, foi e a falta de compreensão, não, não agravando a todos, mas assim isso, em sua maioria.</p> <p>Assim, de eu dizer para eles que eu não queria que eles me chamassem pelo meu nome antigo. De me respeitar e de desrespeitar minha companheira de fazerem, tipo assim, de tentarem fazer uma intervenção, sabe, pra me dizer coisa, pra dizer coisa pra minha mãe, sabe? Para ofender minha mãe, para me ofender, coisas no sentido assim “a culpa foi sua...! Isso aí é uma escolha... Uma afronta...”. Nesse limiar e aí eu decidi que não seria saudável nem para mim nem para minha mãe. E aí eu preferi me manter distante... E aí eu decidi que eu não manteria vínculo com a minha família materna, porque eles nunca me deram apoio nenhum de nada, nem afetivo, nem financeiro, nada!</p>
	Relação com o outro	<p>Que eu já tinha performance, já. É tanto que a minha... Como eu te falei, a minha questão da minha sexualidade e dessas questões das expressões e da performance de gênero, nunca saiu de mim...</p>

		<p>Sempre veio por outras pessoas, sempre outras pessoas vieram me dizer quem você é... Quem você vai ser... “você vai ser sapatão, você tem um jeito de homem...você é mulher macho”.</p> <p>(quando alguém pergunta sobre a genitália dele por curiosidade) “vem cá, eu, eu, eu...você tem interesse em mim em ter um relacionamento comigo? Isso te interessa em quê? Eu olho para você, eu não pergunto se você tem pênis ou se você tem vagina, eu eu pergunto seu nome... Eu não conheço você hoje aqui e pergunto se você tem vagina...? Se você tem pênis?”</p>
	<p>Universidade</p>	<p>Durante as discussões das, das aulas e os meus colegas riam de mim. Se, tipo assim, eu falava uma coisa importante sobre um texto, eles riam de mim, faziam questão de de me chamar... Tinha uma colega minha que só me chamava de “ela”. Chegou uma situação de uma colega minha dizer que não queria ter aula comigo.</p> <p>Isso, os colegas não queriam contribuir, não queriam fazer trabalho, faziam chacota, enfim, me, me tratava me chamavam de “ela” mesmo ou corrigindo.</p> <p>Os professores faziam isso comigo, de me chamar e dizer que eu não seria um bom profissional, que eu não tinha capacidade para tá ali. Por exemplo, era muito difícil para mim lidar com essas questões da universidade, de ter esse apagamento e ter que estudar e ter notas boas. Eu fui reprovado em diversas disciplinas porque eu não conseguia lidar com aquilo</p>

		<p>ali. E aí teve professores que chegou para mim para me dizer que não, que era para existir, que eu não tinha capacidade de ser médico.</p> <p>Eu tava no, eu estava cursando o itinerário para medicina porque a gente faz a itinerário específico, né?! E aí na época eu entrei com um processo institucional. Eu sabia dos meus direitos, porque eu, eu, eu só tenho cara de besta, mas de besta eu não tenho nada.</p> <p>...Eu fui até o diretor, eu disse a ele “Eu quero abrir um processo institucional agora!”. Aí eu escrevi todo o relato que tinha acontecido, aí eu aproveitei abri de todo mundo, do servidor ao professor, especificamente, dos professores especificamente e e esses colegas, que eram quatro colegas, eram uma menina e três meninos.</p> <p>A minha maior vitória com as pessoas da minha turma, que são de Medicina, hoje, é ver eles me chamando para participar de mesa, de para dar aula para eles sobre gênero e sexualidade. Na unidade de saúde, é falar sobre a estadia, como é que eles podem proceder dentro da unidade de saúde - que é a área básica deles - para atender uma pessoa trans. É... a gente realmente, o mundo é uma bola! Porque um dia, vocês fizeram um silenciamento...” - Até então, eles não sabiam disso, né? - Eu disse “Um dia, vocês fizeram um silenciamento comigo para eu não falar, hoje vocês ficam calados, porque hoje eu vou falar e vou falar sobre mim, eu vou falar sobre a minha trajetória dentro da unidade de saúde... Hoje para ouvir o que eu tenho para dizer e para ensinar vocês, como é que</p>
--	--	---

		atende uma pessoa trans na Unidade de Saúde”. Entendeu?
	Relação com o médico	<p>Porque não é o clínico que faz essa, esse acompanhamento do hormônio, né?! É o endócrino. Aí... Eu fui procurar, o endócrino na época, né, público. E aí eu fui violentado porque eu falei pra ele, expliquei pra ele que era uma pessoa trans tal, que eu fazia uso do hormônio já, e o médico me respondeu “Eu não vou te atender, eu não vou te atender! Para, para eu te atender, você tem que trazer um laudo dizendo que você é doente... Você tem que me provar que você tem essa doença. “Que você é doente,”. Eu peguei minhas coisas e fui embora! E aí, a partir desse dia eu não procurei mais atendimento com especialista, continuei com clínico. Eu disse a ele, eu avisei a ele que ele me disse que não ia me atender e tal.</p>
	Religiosidade	<p>Ela (colega) falou que tinha conversado com o pastor dela sobre mim, que ela achava errado a forma que eu vivia, o jeito que as minhas escolhas... E que o pastor tinha pedido, é... Pedido para ela vir falar comigo para me levar na igreja dele, que ele ia orar por mim, que ele ia fazer que ia acontecer, e tal... E que ela não achava correto e que o que eu tinha era a falta de Deus.</p> <p>Teve um momento de, por exemplo, o pastor da igreja da minha mãe falar comigo, me perguntar se minha mãe já sabia e eu disse para ele “Olha, com que autoridade você me pergunta, você parou o meu almoço para me perguntar isso? Se eu souber que você contou alguma coisa para minha mãe, eu te processo!”.</p>

		A minha família é extremamente conservadora, né? Meus avós por parte de mãe, meu avô não, mas minha avó, sim. Minha avó é bastante católica. É uma família conservadora. Meus tios, a maioria deles, são evangélicos.
	Reações emocionais	Assim eu eu vivia num estágio de nervo na universidade muito forte porque era ameaçado dentro da universidade e fora! Eu tinha medo de sair da porta da universidade para casa sozinho, eu tinha que esperar alguém para me acompanhar porque eu tinha medo de apanhar na rua. Eu já, eu já já recebi arma na cara, de uma pessoa passando de carro, ela tirou a arma e botou na minha cara... E aí eu fiquei com medo de sair da universidade.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE ANÁLISE
Rede de apoio	Profissionais de saúde	E aí quando eu consegui resolver algumas coisas, eu fui procurar pra fazer hormonioterapia e aí eu já tinha iniciado, por exemplo, a terapia de fato, né?! Que antes de começar a hormonioterapia, eu entendi que era importante pra mim, por por, enfim, outras questões familiares. Enfim, que eu precisava procurar terapia

		<p>para antes, de iniciar de fato, porque eu sabia que viria algumas outras, questões. Por exemplo, eu não é, seria... É... Eu não conseguiria esconder da minha família por muito tempo que eu estava usando hormônio porque, enfim aparece.</p> <p>E aí é... eu, eu entrei na psicoterapia primeiro com essa demanda de que eu precisava contar para minha mãe, não é?! Primeiro que eu precisava romper esse vínculo com ela que era um vínculo, é... Que me fazia mal, era quase abusivo, não era quase não, era um vínculo abusivo.</p> <p>Ele (médico) era um senhor, ele era um e na época ele era um senhor. Ele devia ter uns 70 anos mais ou menos, né?! E aí ele conversou comigo, ele falou que entendia que não sabia muito bem como é que funcionava, mas que ele ia me ajudar, que a partir daquele dia eu podia ir que ele ia me ajudar... inclusive, com a receita, se eu precisasse, e aí eu comecei a ir para a unidade de saúde por causa dele...</p> <p>E aí é... eu conheci uma professora da universidade que é médica... E aí ela me, ela me atendeu. Eu participei de uma roda de conversa da turma dela e expliquei, eu disse pra ela no relato, né?! Que eu que eu conversei com os alunos, eu disse que eu fazia tratamento por conta própria e na época...ela trouxe um rapaz, que é professor professor doutor. Ele trabalha com pessoas trans em condição de vulnerabilidade, condição de</p>
--	--	--

	<p>rua. Ele tinha um laboratório, ele atendia pessoas trans e fazia a receita para redução de danos, né?! a professora me chamou e falou “Olha, eu conversei com um professor amigo meu, eu vou fazer isso contigo, eu vou te atender. E a partir de hoje, eu te acompanho, a gente faz uns exames, eu te acompanho a cada três meses, a gente faz uns exames...” Ela mesmo ia fazer administração, ela ia me dar a receita, eu ia poder ir na unidade de saúde tomar, né?! A injeção... ela, pessoalmente, prescrevia. Eles aceitavam a receita na unidade básica, mesmo sem um diagnóstico.</p> <p>...Mas assim, eu não, não pegava hormônio na unidade básica. Eu comprava como eu compro até hoje, eu ia até a unidade de saúde... Porque eu não, não, não tinha como aplicar em casa.</p> <p>Acho que é um dos maiores privilégios que eu tenho hoje, é... Poder ter pessoas que se sensibilizaram com a minha trajetória aí e colaram para que eu pudesse. Enfim, né?! Realizar isso.</p> <p>Tem mais de nove anos que eu sou acompanhado pela unidade básica de saúde, que eu faço esse acolhimento recorrente, né? A cada três meses eu faço exames, eu tenho esse acompanhamento...</p> <p>Eu já procurei aqui em Santo Antônio tem gente em particular que faz, eu consegui uma consulta grátis com esse cirurgião que eu fui, só que ele me cobrou 12mil. E eu não tenho 12 mil e fora os 12 mil</p>
--	---

		<p>tem o colete, tem a meia, tem os remédios... Que aí vão, vai pra tipo um, seria muito confortável para mim fazer aqui, sabe Larissa, seria muito confortável... Porque aí eu faria hoje e amanhã eu já estaria em casa, sob os cuidados da minha esposa, enfim...</p> <p>Sobre os profissionais de saúde. Acho que eu tive muito privilégio de ter pessoas que compreendessem o contexto.</p> <p>Eu vou, eu faço preventivo, tudo na unidade de saúde mais antes de eu fazer o preventivo, eu vou até a unidade, converso com a enfermeira e digo, olha, eu não venho na quarta-feira, no dia da gestante... A enfermeira da unidade, ela marca um dia específico comigo e com os meninos trans que moram aqui e faz esse acolhimento e esse preventivo somente com a gente... E a gente explica que a maioria dos meninos não fazem sexo e nem penetração, o que ocorre com o pênis, então é preciso ter um certo cuidado com o espécuro para não violentar... Então ela faz um movimento, por exemplo, de dar o espécuro para que a gente faça a coleta... Aí, eu ia explicar para ela, olha, quando a gente faz o uso do hormônio o clitóris aumenta, o cheiro muda, a mucosa muda, o fluido, ele não, não é um fluido, é um fluído... ele fica esbranquiçado, eu sempre digo isso, né?!... A consciência do fluido, ela fica igual um esperma masculino é a mesma coisa, a mesma coisa, eu nunca vi, mas pelo que eu vejo as pessoas falando, as descrições e o jeito que os</p>
--	--	---

		<p>meninos me descrevem também, porque a gente também pergunta isso.</p>
	Professores	<p>...Na época eu cheguei para professora lá que era responsável e disse a ela, eu disse “olha, eu vou contar para minha mãe, é provável que minha mãe me coloque para fora de casa, é provável... então assim, eu quero que vocês... que nesse momento vocês me garantam pelo menos que eu venha morar na residência”. E aí, é... Foi dito e certo!</p>
	Falta de rede de apoio	<p>Assim, eu não, não passei fome, sabe?! Não passei fome, mas assim eu passava dificuldade no sentido de que, por exemplo, não tinha dinheiro para comprar uma xerox, eu não tinha dinheiro para comprar roupa, eu não tinha dinheiro pra fazer hormônioterapia. Inclusive, foi por isso que eu demorei tanto tempo para procurar, porque eu não tinha condição de ir.</p> <p>...Eu não tinha muitos amigos nem, nem, mais depois que eu. que eu assumi a transgeneridade, alguns dos meus, alguns dos meus amigos se afastaram de mim tal.</p> <p>Teve esse alguns outros (Profissionais) que foram super violentos, mas no sentido de que eles não conheciam, não tinham estratégia, enfim, não queriam saber, não queriam conhecer...</p>

	Relação com a esposa	<p>Minha esposa, minha companheira, ela, ela se identifica como uma mulher lésbica. Ela se identifica como uma mulher lésbica, e embora, ela não está apagando a minha identidade. Ela costuma dizer que ela é uma mulher lésbica, mas que nesse momento ela está numa relação heteronormativa.</p> <p>A minha companheira ela entende que a minha relação com o meu corpo é diferente que tem dia que eu estou confortável pra ficar sem camisa e tem dia que eu não fico confortável. É, é, é para mim, é muito uma questão de momento, sabe? Não é sempre que eu estou assim, não é sempre que eu quero tirar a camisa, e ela respeita isso.</p> <p>...essa minha companheira são sete anos, não são sete dias...Eu tenho sete anos com ela, então ela já compreende que em alguns momentos eu vou querer e em outros momentos eu não vou querer, por exemplo, a minha relação sexual. Por exemplo, eu na minha relação sexual, eu não gosto de penetração, eu nunca gostei, então eu nunca tive, né? Então isso foi uma coisa que eu verbalizei para ela, eu disse: “Olha, você está acostumada às suas outras relações, talvez ter esse momento de que você faça essa penetração, mas mas eu não gosto, eu não, não, não, é algo que não me gera prazer, pelo contrário, me gera desconforto.”. Então, na primeira vez que a gente se relacionou eu disse a ela, isso</p>
--	----------------------	--

		<p>não vai acontecer... Nem hoje e nem em dia nenhum.</p> <p>...A minha relação com a minha genitália é de... Ultrapassa esse limite da disforia, sabe?! É, eu não sei se as pessoas que você entrevistou falaram isso de forma aberta, não é? Mas, por exemplo, quando você faz o uso da testosterona, seu clitóris cresce, não é?! E ele vira um....eu não vou dizer um micropênis porque tem meninos que o clítoris cresce para 5cm, então você não é mais micro, né? Então, assim, dá para você fazer penetração, não é?! Inclusive no sentido de que é o fato de você ter é um um micropênis, um pênis não tão desenvolvido. Você consegue fazer penetração na sua companheira, enfim.</p>
	Família	
	Medicalização	
	Redes de informação	<p>um dia eu estava no Facebook, é... Eu vi uma matéria de um rapaz que se suicidou, e deixou uma carta para os pais, né?! Explicando e tal que ele era uma pessoa que ele não se identificava com o gênero que ele tinha nascido, nem com sexo isso e tal que ele não se sentia daquela forma e tinha uma nota de rodapé embaixo, explicando o que era ser uma pessoa trans. Nesse momento, um homem trans... E aí eu falei “é isso, é, é isso, é isso”. E aí eu fui falar com alguns amigos meus mais próximos e eu disse “agora eu sei o que é”, e aí eu automaticamente disse pra eles “olha, eu quero que vocês me chamem dessa forma, que é como eu me identifico, dessa forma. Eu descobri que é assim</p>

		<p>que funciona, é assim que eu quero que vocês me chamem a partir de hoje”.</p> <p>E aí quando eu descobri o nome, isso é isso, é, é isso, sabe, eu quero e aí eu fui pesquisar. É o que não é o que era feito, o que é que a medicina oferecia para que a gente pudesse fazer toda essa mudança.</p> <p>Eu acho importante que a gente faça esse tipo de, enfim, que vocês impliquem na, nesse sim, nas pesquisas, porque a verdade, a verdade é que a gente já tá cansado de falar sobre nós mesmos, embora a gente precise falar sobre nós, né?!</p>
	Políticas públicas	<p>Eu costumo dizer que eu... é a minha maior Felicidade, é ver que existem outras pessoas trans, entrem na universidade sem ter que sofrer o que eu sofri. E hoje tem dois rapazes trans aqui na universidade. (nome social)</p> <p>Tanto a gente quanto o coletivo dos estudantes, a gente sentou juridicamente falando, a gente sentou para viabilizar a minuta, né? Porque a gente criou tudo zero, né?! Então a gente pegou algumas coisas que fossem garantias para a universidade, por exemplo, no sistema que seria, que, que teria que haver uma mudança no sistema. Que no momento da inscrição do da universidade lá no papel, tivesse constando o nome social, se a pessoa não tivesse ainda retificado que tem um espaço no documento lá com o uso do nome social, que é esse nome que é para o sistema, não o nome civil. É... A gente</p>

		<p>garantiu que o diploma, caso não tivesse feito a retificação, viria com nomes, é... Viria com o nome social e no fundo viria o nome civil né?!</p> <p>A gente foi pro CONSUNI, que é o “Conselho Universitário Superior” da universidade e a gente fez uma reunião com o diretor, com o reitor e com o vice reitor na época, né?! Do CONSUNI e a gente apresentou a proposta e aí o CONSUNI aprovou. E aí deixou de ser Minuta e virou portaria. E aí, no início de... No segundo semestre de 2015, a gente já estava com os papéis para encaminhar para SURREAC, que que é a Secretaria que é responsável pelos documentos do estudante para fazer a solicitação da inclusão no sistema. E a gente já tinha feito a solicitação para que no sistema da universidade, para incluir o nome social. E aí a lista de chamada a partir daquele dia, sairia com o nome social não com o nome civil. Não teria mais o nome civil no papel. E depois que a gente aprovou, a UFBA aprovou. Eles pegaram a minuta da gente e aí as outras universidades todas aprovaram.</p> <p>Não é que eu não concorde, eu não concordo com o fato de você tornar a pessoa a patologia. Isso eu não concordo, mas a gente infelizmente precisa do diagnóstico.</p> <p>Eu não sou a favor de você tornar o sujeito e a subjetividade do sujeito em patologia, porque uma coisa é você dizer, olha, infelizmente, a gente precisa disso aqui porque é um protocolo. A gente</p>
--	--	--

	<p>precisa, para o sistema único de saúde, para as políticas públicas. Você precisa estar encaixado nisso aqui para que você tenha direitos... e saber que essas mudanças são irreversíveis, faz com que isso, inclusive, seja uma segurança para o Sistema Único de Saúde... Isso respalda a política pública. Infelizmente, a gente precisa daquilo ali para ter acesso às políticas públicas, porque nem todo mundo tem 12 mil reais para pagar para fazer uma cirurgia sim, e embora tenha pessoas que tenham esse quantitativo, elas ainda assim precisam do diagnóstico, pois tem clínicas que não aceitam.</p>
--	---